UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

DEPARTAMENTO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Vitória Régia Cassimiro de Lima

Entre bancas, sons e sabores: requalificação do mercado público e da feira livre de Desterro-PB

PAU DOS FERROS

2025

Vitória Régia Cassimiro de Lima

Entre bancas, sons e sabores: requalificação do mercado público e feira livre de Desterro-PB

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes. Prof. Dr.

PAU DOS FERROS

2025

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei n° 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei n° 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

L732e Lima, Vitória Régia Cassimiro de.
Entre bancas, sons e sabores: requalificação do mercado público e feira livre de Desterro-PB / Vitória Régia Cassimiro de Lima. - 2025.
203 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e Urbanismo, 2025.

1. requalificação urbana. 2. memória coletiva. 3. feira livre. 4. mercado público. I. Arraes, Damião Esdras Araujo, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automáto em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo) autor(a).
Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Vitória Régia Cassimiro de Lima

Entre Bancas, Sons e Sabores: Requalificação do Mercado Público e Feira Livre de Desterro-PB

Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 29 / 07 /2025.

BANCA EXAMINADORA

_____

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)

Presidente

_____

Giselle Cerise Gerson, Profa. Dra. (UFERSA)

Membro Examinador

_____

Juliana Coelho Loureiro, Prof. Dra. (UFAL)

Membro Examinador

DEDICATÓRIA

Aos autores da minha vida: Deus e meus pais, Loura e Cristiano, que, sob sol e chuva, me fizeram chegar até aqui, à sombra.

Sem vocês, não haveria eu.

A toda a minha família, que me deu suas asas quando as minhas tremiam: este voo também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Concluir este trabalho é mais do que um marco acadêmico, é a prova viva de que nenhum sonho se constrói sozinho. É o resultado de cinco anos de esforço, de passos firmes e, às vezes, trêmulos; de dias claros e noites longas; e, sobretudo, do amor e do apoio de pessoas que caminharam comigo. Agradecer é, portanto, reconhecer cada presença que iluminou o percurso.

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por ter guiado meus passos mesmo quando o caminho parecia escuro. Por me conceder força e coragem para viver longe de casa, numa cidade que um dia foi estranha e que, pouco a pouco, se tornou parte de mim.

Aos meus pais, Loura e Cristiano, autores da minha vida, que nunca mediram esforços para me ver crescer e realizar meus sonhos. Vocês sempre encontraram um jeito, mesmo quando o possível parecia distante. Ouvir um "não" de vocês nunca foi opção, pois sempre moveram montanhas por mim. A toda a minha família, que me amparou como pôde, com palavras, abraços, incentivos, idas e vindas a Pau dos Ferros ou até mesmo com um simples áudio no WhatsApp quando a saudade apertava. Vocês me ensinaram o verdadeiro significado de família, união e parceria.

Aos meus pais e aos de Clara, responsáveis por um encontro que mudou minha vida: no dia da matrícula, eu ganhava não apenas uma dupla de trabalhos, mas uma irmã de jornada. Clara, sua alegria, seu riso contagiante e seu jeito espontâneo pintaram meus dias com cores mais vivas e melodias mais doces.

Sua presença foi o abraço que amparou a mudança na rotina, a força que suavizou o início do curso e o conforto diante de todos os sentimentos novos e confusos que nos acompanhavam. Você foi minha família longe de casa; nas madrugadas de medo e incertezas, meu porto seguro e minha coragem para encarar o novo. Mesmo com a mudança no meio do caminho, você continua sendo um dos melhores presentes que a Ufersa me deu. Que a vida nunca nos separe, e que possamos sempre caminhar lado a lado, celebrando cada felicidade e cada conquista da outra.

Às meninas do Apartamento 02, com quem dividi a rotina, a saudade, os medos e as vitórias. Que o caminho de cada uma seja tão belo quanto vocês são. Aos amigos que encontrei no caminho, que foram companhia, refúgio e força. Ao Xixas, que estenderam a mão quando precisei e me ofereceram abrigo.

Ao meu amado grupo, gestão, que provou que família não é apenas laço de sangue, é presença, é cuidado. Obrigada por cada momento compartilhado, pelas risadas, pelos medos e até pelos surtos acadêmicos. Com vocês, a frase “ninguém solta a mão de ninguém” ganhou real sentido. Ao mencionar cada um, deixo registrada minha gratidão pela parceria que construímos.

À Cecília, minha dupla em todos os trabalhos, que esteve ao meu lado em cada momento, nos desafios e nas conquistas, sempre me apoiando com um sorriso e sendo a primeira a me aplaudir, mesmo quando eu mesma duvidava. O mundinho colorido e alegre de Ceci é uma das coisas mais lindas e genuínas que tive o privilégio de conhecer. Sua luz contagia, seu jeito doce e amoroso transforma qualquer ambiente e aquece o coração de quem está ao seu redor. Você é boa demais para este mundo, uma alma generosa que torna os dias mais leves e felizes. Obrigada por ser minha companheira, confidente e inspiração, ter você perto fez toda a diferença nessa caminhada.

À Ísis e a Júlio, que enfrentaram comigo todo o caos e a intensidade da reta final. Ísis, com sua doçura infinita, paciência e acolhimento silencioso, chegou de mansinho e, quando percebi, já ocupava um espaço imenso e precioso no meu coração. Esteve comigo nos dias bons e, principalmente, nos difíceis, oferecendo apoio sem pedir nada em troca, um abraço na hora certa e um olhar que dizia: “vai ficar tudo bem”. Júlio, que surgiu lá no início, ainda na distância fria das telas, mas com uma presença que sempre aquecia. De forma simples e sincera, me conquistou pela calma, pelo cuidado e por estar lá, mesmo quando o mundo parecia apertar. Com vocês, aprendi que amizade também é saber dividir silêncios, carregar saudades juntos e transformar a falta de casa em um lar compartilhado. Longe dos nossos, fomos refúgio e força um para o outro. Vocês dois são muito mais do que eu poderia ter pedido, são parte viva da história que construí aqui e que levarei para sempre comigo.

A Ferdnando e Isabelle, presentes em cada momento, nas madrugadas viradas, nos lanches improvisados que sempre traziam riso, nas brincadeiras que tornavam os dias mais leves, e no colo oferecido quando a saudade apertava. Vocês foram companhia nas horas de exaustão e alegria nos intervalos de respiro. Com vocês, aprendi que a amizade também se constrói nos gestos simples, nos olhares que entendem sem precisar falar e na presença constante que aquece o coração.

A Geovana, sempre disposta a ajudar e ensinar, generosa e radiante. O mundo é seu, brilhe sem medo. À Mirella, emotiva e amorosa, que me lembrou que sentir é o que dá sentido à vida. A Diego e Rodrigo, companheiros das primeiras madrugadas em claro partilhando

inseguranças, risadas sinceras e uma amizade que aquece o coração. À Dayane, parceira das noites na Ufersa e dos momentos simples na praça, cujo sorriso foi o combustível que me fez seguir em frente. À Lara, sempre ligada no 220, com histórias para contar e livros para nos transportar a outros mundos. À Valéria, Eduarda e Erivan, que me ensinaram, com delicadeza, o poder transformador do carinho. A Lívia e Melissa, cuja presença iluminou e alegrou tantos momentos desta caminhada. Vocês me mostraram que "lar" é muito mais do que um endereço ou um espaço arquitetônico, é onde encontramos abrigo e força. Foram vocês que tornaram essa jornada mais leve e cheia de sentido.

Aos professores da Ufersa, por cada ensinamento e conselho que levo comigo. Em especial, ao professor Esdras Arraes, que me ensinou a olhar a arquitetura com olhos mais sensíveis e humanos, e a compreender que cada construção carrega histórias e memórias que merecem ser preservadas. Obrigada pela paciência, pela dedicação e pelos ensinamentos. Que o mundo seja agraciado com mais pessoas como você.

RESUMO

As intervenções urbanísticas têm como objetivo promover melhorias em espaços urbanos degradados por meio de estratégias que qualifiquem a estrutura física e aprimorem a experiência dos usuários no cotidiano da cidade. Nesse contexto, a requalificação urbana configura-se como um instrumento essencial para ressignificar áreas públicas, oferecendo novos usos e significados que integrem inclusão social, sustentabilidade ambiental e valorização da memória coletiva. Mercados públicos e feiras livres, tradicionalmente vistos como espaços de abastecimento, representam também territórios simbólicos onde se entrelaçam sociabilidade, pertencimento, cultura e economia. No entanto, esses ambientes enfrentam inúmeros desafios, como a precariedade da infraestrutura e a crescente concorrência com grandes redes varejistas. Diante desse cenário, esta pesquisa propõe um estudo preliminar de requalificação arquitetônico-urbanística do mercado público e da feira livre de Desterro-PB, com foco na valorização da cultura local, da memória coletiva e das manifestações simbólicas. A metodologia adotada foi qualitativa, com abordagem documental e empírica, com base em revisão bibliográfica, levantamentos de campo e entrevistas com feirantes e usuários. A proposta visa ressignificar esses espaços sem descaracterizá-los, promovendo acessibilidade, dinamismo econômico, inclusão social e preservação cultural.

Palavras-chave: requalificação urbana; memória coletiva; feira livre; mercado público.

ABSTRACT

Urban interventions aim to promote improvements in degraded urban spaces through strategies that enhance the physical structure and improve users' everyday experiences in the city. In this context, urban revitalization emerges as an essential tool to re-signify public areas, offering new uses and meanings that incorporate social inclusion, environmental sustainability, and the appreciation of collective memory. Public markets and street fairs, traditionally seen as supply spaces, also represent symbolic territories where sociability, belonging, culture, and economy are interwoven. However, these environments face numerous challenges, such as poor infrastructure and growing competition from large retail chains. Given this scenario, this research proposes a preliminary architectural and urban requalification study of the public market and street fair of Desterro-PB, focusing on valuing local culture, collective memory, and symbolic manifestations. The methodology adopted was qualitative, with a documentary and empirical approach based on literature review, field surveys, and interviews with vendors and users. The proposal aims to re-signify these spaces without mischaracterizing them, promoting accessibility, economic dynamism, social inclusion, and cultural preservation.

Keywords: urban requalification; collective memory; street fair; public market.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização de Desterro, Paraíba, Brasil 26
Figura 2 - Recorte espacial e suas principais construções 27
Figura 3 - Ruas adjacente ao Mercado Público e Feira Livre de Desterro. 28
Figura 4 - Feira Livre de Pau dos Ferros - RN. 34
Figura 5 - Manifestação cultural na Feira Livre de Alagonhinha - PB. 36
Figura 6 - Conversa entre feirante e freguês. 38
Figura 7 - Exposição de produtos no Mercado Central de São Luís - MA e na Feira Livre de Pau dos Ferros - RN. 44
Figura 8 - Feirantes mostrando seus produtos 52
Figura 9 - Diversidade de público observado na feira livre de Pau dos Ferros-RN. 53
Figura 10 - Feirinha Beira-Mar 60
Figura 11 - Blocos com estruturas tensionadas 60
Figura 12 - Implantação da Feirinha Beira-Mar 61
Figura 13 - Quiosques da feirinha Beira-Mar 62
Figura 14 - Vista da feirinha Beira-Mar a noite 62
Figura 15 - Vista do pátio 63
Figura 16 - Vista interna com árvores frutíferas 64
Figura 17 - Materiais utilizados 65
Figura 18 - Vista das bancas internas e externas 65
Figura 19 - Torre e coberturas em lona tensionada 66
Figura 20 - Implementação de práticas sustentáveis 67
Figura 21 - Mercadão de São Paulo 67
Figura 22 - Implantação das melhorias no Mercadão 68
Figura 23 - Vitrais do Mercadão 69
Figura 24 - Mercado de Lages/SC - proposta do 1º lugar do concurso 70

Figura 25- Novas aberturas para a rua 70
Figura 26 - Edificação histórica do mercado de Lages-SC 71
Figura 27 - Pátio central e mezanino 72
Figura 28 - Implantação do Mercado 72
Figura 29 - Imagem aérea de Desterro - PB 75
Figura 30 - Festas Populares da Cidade 78
Figura 31 - São João no Alto e João Pedro em Desterro. 78
Figura 32 - Apresentação da quadrilha Zuza Teles no São João do Sítio Panasco. 79
Figura 33 – Estado atual e fachada principal do mercado publico 81
Figura 34 - Produtos expostos na feira livre de Desterro 82
Figura 35 - Interior do mercado publico 83
Figura 36 - Feira livre de Desterro 83
Figura 37 - Interior do mercado publico 84
Figura 38 - Feira livre de Desterro 84
Figura 39 - Restaurantes e lanchonetes no interior do mercado 85
Figura 40 - Mapeamento das barracas presentes na feira 86
Figura 41 - Exposição de frutas, verduras e temperos na entrada da feira. 87
Figura 42 - Barraca frutas e utensílios domésticos (baldes, panelas, plásticos). 88
Figura 43 - Barracas com exposição variada de frutas, tubérculos e artesanato. 88
Figura 44 - Conjunto de barracas de roupas organizadas em um setor específico. 89
Figura 45 - Barracas com exposição variada de produtos 89
Figura 46 - Barracas com produtos diversos, expostos em caixas e pendurados 90
Figura 47 - Gráfico das temperaturas 92
Figura 48 - Gráfico de chuvas 92
Figura 49 - Gráfico de radiação média mensal 93
Figura 50 - Gráfico de umidade relativa 94
Figura 51 - Gráfico rosa dos ventos 94

Figura 52 - Zonas Bioclimáticas do Brasil 95
Figura 53 - Carta solar de Desterro - PB 96
Figura 54 - Módulo de referência 98
Figura 55 - Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas 98
Figura 56 - Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento 99
Figura 57 - Portas com revestimento e puxador horizontal 99
Figura 58 - Faixas de uso da calçada – Corte 100
Figura 59 - Medidas mínimas de um sanitário acessível 100
Figura 60 - Gráfico de como era a feira antigamente 134
Figura 61 - Gráfico de espaço de trabalho 134
Figura 62 - Gráfico de organização das barracas 134
Figura 63 - Gráfico de melhorias na feira 135
Figura 64 - Gráfico da importância dessas implementações 135
Figura 65 – Gráfico dos tipos de comércio 136
Figura 66 - Gráfico de avaliação da ventilação 136
Figura 67 - Gráfico da avaliação da estrutura física do mercado. 137
Figura 68 – Gráfico de Carências percebidas no Mercado Público pelos vendedores. 137
Figura 69 - Gráfico de implementação de melhorias. 138
Figura 70 – Gráfico de ausência nos espaços 139
Figura 71 – Gráfico das lembranças 139
Figura 72 – Gráfico de organização das barracas da feira 140
Figura 73 - Gráfico de implementação de melhorias 140
Figura 74 - Aplicação da identidade visual do projeto 143
Figura 75 - Moodboard 144
Figura 76 - Mapeamento das barracas atual 146
Figura 77 - Zoneamento da feira livre e mercado publico 147
Figura 78 - Ventilação e insolação 147

Figura 79 - Implantação da feira livre e mercado público 149
Figura 80 - Implantação da proposta de requalificação 150
Figura 81 - Vista superior da requalificação 150
Figura 82 - Barracas implementadas na feira 151
Figura 83 - Tipologia das barracas A, B e C 152
Figura 84 - Banca da feira livre e telhado da barraca A 153
Figura 85 - Banheiros 154
Figura 86 - Área de convivência 154
Figura 87 - Palco 155
Figura 88 - Palco com cobertura em lona tensionada 155
Figura 89 - Praça de alimentação 156
Figura 90 - Mobiliário do mercado e feira 157
Figura 91 - Caixa de água 157
Figura 92 - Rampas existentes 158
Figura 93 - Planta de reforma 159
Figura 94 - Planta pós-reforma 160
Figura 95 - Tipologia das barracas do mercado 161
Figura 96 - Praça de alimentação e palco 162
Figura 97 - Pátio central 163
Figura 98 - Implantação da rampa 163
Figura 99 - Planta baixa do mezanino 164
Figura 100 - Vista do o pôr do sol no do interior do mercado. 164
Figura 101 - Esquadrias em muxarabi 165
Figura 102 - Parede de cobogós 166

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro síntese dos estudos correlatos 73

Tabela 1 - Quadro síntese dos estudos correlatos ..... **Erro! Indicador não definido.**

Tabela 2 - Índices urbanos 97

Tabela 3 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos feirantes 133

Tabela 4 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos vendedores do mercado. 136

Tabela 5 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos usuários do mercado e feira livre. 138

Tabela 6 - Quadro-síntese com principais respostas obtidas nas entrevistas 141

Tabela 7 - Programa de necessidades 145

Tabela 8 - Programa de necessidades 145

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Crescimento em 2010 103
Mapa 2 - Crescimento em 2013 104
Mapa 3 - Crescimento em 2016 105
Mapa 4 - Crescimento em 2018 106
Mapa 5 - Crescimento em 2023 107
Mapa 6 - Crescimento de 2013-2023 108
Mapa 7 - Traçado e Parcelamento 109
Mapa 8 - Malha Viária 111
Mapa 9 - Hierarquia Viária 112
Mapa 10 - Pavimentação 113
Mapa 11 - Estado de Conservação das Ruas 114
Mapa 12 - Uso e Ocupação do Solo 116
Mapa 13 - Gabarito 118
Mapa 14 - Cheios e Vazios 120
Mapa 15 - Articulação 122
Mapa 16 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril 123
Mapa 17 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril a tarde 124
Mapa 18 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril a noite 125
Mapa 19 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio pela manhã 127
Mapa 20 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio a tarde 128
Mapa 21 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio a noite 129
Mapa 22 - Análise Comportamental realizada no dia 3 de maio pela manhã 130
Mapa 23 - Análise Comportamental realizada no dia 3 de maio a tarde 131
Mapa 24 - Análise Comportamental realizada no dia 03 de maio a noite 132

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MR	Módulo de Referência
NBR	Norma Brasileira
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PB	Paraíba
ProjetEE	Projetando Edificações Energeticamente Eficientes
UF	Unidade Federativa
UFERSA	Universidade Federal Rural do Semi-Árido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 20

2 Metodologia 25

2.1 Procedimentos metodológicos 25

2.1.2 Recorte espacial 26

2.2 Análise morfológica e comportamental 27

2.3 Levantamento de dados de campo e condicionantes 29

2.4 Elaboração de entrevistas 29

2.5 Estudo correlatos 30

2.6 Elaboração do projeto 30

3 REFERENCIAL TEÓRICO 31

3.1 Dimensões econômicas, sociais e culturais dos espaços comerciais 31

3.1.1 O papel do comércio na dinâmica urbana 31

3.1.2 Impacto econômico dos mercados públicos e feiras livres 32

3.1.3 Função social dos mercados e feiras 35

3.1.4 Expressões culturais e patrimônio imaterial 36

3.2 Requalificação de espaços urbanos 38

3.3 Mercado público: histórico e função social 41

3.3.1 Origem e evolução dos mercados públicos 41

3.3.2 O mercado público como espaço de sociabilidade e experiência corporal 42

3.3.3 Mercados públicos e desenvolvimento urbano 45

3.3.4 Desafios contemporâneos dos mercados públicos 47

3.4 Feira livre como lugar social e de memória coletiva 49

3.4.1 Conceito e características das feiras livres 49

3.4.2 A feira livre como espaço de troca e pertencimento 51

3.4.3 Feiras livres e a preservação da cultura 54

3.4.4 A dimensão da memória no espaço urbano 55

4 ESTUDOS DE PROJETOS CORRELATOS 59

4.1 Feirinha beira-mar (Fortaleza/CE) 59

4.2 Proposta 2° lugar no concurso requalificação feira de Campina Grande (Campina Grande/PB) 63

4.3 Mercadão de São Paulo (Mercado Municipal Paulistano) 67

4.5 Quadro síntese e inspiração arquitetônico-urbanística 73

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO 75

5.1 Histórico do município de Desterro-PB 75

5.2 Expressões culturais de Desterro 77

5.3 Caracterização do Mercado Público e Feira Livre de Desterro-PB 80

6 ANÁLISES URBANAS 91

6.1 Aspectos bioclimáticos 91

6.2 Aspectos legais 96

6.3 Diretrizes de Acessibilidade 97

6.4 Mapas temáticos de análise morfológica 101

6.5 Crescimento 102

6.6 Traçado e parcelamento do solo 108

6.7 Malha viária 110

6.8 Hierarquia viária 111

6.9 Pavimentação 113

6.10 Estado de conservação das ruas 114

6.11 Uso e ocupação do solo 115

6.12 Gabaritos das edificações 117

6.13 Ambiente construído 118

6.14 Análise comportamental 120

6.15 Análise dia 24 de abril de 2025 122

6.16 Análise dia 01 de maio de 2025 126

6.17 Análise dia 3 de maio de 2025 129

6.18 Questionários 132

6.19 Questionários com Feirantes 133

6.20 Questionários com Vendedores do Mercado 135

6.21 Questionários com Usuários 138

6.22 Quadro síntese 140

7 REQUALIFICAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO E FEIRA LIVRE EM DESTERRO-PB 142

7.1 Conceito e Partido Arquitetônico 142

7.2 Identidade Visual da Intervenção 142

7.3 Painel Semântico e Referências Visuais 144

7.4 Programa de necessidades e zoneamento 144

7.5 Projeto de Requalificação Urbana 148

7.6 A Feira Livre 149

7.7 O Mercado Público 158

8 CONSIDERAÇÃOES FINAIS 167

REFERÊNCIAS 168

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM FEIRANTES DE RUA (BARRACAS EXTERNAS) 173

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM VENDEDORES DO MERCADO 174

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DA FEIRA E DO MERCADO. 175

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, o ser humano passou a utilizar os espaços como lugares destinados à comercialização de produtos e geração de renda, elementos essenciais para a afirmação da vida cotidiana realizada em operações sociais de diversas naturezas (Lima, 2019). Nesse cenário, surgiram os mercados públicos e as feiras livres, que se consolidaram como significativos centros de convivência e dinamização econômica (Vedana, 2004). Esses espaços tornaram-se elementos estruturantes ou geradores de cidades, contribuindo para o processo de urbanização e diversificação cultural. No tempo presente, destacam-se não apenas como lugares de transações econômicas, mas, sobretudo, como território multifacetado, rico em bens simbólicos, práticas culturais diversas e enobrecido de pertencimento e memórias individual e coletiva (Barbosa, 2013).

Originalmente concebidos para atender às necessidades de comercialização, os mercados e feiras livres transcenderam historicamente sua função econômica, transformando-se em artefatos urbanos que exprimem operações sociais e processos de organização da sociedade (Nascimento, 2024). Com a urbanização das cidades, esses espaços consolidaram-se como pontos estratégicos, estruturando o fluxo de vida cotidiana e garantindo a permanência das pessoas no espaço público. Além disso, são considerados não apenas em sua materialidade destinada à venda, consumo e troca de produtos; contudo, configuram-se como equipamentos urbanos, que atraem o fluxo de pessoas, promovem interações socioculturais e reforçam sua relevância comunitária. Através dessas dinâmicas, mercados e feiras livres se destacam como lugares que integram as dimensões econômica, social e cultural das cidades (Moraes, 2017).

Nesse sentido, Andressa Pontes (2012, p. 37) considera que "A feira livre se apresenta como um lugar curioso para compreender como se dão as relações num espaço urbano específico, construído e vivido que carrega tradições e biografias de seus habitantes cujas narrativas expressam uma memória coletiva". Esse ambiente, mais do que um local de comércio, configura-se como um palco onde tradições são preservadas e reajustadas de acordo com o tempo, promovendo um diálogo constante entre o passado e o presente.

Além de sua função mercantil, a feira livre é um espaço rico em prática cultural e simbolismo, por meio do qual memórias, histórias e até mesmo conflitos são compartilhados. Henri Lefebvre (1991) reforça essa perspectiva ao afirmar que o espaço urbano não é apenas físico, mas também construção social impregnada de significados e histórias. Assim, a feira livre e o mercado funcionam como territórios transculturais, híbridos de fato, reunindo narrativas individuas e coletivas. É um espaço onde relações sociais são tecidas, memórias são

preservadas e o pertencimento com o lugar é continuamente renovado, desempenhando um papel essencial na coletividade urbana e no entrelaçamento entre o campo e a cidade. Nas feiras e mercados, pessoas do campo se sociabilizam com os moradores da cidade numa complexa trama de contatos que se renovam constantemente.

A feira livre e o mercado público, assim, são fundamentais ao fortalecimento do senso de pertencimento, transculturalidade[1] e memória. Contudo, ao longo dos anos, alguns desses ambientes mercantis enfrentaram transformações significativas que, somadas ao uso contínuo e à falta de manutenção adequada, resultaram em sua degradação. Além disso, problemas como a concorrência com grandes redes de supermercado, precariedade na higienização, ausência de infraestrutura adequada, envelhecimento da população de feirantes e mudança nos hábitos de consumo tem se tornado cada vez mais frequentes (Bonduki, 2010). Nesse cenário, torna-se indispensável a implementação de intervenções urbanísticas que promovam aprimoramentos tanto na infraestrutura quanto na experiência dos usuários, o que permite sua funcionalidade e preservação de maneira integral.

Historicamente, sabe-se que cidades nasceram de feiras e, inclusive, algumas delas apresentam em seu topônimo o termo “feira”, é o caso de Feira de Santana e Conceição da Feira, cidades localizadas no estado da Bahia. Muitas feiras são conhecidas nacionalmente por se tornarem “lugar de memória” (Nora, 1992) das relações socioculturais ali efetivadas. Um dos exemplos emblemáticos é a feira de Caruaru, hoje patrimônio cultural reconhecido pelo IPHAN desde 2007 (IPHAN, 2009). Alguns mercados foram construídos onde antes realizava-se uma feira. Assim, mercado e feira são lugares representativos da “pulsão da vida urbana” de cidades brasileiras, como Desterro/PB, município objeto de estudo do presente trabalho de conclusão de curso.

A cidade de Desterro-PB está localizada na divisa entre os Estados da Paraíba e Pernambuco. Originalmente, pertencia ao município de Teixeira-PB, sendo desanexado deste quando recebeu autonomia municipal em 1959. Com uma extensão territorial de 179 km², está situado a 269 km da capital, João Pessoa, e abriga uma população estimada de 8.067 habitantes, conforme dados do IBGE de 2022. (IBGE, 2022)

---

[1] O conceito de transculturalidade empregado neste trabalho de conclusão de curso se fundamenta a partir de dois estudiosos, Ramón Gutiérrez, arquiteto argentino, e Néstor García Canclini, antropólogo igualmente argentino. Para Gutiérrez (1989, p. 61), a transculturação seria a troca de conhecimentos sociais e artísticos entre povos indígenas, africanos e europeus, resultando na criação inédita de formas, que são modificadas e transformadas de acordo com as circunstâncias histórico-culturais-tecnológicas locais. Por seu turno, Canclini (2019, p. xxxi), a transculturação, ou como ele denomina o processo de hibridação, não deve se subsumir a leituras binárias, mas observar os intercâmbios, trocas e rejeições culturais que aceitem pluralmente diversos hábitos, culturas e formas.

No contexto de Desterro-PB, o mercado público e a feira livre configuram um conjunto significativo que vai além de sua função comercial. A pesquisadora Ana Maria Daou (2014, p. 270) argumenta que "o mercado era o centro das pequenas trocas materiais". Além de serem centrais para a geração de renda e, infelizmente, não obstante o descaso por parte do poder público, os mercados e feiras continuam demostrando vitalidade no espaço urbano. Em alguns casos, mantem sua função original como entrepostos de distribuição, comercialização e consumo de produtos diversos[2], mesmo diante dos avanços ditados pela modernização.

Atualmente, o mercado público e a feira livre de Desterro apresentam problemas urbanísticos e arquitetônicos que afetam sua potencialidade de uso. As deficiências detectadas no mercado referem-se aos problemas estruturais e funcionais, que comprometem seu pleno aproveitamento por comerciantes e frequentadores. Esses problemas incluem desgaste na infraestrutura, como instalações inadequadas, falta de manutenção, ambientes termicamente desconfortáveis, ausência de acessibilidade, entre outros. Já a feira livre, realizada em uma rua diante do mercado, apresenta desorganização espacial na distribuição das barracas, fluxo desordenado entre feirantes, falta de infraestrutura viária, fatores que ocasionam conflitos entre pedestres e veículos, sobretudo porque a rua permanece aberta ao trânsito durante o evento. Essa situação impacta negativamente em todo o público que usa a feira, além de comprometer a segurança e o conforto de feirantes e consumidores.

De forma parecida, o mercado público, frequentemente associado à memória coletiva como marco da cidade, encontra-se em má condição arquitetônica que compromete sua relevância enquanto núcleo econômico, cultural e social. O envelhecimento da infraestrutura, aliado à falta de intervenções eficazes, reduz a capacidade do mercado de atender às necessidades de comerciantes e frequentadores. Essa situação evidencia a urgência de ações que contemplem tanto a requalificação da edificação quanto sua articulação com a feira livre, de modo a criar um sistema integrado e funcional.

Dessa forma, surgem questionamentos fundamentais que orientam a pesquisa sobre a requalificação da feira livre e do mercado público de Desterro-PB. Primeiramente, indaga-se: como um estudo preliminar de requalificação urbana pode interferir no movimento pendular da economia local e promover melhorias socioespaciais? Outro aspecto abordado é a identificação dos potenciais urbanísticos e sociais existentes no recorte espacial estudado, avaliando como esses fatores podem ser aproveitados para embasar o projeto de requalificação.

---

[2] Nas feiras e mercados, são vendidos frutas, verduras, carnes, peixes e alimentos elaborados conforme a culinária local, bem como objetos de uso pessoal e familiar, como roupas, perfumes, utensílios domésticos e móveis.

A escolha deste tema justifica-se por alguns fatores. A princípio, destaca-se a necessidade de requalificar uma área da cidade que enfrenta problemas em suas estruturas urbanas e arquitetônicas, comprometendo a funcionalidade e a vida cotidiana de Desterro. Soma-se a isso a motivação pessoal – por se tratar da cidade onde a autora e seus familiares residem –, associada à memória individual e aos laços afetivos com o lugar, que reforçam o compromisso com o aprimoramento da feira e do mercado.

Assim, o presente trabalho propõe um projeto de requalificação arquitetônico-urbanística, em nível de estudo preliminar, para o mercado público e a feira livre do município paraibano de Desterro, com foco na valorização da cultura local, no fortalecimento da memória coletiva e na preservação das expressões culturais realizadas nesses espaços simbólicos. A proposta contempla, ainda, a integração com a feira livre, priorizando a organização espacial e a introdução de estratégias que estimulem a geração de renda, o fortalecimento da economia urbana, a promoção do direito à cidade e a aplicação do Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS-11) relativos a cidades e comunidades sustentáveis (ONU, 2025).

A proposta de intervenção arquitetônico-urbanística desdobra-se nos objetivos específicos: 1. **Compreender** conceitos centrais que norteiam a pesquisa, como requalificação urbana, mercado público e a feira livre como lugar social e memória coletiva. 2. **Entender** o contexto histórico e atual da cidade de Desterro, especialmente a área de estudo, apontando aspectos históricos, costumes e uso desses lugares pela população. 3. **Diagnosticar** os problemas do mercado e da feira livre, em termos de morfologia urbana e análise comportamental. 4. **Propor** um estudo preliminar de requalificação que seja acessível e inclusivo. 5. **Analisar** os fluxos de pedestres e veículos durante a feira, identificando conflitos e propondo soluções a partir do desenvolvimento de estratégias para a circulação no entorno. 6. **Estudar** casos exemplares de intervenção arquitetônica que lançam luz na requalificação de espaços urbanos.

Assim, este trabalho busca contribuir não apenas para a melhoria das condições físicas e funcionais desses espaços, mas também para o fortalecimento de sua importância enquanto patrimônio cultural e econômico de Desterro-PB.

A composição deste trabalho inicia-se pelo primeiro capítulo nomeado **Introdução**, no qual são apresentados o tema, o problema, a justificativa e os objetivos, destacando a relevância da requalificação do mercado público e da feira livre de Desterro-PB como mecanismo de potencialidade da vida cotidiana e cultural de Desterro. Em seguida, tem-se o capítulo **Procedimentos Metodológicos**, que descreve as etapas do estudo, abrangendo os instrumentos utilizados para compreensão do tema, como pesquisa documental, levantamentos

in loco, aplicação de questionários e análises urbanísticas, além de explicar a abordagem adotada para alcançar os objetivos. No capítulo três - **Referencial Teórico** - serão abordados conceitos essenciais para a fundamentação do trabalho, como a requalificação de espaços urbanos, a função social e histórica dos mercados públicos, o papel das feiras livres como espaços de interação social e preservação da memória coletiva, e as dimensões econômicas, sociais e culturais dos espaços comerciais.

No capítulo quatro intitulado como **Estudos Correlatos**, serão analisados quatro casos exemplares em intervenções em mercados públicos e feiras livres, destacando suas estratégias de reorganização e requalificação e as lições que podem ser aplicadas ao contexto de Desterro. Depois, tem-se a **Caracterização da Área de Estudo**, mediante a qual apresenta-se um panorama do município em questão, incluindo uma breve história da urbanização da cidade, a descrição atual do mercado público e da feira livre, aspectos culturais, além de uma análise detalhada dos fluxos de pedestres e veículos durante a feira e dos potenciais urbanísticos e sociais identificados na área.

A seção **Análises Urbanas**, aprofunda o estudo da morfologia urbana e comportamento humano da área, abordando legislação urbana, traçado e parcelamento do solo, uso e ocupação, gabaritos das edificações, sistema viário, vegetação e comportamento dos usuários, complementado pelos resultados de questionários aplicados aos frequentadores. O sétimo capítulo, intitulado de **Requalificação do Mercado Público e Feira Livre em Desterro-PB**, expõe o produto obtido ao longo da pesquisa, apresentando as propostas de intervenção, incluindo o conceito e o partido arquitetônico do projeto, diretrizes de reorganização dos espaços, soluções para a mobilidade urbana, estratégias de valorização comunitária e cultural e a proposta final de requalificação urbana. As **Considerações Finais** encerram o trabalho, expondo os resultados alcançados, refletindo sobre as contribuições do trabalho para a área de estudo e apresentando sugestões para futuros estudos e intervenções na cidade de Desterro. Por fim, tem-se a lista de referências, apêndices e anexos.

2 METODOLOGIA

Este capítulo apresenta os métodos e processos empregados para alcançar os objetivos propostos à pesquisa. A abordagem utilizada será qualitativa e documental, de modo que compreenda o contexto social e cultural de Desterro-PB, com vistas a idealizar a requalificação do mercado público e da feira livre. Para atender aos objetivos específicos, foram empregados diferentes métodos e fontes que garantem a fundamentação e o desenvolvimento consistente do trabalho.

2.1 Procedimentos metodológicos

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e exploratória, integrando fontes teóricas e empíricas para a análise do objeto de estudo. Entre as fontes teóricas utilizadas estão documentos históricos, legislações nacionais e municipais, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, livros e artigos acadêmicos relacionados aos temas. Gostaríamos de frisar a relevância das reflexões Heliana Comin Vargas e Ana Luisa Howard Castilho (2015), Cecília Polacow Herzog (2013), José Garcia Lamas (1993), Silvana Pintaudi (2006) e Gustavo Miranda (2009), sobre requalificação urbana e memória Pierre Nora (1992), Ecléa Bosi (2003), Juliana Michaello Dias (2020), Gustavo Miranda (2005); estudos históricos e culturais Carta de Lisboa (1995), Nabil Bonduki (2010), Valter Martins (2010), Henri Lefebvre (2001), Ana Maria Daou (2014), Marisa de Mello Servilha & Silvana Maria Doula (200), Milton Santos (2002) e Rogério Haesbaert (2004); projeto arquitetônico Vicente Del Rio (1990), Douglas Aguiar et al. (2012),

Para a construção da parte empírica, foram realizadas pesquisas de campo que incluem registros fotográficos, entrevistas com feirantes e relatos da comunidade local sobre o mercado público e a feira livre. Essas estratégias captam a realidade prática e a dimensão sociocultural envolvidas, fundamentando a compreensão das dinâmicas e demandas desses espaços. No âmbito da pesquisa documental, foram levantadas informações na prefeitura e arquivos locais sobre o mercado público, a feira livre e a cidade de Desterro, bem como por meio de relatos narrados por moradores.

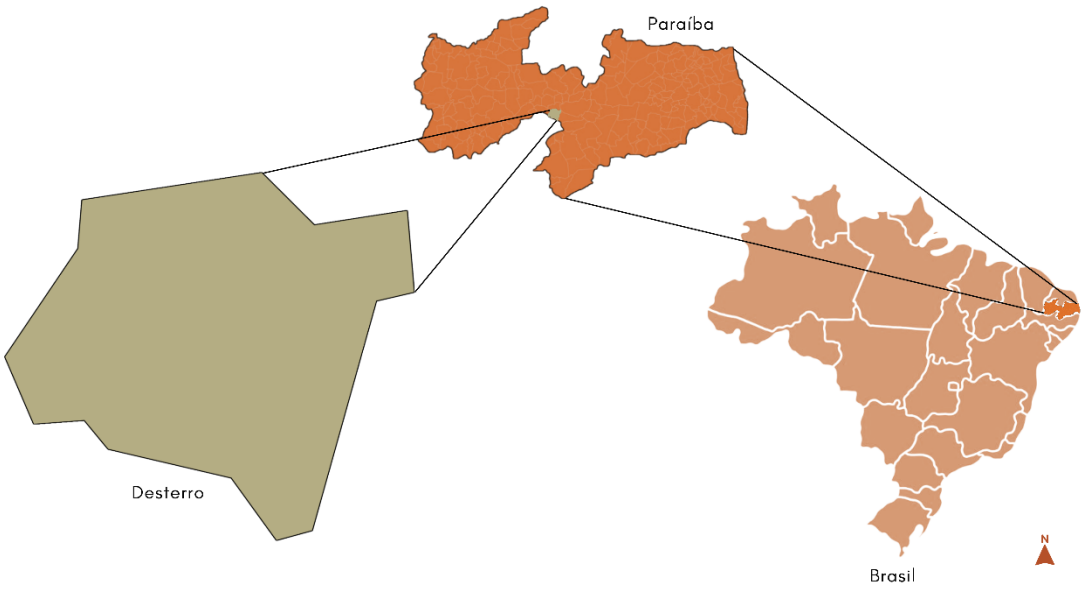
No entanto, considerando que o município não dispõe de um Plano Diretor ou Código de Obras, recorreu-se às legislações urbanísticas da cidade de Patos-PB, Plano Diretor e Código de Urbanismo, como referência para o estudo. Adicionalmente, foram consultados outros documentos normativos, como NBR 9050/2020, NBR 16636-2 e NBR 16636-4 que estabelecem diretrizes sobre acessibilidade em espaços urbanos e definem os parâmetros

descritivos do que deve compor o estudo preliminar dos projetos arquitetônico e urbanístico. Essas normas serão utilizadas para orientar a adequação dos espaços analisados, garantindo maior inclusão e funcionalidade.

2.1.2 Recorte espacial

O recorte espacial deste trabalho de conclusão de curso envolve o mercado público, a área onde ocorre semanalmente a feira livre e ao entorno na cidade de Desterro-PB. A figura 01 insere a cidade de Desterro no contexto estadual da Paraíba e na divisão territorial por Unidades Federativas do Brasil.

Figura 1 - Mapa de localização de Desterro, Paraíba, Brasil



Fonte: IBGE (2025), modificada pela autora.

A delimitação da área urbana destinada ao estudo preliminar de requalificação abrange o mercado público e a feira livre, lugares de importância econômica e social para o município. Esses espaços encontram-se situados no núcleo central da cidade, com construções e equipamentos públicos significados em termos simbólicos, afetivos e de memória para os moradores. A Figura 02 ilustra a trama espacial que dinamiza o cotidiano dos habitantes de Desterro, exemplificadas pelo Mercado da Carne (01); Escola Estadual Silveira Dantas (02); Igreja da Matriz (03); Praça Cassimira Leite (04); Escola Municipal Cassimira Leite (05); Praça Preta da Barraca (06); Ginásio de Esporte O Joãozoão (07); Maternidade (08); Academia Pública de Saúde (09).

Figura 2 - Recorte espacial e suas principais construções

Fonte: Google Earth (2025), adaptado pela autora.

O entorno desses objetos também é fundamental para a análise, uma vez que concentra fluxos de pedestres e veículos que influenciam a funcionalidade e acessibilidade dos eventos. Além disso, o estudo dessa área permite compreender as interações entre o espaço urbano e a comunidade, considerando tanto os desafios de infraestrutura quanto as oportunidades de valorização cultural e econômica.

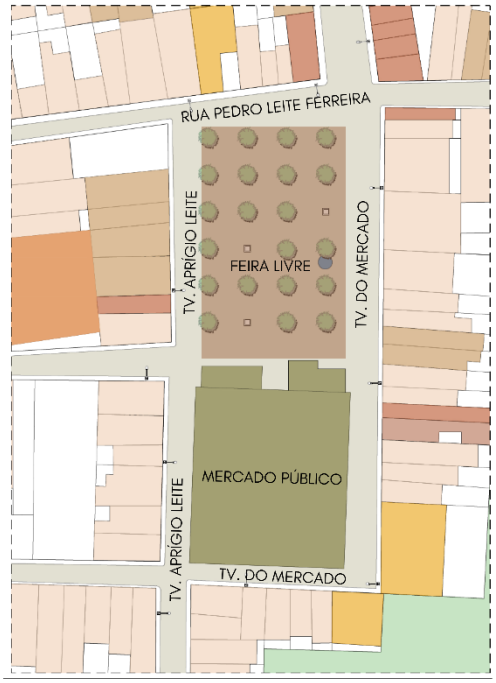
2.2 Análise morfológica e comportamental

A análise morfológica e elaboração dos mapas se deu mediante a delimitação raio de 300m (trezentos metros), tendo o mercado público como ponto central. A escolha desse raio ocorreu devido à localização da área de estudo no centro da cidade, além do fato de Desterro ser um município de pequeno porte, com concentração de atividades diversas nas proximidades da área analisada. Esse recorte territorial permitiu compreender a configuração urbana e as relações estabelecidas, sobretudo, entre o mercado público, a feira livre e seu entorno imediato; porém, sem desconsiderar os efeitos socioculturais desses territórios no campo e numa região mais alargada que conecta uma rede de povoações da Paraíba e de outros estados. Para isso, elaboramos mapas temáticos abordando a morfologia urbana (Del Rio, 1990; Lamas, 2010) aspectos como uso e ocupação do solo, gabaritos das edificações, cheios e vazios urbanos, o sistema viário, estado de conservação das ruas e traçado e parcelamento. Esses mapas facilitam a identificação das características físicas e funcionais do espaço, revelando as dinâmicas urbanas e as interações sociais que ocorrem na área.

Além disso, a infraestrutura e a organização espacial foram analisadas, considerando elementos como dimensões, traçado urbano e o percurso delimitado dentro do perímetro de estudo. Essa abordagem se empenha em identificar os impactos de um projeto de requalificação urbanística, avaliando como as transformações propostas poderão influenciar a funcionalidade, a acessibilidade e a qualidade do espaço público, promovendo melhorias para a comunidade local.

Ademais, foram realizadas análises comportamentais nas vias que compõem o espaço da feira, sendo elas: Travessia do Mercado, Travessia Aprígio Leite e Rua Pedro Ferreira Leite, como mostra a Figura 3. A realização desse exercício ocorreu em três momentos distintos, um dia útil (24/04/2025), um feriado (01/05/2025) e um final de semana (03/05/2025), com observações realizadas nos turnos da manhã, tarde e noite. O objetivo foi identificar padrões de uso e ocupação do espaço, os desafios, deficiências e potencialidades, verificando se há ou não "sinomorfia"[3] nos ambientes analisados. A tabulação de dados será analisada e organizada por meio de gráficos, facilitando a interpretação.

Figura 3 - Ruas adjacente ao Mercado Público e Feira Livre de Desterro.



Fonte: Google Earth, modificado pela autora, 2025.

[3] A sinomorfia é definida como "a condição de adequação entre os componentes humanos e não humanos em função do programa do *behavior setting*, a fim de que uma atividade ou ação ocorra da melhor maneira possível" (Elai, 2002, apud Balbi, 2012, p. 54).

2.3 Levantamento de dados de campo e condicionantes

O levantamento de dados de campo e análise dos condicionantes foi conduzido por meio de uma abordagem sistemática que integra diferentes fontes e metodologias. Inicialmente, consultamos mapas urbanos, documentos históricos, planos municipais e dados demográficos para compor a base de informações preliminares.

Em atividade de campo, levantamentos foram feitos para obter as dimensões detalhadas do mercado e do lugar onde a feira ocorre e registros fotográficos à altura de 1,50 m, representando a visão ao nível dos olhos. Os dados bioclimáticos foram obtidos utilizando ferramentas especializadas, como o software SOL-AR e a plataforma Projetando Edificações Energeticamente Eficientes (ProjetEEE), que auxiliam a análise das condições climáticas locais e o entendimento dos fatores que influenciam o conforto ambiental do espaço.

Para a vetorização da área e a elaboração de mapas temáticos foram empregados ambientes cartográficos virtuais e softwares como Google Earth, AutoCAD, SketchUp, QGis e Global Mapper, permitindo a geração de representações gráficas detalhadas.

2.4 Elaboração de entrevistas

Com vistas a entender o significado cultural e social do mercado público e da feira livre, foram elaborados três questionários (Apêndices A, B e C) por meio dos quais se realizaram 40 entrevistas presenciais com feirantes, comerciantes locais e moradores/as em diferentes dias dos meses de abril e maio. Esse procedimento teve como objetivo identificar e analisar as necessidades cotidianas dos usuários e a representação simbólica dos espaços, considerando suas perspectivas, memórias, afetos e experiências diretas.

A pesquisa foi direcionada a pessoas de diferentes faixas etárias, variando entre 22 e 86 anos, com ênfase nos feirantes e usuários do mercado, que representam o principal público-alvo. Essa diversidade permitiu uma compreensão ampla das demandas e dos desafios enfrentados. Além disso, as atividades de campo exigiram registros fotográficos dos ambientes de trabalho e das condições físicas em que se encontram. Essa etapa não apenas valida as informações coletadas nas entrevistas, como também fornece material visual que subsidia a análise e o processo de projetação da intervenção, centrada na melhoria dos espaços. Dessa forma, será possível alinhar as intervenções projetuais às reais necessidades da comunidade local.

2.5 Estudo correlatos

Os estudos correlatos que inspiraram a proposta se circunscrevem no âmbito de quatro projetos que tratam a requalificação de mercados públicos e feiras livres, apresentando características e usos semelhantes ao projeto em desenvolvimento. A escolha desses projetos foi motivada por base comparativa e analógica que enriqueceu a abordagem adotada e o processo de projetação.

O principal objetivo dessa análise é contribuir para o desenvolvimento do projeto de requalificação, orientando tanto na definição do programa de necessidades quanto na escolha de soluções projetuais. Além disso, a análise possibilitará a identificação de técnicas e materiais empregados, que poderão ser adaptados ao contexto específico do mercado público e da feira livre de Desterro. Dessa maneira, os estudos correlatos foram instrumentos metodológicos basilares para fundamentar as decisões projetuais e propor soluções eficientes e contextualizadas.

2.6 Elaboração do projeto

Com base no levantamento de dados e na coleta de informações, foram desenvolvidos os elementos pré-projetuais essenciais, como o programa de necessidades, o zoneamento e as possíveis estratégias a serem adotadas na elaboração do projeto de requalificação. Para a etapa técnica do projeto arquitetônico utilizou-se o software *AutoCAD*, garantindo precisão e detalhamento dos desenhos técnicos. Ademais, a modelagem 3D foi desenvolvida no *SketchUp*, com o objetivo de criar uma representação volumétrica fiel, enquanto a renderização executa-se no *Enscape,* proporcionando imagens realistas e de alta qualidade para visualização do estudo preliminar.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Dimensões econômicas, sociais e culturais dos espaços comerciais

Os mercados públicos e as feiras livres, para além da função de abastecimento, assumem papel central na vida urbana ao integrar dimensões econômicas, sociais e culturais. Esses espaços movimentam a economia local, oferecem produtos diversificados e se configuram como locais de encontro, sociabilidade e preservação de tradições. Nesse sentido, autores citados neste capítulo, como Miranda (2009), Bonduki (2010), Michaello (2020) e Barbosa (2013), destacam a importância do comércio, em especial dos mercados públicos e feiras livres, ressaltando seu impacto econômico, sua função social, suas expressões culturais e sua representatividade enquanto patrimônio material e imaterial das cidades.

3.1.1 O papel do comércio na dinâmica urbana

O comércio é uma dimensão da vida urbana que organiza as cidades, sendo um dos principais fatores que impulsionaram o processo de urbanização. Lefebvre (2000) destaca que o espaço urbano é produzido por meio de relações econômicas, sociais e culturais. Nesse âmbito, o comércio é um elemento estruturante desse processo. Desde a antiguidade, as cidades se desenvolveram ao redor de mercados e feiras, que não apenas facilitavam a troca de bens, mas também serviam como espaços de sociabilidade e articulação territorial (Bonduki, 2010).

A diversidade das formas comerciais dentro das cidades também impacta a sua dinâmica. Para Douglas Aguiar et al. (2012), o comércio apresenta-se em diferentes escalas, desde grandes estabelecimentos formais até pequenos comércios informais, cada um com sua influência específica sobre o planejamento urbano. Enquanto os grandes centros comerciais atraem investimentos e redefinem fluxos urbanos, o comércio informal garante acessibilidade econômica e gera ocupação para uma grande parcela da população (Miranda, 2009). No entanto, é necessário equilibrar essas diferentes formas de comércio para evitar conflitos urbanos e permitir uma distribuição equitativa das atividades comerciais dentro do espaço urbano.

O comércio também tem função social significativa ao fomentar interações entre geografias diversas e diferentes grupos da sociedade. Servilha e Doula (2000) analisam os mercados e feiras livres como espaços de encontro, nos quais se estabelecem relações de troca não apenas de bens, mas também de experiências e valores culturais. Essas interações fortalecem laços comunitários e criam redes de apoio entre comerciantes e consumidores, conferindo aos espaços comerciais uma dimensão que ultrapassa o meramente econômico e se insere na esfera da convivência urbana.

Além de sua relevância econômica e social, as feiras populares devem ser compreendidas como espaços de resistência e produção de urbanidade, onde práticas cotidianas se articulam à dinâmicas territoriais próprias. Segundo Juliana Michaello (2020), esses territórios não apenas persistem como centros de atividade econômica, mas também se consolidam como lugares de memória coletiva, interação social e criação cultural. Essa persistência, que a autora denomina "teimosia tática", expressa-se por meio de estratégias de adaptação, improviso e inventividade, permitindo que as feiras sobrevivam às pressões impostas pelo planejamento urbano tradicional, como deslocamentos, fragmentações e tentativas de invisibilização (Michaello, 2020).

Nesse contexto, as feiras reafirmam seu papel como componentes fundamentais da cidade contemporânea, promovendo inclusão social, diversidade funcional e desafiando os modelos formais de organização do espaço (Miranda, 2009). Funcionam, portanto, como territórios vivos de experimentação e produção simbólica, nos quais o comércio está intrinsecamente ligado à criação de vínculos sociais, à preservação de tradições e à invenção de novos modos de apropriação do espaço urbano (Michaello, 2020).

3.1.2 Impacto econômico dos mercados públicos e feiras livres

Os mercados públicos e feiras livres desempenham um papel fundamental na economia urbana, especialmente no que diz respeito à geração de empregos e ao fortalecimento da economia local. Segundo Barbosa (2013), esses lugares comerciais viabilizam a atuação de pequenos produtores e comerciantes, que ali encontram uma alternativa acessível para a comercialização de seus produtos. Conforme Fhillipe Lima (2019), o impacto econômico desses equipamentos urbanos é substancial, pois não apenas movimentam a economia, mas também garantem a sobrevivência de muitas famílias que dependem do pequeno comércio.

Para Gustavo Miranda (2009), os espaços de comércio são reconhecidos por sua capacidade de impulsionar o movimento urbano e promover melhorias sociais e econômicas para seus frequentadores. O autor sublinha que:

> Os comerciantes mostram que as feiras ainda são sucesso de vendas e de geração de emprego e renda na grande maioria dos locais que se estabeleceram e consolidaram através deste tipo de comércio informal. Isto é confirmado ao se observar que milhares de pessoas percorrem espaços de feiras em busca de produtos com preço baixo para revender em outras localidades. Em alguns dos exemplares nordestinos tal característica se faz presente. As feiras são atualmente centros distribuidores comerciais regionais e atraem milhares de compradores por ano, gerando outros milhares de empregos. Dentre eles, os empregos dos feirantes, que criam círculos de mercado bastante movimentado, indo de uma feira a outra e viabilizando sua atividade. (Miranda, 2009, p. 42).

Além de sua contribuição para o emprego e a renda, os mercados e feiras movimentam a economia das cidades e bairros onde estão inseridos. Segundo Rita de Cássia Gomes (2010), esses espaços são essenciais para a estruturação dos circuitos comerciais locais, estimulando o crescimento de pequenos comércios ao seu redor e dinamizando a economia do bairro. Essa interação entre os mercados e seu entorno contribui para a criação de polos de desenvolvimento urbano, gerando um efeito multiplicador na economia.

Conforme destaca Milton Santos (2002), o espaço geográfico é formado por redes e fluxos que se reconfiguram continuamente por meio das interações entre diferentes territórios ou objetos. Nesse contexto, as feiras livres são os lugares de troca e contato, sobretudo em cidades pequenas e médias, ao impulsionar o movimento pendular entre a zona rural e o núcleo urbano. O deslocamento periódico de pequenos produtores, comerciantes e consumidores, que se dirigem à cidade para vender, comprar ou trocar mercadorias, contribui para a circulação constante de bens, serviços e informações, promovendo sociabilidade e influenciando diretamente a mobilidade urbana e o uso do espaço público (Santos, 2002).

Complementando essa perspectiva, Rogério Haesbaert (2004) propõe a noção de multiterritorialidade para compreender espaços como as feiras, que se configuram como pontos de convergência de diferentes usos e significados atribuídos por diversos usuários. As feiras não apenas viabilizam práticas econômicas, mas se constituem como territórios vivos e múltiplos, atravessados por relações sociais complexas e por formas variadas de apropriação do espaço (Haesbaert, 2004).

Exemplos concretos acentuam essa constatação. Além de mercados tradicionais como o Ver-o-Peso, em Belém, o Mercadão de São Paulo/SP e a Feira de Caruaru, que são amplamente reconhecidos por sua relevância histórica e cultural, feiras em pequenas cidades são lugares simbólicos que estimulam o pertencimento e promovem o intenso contato cultural, social e mercantil entre as pessoas. A feira de Desterro, é um ponto de encontro fundamental para produtores rurais da região, garantindo o escoamento da produção agrícola, a transmissão de saberes e o fortalecimento da economia informal.

Soma-se a esse quadro a feira de Taperoá, outra cidade da Paraíba, que se sobressai pela comercialização de produtos agropecuários e artesanais, um elo significativo entre o campo e a cidade. A feira de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, atrai visitantes de cidades vizinhas e outras regiões contíguas num rico entrelaçar de forças econômicas, sociais e culturais. Além de sua relevância comercial, destaca-se como patrimônio cultural e histórico, contribuindo para a tradição da cidade, como mostram as imagens a seguir (Figura 4).

Essa importância decorre do fato de Pau dos Ferros apresentar vocação comercial, característica desde sua origem e refletida na forma como seu espaço urbano se estruturou no curso da história. De acordo com Fablênia Farias (2015), a partir da década de 1980, o centro consolidou-se como referência para o comércio e os serviços. Nesse contexto, destaca-se a criação da feira livre em 1859, inicialmente realizada no adro da Igreja Matriz, que passou a reunir produtos agropecuários e consumidores de diversas localidades, tornando-se um significativo elo na dinâmica social e econômica da cidade (Farias, 2015).

Essas feiras, a exemplo de Taperoá e Pau dos Ferros, reúnem comerciantes e produtores de diversas localidades, fomentando uma ampla rede de interações econômicas, subjetivas, sociais e culturais. Por meio delas, fortalecem-se práticas produtivas regionais, como o artesanato e a agricultura familiar, além de fundamentar uma economia de trocas que ultrapassa os limites comerciais, operando também como espaços de sociabilidade, memória e identidade cultural.

Figura 4 - Feira Livre de Pau dos Ferros - RN.

Fonte: Acervo pessoal de Ferdnando Lima[4] (2024).

Assim, os mercados públicos e feiras livres continuam desempenhando um papel fundamental na dinâmica econômica urbana, conectando diferentes esferas produtivas e fortalecendo a identidade comercial das cidades.

[4] Ferdnando Lima, colega da graduação, gentilmente cedeu imagens de seu arquivo pessoal com o intuito de contribuir para o processo de escrita deste trabalho.

3.1.3 Função social dos mercados e feiras

Os mercados públicos e feiras proporcionam espaços de convivência e interação entre diferentes grupos sociais. Esses locais funcionam como lugar de encontro, favorecendo relações interpessoais que reforçam o sentido de comunidade. De acordo com Servilha e Doula (2000, p. 12), "os mercados são configurados como 'lugares sociais', onde ocorre a interação entre comerciantes e consumidores, fortalecendo laços sociais através do ato de comprar e vender". Esse caráter social também é ressaltado por Vedana (2004), ao afirmar que feiras livres são espaços de trocas simbólicas e culturais, indo além da mera transação comercial.

Em cidades pequenas e bairro periféricos, além da representação simbólica, cultural e política, as feiras tornam-se lugares de abastecimento, sociabilidade e solidificação dos vínculos de pertencimento com o lugar. Diferentemente dos grandes centros urbanos, onde há uma ampla rede de supermercados e mercados formais, nas pequenas cidades as feiras são, muitas vezes, a principal fonte de acesso a produtos frescos, especialmente hortaliças, frutas e alimentos artesanais. Além disso, elas possibilitam a comercialização direta entre produtores e consumidores, reduzindo intermediários e fortalecendo a economia local.

Segundo Andreia Barbosa (2013), as feiras livres também são *locus* de resistência cultural, nos quais se preservam saberes ancestrais, como o cultivo de alimentos mediante técnicas herdadas dos antepassados, a gastronomia típica e a oralidade característica das interações entre feirantes e fregueses. Esses fatores fazem das feiras livres um elemento essencial para a coesão social e para a manutenção das práticas econômicas e culturais nas cidades (Barbosa, 2013). Michaello (2020) complementa ao argumentar que as feiras populares são locais de preservação de saberes ancestrais e de (re)criação cultural. A autora argumenta que, apesar das pressões urbanas que tentam transformar ou marginalizar esses espaços, as feiras continuam sendo essenciais na manutenção da memória coletiva e das práticas culturais (Michaello, 2020). Elas não apenas resistem às transformações urbanas, mas se adaptam e se reinventam, estimulando a comunidade a preservar sua história e cultura.

Além disso, esses espaços exercem a função de segurança alimentar e abastecimento urbano, garantindo o acesso a produtos frescos e a preços acessíveis. A comercialização de produtos locais não apenas dinamiza a economia, mas também fortalece a produção de pequenos agricultores e comerciantes. Conforme Tarcyzio Nascimento (2023), os mercados públicos oferecem uma alternativa viável às grandes redes varejistas, possibilitando à população alimentação saudável e de origem conhecida.

Outro aspecto relevante é a relação de proximidade entre feirantes e fregueses, construída ao longo do tempo por meio de negociações, de laços de confiança, do reconhecimento e da convivência constante. De acordo com as reflexões de Ana Maria Daou (2014), esses vínculos permitem uma experiência de compra diferenciada, em que o atendimento personalizado e o conhecimento sobre a origem dos produtos reforçam a fidelização do consumidor. Essa dinâmica social cria uma rede de apoio entre os trabalhadores e a clientela, contribuindo para a sustentabilidade dos pequenos comércios.

Desse modo, as feiras livres e mercados refletem a diversidade cultural e econômica e promovem a inclusão social ao abrigar diferentes grupos e classes sociais. São verdadeiros palcos da multiculturalidade urbana, sendo frequentados por pessoas de diferentes origens e condições financeiras. Como bem observado por Vedana (2004), a feira não apenas representa um espaço de consumo, é lugar de resistência cultural, onde diferentes pessoas coexistem e interagem de forma ativa.

3.1.4 Expressões culturais e patrimônio imaterial

As feiras e mercados públicos são também lugares de manifestação cultural, preservando saberes e práticas ancestrais transmitidos entre gerações. Em muitos contextos, são palcos de expressão da arte e performances do corpo, como mostra a Figura 5. Segundo Pontes (2012), as feiras livres funcionam como "cenários vivos" de costumes e rituais urbanos, onde se perpetuam modos de vida tradicionais através da oralidade e da prática cotidiana do comércio.

Figura 5 - Manifestação cultural na Feira Livre de Alagonhinha - PB.

Fonte: Prefeitura Municipal de Alagonhinha – PB (2024).

Um dos principais elementos que compõem o patrimônio imaterial nesses espaços é a oralidade. Nos mercados e nas feiras compartilha-se conhecimento pela voz de geração para geração, permitindo a continuidade de hábitos culturais que, de outra forma, poderiam se perder. Como aponta Vanessa Santos (2018, p. 102), "o discurso oral entre feirantes e fregueses é um dos pilares da identidade dessas feiras, sendo através das narrativas e das interações que a memória coletiva se mantém viva".

Complementando essa perspectiva, Leda Martins (2021, p. 23) afirma "toda uma plêiade de conhecimentos, dos mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura, dentre elas as inscrições oral e corporal, grafias performadas pelo corpo e pela voz na dinâmica do movimento." Para a autora, a oralidade está ligada ao corpo, formando um sistema performativo por meio do qual os saberes são transmitidos, vivenciados e atualizados (Martins, 2021).

A relação corpo-território reconhece a preservação de saberes e se perpetua por meio das práticas cotidianas, nas quais a voz e o corpo tornam-se instrumentos de criação e disseminação de memórias coletivas. Martins (2021, p. 39) ressalva que as performances, vivenciadas na oralidade, representam uma fonte essencial de transmissão de saberes, pois, por meio dela, culturas, costumes e tradições permanecem vivas, assegurando a continuidade dos valores culturais de uma comunidade (Martins, 2021).

A vida das "corporealidades" se sintoniza com as reflexões de Pierre Nora (1992), ao considerar que a memória não se restringe unicamente aos chamados "lugares de memória", mas se recria continuamente nos "ambientes de memória", constituídos por práticas cotidianas, gestos, hábitos e narrativas orais. Tais elementos funcionam como dispositivos ativos de preservação, transmissão e atualização do saber coletivo, sustentando a identidade cultural de grupos e comunidades.

Dessa forma, a feira se configura como um espaço privilegiado onde a voz e o corpo, em constante movimento, operam como mecanismos performativos de transmissão cultural. Por meio de interações sociais reiteradas (Figura 6), feirantes e fregueses atualizam continuamente os laços identitários e os sentidos de pertencimento, convertendo o cotidiano das trocas comerciais em um verdadeiro ritual de memória, resistência e continuidade cultural.

Figura 6 - Conversa entre feirante e freguês.

Fonte: Acervo pessoal de Ferdnando Lima (2024).

A presença da música, da gastronomia e do artesanato nesses espaços ainda reforça seu papel como patrimônio cultural. A arte que ocorre nas feiras inclui expressões artísticas diversas, desde o forró nordestino tocado ao vivo, venda de literatura de cordel, cantorias de repentistas, performances musicais de bandas de pífano até a comercialização de pratos da culinária local e regional. De acordo com Vedana (2004, p. 70), "as feiras livres representam um microcosmo da identidade cultural de uma região, onde os saberes e fazeres são perpetuados através das práticas diárias de feirantes e consumidores".

3.2 Requalificação de espaços urbanos

Segundo o dicionário de Aurélio Ferreira (1975), o prefixo *re-* é empregado para indicar um movimento de retorno, ou seja, uma ação que reafirma algo já existente, mas sob uma nova perspectiva. Vargas e Castilho (2015) destacam que apenas a partir da década de 1960, como resposta à negação da história apregoada pelo modernismo em arquitetura e urbanismo, o valor histórico e cultural de determinados sítios passou a ser mais amplamente reconhecido. Ainda de acordo com as autoras, com o crescimento populacional no século XIX, a principal preocupação era a higienização do espaço urbano, o que levou ao surgimento dos primeiros projetos de requalificação urbana (Vargas; Castilho, 2015, p. 91).

Em 1995, foi elaborada a Carta de Lisboa, documento que introduziu o conceito de reabilitação, associando-o ao termo requalificação. Posteriormente, esse conceito é vinculado

ao de revitalização, destacando-se pela preservação da identidade e das características originais (Vargas e Castilho, 2015).

> Reabilitação urbana - é uma estratégia de gestão urbana que procura requalificar a cidade existente através de intervenções múltiplas destinadas a valorizar as potencialidades sociais, econômicas e funcionais a fim de melhorar a qualidade de vida das populações residentes; isso exige o melhoramento das condições físicas do parque construído pela sua reabilitação e instalação de equipamentos, infra-estruturas [sic], espaços públicos, mantendo a identidade e as características da área da cidade a que dizem respeito (Carta de Lisboa, 1995, p. 1).
>
> Revitalização urbana - engloba operações destinadas a relançar a vida económica e social de uma parte da cidade em decadência. Esta noção, próxima da reabilitação urbana, aplica-se a todas as zonas da cidade sem ou com identidade e características marcadas (Carta de Lisboa, 1995, p. 1).

Como discutem Vargas e Castilho (2015), a requalificação urbana consiste em um processo que visa ressignificar áreas degradadas ou subutilizadas nas cidades, buscando sua reintegração funcional e social ao tecido urbano. Segundo a Carta de Lisboa (1995), esse processo envolve a "revitalização"[5] dos espaços degradados, promovendo sua reintegração e desenvolvimento de acordo com as necessidades sociais, econômicas e culturais da comunidade. Para Nabil Bonduki (2010), a requalificação vai além da recuperação do patrimônio edificado, sendo também um processo de reconfiguração do espaço urbano, que deve atender às novas demandas da sociedade, preservando a população original e fortalecendo as dinâmicas locais.

A requalificação urbana não deve ser vista apenas como uma renovação estética, mas como uma abordagem ampla que considera os aspectos sociais, econômicos e culturais das áreas envolvidas. Nesse sentido, Pintaudi (2006) defende que as intervenções urbanas devem promover usos mais adequados e inclusivos, respeitando a memória dos lugares sem descaracterizar sua identidade. José Garcia Lamas (2011) complementa essa visão ao afirmar que a requalificação deve ser capaz de adaptar-se às novas necessidades urbanas, preservando, ao mesmo tempo, os elementos que compõem a identidade e a história do local.

A requalificação das áreas abandonadas está diretamente vinculada a políticas públicas que pretendem evitar a gentrificação, um dos maiores desafios desse processo. Villaça (2001) enfatiza que a gentrificação pode causar o deslocamento de populações de baixa renda em favor de interesses imobiliários, tornando a requalificação urbana um fator crucial para o desenvolvimento sustentável das cidades. Nesse contexto, as políticas de requalificação devem garantir o acesso a serviços públicos essenciais e a valorização do patrimônio histórico e

[5] O termo "revitalização" é problemático; por isso, neste trabalho utiliza-se o termo apenas para referenciar autores/autoras e documentos patrimoniais que se valem da revitalização como aporte heurístico e metodológico.

arquitetônico, ao mesmo tempo em que promovem a modernização funcional dos espaços urbanos.

Além disso, a requalificação urbana deve ser orientada por princípios básicos, como a valorização do patrimônio e a modernização funcional dos espaços, sem perder de vista as necessidades da população local. Na mesma linha, Henri Lefebvre (2000) argumenta que o espaço urbano é um produto social dinâmico, moldado pelas relações humanas e econômicas, e que as transformações urbanas devem considerar essas dimensões. Já o urbanista Jan Gehl (2010) defende que a humanização dos espaços públicos é essencial para o sucesso da requalificação, destacando a importância de criar ambientes acessíveis e seguros, que incentivem a permanência das pessoas.

Porém, a requalificação urbana enfrenta desafios significativos no tempo presente, especialmente no que tange ao equilíbrio entre preservação da memória e do patrimônio em função de sua adaptação às exigências do tempo presente. A Carta de Lisboa (1995) ressalta a importância de evitar a descaracterização dos espaços históricos, garantindo que as intervenções urbanas atendam às necessidades sociais e promovam a inclusão. Por outro lado, Bonduki (2010) alerta para os potenciais impactos negativos das intervenções, como o conflito entre interesses privados e coletivos que pode resultar na gentrificação de áreas “revitalizadas”, excluindo populações vulneráveis e deslocando atividades tradicionais. O urbanista ainda informa a importância de um planejamento urbano participativo, que envolva a comunidade local nas decisões sobre as mudanças no espaço urbano. (Bonduki, 2010, p. 156-189)

A participação comunitária na requalificação dos espaços públicos é uma ação benéfica ao contexto da cidade. Conforme Vicente Del Rio (1990), uma abordagem participativa, envolvendo a comunidade no planejamento e implementação das intervenções, é fundamental para minimizar impactos negativos que possam surgir depois da execução dos projetos urbanos. Dessa forma, a requalificação urbana pode ser vista como um instrumento de democratização do espaço, promovendo o equilíbrio entre preservação e inovação, e fortalecendo as relações comunitárias.

Os impactos da requalificação urbana são amplos, abrangendo tanto aspectos econômicos quanto socioculturais. Estudos indicam que mercados requalificados contribuem para a dinamização da economia local, fortalecendo pequenos comerciantes e incentivando o turismo (Moraes, 2017). Além disso, esses espaços requalificados favorecem o uso coletivo, promovendo interações sociais e reforçando a identidade comunitária (Nascimento, 2023).

Contudo, o sucesso da requalificação depende de planejamento criterioso, que ressignifique as preexistências sem alteração drástica da vida exercida antes da requalificação,

e da participação ativa da comunidade local. Muitas intervenções enfrentam desafios, como a pressão imobiliária e a substituição dos antigos comerciantes por negócios voltados a públicos de maior poder aquisitivo (Lima, 2019). Assim, para que a requalificação de mercados públicos seja efetiva e inclusiva, é fundamental adotar políticas que garantam a permanência dos antigos feirantes e o acesso democrático à população (Nascimento, 2023).

3.3 Mercado público: histórico e função social

Os mercados públicos representam espaços fundamentais dentro do tecido urbano, e sua função além do abastecimento de bens essenciais. Essas estruturas foram criadas para centralizar o comércio, organizar o abastecimento das cidades e estruturar relações socioeconômicas (Bonduki, 2010). Além disso, consolidaram-se como locais de encontro e convivência, refletindo o grau de pertencimento da comunidade que consome os seus. Este capítulo aborda um rápido panorama histórico de mercados públicos, sua função social e os desafios contemporâneos para sua permanência e requalificação.

3.3.1 Origem e evolução dos mercados públicos

A origem dos mercados públicos remonta às feiras medievais e aos centros comerciais das cidades antigas, onde surgiram como uma necessidade básica para a troca de produtos (Moraes, 2017). Com o passar do tempo, esses mercados se tornaram arquiteturas complexas, acompanhando o crescimento urbano, a mudança dos hábitos cotidianos e as transformações econômicas.

Eram espaços não apenas de troca de mercadorias, mas também de encontros sociais e manifestações culturais. Com a modernização das cidades, esses espaços foram gradativamente incorporados à malha urbana de maneira mais estruturada, ganhando edifícios permanentes que passaram a abrigar o comércio de maneira organizada. (Bonduki, 2010)

No Brasil, os mercados públicos estão presentes desde a fundação das primeiras cidades. Segundo Daou (2014), começaram a se consolidar no período colonial, quando as feiras livres se converteram em estruturas fixas que atendiam às demandas crescentes da população. Bonduki (2010, p.145) argumenta essa relevância ao afirmar: “Como feira a céu aberto ou abrigado em edifícios, com maior ou menor sofisticação, diversidade e dimensão, o mercado é, ao lado da igreja e da Casa de Câmara e Cadeia, um espaço/instituição sempre presente em qualquer vila brasileira.”

Com o avanço da industrialização e o crescimento das cidades no século XIX, os mercados públicos passaram por novas mudanças estruturais e simbólicas. Nesse período, surgiram os primeiros edifícios projetados especificamente para essa finalidade, caracterizados por estruturas metálicas e coberturas amplas, que ofereciam maior proteção para comerciantes e consumidores. Outros mercados dessa época, foram construídos com técnicas comuns da construção brasileira, como o uso de alvenaria de tijolo, pedra e cobertura de telha cerâmica. Muitos mercados apresentam um amplo pátio central, ao redor do qual estão distribuídas as lojas, como ocorre no mercado de cidades como Icó/CE, Oeiras/PI, Piracuruca/PI, Mossoró/RN, entre outras. Segundo Bonduki (2010), a arquitetura dos mercados evoca os modelos europeus, mas adaptados às necessidades locais, consolidando-se como centros de abastecimento para a população urbana. A modernização permitiu maior organização e eficiência na comercialização dos produtos, conforme apontado por Moraes (2017), tornando os mercados públicos ainda mais estratégicos para a dinâmica econômica e social das cidades.

No século XX, com a expansão dos supermercados e centros comerciais, muitos mercados públicos enfrentaram desafios de adaptação aos rápidos ritmos orquestrados pelo capital. No entanto, a relevância histórica e cultural dos mercados manteve sua importância, pois diversas cidades têm investido na requalificação ou restauração, buscando preservá-lo ao promover sua integração no contexto social e político contemporâneo (Daou, 2014).

Conforme aponta Martins (2011), os mercados se firmaram como referência para o comércio de gêneros alimentícios e outras mercadorias, tornando-se essenciais para o desenvolvimento da vida urbana e para o abastecimento da população. Assim, tais arquiteturas foram se transformando ao longo do tempo, passando de locais predominantemente voltados ao abastecimento para espaços multifuncionais que agregam comércio, lazer e cultura.

Além de sua relevância econômica, os mercados públicos também possuem um valor simbólico significativo. Holanda (2013) enfatiza a importância desses espaços como elementos estruturadores da urbanidade arquitetônica e social. Segundo o autor, os mercados públicos favorecem a apropriação do espaço urbano pela população, reforçando laços sociais e promovendo interações diversas entre diferentes grupos sociais.

3.3.2 O mercado público como espaço de sociabilidade e experiência corporal

Os mercados públicos são muito mais do que simples locais de compra e venda; eles se consolidam como espaços de encontro e sociabilidade, desempenhando um papel essencial na construção das relações sociais. Conforme analisa Holanda (2013), a arquitetura dos

mercados públicos favorece o encontro e a interação, permitindo que pessoas de diferentes classes sociais compartilhem o mesmo ambiente, o que fortalece a coesão social e a urbanidade.

Nascimento (2023) enfatiza que a relação entre comerciantes e consumidores nesses espaços vai além da mero compra: há uma troca simbólica que envolve confiança, tradição e pertencimento. Esse aspecto é ainda mais evidente quando se observa a presença de feirantes que atuam no mesmo local por gerações, transmitindo conhecimentos e consolidando a identidade cultural do mercado (Nascimento, 2023).

Para tanto, Andressa Pontes (2012) destaca que a relação entre feirantes e fregueses executada nos mercados ultrapassa a simples compra e venda de produtos. Há um intercâmbio cultural e afetivo, onde histórias são compartilhadas e tradições são mantidas. Essa dinâmica contribui para a preservação de costumes locais e para o fortalecimento do senso de pertencimento da comunidade. Além disso, compreender as relações sociais nesses espaços requer uma análise aprofundada da subjetividade das interações, pois é nesses ambientes que os indivíduos constroem vínculos comunitários, desenvolvem percepções sobre o espaço e participam de dinâmicas sociais próprias (Servilha e Doula, 2009).

Outra característica dos mercados públicos é a diversidade de produtos e referências culturais múltiplas que carregam. Um exemplo é o caso do Mercado Central de São Luís, no Maranhão, em que é possível encontrar artesanato (muitas vezes produzidos pelos próprios comerciantes), comidas típicas, vestuário, bebidas locais, como a tiquira, reconhecida pelo Estado como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial (Governo do Maranhão, 2023), entre outros produtos, como é possível observar na Figura 7. Em muitos casos, esses espaços funcionam como verdadeiras vitrines da produção regional, promovendo não apenas a valorização dos saberes locais, mas também o fortalecimento da economia solidária.

Figura 7 - Exposição de produtos no Mercado Central de São Luís - MA e na Feira Livre de Pau dos Ferros - RN.

Fonte: Acervo pessoal (2023).

Martins (2011) destaca que, historicamente, os mercados públicos foram marcos arquitetônicos configuradores do tecido e paisagem urbanos, uma vez que reformula áreas de urbanização das cidades e reúnem produtos típicos e práticas comerciais que refletem a cultura da região onde estão inseridos. Nesse sentido, a reflexão de Bonduki (2010, p. 145) é luminosa: “Ponto de convergência, de mistura de classe e circulação de mercadorias, o mercado tem uma significação maior que o de lugar do comércio, expressa a identidade cultural de uma sociedade.”

Além de sua função econômica, os mercados públicos também atuam como locais de encontros espontâneos. De acordo com Nascimento (2023, p. 77), seja entre vizinhos que se reencontram durante as compras ou entre turistas que buscam uma experiência autêntica da cidade, esses espaços se configuram como ambientes vivos de interação e trocas culturais. Assim, eles desempenham um papel essencial na manutenção das relações sociais e na vivência urbana cotidiana.

A experiência de nosso corpo em mercados e feiras é multissensorial. Ouvimos vozes de diferentes timbres e volumes, sentimos cheiros diversos de condimentos, couro e flores, tocamos as texturas de produtos naturais e antrópicos, vemos as cores e movimentos rápidos e lentos e degustamos os sabores da culinária local e oriunda de outras latitudes. Nesse sentido, Bonduki (2010, p. 147) ressalta que os mercados ativam nossos sentidos por meio das cores,

cheiros, sons, costumes e arranjos. As tradições das comunidades se manifestam na culinária, na forma como os produtos são expostos, no modo como as ofertas são anunciadas e até mesmo nas negociações dos preços.

Além disso, esses espaços reúnem um público diversificado, proporcionando um ambiente dinâmico onde diferentes manifestações culturais ocorrem, incluindo apresentações de artistas, músicos, poetas, repentistas e contadores de histórias. Essas interações criam relações únicas e permitem o compartilhamento de vivências, línguas, dialetos e tradições, enriquecendo ainda mais a experiência sociocultural proporcionada pelos mercados públicos.

Exemplos emblemáticos demonstram que os mercados continuam sendo espaços essenciais para a vida urbana. A requalificação do Mercado de São José, em Recife, do Mercado Público de Porto Alegre e do Mercado Municipal de São Paulo são iniciativas que relevam o reconhecimento do potencial histórico e sociocultural desses ambientes. Tais intervenções não visam apenas melhorar a infraestrutura ou aumentar a atratividade turística, mas fortalecer os vínculos sociais e preservar as práticas culturais. Muitas cidades têm investido na manutenção e requalificação desses locais, compreendendo que sua função vai além do comércio, abrangendo também aspectos culturais e sociais fundamentais para a dinâmica urbana (Pontes, 2012).

3.3.3 Mercados públicos e desenvolvimento urbano

Os mercados públicos são equipamentos que rearranjam a urbanização das cidades e a vida cotidiana dos moradores e fregueses. Segundo Bonduki (2010), a implantação desses equipamentos esteve historicamente associada a políticas de modernização e reestruturação urbana, com o objetivo de melhorar as condições sanitárias e estruturais do comércio de alimentos e outros produtos essenciais. Além disso, Lima (2019) mostra que os mercados públicos atuam como motores da economia, impulsionando o comércio local e gerando empregos diretos e indiretos.

Desde os primórdios do capitalismo, os mercados públicos foram concebidos como espaços de centralização do comércio, permitindo maior controle sobre as trocas de mercadorias e sobre as fontes de abastecimento (Pintaudi, 2006). Silvana Pintaudi (2006, p.86) analisa esse fenômeno ao afirmar que, nesse contexto, "instala-se uma concepção burguesa de espaço, que o separa segundo as funções a que se destinam", consolidando o mercado como um elemento

estruturante da cidade. Dessa forma, sua presença não apenas reorganizou a atividade comercial, mas também impactou diretamente a configuração urbana.

A construção dos mercados redefiniu a forma *urbis* e contribuiu para transformações significativas na paisagem das cidades e na vivência da população. Para Martins (2010), essa arquitetura é marco histórico e urbanístico, testemunha de mudanças nos contextos comercial, sanitário, social, cultural e estético ao longo do tempo. Além disso, sua localização estratégica influenciou a formação de centralidades urbanas, promovendo o crescimento econômico e social das regiões onde se inserem.

Nesse contexto, o caso do mercado público de Campinas – SP ilustra de maneira exemplar como esses equipamentos urbanos foram responsáveis por impulsionar mudanças significativas no traçado e na organização das cidades. Valter Martins (2010, p. 26) destaca que a inauguração do primeiro mercado público de Campinas, conhecido como Mercado Grande, em 1867, foi responsável por uma série de transformações no espaço urbano da cidade. Localizado em uma área limítrofe, na fronteira com a zona rural, o novo equipamento de comércio motivou a abertura de ruas e a construção de pontes sobre o córrego, com o intuito de facilitar o acesso ao local. Com a intensificação das atividades comerciais, o mercado inicial tornou-se insuficiente para acomodar todos os agricultores, quitandeiros e comerciantes. Diante disso, optou-se pela construção de um novo mercado em uma área mais ampla (Martins, 2010).

Esse novo empreendimento impulsionou a ocupação e valorização da região, resultando na construção de novas residências e na abertura de vias calçadas com paralelepípedos, que visavam facilitar o trânsito de carroças até o mercado. A partir do espaço ocupado pelo equipamento, o entorno passou por processo de reordenamento urbano, com fragmentação, delimitação e organização mais precisa das quadras (Martins, 2010).

De modo semelhante, em Icó-CE, a construção do mercado público rearranjou a forma urbana do núcleo original do lugar. Diferentemente de outras cidades, em que os mercados foram inseridos em áreas historicamente consolidadas, o edifício em Icó estruturou a dinâmica de fluxos e de localização de edifícios públicos, moldando a própria configuração do espaço cívico. Como analisa José Clewton Nascimento (2002, p. 78), a partir da segunda metade do século XIX, observa-se a mudança no uso e ocupação do solo urbano ocasionada pela implantação do mercado. Esse equipamento passou a exercer um raio de influência sobre o tecido da cidade, determinando a setorização funcional do espaço, com a edificação de casas comerciais para suas imediações. Além disso, introduziu-se uma nova lógica arquitetônica e de parcelamento: as construções passaram a voltar suas fachadas para vias perpendiculares, como

becos e travessas, rompendo com o desenho urbano colonial do século XVIII (Nascimento, 2002).

As quadras vizinhas ao mercado foram gradualmente ocupadas por edificações comerciais voltadas para todas as suas faces, evidenciando a reorganização territorial estimulada por atividade mercantil. O crescimento urbano também se estendeu na direção da Travessa Távora, onde se instalaram pequenas indústrias de beneficiamento (Nascimento, 2002). Esse processo de urbanização, contudo, foi afetado por epidemia de cólera que reduziu os ritmos de crescimento da cidade[6]. A partir disso, observa-se que os mercados públicos abrigaram o comércio popular e agenciaram a urbanização de cidades. Seu efeito ultrapassa a dimensão arquitetônica, interferindo diretamente na lógica de ocupação, parcelamento e crescimento dos núcleos urbanos.

A relação entre mercados públicos e desenho urbano aparece igualmente na estruturação de redes de transporte e circulação. Martins (2010) reflete que, em diversas cidades, a distribuição dos fluxos viários foi organizada em função da localização de mercados. Vargas e Castilho (2015) complementam essa ideia ao informar que os mercados devem ser considerados equipamentos urbanos estratégicos para a vitalidade cotidiana, pois, quando requalificados, podem se tornar pontos turísticos e culturais, valorizando determinadas regiões e promovendo a revitalização dos centros urbanos.

A integração dos mercados ao planejamento urbano possibilita a criação de espaços acessíveis, democráticos e funcionais. De acordo com Lima (2019), ao incorporar aspectos como mobilidade, infraestrutura e acessibilidade, esses equipamentos podem se tornar mais eficientes e atrativos, garantindo sua permanência na paisagem urbana e relevância para a população. No entanto, sua adaptação às dinâmicas urbanas contemporâneas exige um planejamento criterioso, que equilibre modernização, preservação das preexistências arquitetônicas e memória coletiva, evitando impactos negativos no tecido urbano e social.

3.3.4 Desafios contemporâneos dos mercados públicos

Apesar de sua relevância histórica e urbanística, os mercados públicos enfrentam desafios crescentes no cenário atual. Um dos principais obstáculos é a concorrência com grandes redes varejistas, como supermercados, hipermercados e shopping centers, que

[6] Conforme registro de pesquisa coordenada pelo IPHAN (1997), a epidemia de cólera, que assolou a população local, tirou a vida de muitos habitantes, forçando o êxodo de diversas famílias do contexto urbano de Icó para outras localidades.

oferecem uma estrutura de consumo padronizada e, muitas vezes, mais acessível a determinados perfis de consumidores. Segundo Moraes (2017), essa concorrência tem reduzido significativamente a frequência de consumidores nos mercados tradicionais, exigindo novas estratégias para atrair e fidelizar o público. Além disso, Martins (2011) observa que muitas cidades brasileiras enfrentam dificuldades na manutenção desses espaços, resultando em problemas estruturais, falta de infraestrutura adequada e precarização das condições de trabalho dos comerciantes.

Outro fator relevante é a necessidade de adaptação dos mercados aos ritmos da vida contemporânea exercidos na vida cotidiana das cidades. Holanda (2013) enfatiza que qualquer processo de requalificação deve considerar a importância histórica e social dos espaços, garantindo que as intervenções respeitem sua identidade e promovam melhorias que ampliem sua acessibilidade e funcionalidade. Da mesma forma, Bonduki (2010) destaca que as políticas públicas voltadas para os mercados devem priorizar a manutenção da diversidade sociocultural e econômica, assegurando que esses espaços continuem desempenhando seu papel social e urbano.

A descentralização das atividades comerciais e o crescimento das cidades também impactam a permanência dos mercados públicos, especialmente nas regiões centrais. Com a expansão urbana, muitos centros comerciais deslocaram-se para bairros periféricos, impulsionados pela facilidade de acesso proporcionada pelo transporte individual e pela criação de novos polos de consumo (Lima, 2019). Como consequência, o esvaziamento de mercados tradicionais foi agravado pela falta de políticas públicas voltadas à sua preservação, intensificando processos de degradação e descaracterização desses espaços.

Além da concorrência comercial e da descentralização, um dos grandes desafios enfrentados pelos mercados públicos é o risco de gentrificação em projetos de requalificação. Vargas e Castilho (2015) alertam que intervenções mal planejadas podem excluir a população tradicional desses espaços, transformando os mercados em locais elitizados e desconectados de sua função original. Holanda (2013) reforça essa preocupação ao apontar que, embora a valorização dos mercados possa contribuir para a requalificação de áreas degradadas, é fundamental que as políticas públicas assegurem que os benefícios da revitalização sejam acessíveis a toda a população. Caso contrário, há o risco de expulsão dos comerciantes e consumidores originais, comprometendo o papel social desses espaços.

Bonduki (2010) também destaca a necessidade de cautela ao realizar intervenções nos mercados públicos, evitando que a modernização comprometa sua essência cultural e social. O autor ressalta que "ao realizar intervenções para recuperar as estruturas físicas comprometidas

dos edifícios, as intervenções podem destruir a riqueza que se expressa, não no patrimônio material dos mercados, mas em sua alma, e sem alma, o corpo pode perder grande parte, senão a totalidade, da sua relevância" (Bonduki, 2010, p.148).

Portanto, a permanência e a requalificação dos mercados públicos requerem um olhar atento para sua multifuncionalidade, seu valor simbólico e sua importância na configuração da cidade. A adoção de políticas de preservação e modernização, aliadas a estratégias que evitem processos de exclusão social, pode garantir que esses espaços continuem sendo referências para o abastecimento, a sociabilidade e a identidade urbana. Dessa forma, os mercados públicos poderão enfrentar os desafios contemporâneos sem perder seu papel fundamental no desenvolvimento das cidades.

3.4 Feira livre como lugar social e de memória coletiva

Como observado até agora, os mercados e as feiras dão vitalidade as operações sociais e econômicas. De acordo com Andréia Barbosa (2013), Vanessa Santos (2018), Viviane Vedana (2004) e Juliana Michaello (2020), as feiras livres representam lugares de comercialização, de transmissão de saberes, cultura e memórias individual e coletiva, funcionando como verdadeiros marcos urbanos e sociais.

3.4.1 Conceito e características das feiras livres

A feira livre é, antes de tudo, um espaço público de comércio que reúne vendedores e compradores em um local, dia e horário específicos, geralmente ao ar livre. Nesse ambiente, desenvolvem-se atividades de troca, consumo, venda e negociação de mercadorias (Miranda, 2009). Diniz afirma que as feiras são "essencialmente, lugares de compra e venda de produtos variados, destacando-se, hoje, bens industrializados, ao lado de produtos agrícolas tradicionais" (Diniz, 1987, p. 72).

Tradicionalmente, as feiras surgiram como pontos estratégicos de abastecimento nas cidades, sendo comumente estabelecidas em praças e ruas centrais, consolidando-se como elementos essenciais da economia informal e da vida urbana. O estudo de Vedana (2004) revela que a feira livre possui um caráter efêmero, estruturando-se periodicamente e transformando o espaço urbano temporariamente.

Nesse sentido, Dantas (2007) enfatiza a diversidade das feiras livres ao classificá-las de acordo com sua localização, abrangência geográfica e tipo comercial. Segundo ele, as feiras,

além de servirem como centros de abastecimento da população local, representam ambientes de intensa sociabilidade e manifestações populares:

> (...) Como centros populares destinados ao abastecimento da população local [as feiras] (...) são também o lugar onde se dá um grande número de atividades paralelas, o lugar de encontros e reencontros, das conversas, das manifestações populares, da sociabilidade em todas as suas dimensões, e um espaço onde as pessoas realizam diversas estratégias de sobrevivência, [além de ser] o local onde o capital comercial exerce domínio" (Dantas, 2007, p. 18).

Outro aspecto digno de nota é a relação com o território. De acordo com Servilha e Doula (2000), a localização das feiras muitas vezes reflete padrões históricos de ocupação urbana, mantendo-se em pontos estratégicos das cidades. Como é o caso da feira de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte, situada no centro da cidade e nas proximidades da Praça da Matriz, conforme citado anteriormente, o que favorece sua acessibilidade, visibilidade e integração com o cotidiano urbano. Essa centralidade carrega significados históricos, simbólicos e funcionais, sendo fruto de um processo de enraizamento das práticas comerciais e sociais no tecido urbano. Essa configuração permite a interação direta entre produtores e consumidores, fomentando circuitos curtos de comercialização e fortalecendo a relação entre campo e cidade.

A perspectiva geográfica também contribui para o entendimento das feiras livres enquanto fenômeno urbano. Conforme as análises de Roberto Correa (1997) elaboradas a partir do viés das redes geográficas, a feira possui a função, dentro outros aspectos, de articular as escalas urbanas e rurais:

> Este tipo de instituição tem como agentes comerciantes, produtores rurais, artesãos e consumidores, sendo eminentemente espontânea. Envolve fluxos de mercadorias, pessoas e informações, e, através dela, realiza-se a integração entre áreas rurais, pequenas, médias e grandes cidades. Ligadas ao mercado, associa-se à acumulação, mas também na feira a sociabilidade se manifesta. É real, material e eminentemente informal, tendendo a ser hierarquizada, na qual há centros com comércio atacadista para feirantes e centros onde há apenas varejista-ambulante. A feira nordestina existe há muito tempo e a velocidade de seus fluxos é lenta. Sua preferência é periódica e esta é uma característica fundamental que a distingue do comércio fixo" (CORRÊA, 1997, p. 113 apud DANTAS, 2007, p. 33).

Além das abordagens espaciais, Pazera Jr. (2003) propõe uma classificação das feiras livres a partir de sua experiência na feira de Macaíba (RN). Segundo esse pesquisador, é possível distinguir dois grandes grupos de feiras: as localizadas em grandes centros urbanos, que contam com estrutura comercial consolidada, e as pequenas feiras do interior, que conservam características tradicionais e representam espaços onde agricultores, artesãos e criadores se tornam comerciantes (Pazera Jr., 2003). Essas feiras ocorrem com maior frequência em pequenos povoados e mantêm um caráter mais rústico e espontâneo.

Para concluir, Maia (2006) sintetiza a força e a relevância das feiras livres dentro do contexto urbano e social, ressaltando sua função comercial e seu papel como ponto de encontro e lazer para a população:

> "[...] Além da função comercial, [as feiras] ainda exercem o papel de local de encontro e de lazer para a população. Nelas tudo se vende: alimentos — produzidos na região e aqueles vindos de outras mais longínquas —, roupas [...], utensílios domésticos, plásticos, louças, instrumentos para a atividade rural como depósitos para leite, arreios, chapéus, botas, chicotes etc. Para os que vivem nessas cidades, é o dia de abastecer a casa; para os comerciantes, é um dia em que se vende mais e para muitos moradores e trabalhadores do campo é dia de ir à cidade, seja para vender seus produtos, para comprar os necessários, mas também para ir ao médico, resolver negócios e também colocar a conversa em dia. Dia de feira é dia de mercado, mas também de encontro" (Maia, 2006, p. 8).

Dessa forma, a feira livre se destaca não apenas como um espaço de comercialização, mas também como um elemento essencial na manutenção das relações sociais e culturais dentro das cidades. Ao longo dos anos, sua importância vai além da simples troca de mercadorias, consolidando-se como um ambiente dinâmico de sociabilidade, resistência cultural e fortalecimento da economia informal.

3.4.2 A feira livre como espaço de troca e pertencimento

As feiras livres vão muito além de espaços de compra e venda. Nesses lugares de realização da vida, os diferentes grupos sociais trabalham, consomem, realizam formas culturais e vivenciam os limites do exercício da escassa cidadania" (Mascarenhas; Dolzani, 2008, p. 73). Assim, esses lugares são marcados por um híbrido de signos e significados, refletindo a diversidade de ações e atividades que neles ocorrem

Segundo Andressa Pontes (2012), as interações entre feirantes e consumidores ocorrem de maneira intensa e frequente, criando laços de confiança, solidariedade e reciprocidade. Esses lugares favorecem o contato direto, a negociação flexível e a construção de uma rede de relações que extrapola a mera transação comercial (Pontes, 2012). Para Vanessa Santos (2018), a feira possibilita a criação de vínculos entre feirantes e fregueses, fortalecendo um sentimento de pertencimento e identidade coletiva. Por seu turno, Bonduki (2010) complementa essa visão ao destacar que as feiras funcionam como locais de trocas não apenas econômicas, mas também culturais e simbólicas, permitindo a perpetuação de saberes tradicionais.

Nesse contexto, a feira livre se apresenta como um espaço de intensa movimentação social e cultural. Doralice Maia (2006, p. 9) descreve essa dinâmica ao afirmar que "o dia da feira é (...) o dia de pôr as conversas em dia, de discutir política, de comprar, de vender, enfim,

é o dia de movimento na cidade". Essa efervescência faz das feiras fenômenos urbanos complexos, repletos de facetas e peculiaridades. Nelas, diversas manifestações ocorrem simultaneamente, compondo um cenário marcado por cores, cheiros, sons e interações que despertam o encantamento dos frequentadores.

Figura 8 - Feirantes mostrando seus produtos

Fonte: Acervo pessoal de Ferdnando Lima (2024). [7]

A relação entre os moradores e a feira é fortalecida pela experiência cotidiana de frequentá-la. Santos (2018) ressalta que, para muitos consumidores, ir à feira faz parte de um ritual comunitário, no qual se encontram conhecidos, compartilham histórias e mantêm uma conexão afetiva com o espaço. Esse pertencimento se manifesta na forma como os frequentadores se apropriam da feira, transformando-a em um ponto de encontro e convivência.

Nesse sentido, Pontes (2012, p. 37) observa que “a feira livre se apresenta como um lugar curioso para compreender como se dão as relações num espaço urbano específico, construído e vivido, que carrega tradições e biografias de seus habitantes cujas narrativas expressam uma memória coletiva.” Assim, a feira não apenas reflete as dinâmicas sociais da cidade, mas também contribui para a propagação da memória coletiva e reforçar o sentido de pertencimento das pessoas com o lugar.

Além disso, as feiras livres funcionam como espaços de negociação que vão além da esfera econômica, abrangendo aspectos culturais e sociais. Bonduki (2010) argumenta que esses ambientes favorecem a troca de saberes e experiências entre diferentes gerações, consolidando-

[7] Informar que as fotografias foram gentilmente concedidas por Ferdnando para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

se como espaços de resistência cultural. A informalidade e a flexibilidade das relações comerciais garantem um dinamismo difícil de ser encontrado em outros modelos de comércio. O pregão dos vendedores, a negociação espontânea e as conversas informais fazem parte do ambiente, reforçando a feira como um espaço de vivência cultural.

O cotidiano dos feirantes também evidencia essa complexidade. Durante os dias de feira, as ruas são transformadas pelas barracas e pela circulação intensa de pessoas. Santos (2018) descreve como os feirantes se apropriam desse espaço, estabelecendo vínculos sociais e alterando a paisagem urbana ao organizarem seus produtos, conversarem entre si e interagirem com os clientes. Pessoas de diferentes gêneros e idades, ao longo do dia de trabalho intenso, criam laços de pertencimento com seu local de atuação, vivenciando a feira como um espaço de sociabilidade e pertencimento.

Figura 9 - Diversidade de público observado na feira livre de Pau dos Ferros-RN.

Fonte: Acervo pessoal de Ferdnando Lima (2024).

Todos esses aspectos evidenciam que as feiras livres são, na maioria dos casos, um dos meios mais eficazes de promover a integração social em espaços públicos e o respeito pelas diferentes formas de cultura ali exercidas. Além de fornecerem bens e serviços para pessoas de diferentes perfis, elas também impulsionam outras atividades na vizinhança e na região, criando oportunidades tanto para a cidade quanto para aqueles que fazem desse comércio seu sustento (Miranda, 2009).

Dessa forma, percebe-se que as feiras livres são fruto de diversas formas de interação social, política e cultural. Dantas (2007, p. 28) explica que esse processo ocorre por meio da

“troca, como um compromisso de interesses entre os participantes, através do qual se entregam bens ou possibilidades como retribuição recíproca; e a competição, ou seja, a luta sobre os preços entre o cliente e o vendedor (...)”. Assim, a dinâmica comercial da feira não se limita ao ato de comprar e vender, mas envolve a construção de vínculos sociais que se amarram ao longo do tempo, tornando a feira como um dos ambientes urbanos de experiência de vida.

3.4.3 Feiras livres e a preservação da cultura

As feiras livres são parte do patrimônio imaterial e material das cidades, onde se preserva e perpetua práticas culturais que incluem a culinária, a arte e os sons. A comercialização de produtos artesanais e comidas típicas e não-típicas reforça as tradições seculares e a transculturação realizada mediante os processos de troca e contato culturais. Moraes (2017) ressalta que muitas feiras são palco de manifestações artísticas, como apresentações musicais e performances populares, ampliando sua importância no contexto das experiências sensoriais ali apreendidas.

Mais do que simples espaços de comércio, as feiras livres carregam um profundo significado cultural, refletindo a identidade e as subjetividades dos indivíduos que as frequentam. De acordo com Guglielmo (2005, p. 11), “toda transação vem carregada de significados nas feiras”, tornando-as em significativos portadores de identidade. A ampla variedade de produtos expostos, muitos dos quais fazem parte do cotidiano da população, reforça esse valor cultural. Com o tempo, esses espaços se consolidaram não apenas como locais de trocas comerciais, mas também como referências na formação da identidade cultural das comunidades, atraindo moradores e visitantes que encontram neles um retrato vivo da diversidade e da riqueza material e humana (Miranda, 2009).

A dimensão cultural das feiras livres se expressa na experiência de compra e venda, que ultrapassa o a dimensão econômica. O ambiente vibrante, repleto de interações sociais e marcado pelo dinamismo dos comerciantes, atrai pessoas que valorizam a troca direta e a sensação de pertencimento. Segundo Spitzer e Baum (1995, p. 31), “o ambiente intenso e com pessoas animadas atraem indivíduos que valorizam a interação com o público e apreciam o senso de comunidade dos vendedores”. Dessa forma, a feira fortalece os laços sociais e mantém viva a tradição dos mercados populares, consolidando-se como um espaço de cultura e memória coletiva.

Outro aspecto fundamental das feiras livres é a promoção e valorização das expressões artísticas. A presença de repentistas, cordelistas, músicos e grupos teatrais demonstra como

esses espaços fomentam e preservam expressões culturais, especialmente em regiões como o Nordeste brasileiro. Além dos produtos comercializados, como bonecos de barro, chapéus de couro e artesanatos locais, a oralidade e a performance artística são elementos basilares da identidade cultural das feiras (Miranda, 2009).

A música, expressões linguísticas e as festividades associadas às feiras são significativas na construção de territorialidades urbanas. A Carta de Lisboa (1995) reforça a importância de preservar esses espaços como locais de transmissão de saberes populares. Exemplos notáveis incluem feiras reconhecidas como patrimônio cultural, como a Feira de Caruaru, em Pernambuco, onde a tradição artesanal e a gastronomia regional são, por vezes, o foco de consumo de turistas e usuários.

A cultura da feira não se restringe apenas às mercadorias ou às expressões artísticas, mas também se revela na própria dinâmica do espaço e na forma como as pessoas interagem dentro dele. Desde a disposição das barracas até a maneira como os feirantes anunciam seus produtos e chamam os fregueses, tudo contribui para a construção de um ambiente impregnado de afeto, memória e vivências, que se transforma e se renova a cada edição. Como afirma Miranda (2006, p. 6), a feira é "um retrato de um povo que acolhe uma cultura orgulhosa do que tem e do que produz com seu suor, e que possui um expressivo referencial da criatividade e da cultura popular em suas raízes". Assim, a feira livre se constitui como um espaço vivo de construção cultural, no qual o comércio, a arte e a convivência social se entrelaçam, dando continuidade a um processo identitário que se refaz diariamente.

Portanto, os feirantes agenciam a transculturação dos fenômenos humanos materializados no ambiente urbano. É nesse aspecto que Barbosa (2013) frisa que os feirantes herdaram o ofício de familiares e continuam reproduzindo técnicas e saberes ancestrais. Dessa forma, a feira livre configura-se historicamente como território de memória coletiva/individual e continuidade cultural, garantindo a preservação das identidades locais e a transmissão de conhecimentos entre gerações

3.4.4 A dimensão da memória no espaço urbano

A memória é uma dimensão fundante de construção da individualidade e da coletividade, articulando-se por meio da história, das experiências pessoais, dinâmicas sociais e da relação entre corpo e território. Jacques Le Goff (1990, p. 423) define a memória como uma função psíquica que permite ao ser humano atualizar impressões e informações do passado. No entanto, para Maurice Halbwachs (1990), a memória não é apenas individual, "não se

conserva por si só, ela se reconstrói constantemente por meio da interação com os outros" (Halbwachs, 1990, p. 92).

Os mercados públicos e feiras livres são exemplos concretos da memória compartilhada. Como espaços de circulação cotidiana, eles guardam práticas reiteradas, rituais e relações que constroem laços de pertencimento. São territórios nos quais a memória coletiva se manifesta e se renova, permitindo a permanência de saberes tradicionais e expressões culturais ao longo do tempo (Halbwachs, 1990).

Outro pensador referencial ao estudo da memória é Pierre Nora (1993), cuja discussão se movimenta em torno dos "lugares de memória", espaços simbólicos onde as lembranças coletivas se cristalizam, especialmente diante do enfraquecimento da memória espontânea. Complementarmente, ele propõe a noção de "ambientes de memória", definidos por práticas cotidianas e rituais vivos que mantêm acesa a experiência histórica dos grupos sociais (Nora, 1993). Assim, os mercados e feiras podem ser compreendidos como lugares e ambientes de memória, pois reúnem saberes, corpos, falas e gestos que exprimem territorialmente.

A arquiteta e pesquisadora Juliana Michaello Dias (2021) amplia essa compreensão ao conceber as feiras populares como "territórios de persistência". Para a autora, esses espaços resistem aos processos de homogeneização urbana ao conservarem modos de vida, linguagens, técnicas e rituais que definem a experiência coletiva (Michaello, 2021). As feiras não são apenas espaços comerciais, mas verdadeiros "contraespaços", onde a memória é performada continuamente, reafirmando modos de vida e narrativas sociais silenciadas por projetos urbanos excludentes (Michaello, 2021).

Assim, a memória não é simples evocação do passado, mas processo ativo de ressignificação do presente. Ecléa Bosi (2003, p. 53) nos ensina que "a memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo". O papel da oralidade é fundamental nesse processo. Bosi (203, p. 15) reitera: "a memória do velho é um saber vivo, tecido de emoções, narrativas e silêncios", sendo os idosos os principais transmissores de valores, hábitos e conhecimentos no cotidiano das feiras. Esses saberes não são formalizados por instituições, mas difundidos por meio das relações afetivas e sociais, configurando informalidades, porém cheias de pulsão de vida, de preservação cultural (Bosi, 2003).

As feiras e mercados são lugares onde se efetivam o que Leda Maria Martins (2021) denominou de "grafias performáticas", ou seja, inscrições do saber que se realizam por meio do corpo e da voz em movimento. Segundo a autora, "toda uma plêiade de conhecimentos, dos

mais concretos aos mais abstratos, foi restituída e repassada por outras vias que não as figuradas pela escritura" (Martins, 2021, p. 23).

A memória, então, é expressão sensível de corpos e coletivos em espaços e em representações socioculturais construídas pelas pessoas. Segundo Denise Jodelet (2002), os vínculos entre os sujeitos e os lugares são mediados por práticas culturais compartilhadas, que reforçam o sentido de pertencimento. Dessa forma, mercados públicos e feiras livres constituem arenas simbólicas onde a memória se afirma continuamente por meio das interações sociais e da vivência cotidiana.

A relação entre memória e cidade é ainda mais evidente quando se observa a materialidade dos espaços urbanos. Jodelet (2002, p. 39) identifica três formas de memória urbana: (i) a memória eventual, relacionada a eventos históricos; (ii) a memória coletiva dos grupos, ligada às marcas sociais e culturais dos bairros; e (iii) a memória monumental, inscrita nas construções que evocam o passado. Tais distinções permitem compreender os mercados como lugares de sobreposição de memórias que sustentam a vida comunitária.

O geógrafo Rogério Haesbaert (2017, p. 14) acrescenta que o lugar é produtor de conexões, afetos e identidades. Quando um sujeito afirma "este é o meu lugar", ele expressa mais que uma localização geográfica: revela um vínculo simbólico e afetivo que se constrói na vivência cotidiana e nas experiências compartilhadas. Mercados e feiras, nesse sentido, tornam-se dispositivos de identidade, moldados por práticas sociais e pelas memórias ali produzidas.

A resistência cultural também se constrói por meio da memória. Ana Lúcia Oliveira, Izabel Lima e Bernardina Oliveira (2015, p. 195) defendem que "as manifestações populares devem ser disseminadas com o intuito de construir, reconstruir e ressignificar o registro da memória coletiva, suscitando uma resistência da cultura popular". Em tempos de homogeneização cultural produzida pelo consumo em massa orquestrado pela globalização, preservar essas práticas torna-se um dispositivo de resistência e afirmação identitária[8].

Nesse processo, memória e identidade não se sustentam apenas por lembrança, mas também por esquecimento seletivo, como afirma Joël Candau (2014, p. 18): "a identidade e a memória se conjugam, apoiam-se, e se nutrem, e o 'jogo da memória que vem fundar a

[8] A noção de "identidade" deve ser ponderada segundo análise antropológica e sociológica. O que pode parecer culturalmente positivo, tem se convertido, nos últimos anos, em palanque de divulgação de discursos racistas e construção de fronteiras (físicas e simbólicas). Como reflete Stuart Hall (2020), a identidade é a busca por um "homogêneo", pela unificação de fatores históricos e sociais na qual se sobressai a cultura originária do lugar. A feira, ao contrário, é o *locus* de transmissão transcultural, onde o diverso encontra pertencimento e se potencializa nas relações sociais e nos objetos ali expostos.

identidade é, necessariamente, feito de lembranças e esquecimentos’”. A memória é dinâmica, afetiva e construída socialmente.

Para entender o significado simbólico de mercados públicos e feiras livres como espaços de memória é preciso reconhecê-los como patrimônio vivo das cidades. Eles não apenas conservam práticas do passado, mas atualizam sentidos, sustentam resistências e constroem pertencimentos. Esse tema complementa as discussões anteriores sobre cultura, pertencimento e requalificação, aprofundando a compreensão desses ambientes como centros de experiência simbólica e social indispensáveis à vida urbana contemporânea.

4 ESTUDOS DE PROJETOS CORRELATOS

Este capítulo apresenta análises de projetos, executados ou não, de feiras livres e mercados públicos localizados no Brasil. Foram selecionados como estudos de casos: a Feirinha Beira-Mar (Fortaleza/CE), a proposta vencedora do 2º lugar no Concurso de Requalificação da Feira de Campina Grande (Campina Grande/PB), o Mercado de Piracuruca (PI) e o Mercadão de São Paulo (Mercado Municipal Paulistano). A escolha desses projetos foi motivada por suas características tectônicas, estéticas e programáticas, como também a busca por conforto térmico, emprego de abordagens sustentáveis, integração entre forma e função, ajuste volumétrico ao contexto urbano e, sobretudo, a atenção às intervenções que respeitam os elos sociais e territoriais preexistentes

4.1 Feirinha **b**eira-**m**ar (Fortaleza/CE)

A Feirinha da Beira-Mar, localizada na Avenida Beira-Mar em Fortaleza (CE), é um dos principais pontos turísticos da capital cearense e um marco na promoção da cultura local. Conforme informações retiradas do site "Feirinha Beira-Mar"[9], o espaço iniciou-se na década de 1980, na calçada do antigo Hotel Othon Palace (atualmente Oásis Atlântico Imperial), sob o nome Feira de Artesanato da Volta da Jurema (Feirinha Beira-Mar). Ao longo dos anos, consolidou-se como símbolo cultural da cidade, espaço de valorização do artesanato, da gastronomia regional e da identidade cultural cearense, sendo tombada como Patrimônio Cultural do Município de Fortaleza (Feirinha Beira-Mar) (feirinhadabeiramar.com).

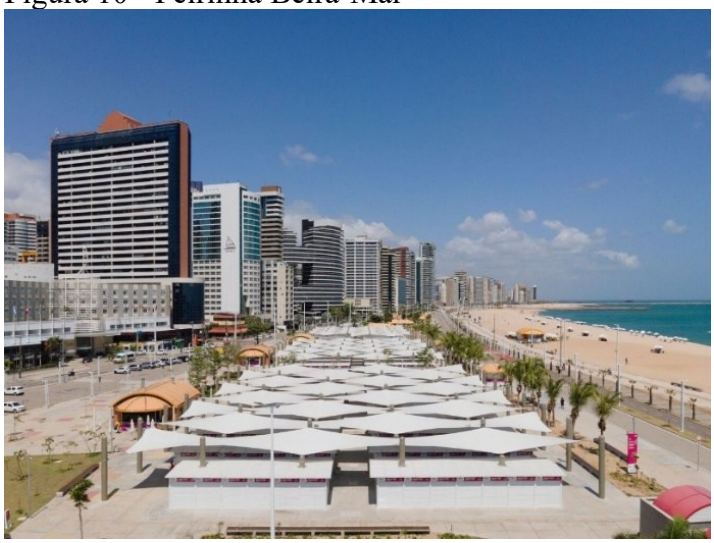
Conforme informações retiradas pelo site da Prefeitura de Fortaleza, em 2022, o local passou por processo de requalificação urbana promovido pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Infraestrutura (Seinf). A intervenção se relaciona ao projeto de reordenamento urbanístico-arquitetônico da Avenida Beira-Mar, tendo transformado a configuração espacial e funcional da feirinha, com o objetivo de melhorar a organização dos feirantes, qualificar o espaço público e ampliar o conforto dos visitantes (Prefeitura de Fortaleza).

O projeto arquitetônico foi elaborado por Marina Nottingham, com estrutura assinada pelo engenheiro Alberto Feitosa. A área de intervenção totaliza 8.405,51 m², dos quais 3.033,25 m² correspondem à área construída. A equipe técnica envolveu ainda Carlos Mauro Ponte (projeto elétrico), Emanuel Maildo (sistema de águas pluviais) e consultoria de Paulo André

[9] Ver https://www.feirinhadabeiramar.com/historia. Acesso em 25 de mai. 2025.

Barroso, Tiago Borges e Pedro Abrantes, este último também responsável pela elaboração do orçamento. A execução ficou a cargo da Seinf, com apoio da Edcon Comércio e Construções e da Formatto Coberturas Especiais (Nottingham, Archdaily, Brasil, 2023).

Figura 10 - Feirinha Beira-Mar



Fonte: Marina Nottingham – Archdaily (2023).

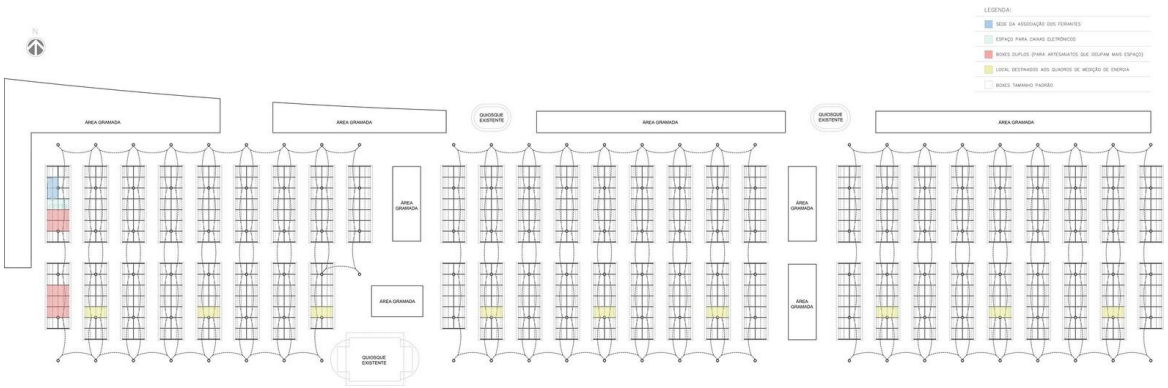
O projeto arquitetônico usou soluções que dialogam com contexto natural e citadino. Certos hábitos do litoral cearense fundamentaram as volumetrias, como as estruturas de lona tensionada, cuja forma remete às velas dos jangadeiros (Figura 10), uma referência visual e simbólica aos pescadores especialmente da praia do Mucuripe. Essa cobertura não só reforça o vínculo cultural, mas aprimora o conforto térmico e o microclima criado, permitindo o uso da feira mesmo em dias ensolarados com incidência de alta temperatura.

Figura 11 - Blocos com estruturas tensionadas

Fonte: Marina Nottingham – Archdaily (2023).

Conforme os comentários do artigo publicado no portal Archdaily[10] (2002), a estrutura é composta por 53 blocos de quiosques organizados em pares espelhados, com dimensões de 2x2 metros, como mostra a figura 11. No total, são 734 boxes: 712 destinados aos feirantes e 22 reservados para infraestrutura de apoio, como quadros de energia, sede da associação dos feirantes e caixas eletrônicos. Os quiosques possuem estrutura metálica em aço metalon, fechamentos internos com painéis de EPS e fachadas compostas por portas de enrolar (nas orientações leste/oeste) e painéis de ACM perfurado (norte/sul) (Nottingham, 2023).

Figura 12 - Implantação da Feirinha Beira-Mar



Fonte: Marina Nottingham – Archdaily (2023).

Os painéis perfurados das fachadas norte e sul exibem desenhos circulares que evocam o movimento das ondas do Atlântico (figura 12), compondo figuras dinâmicas e conectadas, variando conforme sua posição. A ornamentação é componente estético e simbólico do projeto bem ressaltado na forma. Os corredores entre os quiosques foram sombreados com 24 lonas tensionadas, presas por cabos de aço a pilares de concreto, criando sombras que permitem a permanência de feirantes e visitantes em diferentes momentos do dia (Nottingham, Archdaily, 2023).

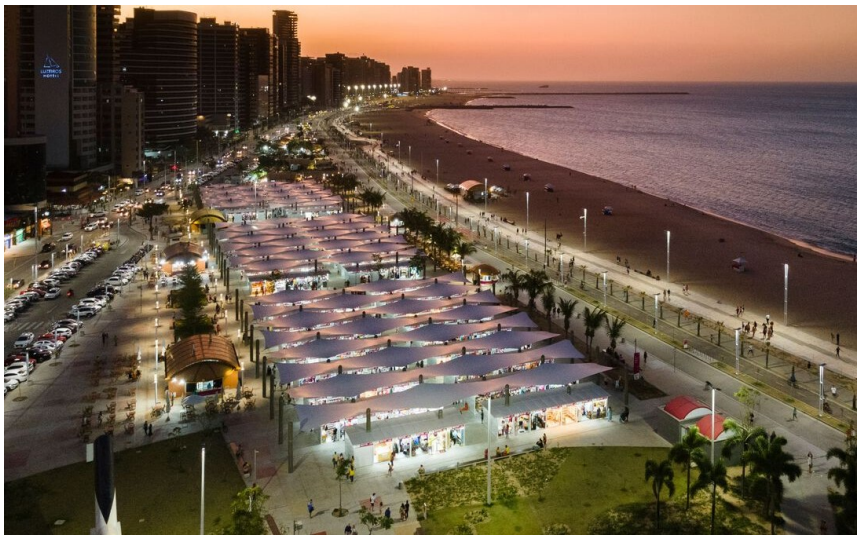
[10] Ver https://www.archdaily.com.br/br/990208/feirinha-beira-mar-marina-nottingham?ad_source=search&ad_medium=projects_tab&fbclid=PAZXh0bgNhZW0CMTEAAae8c7avL6f-JKia_WpoR2ABz57Ih6nM8Ag9V7FAWkZWDrOiNYWWcKGe7uEGGg_aem_s-btVOU-oV-UkA3rOU9d5w. Acesso em 25 mai. 2025.

Figura 13 - Quiosques da feirinha Beira-Mar

Fonte: Marina Nottingham – Archdaily (2023).

Para potencializar o efeito visual e ressignificar o espaço à noite, o projeto inclui um sistema de iluminação cênica com refletores RGB direcionados às lonas tensionadas (Figura 13). A variação de cores movimenta a volumetria num rico espetáculo visual. A sensação de movimento é acentuada pela variação na altura dos pilares das lonas, alinhados com os pilares metálicos dos quiosques dia (Nottingham, Archdaily, 2023).

Figura 14 - Vista da feirinha Beira-Mar a noite



Fonte: Marina Nottingham – Archdaily (2023).

A requalificação da Feirinha da Beira-Mar representou um avanço significativo em termos de qualidade do ambiente urbano, inclusão social, conforto ambiental, pertencimento e ordenamento da cidade. Segundo Samuel Dias, secretário da Seinf, "a qualidade do projeto, a maneira como ele foi apresentado aos permissionários, a forma como foi debatido com os comerciantes, todo o cuidado com o paisagismo no entorno, só demonstra o quanto a Prefeitura

de Fortaleza se preocupa em fazer obras que se adequem às necessidades dos beneficiados por ela" (Prefeitura de Fortaleza, 2023). O impacto positivo da obra é visível nas atividades sociais realizadas na orla. Vê-se também na melhoria do trabalho dos feirantes e na experiência dos turistas. O reconhecimento da intervenção foi além do âmbito local.

4.2 Proposta 2° lugar no **c**oncurso **r**equalificação **f**eira de Campina Grande (Campina Grande/PB)

A proposta que conquistou o segundo lugar no Concurso Público Nacional para a Requalificação da Feira Central de Campina Grande (PB) se sobressaiu em decorrência da abordagem integrada e sustentável, aliando tradição e inovação. Conforme informações retiradas do site “Concursos de Projetos”[11], o projeto apresenta soluções que respeitam a memória da feira, ao mesmo tempo em que promove a requalificação do espaço com ênfase na funcionalidade, acessibilidade e ressignificação dos aspectos sociais e econômicos da cidade (concursosdeprojeto.org). Nesse contexto, a proposta busca integrar passado, presente e futuro, adotando uma perspectiva que valoriza a ancestralidade e, em simultâneo, incorpora soluções urbanísticas contemporâneas, antecipando transformações sustentáveis e participativas.

Figura 15 - Vista do pátio

Fonte: Behance (2023).

Conforme o artigo da curadoria da arquiteta Ana Carolina Cole et al (2023), a feira livre de Campina Grande abriga uma rica diversidade de dinâmicas comerciais, sociais, culturais, artísticas e espaciais. No entanto, essas dinâmicas convivem com uma problemas de biodiversidade, o uso ineficaz de recursos naturais e a ausência de planejamento urbano

[11] Ver https://concursosdeprojeto.org. Acesso em 25 mai. 2025.

adequado. Inspirado no conceito de "Cidades Criativas" da UNESCO, o projeto visa fomentar o desenvolvimento de uma comunidade diversa e dinâmica, em que cultura, inovação e sustentabilidade estejam entrelaçadas no cotidiano da feira (Cole et al., 2023).

A proposta urbanística busca adotar medidas que tornem o ambiente acessível, possibilitando a criação de um espaço contínuo e de circulação fluida. As mudanças no piso e na reorganização do espaço urbano promovem a convivência harmoniosa entre pedestres, ciclistas, bancas, vegetação e expressões culturais, ao mesmo tempo em que se reduz significativamente a presença de automóveis. A vegetação foi uma das condicionantes diretivas do projeto, pois introduz a natureza como elemento constitutivo da vida urbana.

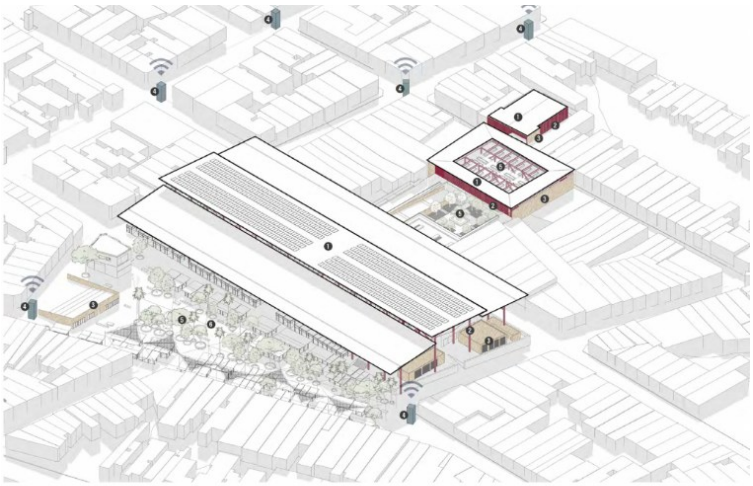
Figura 16 - Vista interna com árvores frutíferas

Fonte: Behance (2023).

Conforme as informações retiradas do site Behance[12], a escolha da materialidade segue critérios ambientais rigorosos. Os materiais empregados possuem certificação ecológica ou são oriundos de manejo sustentável e reciclável. A cortiça e o linóleo foram usados nos revestimentos internos, ambos de base biológica e biodegradáveis. A proposta também previu a reciclagem de resíduos provenientes de demolições, destinando-os à produção de novos elementos construtivos em concreto reciclado. Estruturalmente, utiliza-se madeira laminada colada e taipa de pilão, enquanto as coberturas adotam telhas trapezoidais do tipo sanduíche, conhecidas como "ecotelhado", como mostra na figura 17 (Cole et al., 2023).

[12] Ver https://www.behance.net/gallery/169191245/-Feira-Central-de-Campina-Grande-2023?locale=de_DE. Acesso em 25 de mai. 2025.

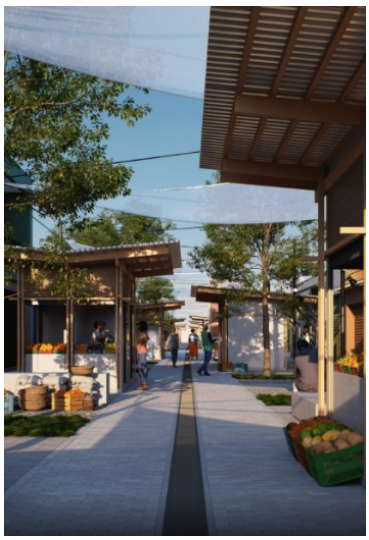
Figura 17 - Materiais utilizados



Fonte: Behance (2023).

As bancas e torres da feira realçam técnicas construtivas tradicionais em madeira, utilizando peças delgadas que garantem estabilidade, elegância e resistência. A organização espacial segue uma malha modular de 60x60cm, que permite flexibilidade e diversidade de usos dentro de uma lógica construtiva homogênea. As bancas apresentam variações formais conforme sua localização: no interior do mercado, possuem cobertura plana e leve; nas áreas externas, adotam telhados inclinados com beirais protetores. Além disso, os elementos identificadores das bancas foram texturizados e inspirados no artesanato local, cuja execução seria efetivada em parceria com os próprios artesãos (Cole et al., 2023).

Figura 18 - Vista das bancas internas e externas



Fonte: Behance (2023).

No caso das torres (Figura 19), elas funcionam como marcos urbanísticos, referência visual na paisagem urbana e objetos de integração na imagem da cidade (Lynch, 2011).

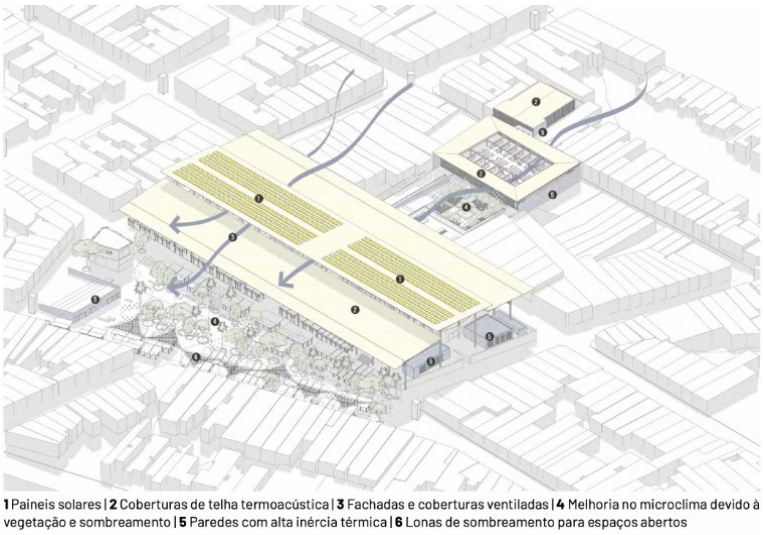
Mantendo o material das bancas, as torres funcionam abrigos da infraestrutura urbana básica: pias públicas, tomadas elétricas, placas fotovoltaicas, caixas d'água e depósitos para bancas móveis e utensílios dos feirantes (Cole et al., 2023). A proposta valoriza o conforto ambiental com o uso de áreas verdes e coberturas em lona tensionada, que promovem sombreamento e ventilação adequados a feirantes e fregueses.

Figura 19 - Torre e coberturas em lona tensionada

Fonte: Behance (2023).

De acordo com os arquitetos responsáveis pelo projeto, foram adotadas estratégias recomendadas por organismos internacionais, como o IPCC (2023) e o World Resources Institute (WRI), seguindo os critérios estabelecidos pela Agenda 2030 da ONU. Entre elas, destacam-se o uso de energia limpa e eficiente, a descarbonização das edificações por meio de materiais sustentáveis, a priorização de pedestres e modais ativos, além da implementação de práticas agrícolas urbanas e arborização frutífera (Cole et al., 2023).

Figura 20 - Implementação de práticas sustentáveis



Fonte: Behance (2023).

4.3 Mercadão de São Paulo (Mercado Municipal Paulistano)

O Mercado Municipal de São Paulo, conhecido como Mercadão, é um dos emblemáticos equipamentos urbanos da capital paulista, reunindo história, memória, arquitetura e diversidade cultural. Inaugurado em 1933, o edifício consolidou-se como um centro de abastecimento urbano e, ao longo das décadas, transformou-se em um importante ponto turístico e cultural, refletindo a multiplicidade de identidades da grande metrópole brasileira (Portal Vitruvius, 2003).

Figura 21 - Mercadão de São Paulo

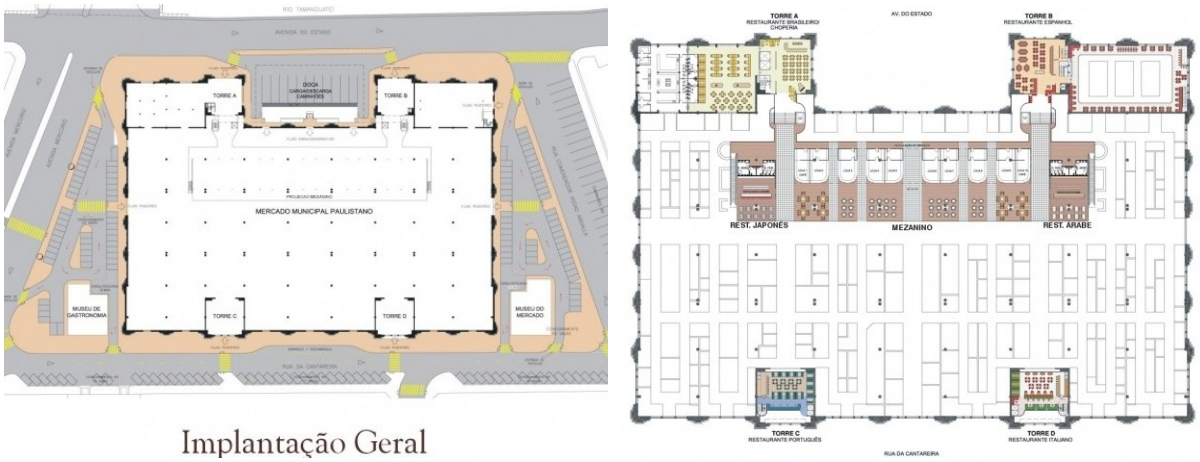
Fonte: Arte Fora do Museu (2022).

O primeiro projeto do mercado foi executado pelo arquiteto Felisberto Ranzini, com execução do Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Escritório Técnico Severo & Villares (Portal Vitruvius, 2003). Sua construção foi iniciada em 1924 e finalizada em 1933, adotando estrutura em concreto e blocos estruturais. O terreno onde se localiza possui 22.147 m², dos quais 18.601 m² são de área construída (Prefeitura de São Paulo, 2025). Sua localização estratégica, no centro histórico da capital, contribuiu significativamente para sua relevância comercial e simbólica (Portal Vitruvius, 2003).

Ao longo das décadas, o edifício passou por diversas intervenções, com destaque para a restauração coordenada, em 2004, por Pedro Paulo de Melo Saraiva, em parceria com a MLD Restauração Arquitetônica e a Secretaria de Abastecimento de São Paulo (Portal Vitruvius, 2003; Saraiva, 2003). A proposta buscou conservar o bem tombado e atualizar sua infraestrutura, respeitando as preexistências arquitetônicas e funcionais do mercado.

As adequações incluíram modernização dos sistemas elétrico, hidráulico e sanitário, acessibilidade plena, nova iluminação cenográfica e requalificação da cobertura, com substituição de mais de 6 mil telhas de vidro (Prefeitura de São Paulo, 2004). Também foram criados espaços funcionais: no subsolo, áreas técnicas e administrativas; no mezanino, restaurantes, lojas e escola de culinária; e nas torres, padarias, bares e outros estabelecimentos gastronômicos, como mostra nas imagens abaixo (Saraiva, 2003).

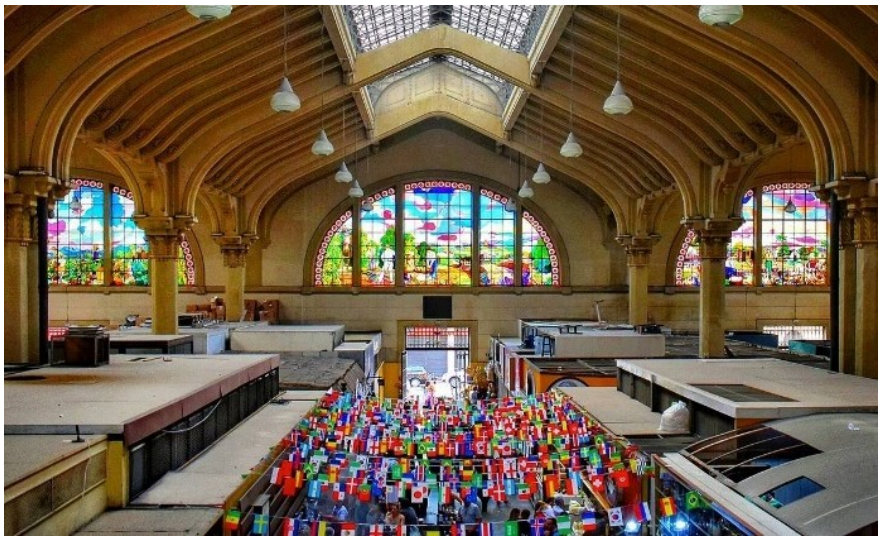
Figura 22 - Implantação das melhorias no Mercadão



Fonte: Vitruvius (2003).

Um dos principais elementos preservados foi o conjunto de vitrais criados por Conrado Sorgenicht Filho, que retratam cenas da vida rural paulista, reforçando a dimensão simbólica e identitária do edifício (Portal Vitruvius, 2003). Hoje, o Mercadão abriga 256 boxes comerciais e se mantém como um espaço multifuncional que articula tradição e modernidade, patrimônio e vitalidade urbana.

Figura 23 - Vitrais do Mercadão



Fonte: Vitruvius (2003).

4.4 Proposta 1º lugar no concurso para a requalificação do mercado público de Lages-SC

O projeto vencedor do concurso nacional para a requalificação do Mercado Público de Lages, promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de Santa Catarina (IAB-SC), foi dos escritórios Zulian Broering e Zanatta Figueiredo. A arquitetura idealizada evidencia a abordagem sensível às preexistências, aliando preservação patrimonial, inovação tecnológica e requalificação urbana, isto é, não bastava apenas intervir arquitetonicamente, mas pensar qual o efeito do projeto no cenário urbano e em sua integração com a cidade.

A intervenção preservou a edificação histórica *art déco*, com substituição pontual de esquadrias comprometidas e restauração das demais. Novos elementos foram introduzidos de forma contrastante, tanto em materialidade quanto em cor, favorecendo a interação com o espaço urbano (Baratto, Arcdaily, 2014).

Figura 24 - Mercado de Lages/SC - proposta do 1º lugar do concurso

Fonte: Romullo Baratto – Archdaily (2014).

De acordo com informações retiradas do site Archdaily[13], novos vãos foram abertos para o largo frontal à Rua Manoel da Silva Ramos, como mostra na figura 25, criando uma conexão direta com a cidade e qualificando a relação entre o espaço interno e o entorno. Portas de aço na cor bordô, estrategicamente posicionadas, foram utilizadas para reforçar a identidade visual da intervenção, reinterpretando o toldo tradicional e promovendo uma ambiência acolhedora e adequada à escala humana, ideal para o uso de mesas e cadeiras na área externa (Baratto, Arcdaily, 2014).

Figura 25- Novas aberturas para a rua

Fonte: Romullo Baratto – Archdaily (2014).

[13] Ver https://www.archdaily.com.br/br/755352/primeiro-lugar-no-concurso-para-a-requalificacao-do-mercado-publico-de-lages-sc-zulian-broering-plus-zanatta-figueiredo. Acesso em 25 de mai. 2025.

O branco foi a cor usada para restaurar o edifício preexistente, enquanto o interior se deu por meio de bloco cerâmico, contribuindo para a manutenção e promovendo atmosfera acolhedora. A cobertura original foi preservada, com adição de telhas translúcidas e forro vazado em alumínio, permitindo iluminação cênica no ambiente interno, como mostra a Figura 26.

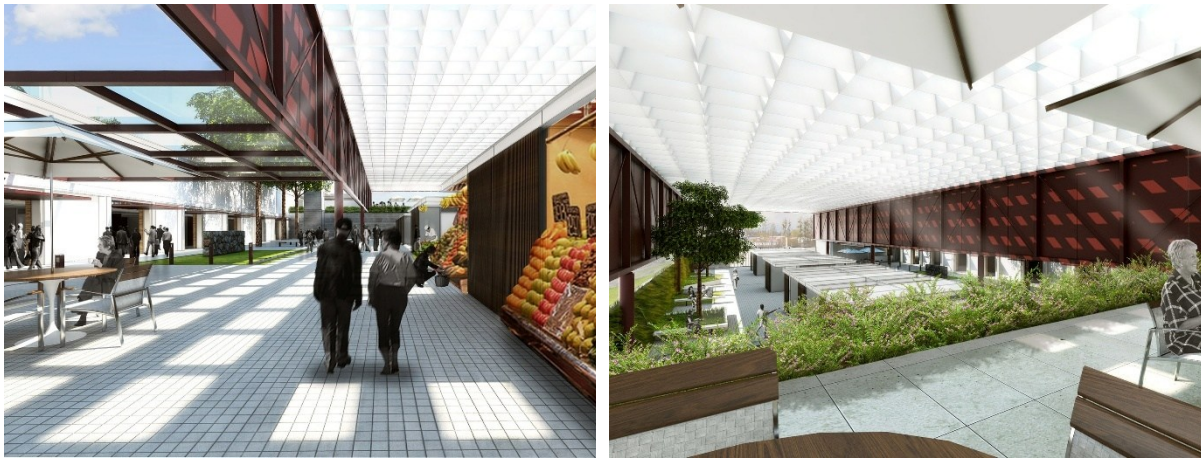
Figura 26 - Edificação histórica do mercado de Lages-SC

Fonte: Romullo Baratto – Archdaily (2014).

A nova edificação é implantada transversalmente ao volume histórico, configurando uma base em concreto aparente que organiza os setores de serviços, como docas, áreas de carga e descarga, estacionamento, circulação vertical, sanitários e boxes refrigerados. Na área externa, boxes leves inspirados em feiras livres foram dispostos sob estrutura metálica com cobertura em “V” e domos de vidro, assegurando ventilação e iluminação naturais. Ao fundo, uma parede verde e recantos definem o acesso principal (Baratto, Arcdaily, 2014).

A proposta também preserva um pátio central aberto (Figura 27), que resgata a visualidade da fachada antiga e funciona como espaço de convivência e eventos. Um dos destaques do projeto é o Monumento à Coxilha Rica, representado por um muro de pedras que remete aos antigos caminhos de tropeiros.

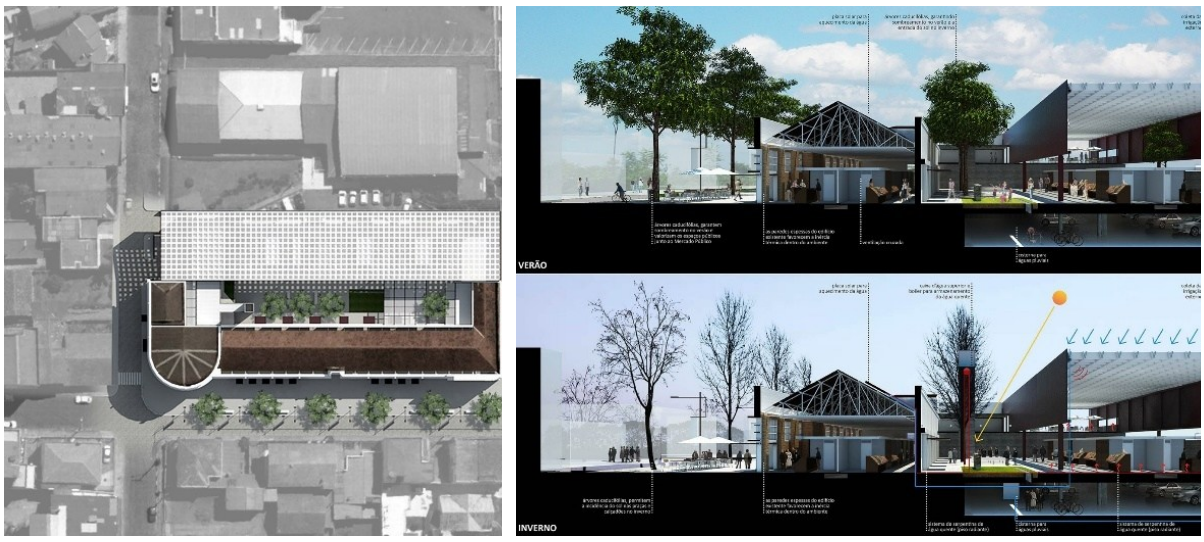
Figura 27 - Pátio central e mezanino



Fonte: Romullo Baratto – Archdaily (2014).

Conforme informações obtidas pelo site Archdaily, a conexão entre o setor abrigado e o prédio histórico se dá por meio de uma leve cobertura em estrutura metálica e vidro branco. Elementos em madeira e painéis ripados de alumínio, inspirados nos muxarabis, são utilizados nos fechamentos e reforçam a identidade regional. Os comércios e serviços implantados nas margens do mercado possibilitam o uso independente do edifício principal, ampliando sua funcionalidade mesmo fora do horário de funcionamento (Baratto, Arcdaily, 2014).

Figura 28 - Implantação do Mercado



Fonte: Romullo Baratto – Archdaily (2014).

O largo frontal foi requalificado com calçamento elevado, priorizando o pedestre. A instalação de bancos, arborização e infraestrutura técnica sob o piso cria um espaço contínuo e multifuncional, adaptável a feiras itinerantes e eventos diversos.

Por fim, o projeto adota sistemas construtivos pré-fabricados para maior eficiência e sustentabilidade, além de soluções bioclimáticas adequadas ao clima de Lages, como ventilação cruzada, aquecimento de piso com reaproveitamento de água pluvial e uso de painéis solares.

A iluminação natural é amplamente explorada, promovendo economia energética e conforto ambiental.

4.5 Quadro síntese e inspiração arquitetônico-urbanística

Com o intuito de embasar as diretrizes projetuais propostas neste trabalho, foram analisados exemplos correlatos relevantes de requalificação de mercados públicos e feiras livres em diferentes contextos urbanos brasileiros. Os estudos selecionados apresentam soluções arquitetônicas e urbanísticas que se sintonizam com a preservação da memória coletiva, a valorização das práticas culturais e a integração entre o espaço edificado e o tecido urbano. A seguir, é apresentado um quadro-síntese com os principais aspectos observados em cada projeto de referência, destacando as fontes de inspiração, elementos aplicáveis e soluções arquitetônicas adotadas.

Tabela 1 - Quadro síntese dos estudos correlatos

PROJETO	**INSPIRAÇÃO**
Feirinha Beira-Mar – Fortaleza/CE	- Integração com paisagem litorânea - Valorização do artesanato e gastronomia local - Cobertura em lona tensionada - Mobiliário urbano funcional - Organização modular de quiosques - Preocupação com aspectos climáticos
Proposta 2º Lugar – Feira de Campina Grande (PB)	- Tradições construtivas locais - Uso de materiais sustentáveis - Integração entre natureza e espaço urbano - Bancas móveis e modulares com identidade artesanal - Telhas sanduíche ecológicas (ecotelhado) - Torres multifuncionais (infraestrutura urbana)

Continua

Tabela 2 - Quadro síntese dos estudos correlatos

Mercado Municipal de São Paulo (Mercadão)	- Valorização histórica e simbólica do edifício (1933) - Representatividade da identidade paulistana - Ênfase na multifuncionalidade e turismo - Conservação de vitrais como patrimônio cultural - Mezanino para novos usos (restaurantes, escola de culinária) - Requalificação de coberturas com telhas de vidro - Acessibilidade plena e iluminação cenográfica
Proposta 1º Lugar – Mercado Público de Lages (SC)	- Preservação da pré-existência Art Déco - Reinterpretação dos toldos tradicionais - Integração visual e funcional com o entorno - Regionalidade (muxarabis, madeira, pedras locais) - Uso de espaços externos para sociabilidade - Mescla de estrutura histórica com novos volumes - Telhas translúcidas e forro vazado para iluminação - Painéis ripados e madeira como elementos identitários

Fonte: Autoria própria (2025).

5 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A caracterização da área de estudo apresentada neste capítulo busca compreender, de forma integrada, o contexto histórico, cultural e socioeconômico no qual se insere o objeto deste trabalho. Ao resgatar a trajetória do município de Desterro-PB, suas expressões culturais, a configuração do Mercado Público e da Feira Livre, pretende-se revelar os elementos que moldaram sua identidade e contribuíram para a formação de um patrimônio material e imaterial de grande relevância. Essa análise não apenas fundamenta a proposta de requalificação aqui desenvolvida, mas também evidencia como a história, a memória coletiva e as práticas cotidianas influenciam diretamente a organização do espaço urbano e a dinâmica social, conferindo significado e senso de pertencimento aos lugares.

5.1 Histórico do município de Desterro-PB

O município de Desterro está localizado no estado da Paraíba, na Região Geográfica Imediata de Patos. Em 2024, sua área territorial era de 182,018 km², posicionando-se em 128ª posição entre os 223 municípios paraibanos e 4.399ª no ranking nacional (IBGE, 2024). Com uma população de 8.067 habitantes em 2022, o município apresenta uma densidade demográfica de 44,32 habitantes por km², ocupando a 98ª posição no estado e 3.387ª no Brasil (IBGE, 2022).

Figura 29 - Imagem aérea de Desterro - PB

Fonte: Alex Costa (2015).

A ocupação inicial do sertão onde Desterro se encontra remonta ao século XIX, quando o casal Manoel dos Reis de Souza e Silvéria Maria da Conceição compraram as terras que pertenciam ao Barão de Icó, chegaram ao sítio por volta de 1845 e fixaram-se nas margens do

Rio dos Porcos, afluente do Rio Taperoá, em uma área então conhecida como Sítio Entre Rios (Soares Sobrinho[14], 2003). A presença de água (fluvial e lacustre) foi um fator determinante para a fixação dos primeiros habitantes na região e seu desenvolvimento. Sabe-se que os sertões enfrentaram severas secas na segunda metade do Oitocentos, provocando dificuldades socioeconômicas e sanitárias, agravadas, de forma mais específica, por surtos epidêmicos de cólera e febre amarela (Silva, 2020).

Diante do temor causado pela proliferação de doenças, os moradores do Sítio Entre Rios recorreram à fé, buscando alívio por meio da intercessão dos santos. Em especial, voltaram-se à devoção de Nossa Senhora do Desterro. Uma das moradoras, Dona Silvéria prometeu: caso a santa desterrasse as doenças, o "hóspede indesejado", ela ergueria um cemitério com uma singela capela em sua homenagem (Barbosa, 1981). A epidemia parou, a promessa foi cumprida, sendo construídos o cemitério e a capela dedicada à santa, cujo nome batizou a localidade. Posteriormente, nesse mesmo local foi erguida, por volta de 1925, a atual Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro (Barbosa, 1981).

No decorrer do século XX, o município passou por transformações territoriais e sociais significativas. O crescimento populacional e a fertilidade da terra impulsionaram a urbanização do povoado, elevado à categoria de distrito de Teixeira em 1911. Em 1959, Desterro se tornou município autônomo por meio da Lei Estadual nº 2.180, sendo instalado oficialmente em 8 de dezembro do mesmo ano (IBGE, 2022).

Em 1989, a Lei Estadual nº 5.168 criou o distrito de Cacimbas, que foi incorporado a Desterro. No entanto, em 1994, o distrito se emancipou, tornando-se um município independente (IBGE, 2022). A partir de sua emancipação política, Desterro experimentou um processo gradual de urbanização e crescimento demográfico. O comércio local, especialmente o Mercado Público e as feiras livres, acentuaram os fenômenos econômico e social da cidade, funcionando como os principais fatores de interações e trocas comerciais da comunidade (Soares Sobrinho, 2003).

A identidade cultural de Desterro é intrinsecamente ligada à sua história e memória, especialmente com relação à religiosidade e à preservação das tradições orais, conforme destacado por Hilton Gouvêa (2008), em seu artigo publicado no *Jornal A União*. O comércio,

[14] José Soares Sobrinho, natural de Desterro e nascido em 25 de outubro de 1950, atuou na vida política local a partir de 1972, exercendo papel relevante no cenário municipal. Além de sua trajetória política, reúne um valioso acervo pessoal composto por fotografias, recortes de jornais e registros diversos sobre a história e o desenvolvimento da cidade. A partir dessas informações, reunidas ao longo de décadas, elaborou manuscritos e artigos sobre a trajetória histórica de Desterro, que, embora não publicados em livros ou periódicos, integram seu acervo pessoal. Durante entrevista realizada para esta pesquisa, o autor cedeu cópias desses materiais para fins de referência e consulta.

em particular, continua a desempenhar um papel crucial na economia local, sendo uma das principais fontes de renda da população. A agricultura, especialmente a produção de alimentos, também continua a ser uma base importante para o sustento das famílias (IBGE, 2022).

5.2 Expressões culturais de Desterro

Como temos refletido, a cultura é uma das bases de construção da identidade e do fortalecimento do sentimento de pertencimento de um povo ao lugar. Em Desterro, esse vínculo é perceptível nos hábitos que, ao longo do tempo, moldaram o modo de vida e contribuíram para a consolidação da cultura local. Essas práticas, transmitidas entre gerações, resultam em um valioso patrimônio simbólico, que expressa a memória coletiva e as narrativas de pertencimento da população.

De acordo com Edward B. Tylor (1871), a cultura é um conjunto de saberes, valores, crenças e práticas sociais que orientam o comportamento humano e conferem sentido à vida coletiva. Com base nessa perspectiva, observa-se que a cultura de Desterro está profundamente enraizada no cotidiano dos moradores e se manifesta por meio de celebrações, expressões artísticas, ofícios e, especialmente, na feira livre, espaço de sociabilidade e resistência.

Entre as expressivas formas de cultura da cidade há as festas populares e religiosas. Dentre essas celebrações, sobressaem a Festa de Nossa Senhora do Desterro, o João Pedro e o Réveillon de Tataíra, como mostra na Figura 30. A Festa da padroeira, realizada anualmente no mês de novembro, possui grande relevância histórica e religiosa. O evento relembra a promessa feita por D. Silvéria à santa. É o momento de alvoradas, queima de fogos, carreata com a imagem da padroeira peregrina, bênçãos aos motoristas e o tradicional hasteamento da bandeira na Igreja Matriz, seguido de apresentações de forró. Trata-se de uma celebração que une religiosidade e confraternização, qualificando o calendário e a memória afetiva dos habitantes.

Figura 30 - Festas Populares da Cidade

Fonte: Instagram da Pascon e Prefeitura de Desterro (2023).

O João Pedro é uma festividade junina fora de época, realizada no mês de julho. Esse evento atrai artistas locais, regionais e nacionais, e reafirma os elementos característicos do ciclo junino nordestino, como o forró, as comidas derivadas do milho e a valorização das tradições rurais. Já o Réveillon de Tataíra, promovido no fim do ano, celebra a virada com apresentações culturais e shows musicais.

Figura 31 - São João no Alto e João Pedro em Desterro.

Fonte: Prefeitura de Desterro (2024).

Além dessas festividades, persistem em algumas comunidades rurais os tradicionais "São Joãos de sítio", como os dos povoados de Poço do João e Panasco, que contam com apresentações de quadrilha, artistas locais e comidas típicas, como mostra a imagem abaixo.

Figura 32 - Apresentação da quadrilha Zuza Teles no São João do Sítio Panasco.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

A produção cultural de Desterro também ocorre por meio dos saberes e fazeres tradicionais. No artesanato, identificamos a confecção de panelas, filtros e potes de barro pelas mulheres do sítio Pedra Atravessada. Segundo relatos locais, essa prática foi iniciada há várias décadas, sendo transmitida entre gerações. No entanto, fatores diversos contribuíram para a sua redução, tornando-a rara. A marcenaria ocupou lugar de relevo na cultura material da cidade, com a fabricação artesanal de móveis em madeira, como cadeiras, mesas, camas e bancos, cujas técnicas eram ensinadas de pai para filho. Com o passar dos anos, parte desse saber foi se perdendo, embora ainda existam marceneiros na cidade, os quais, em sua maioria, não utilizam os mesmos materiais nem os saberes construídos na história.

No campo da música, Desterro abriga grupos e bandas locais de diferentes gêneros, como forró, pagode e até grupos de poetas e sanfoneiros, que enriquecem o cenário artístico e mantêm viva a influência da cultura local. A oralidade, elemento-chave da tradição popular, é performada nas narrativas, nas cantorias e nos causos contados entre gerações; inclusive a feira é palco de sua expressão no contexto urbano.

A feira livre, espaço central no cotidiano de Desterro, constitui importante cenário de resistência cultural e de reafirmação da memória coletiva. Mais do que um espaço de troca comercial, a feira representa um ambiente de sociabilidade, oralidade e preservação dos costumes. Um exemplo simbólico dessa dimensão cultural foi o São João na Roça, festa junina realizada no mercado público, inicialmente no antigo prédio e, posteriormente, no atual edifício, objeto deste trabalho de conclusão de curso. Essa celebração, lembrada com afeto pelos feirantes entrevistados, foi sendo esquecida ao longo dos anos, refletindo a ausência de políticas públicas consistentes de preservação de hábitos culturais herdados de tempos antigos.

Infelizmente, assim como o São João na Roça, outros eventos e práticas tradicionais foram se extinguindo com o tempo. Essa perda está associada, em grande medida, à falta de investimento do poder público e à ausência de iniciativas efetivas por parte da Secretaria de Cultura, comprometendo a continuidade e a valorização dessas expressões culturais que compõem a memória viva da cidade.

Dessa forma, é possível afirmar que conhecer e valorizar as manifestações culturais, tanto as que ainda persistem quanto as que já desapareceram, é fundamental para reconhecer a cultura como um agente transformador do espaço urbano e da vida em sociedade. Parte dessas expressões tem raízes em influências externas, enquanto outras são genuinamente locais, mas todas carregam significados profundos e contribuem para a construção de uma cidade mais inclusiva, com base na memória, na identidade e na participação social.

5.3 Caracterização do Mercado Público e Feira Livre de Desterro-PB

A feira livre e o mercado público de Desterro constituem importantes centros de dinamismo econômico e sociocultural, marcados por práticas tradicionais, memórias coletivas e significados simbólicos. Esses espaços são depositários de saberes e modos de vida que atravessam gerações, funcionando como território de pertencimento e resistência (Michaello Dias, 2020).

Segundo relatos de moradores locais, a feira existe desde os primórdios da ocupação do território, ainda quando Desterro era conhecido como Sítio Entre Rios. Sua origem está vinculada à presença de uma nascente de água, fator que favorecia o encontro de comerciantes de diversas localidades às margens do Rio dos Porcos, para a venda, troca e compra de mercadorias. Inicialmente, a feira era voltada para a comercialização de gado, prática que remonta à década de 1870, quando produtores deixavam os animais pastando à beira do rio enquanto realizavam suas negociações (Soares Sobrinho[15], 2003).

Com o tempo, a feira se consolidou como espaço plural, ampliando sua oferta de produtos: algodão, mamona, agave (utilizado na fabricação de sisal), frutas e hortaliças de diversas origens geográficas, e utensílios produzidos por pequenos agricultores e artesãos. Esse crescimento refletiu a urbanização da cidade, fortalecendo o vínculo entre espaço urbano e práticas sociais.

---

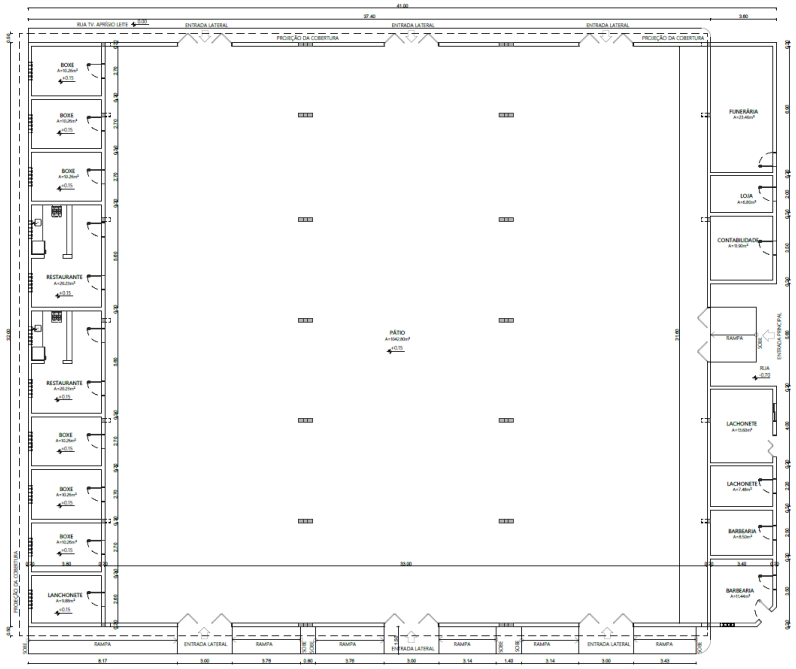
[15] Entrevista com José Soares Sobrinho, realizada em Desterro-PB, no dia 24 de janeiro de 2025. Algumas informações foram obtidas por meio de documentos não publicados, pertencentes ao acervo pessoal do entrevistado.

Diante da expansão da feira e da necessidade de organizar o comércio, foi construído, por volta de 1940, um mercado público sob a gestão do então prefeito de Teixeira, Caetano Dantas, período em que Desterro ainda era uma povoação dependente administrativamente deste município (Soares Sobrinho, 2003). Conforme o relato e arquivos pessoais do Sr. José Soares Sobrinho, produtos como verduras, roupas, alimentos e artesanato passaram a ser comercializados nesse novo espaço, que abrigava feirantes oriundos de Patos, Teixeira, Taperoá, Itapetim, Cacimbas e outras cidades da região. O destaque econômico da feira se dava pela alta demanda de produtos como o algodão, a mamona e o agave, matérias-primas de grande importância regional.

Além da função econômica, o mercado era ambiente de encontro comunitário, onde eram realizados eventos e festas. Não por acaso, passou a ser conhecido como “Mercanclube”, já que à noite, após a movimentação comercial, as barracas eram afastadas para dar lugar ao forró, fortalecendo o vínculo afetivo da população com o espaço.

Com a emancipação política de Desterro, em 1959, o prefeito Bernardo Jucá Júnior construiu um novo mercado público em 1970, localizado na rua atrás do antigo (Soares Sobrinho, 2003). A feira, então, foi transferida para o espaço em frente ao novo edifício, onde permanece até os dias atuais. Posteriormente, em 1979, a estrutura foi ampliada na gestão do prefeito João Leite de Almeida, consolidando a configuração atual do mercado, como mostra na Figura 33 (Prefeitura de Desterro).

Figura 33 – Estado atual e fachada principal do mercado publico



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Diversas famílias migraram para Desterro, atraídas pelo vigor da feira, e estabeleceram-se na cidade a partir do comércio. Muitos iniciaram suas atividades com pequenas barracas, que ao longo dos anos foram passadas de pais para filhos, perpetuando os laços entre geração, ofício e território. Esse processo revela a feira como um espaço de memória viva, no sentido dado por Ecléa Bosi (2003), onde as experiências são transmitidas oralmente e incorporadas no cotidiano das práticas sociais.

Figura 34 - Produtos expostos na feira livre de Desterro

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Contudo, atualmente o mercado público enfrenta sérios problemas estruturais que comprometem sua funcionalidade e estética, afetando diretamente a comercialização de produtos e as trocas culturais. A falta de manutenção provocou a evasão de comerciantes, restando apenas cerca de dez barracas ativas, com variedade restrita de produtos, como comidas, doces, vestuário e serviços de conserto.

Figura 35 - Interior do mercado publico

Fonte: Acervo pessoal (2025).

A feira, por seu turno, continua sendo realizada na rua diante do mercado, mantendo-se como espaço de sociabilidade e efetivação da vida urbana. Ainda assim, enfrenta sérios desafios relacionados à organização espacial e à ausência de fiscalização. As barracas se dispersam por diversas ruas, sem layout funcional, dificultando o movimento de pessoas e comprometendo a segurança, sobretudo pela presença de veículos durante o horário de funcionamento.

Figura 36 - Feira livre de Desterro

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Segundo relato de um feirante entrevistado, as goteiras no teto do mercado em dias chuvosos chegam a alagar o espaço, o que ironicamente o fez comentar: “no dia que chove, isso aqui vira um açude, de tanta goteira que tem”. Devido à precária condição material do ambiente,

muitos vendedores passaram a utilizá-lo apenas como estacionamento, como mostra na imagem abaixo, o que reforça a urgência de intervenções estruturais e políticas públicas adequadas.

Figura 37 - Interior do mercado publico

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Apesar da diminuição do público, da variedade de produtos e do número de barracas afetados pelas mudanças nas formas de consumo e pela concorrência de redes varejistas, a feira de Desterro persiste como espaço de resistência e produção cultural. Conforme Juliana Michaello Dias (2020), as feiras populares se reinventam frente às transformações socioeconômicas, mantendo-se vivas suas formas tradicionais de organização e sociabilidade.

Figura 38 - Feira livre de Desterro

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Com o tempo, diversas práticas tradicionais foram se perdendo. Produtos como potes e filtros de barro, bem como móveis de madeira, deixaram de ser comercializados com frequência. No mercado, pratos típicos como buchada, rabada, galinha de capoeira, além do

famoso pão com doce, também foram se tornando raros. Muitos moradores ainda associam sua ida à feira ao prazer de consumir esses alimentos, reforçando o papel afetivo e simbólico do espaço, o que nos remete à concepção de "lugares de memória" de Pierre Nora (1984), que afirma que determinados espaços, mesmo em ruínas, continuam a evocar pertencimento e identidade coletiva.

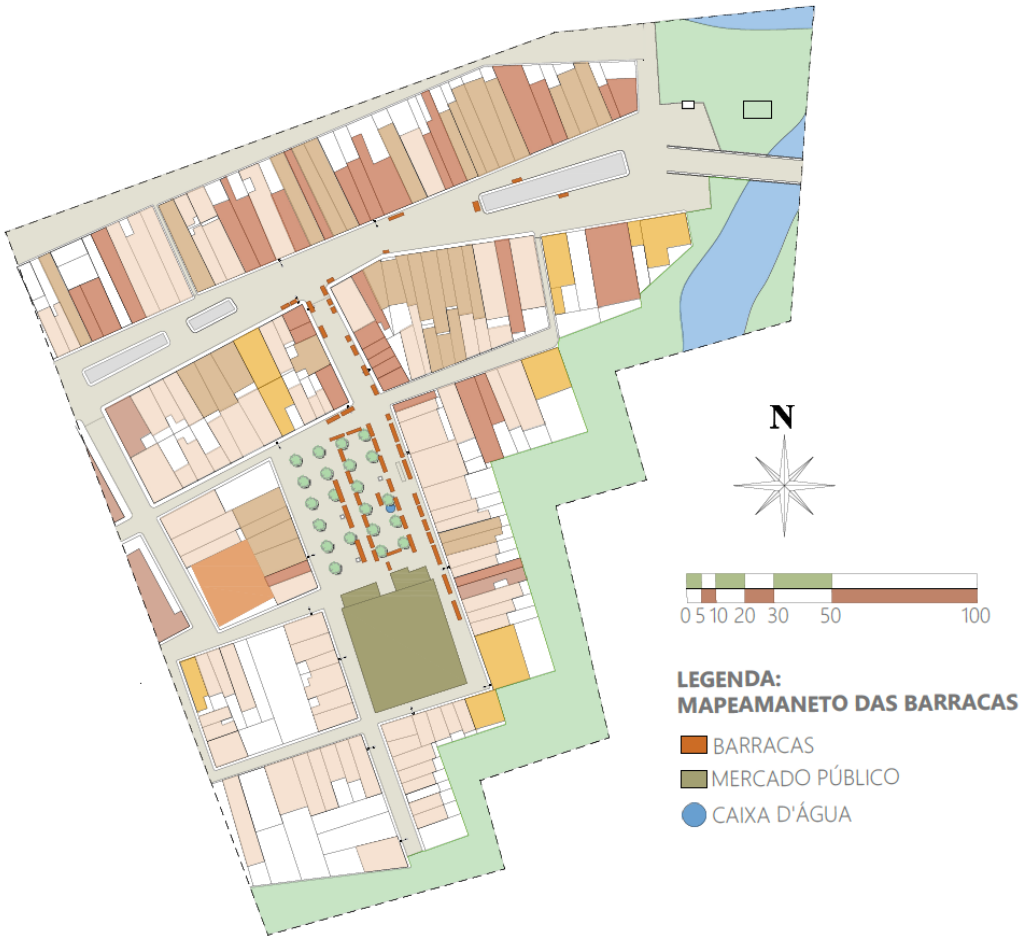
Figura 39 - Restaurantes e lanchonetes no interior do mercado

Fonte: Acervo pessoal (2025).

A feira, que antes durava o dia inteiro e era animada por sanfoneiros e bandas locais, hoje encerra mais cedo, com menor presença de público e feirantes. No entanto, permanece viva na memória daqueles que vivenciaram sua plenitude e que ainda veem nela um espaço de encontros, trocas e resistência frente à homogeneização cultural imposta pelas lógicas do mercado contemporâneo (Haesbaert, 2004).

A figura 40 ilustra a disposição atual das barracas e a organização espacial da feira, que conta atualmente com 50 barracas. Mesmo diante de tantas adversidades, a feira de Desterro segue como um dos maiores eventos comerciais da região, com significativo fluxo de visitantes e potencial de crescimento. O reconhecimento de seu simbolismo e metáfora, aliado a políticas de valorização e preservação, pode restaurar seu protagonismo enquanto espaço de memória e transculturalidade.

Figura 40 - Mapeamento das barracas presentes na feira



Fonte: Autoria própria (2025).

A partir da elaboração do mapeamento das barracas, torna-se possível compreender a forma como ocorre a distribuição espacial das unidades de venda ao longo da feira. A "cartografia das barracas" chama a atenção para a importância como agente dinamizador do tecido urbano e das relações sociais. A feira ocupa a cidade com cores, sons, aromas e sabores, contribuindo para a urdidura do pertencimento entre as pessoas que ali convivem

Conforme observa Juliana Michaello (2020), as feiras livres apresentam uma lógica organizacional própria, na qual os/as feirantes realizam a setorização com base nos tipos de produtos comercializados. Essa organização interna deve ser celebrada, uma vez que cada feira possui uma configuração específica modelada por fenômenos socioculturais diversos:

> As lógicas ordenadoras passam pela afinidade dos produtos (verduras próximas aos peixes, por exemplo, podem parecer deslocadas, mas não o são ao compreender que quem faz uma peixada precisa de pimentões, coentro ou tomate); pela proximidade com os espaços de abastecimento e armazenamento (como é o caso das carnes, que necessitam de

> refrigeração); e principalmente pela relação com a passagem de compradores. (Michaello, 2020, p. 6).

Na esteira das reflexões da autora, a distribuição dos produtos na feira de Desterro apresenta a setorizações que seguem os esquemas e a afinidade das mercadorias. Entretanto, há diversificação na exposição. As primeiras barracas são compostas por verduras, legumes, frutas e temperos ofertados pelo mesmo feirante, como é possível observar na imagem a seguir (Figura 41).

Figura 41 - Exposição de frutas, verduras e temperos na entrada da feira.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Em continuidade, encontram-se barracas voltadas à venda de utensílios domésticos, como objetos de plástico, panelas, baldes e outros itens, que se posicionam ao lado das de alimentos, compondo uma paisagem diversificada de produtos (Figura 42). Esse sortimento se mantém nas barracas subsequentes, com frutas dispostas próximas a feijão, batata-doce e produtos artesanais, demonstrando a fragilidade de uma setorização rígida (Figura 43).

Figura 42 - Barraca frutas e utensílios domésticos (baldes, panelas, plásticos).

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 43 - Barracas com exposição variada de frutas, tubérculos e artesanato.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

O vestuário é o único segmento de venda que apresenta função definida. Há uma área da feira destinada exclusivamente às barracas de roupas, com peças de diferentes tipos, cores e tamanhos (Figura 44).

Figura 44 - Conjunto de barracas de roupas organizadas em um setor específico.

Fonte: Acervo pessoal (2025).

As demais barracas mantêm a diversidade na exposição dos objetos de venda, evidenciando a sobreposição de categorias. Existem, por exemplo, temperos dispostos ao lado de frutas e verduras, vestuário próximo a produtos de limpeza, e produtos organizados em caixotes, sacos ou pendurados nas próprias estruturas das barracas.

Figura 45 - Barracas com exposição variada de produtos

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Mais do que um espaço de compra e venda, a feira de Desterro desenha-se como um ambiente de sociabilidade, experiência corporal, memória e tradição. Fregueses interagem entre si e com os feirantes, vendedores anunciam seus produtos de maneiras diversas, reencontros entre conhecidos ocorrem naturalmente, e crianças iniciam a construção de suas memórias

afetivas. Nos encontros e desencontros semanais, arquitetam-se e preservam-se memórias e práticas culturais que atravessam gerações.

Figura 46 - Barracas com produtos diversos, expostos em caixas e pendurados

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Essa diversidade e organização criativa são as dimensões sensíveis que caracterizam a Feira Livre de Desterro como um território de forte valor simbólico. Sua importância vai além da economia local, promovendo a resistência cultural, mediante a qual costumes, saberes e modos de vida da população desterrense são continuamente celebrados.

6 ANÁLISES URBANAS

6.1 Aspectos bioclimáticos

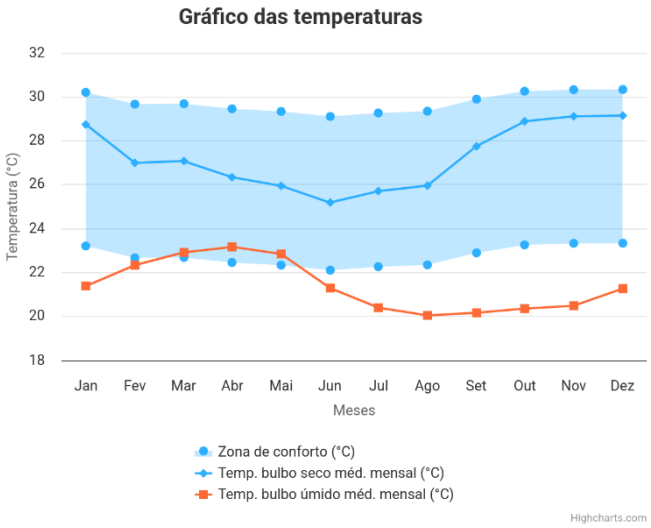
A consideração dos elementos climáticos no planejamento urbano é fundamental para a criação de espaços que favoreçam o conforto ambiental, promovam o bem-estar da população e contribuam para a qualidade de vida. Entre os fatores mais relevantes para o conforto térmico estão a temperatura, a umidade relativa do ar, a incidência solar e os padrões de ventilação predominantes. A análise integrada desses elementos permite o desenvolvimento de ambientes urbanos mais funcionais, sustentáveis e energeticamente eficientes.

Com o intuito de subsidiar tais análises, foi consultada a plataforma ProjetEEE, desenvolvida pelo Laboratório de Eficiência Energética da Universidade Federal de Santa Catarina (LabEEE/UFSC). Contudo, não foram encontradas informações climáticas específicas para o município de Desterro-PB. Diante disso, adotaram-se os dados climáticos da cidade de Patos-PB, localizada a aproximadamente 53,5 km de distância e com características ambientais similares. A partir dessa base de dados, foram examinados parâmetros como temperatura média anual, índices de radiação solar, regime de chuvas, umidade relativa, carta solar e rosa dos ventos. Tais elementos são essenciais para orientar estratégias projetuais e adequações ambientais, permitindo propor soluções adaptadas à realidade climática regional.

O gráfico de temperaturas médias mensais (Figura 47) apresenta os valores máximos, mínimos e a faixa de conforto térmico ao longo do ano. Os dados de temperatura de bulbo seco indicam que o maior valor ocorre em dezembro, com 29,15 °C, enquanto o menor é registrado em junho, com 25,19 °C. Verifica-se uma tendência de elevação gradual das temperaturas entre agosto e novembro. Já entre dezembro e julho, as variações são mais irregulares, com alternância entre elevações e quedas. Apesar dessas oscilações, todas as temperaturas de bulbo seco mantêm-se dentro da faixa de conforto térmico.

Em relação à temperatura de bulbo úmido, observa-se um valor máximo de 23,17 °C no mês de abril e mínimo de 20,05 °C em agosto. Há um aumento progressivo dessa variável entre janeiro e maio, seguido por um declínio entre junho e agosto. Diferentemente do bulbo seco, a temperatura de bulbo úmido permanece, em grande parte do ano, fora da faixa de conforto, o que pode indicar maior sensação de desconforto térmico, sobretudo em períodos com elevada umidade ou baixa ventilação.

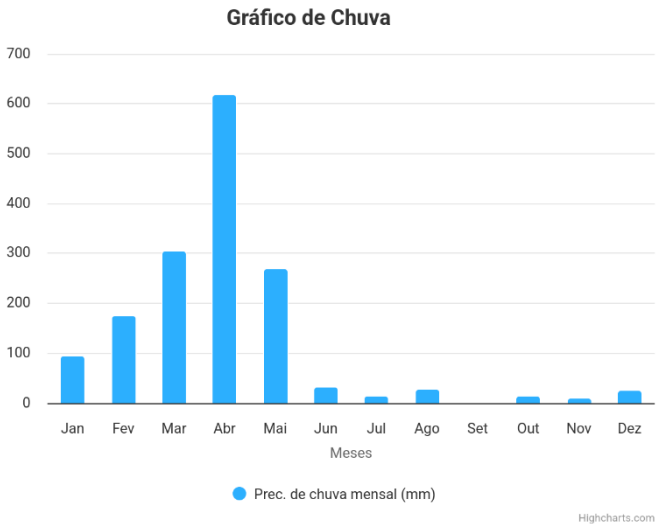
Figura 47 - Gráfico das temperaturas



Fonte: ProjetEEE (2016).

O gráfico de precipitação mensal (Figura 48) revela o comportamento do regime pluviométrico na região. O maior índice de precipitação ocorre no mês de abril, com um total de 618 mm, enquanto o mês de setembro apresenta ausência de chuvas (0 mm). Nota-se que, a partir de abril, os volumes pluviométricos diminuem gradativamente, mantendo-se entre os mais baixos do ano até novembro. Essa distribuição evidencia um regime climático fortemente sazonal, com chuvas concentradas no primeiro semestre e prolongado período seco no segundo.

Figura 48 - Gráfico de chuvas

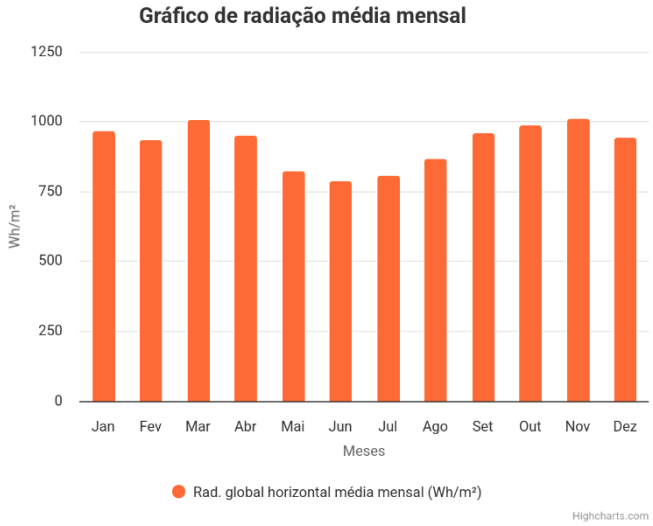


Fonte: ProjetEEE (2016).

A análise da radiação solar média mensal (Figura 49) permite compreender as variações e tendências ao longo do ano. Entender a trajetória solar é crucial para a aplicação de estratégias passivas, como sombreamento, uso de materiais isolantes e definição das proporções

construtivas. De acordo com os dados analisados, o mês de maior incidência de radiação solar é novembro, com aproximadamente 1.010,57 Wh/m², enquanto o menor valor é registrado em junho, com cerca de 789,9 Wh/m². Observa-se uma redução da radiação entre os meses de maio e julho, seguida por um aumento gradual a partir de agosto. As variações mensais são relativamente suaves, sem alterações abruptas, o que permite o planejamento eficiente de estratégias de aproveitamento ou proteção solar ao longo do ano.

Figura 49 - Gráfico de radiação média mensal



Fonte: ProjetEEE (2016).

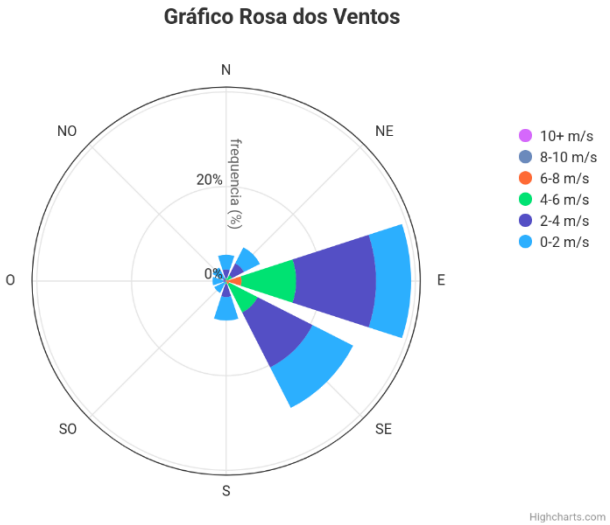
Em relação à umidade relativa do ar, o gráfico correspondente (Figura 50) indica que o maior índice ocorre em maio, com 77,99%, após um aumento progressivo entre janeiro e abril. A partir de maio, os valores caem de forma gradual, mas acentuada, atingindo o ponto mais baixo em novembro, com 47,37%. Essa oscilação reflete diretamente a influência do regime de chuvas sobre a umidade relativa e, consequentemente, sobre as condições de conforto ambiental.

Figura 50 - Gráfico de umidade relativa

Fonte: ProjetEEE (2016).

O gráfico da rosa dos ventos (Figura 51) ilustra visualmente a distribuição, frequência e velocidade dos ventos ao longo do ano. Na região analisada, os ventos predominantes provêm do Leste, configurando a principal direção das massas de ar. Também se observam ventos oriundos do Sudeste, embora com menor intensidade e frequência. A consideração dessas informações é essencial na elaboração de projetos arquitetônicos e urbanos, especialmente na definição de estratégias de ventilação natural, conforto térmico e posicionamento adequado de aberturas e elementos construtivos.

Figura 51 - Gráfico rosa dos ventos

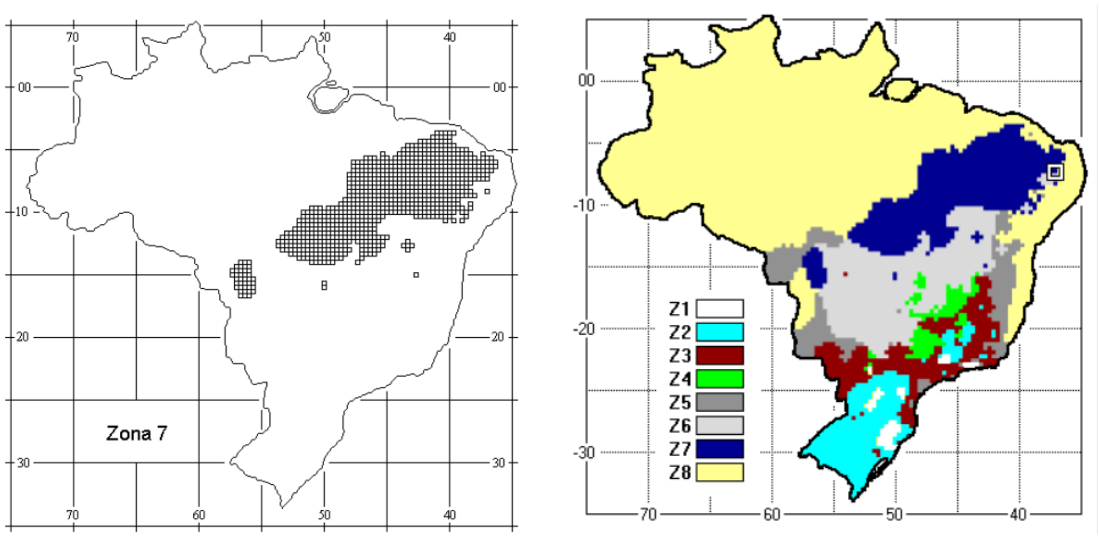


Fonte: ProjetEEE (2016).

A Norma Brasileira NBR 15220-3 (ABNT, 2005) estabelece diretrizes para a adequação das edificações ao clima, com ênfase especial nas habitações de interesse social.

Entre os seus principais objetivos está a promoção da eficiência energética por meio de estratégias construtivas adaptadas às diferentes zonas bioclimáticas do território nacional. De acordo com esse zoneamento, o município em estudo está inserido na Zona Bioclimática 7, conforme indicado na Figura 52.

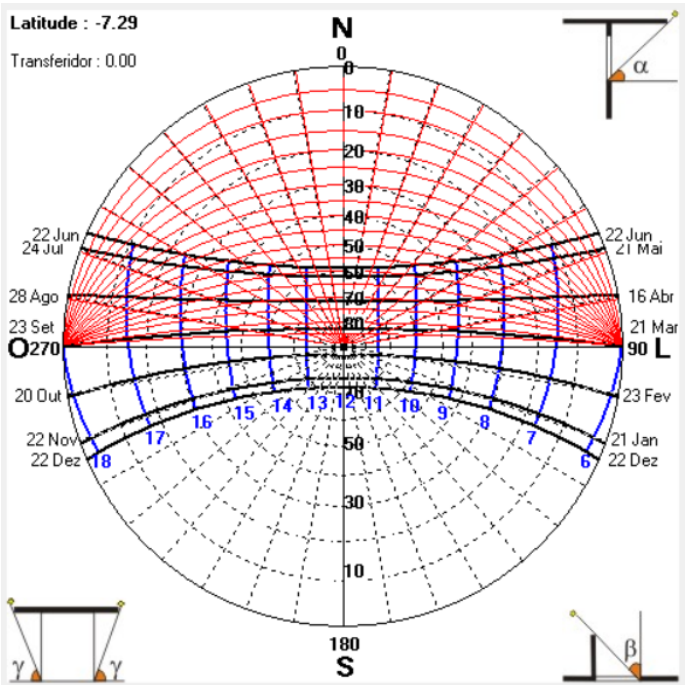
Figura 52 - Zonas Bioclimáticas do Brasil



Fonte: NBR 15220-3 (2005).

Por meio do software SOL-AR, e com base nas coordenadas geográficas de latitude -7.29083 e longitude -37.0939, foi elaborada uma representação gráfica da trajetória aparente do sol no município de Desterro-PB. Essa simulação, apresentada na Figura 53, permite compreender a incidência solar ao longo do ano, sendo uma ferramenta fundamental para subsidiar decisões projetuais relacionadas ao conforto ambiental, posicionamento de aberturas, sombreamento e aproveitamento da iluminação natural.

Figura 53 - Carta solar de Desterro - PB



Fonte: Sol-AR (2025).

6.2 Aspectos legais

O embasamento legal para o planejamento minucioso e a execução criteriosa do projeto abarca diferentes esferas governamentais, refletindo o comprometimento com a conformidade legal e o respeito às normativas. Este tópico engloba a contextualização das leis de uso e ocupação do solo, destacando, especialmente, o Planos Diretor, Código de Urbanismo e Obras de Patos-PB e a NBR 3 9050/2020.

Neste contexto, destaca-se a Lei nº 3.503, de 06 de outubro de 2006, que institui o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado do Município de Patos. Essa lei representa o principal instrumento norteador da política urbana local, estabelecendo diretrizes para o ordenamento do território e para a gestão integrada dos espaços urbanos e rurais. De acordo com o artigo 1º, o Plano Diretor configura-se como uma ferramenta básica e estratégica, cujo principal objetivo é orientar a ação conjunta do poder público e da iniciativa privada, visando à melhoria da qualidade de vida da população (Patos, Lei nº 3.503, 2006, p. 01).

Entretanto, observa-se que o referido Plano Diretor apresenta, de forma geral, apenas os princípios, diretrizes e objetivos para o desenvolvimento do município, sem detalhar os parâmetros técnicos e normativos. Para isso, o §1º do mesmo artigo estabelece que tais definições são aprofundadas em legislações específicas e complementares, descritas como instrumentos de planejamento urbano. São elas: a) Código de Uso e Ocupação do Solo Urbano

e Rural; b) Código de Urbanismo; c) Código de Edificações; d) Código de Posturas; e) Código do Meio Ambiente (Patos, Lei n° 3.503, 2006, p. 03).

Entre essas legislações complementares, o Código de Urbanismo e Obras, estabelecido pela Lei nº 1.247, de 1979, foi consultado por estabelecer as diretrizes urbanísticas necessárias. Esse código tem como finalidade disciplinar a organização do espaço urbano, regulamentando aspectos relativos às construções com vistas a garantir condições adequadas de habitação, circulação, trabalho e lazer, em harmonia com a preservação de locais paisagísticos e edificações de valor histórico e/ou cultural (Patos, Lei nº 1.247, 1979, p. 04).

Dessa forma, procedeu-se à análise dos índices urbanísticos definidos na legislação municipal. No que se refere a centros comerciais, as normas definem parâmetros específicos. Nesses casos, os compartimentos destinados a comércio e escritórios devem ser distribuídos por pavimentos distintos, observando-se os pés-direitos mínimos de 3,50 metros para áreas comerciais. Ademais, não é permitida a implantação de rampas com declividade superior a 12%.

Com o intuito de sistematizar essas informações e facilitar a consulta aos principais parâmetros técnicos, apresenta-se a seguir uma tabela com os índices urbanísticos mínimos exigidos:

Tabela 3 - Índices urbanos

ÍNDICES URBANOS	DIRETRIZES ESTABELECIDAS
Circulação de corredores	1,60 m
Largura das escadas	1,10 m
Pé direito	3,50 m
Rampas inclinação	12%

Fonte: Autoria própria (2025).

6.3 Diretrizes de Acessibilidade

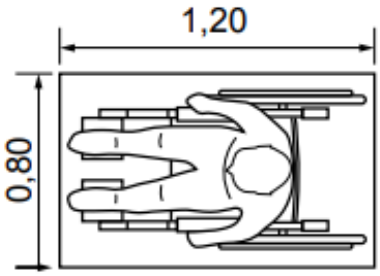
A NBR 9050/2020, intitulada *Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos*, estabelece diretrizes e critérios técnicos voltados à promoção da inclusão e acessibilidade de pessoas com diferentes corpos e existências. Ao regulamentar aspectos de acessibilidade em diversos contextos urbanos, essa norma garante a igualdade de oportunidades e o pleno exercício da cidadania, sendo, portanto, indispensável em projetos de requalificação de espaços públicos centrados na inclusão e direito à cidade (Lefebvre, 2008).

No contexto do presente projeto, a aplicação das recomendações da NBR 9050 é capital. A norma fornece soluções projetuais específicas que devem ser consideradas no

desenvolvimento de propostas arquitetônicas acessíveis, incluindo orientações sobre as larguras mínimas das áreas de circulação, inclinações máximas de rampas, tipos de pisos, e a definição de rotas acessíveis.

A Figura 54 apresenta um módulo de referência para o deslocamento de pessoas em cadeiras de rodas, motorizadas ou não, cuja projeção no piso é de 0,80 m por 1,20 m. Esse módulo representa o espaço mínimo necessário para garantir a movimentação segura e confortável de cadeirantes em deslocamentos lineares.

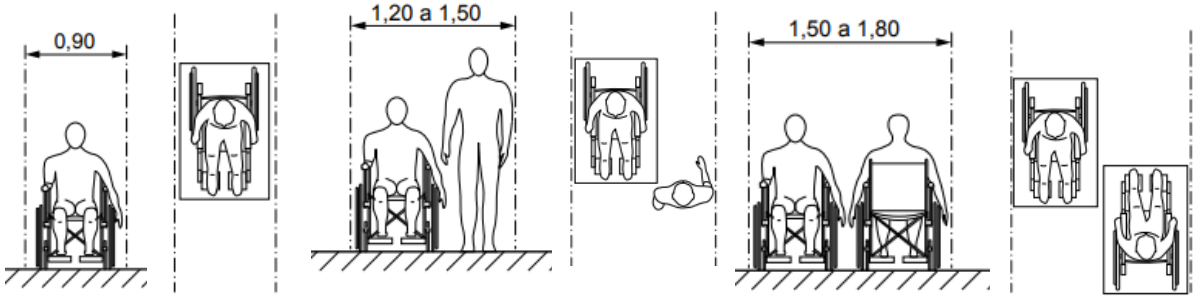
Figura 54 - Módulo de referência



Fonte: NBR 9050/2020

A partir desse módulo, podem-se definir as diversas possibilidades de trajeto e manobra em ambientes urbanos ou edificados, conforme ilustrado na Figura 55.

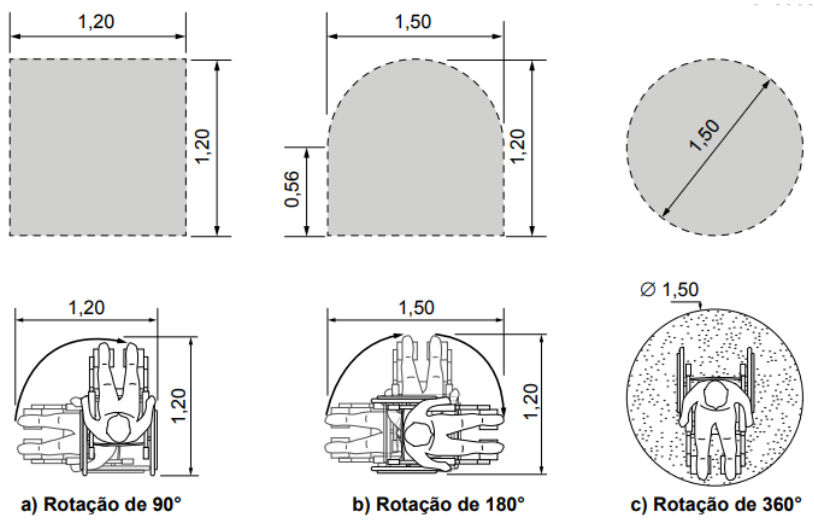
Figura 55 - Largura para deslocamento em linha reta de pessoas em cadeira de rodas



Fonte: NBR 9050/2020

Para as áreas destinadas à manobra de cadeiras de rodas sem deslocamento, a norma estabelece dimensões mínimas específicas, conforme o tipo de movimento exigido, como mostra a figura 56. Para uma manobra em ângulo de 90°, é necessária uma área com dimensões mínimas de 1,20 m x 1,20 m; para manobras de 180°, recomenda-se uma área de 1,50 m x 1,20 m; e para manobras de 360°, é essencial uma área que comporte um círculo com 1,50 m de diâmetro.

Figura 56 - Área para manobra de cadeira de rodas sem deslocamento

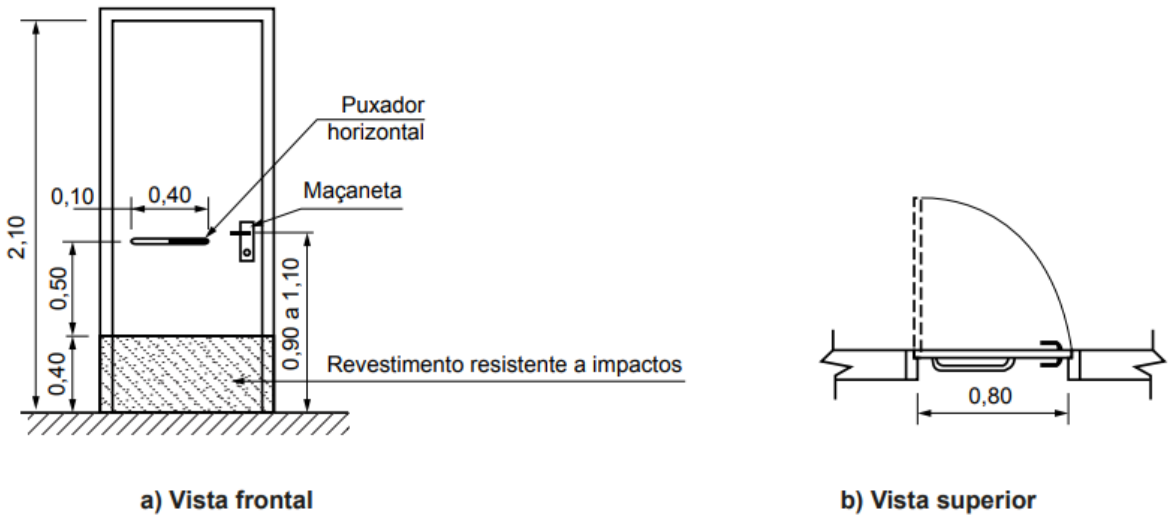


Fonte: NBR 9050/2020

Quanto às rampas, a inclinação máxima é de 8,33%, com inserção de patamares de descanso a cada 50 metros de percurso. A largura livre mínima de uma rota acessível deve ser de 1,20 m, sendo obrigatória a aplicação de piso tátil de alerta no início e no fim das rampas, a fim de garantir a orientação adequada de pessoas com deficiência visual.

A Figura 57 apresenta o design recomendado para portas acessíveis, destacando suas dimensões mínimas e ideais, incluindo a largura livre de passagem, bem como o posicionamento adequado da maçaneta e do puxador horizontal.

Figura 57 - Portas com revestimento e puxador horizontal

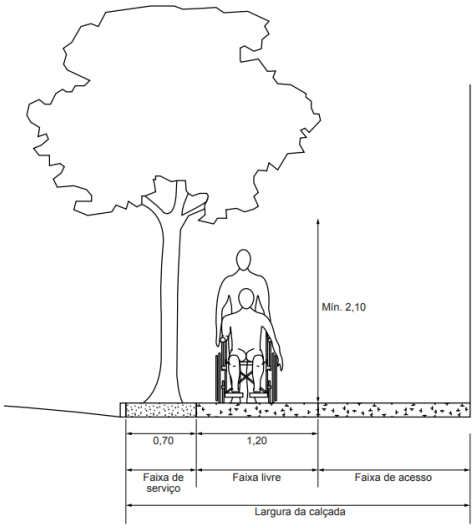


Fonte: NBR 9050/2020

Em relação as circulações externas, recomenda-se que o dimensionamento das calçadas seja subdividido em três faixas: faixa de serviço, com largura mínima de 0,70 m; faixa livre, com 1,20 m de largura e 2,10 m de altura livre; e, quando possível, a faixa de acesso,

permitida apenas em calçadas com mais de 2,00 m de largura, destinada à instalação de rampas de acesso ao lote, como mostra a figura 58.

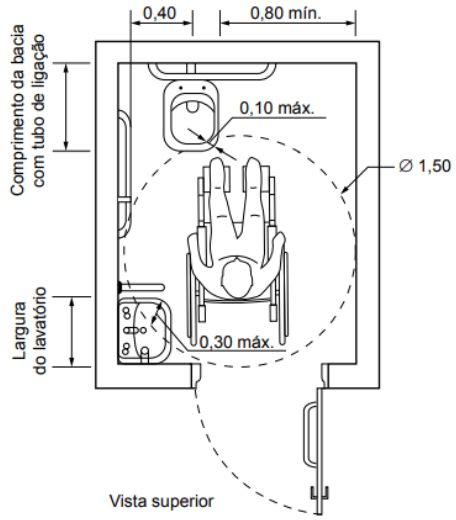
Figura 58 - Faixas de uso da calçada – Corte



Fonte: NBR 9050/2020

Para os sanitários acessíveis, são estabelecidas dimensões mínimas de 1,50 m x 2,00 m, de forma a permitir uma manobra de 360°, com base em um círculo de 1,50 m de diâmetro, como observa-se na figura 59.

Figura 59 - Medidas mínimas de um sanitário acessível



Fonte: NBR 9050/2020.

Ademais, quando utilizadas portas de giro, estas devem abrir para fora do sanitário ou boxe, sendo também permitida a instalação de portas de correr. Outros elementos, como barras de apoio, devem seguir rigorosamente as alturas especificadas: barras horizontais devem estar

a, no máximo, 0,89 m do piso, afastadas pelo menos 0,04 m da descarga; barras verticais, por sua vez, devem ser posicionadas a 0,10 m das horizontais. Os vasos sanitários devem ter altura entre 0,43 m e 0,45 m, e os lavatórios, entre 0,78 m e 0,80 m, ambos obrigatoriamente acompanhados de barras de apoio.

Dessa forma, a adoção das diretrizes estabelecidas pela NBR 9050/2020 no desenvolvimento do projeto de requalificação é essencial para assegurar a acessibilidade universal, promovendo o uso equitativo dos espaços urbanos e a efetiva inclusão de todos os cidadãos.

6.4 Mapas temáticos de análise morfológica

A análise morfológica da cidade é um dos instrumentos utilizados por urbanistas centrados em entender os fatores do processo de urbanização. Segundo José Garcia Lamas (2010, p. 79), "a identificação de elementos morfológicos pressupõe conhecer quais as partes da forma e o modo como se estruturam nas diferentes escalas identificadas". Essa abordagem permite não apenas reconhecer os elementos formais que compõem o espaço urbano, mas também entender as relações estabelecidas entre eles e o modo como se organizam. Como ainda destaca o autor, é por meio dessa estruturação que se expressa a comunicação estética tanto do objeto arquitetônico quanto, por extensão, do próprio espaço urbano (Lamas, 2010, p. 80).

Enquanto campo de estudo, a morfologia urbana possui raízes na Geografia, com origem nos trabalhos de geógrafos alemães e franceses do início do século XX, posteriormente aprofundados por estudiosos ingleses. Consolidou-se, sobretudo, como uma resposta crítica às intervenções modernistas nas cidades históricas do pós-guerra, propondo uma análise voltada à produção e transformação da forma urbana a partir dos processos sociais, econômicos e históricos que as originam (del Rio, 1990, p. 70).

Nesse sentido, a morfologia urbana pode ser entendida, conforme define Vicente del Rio (1990, p. 74), como "o estudo analítico da produção e modificação da forma urbana no tempo". Trata-se de um campo voltado à investigação da forma *urbis* e de seus elementos construtivos, considerando sua história, transformações, inter-relações e os agentes sociais envolvidos no processo de construção formal.

Além disso, aspectos como o planejamento urbano, o parcelamento do solo e a disposição e subdivisão dos terrenos são fundamentais na organização e leitura dos espaços da cidade. Esses fatores agem diretamente na estrutura fundiária, nos fluxos de circulação, nas relações interpessoais e nas distâncias territoriais (del Rio, 1990, p. 83). Tais elementos são

fundamentais para a leitura da forma urbana e constituem a base analítica que será utilizada nesta etapa do trabalho, por meio da construção e leitura de mapas temáticos da área de estudo.

Dessa forma, os mapas temáticos configuram-se como ferramentas fundamentais para a leitura e interpretação da morfologia urbana, uma vez que possibilitam a representação gráfica das características físicas, funcionais e simbólicas que compõem a paisagem e o território da cidade. Por meio desses instrumentos cartográficos, torna-se possível visualizar modalidades de ocupação espacial, identificar o uso do solo e compreender os processos históricos, estruturais e sociais que configuraram a forma urbana ao longo do tempo.

Para a elaboração dos mapas, estabeleceu-se um raio de 300 metros a partir do centro da área de estudo, compreendendo o entorno imediato do mercado público e da feira livre de Desterro. A vetorização foi realizada com base em imagens de satélite obtidas por meio da plataforma Google Earth, sendo posteriormente ajustada e trabalhada no programa AutoCAD para garantir maior precisão nas análises. A seguir, serão apresentados e analisados os mapas referentes aos seguintes aspectos: crescimento urbano, traçado e parcelamento do solo, malha viária, hierarquia viária, pavimentação, estado de conservação das ruas, uso e ocupação do solo, gabaritos das edificações e a relação entre cheios e vazios urbanos.

6.5 Crescimento

No que se refere ao crescimento urbano do município de Desterro-PB, é possível compreendê-lo a partir da análise de imagens de satélite dos anos de 2010, 2013, 2016, 2018 e 2023. Esses registros imagéticos evidenciam as alterações físicas ocorridas no território no devir histórico, permitindo compreender os vetores da urbanização na área em estudo.

A área central da cidade, onde se localizam o mercado público e a feira livre, apresentou um crescimento gradual e concentrado ao redor desses dois equipamentos estruturantes. No mapa de 2010 (Mapa 1), observa-se que a área já se encontrava consolidada, resultado da presença de instituições e espaços de grande importância social, cultural e econômica. Além do mercado e da feira, há a presença da Igreja Matriz, elemento simbólico e fundacional da cidade, e da Escola Estadual Silveira Dantas, a primeira unidade de ensino construída no município. A concentração desses equipamentos em uma mesma área impulsionou a ocupação de seu entorno imediato, consolidando o centro como núcleo dinâmico da vida urbana da cidade.

Mapa 1 - Crescimento em 2010

Fonte: Autoria própria (2025).

Em 2013 (Mapa 2), observa-se o surgimento de, no mínimo, 12 novas edificações em áreas mais afastadas do centro. Esse crescimento está relacionado à implantação de novos loteamentos, que tiveram como objetivo expandir a ocupação do solo urbano para regiões anteriormente pouco povoadas. Essa estratégia buscou descentralizar o adensamento do centro e promover a utilização de terrenos disponíveis em outras partes da cidade. Nesse mesmo período, a Prefeitura Municipal construiu uma nova edificação ao lado do Ginásio de Esportes, destinada à instalação da Secretaria Municipal de Cultura e Esportes.

Mapa 2 - Crescimento em 2013

Fonte: Autoria própria (2025).

A imagem correspondente ao ano de 2016 (Mapa 3) representa a construção de aproximadamente 14 novas edificações, concentradas principalmente nas áreas que haviam sido loteadas em 2013. Esse crescimento evidencia a efetiva ocupação dos novos parcelamentos urbanos e a consolidação do processo de expansão iniciado anteriormente. Em um desses loteamentos, foram erguidas três residências por meio de financiamento da Caixa Econômica Federal promovido, possivelmente, pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV). A presença dessas moradias estimulou a implantação de outras construções nas proximidades, contribuindo para a adensamento da região. Ainda nesse período, destaca-se a demolição do prédio da antiga Secretaria Municipal de Cultura e Esportes, localizada ao lado do Ginásio de Esportes. A edificação foi derrubada em 2015, em decorrência de problemas estruturais que comprometeram sua segurança e funcionalidade, interrompendo as atividades desenvolvidas no local.

Mapa 3 - Crescimento em 2016

Fonte: Autoria própria (2025).

Por meio do estudo do mapa 4, relativo ao ano de 2018, observa-se crescimento pontual, concentrando-se majoritariamente nas proximidades do Ginásio de Esportes. Nesse ano, foram identificadas sete novas edificações, das quais cinco se localizam em áreas próximas entre si, enquanto duas foram construídas em setores mais distante. Esse padrão de ocupação reflete uma expansão moderada e dispersa, indicando continuidade na ocupação dos loteamentos recentes, porém sem formação de novas frentes consolidadas de urbanização.

Mapa 4 - Crescimento em 2018

Fonte: Autoria própria (2025).

Em 2023, o crescimento urbano manteve-se estável (Mapa 5), com cinco novas edificações registradas. Três delas estão localizadas nas imediações do Ginásio de Esportes “Joãozão”, enquanto as demais situam-se em uma área central, porém mais afastada do núcleo comercial. O adensamento próximo ao ginásio pode estar relacionado à sua localização estratégica, próxima ao centro da cidade e ao comércio local, o que torna a área atrativa para novos moradores. Outro fator que pode ter contribuído para essa expansão é a proximidade com a Praça Preta da Barraca, espaço tradicional onde ocorrem festas populares e onde se concentram barracas e lanchonetes, aumentando a vitalidade urbana do entorno.

Mapa 5 - Crescimento em 2023

Fonte: Autoria própria (2025).

Além disso, a abertura de novas ruas e o surgimento de loteamentos adjacentes têm favorecido a expansão e a ocupação progressiva dessa região. Paralelamente ao crescimento físico, observa-se a realização de intervenções urbanas voltadas à melhoria da infraestrutura e da qualidade de vida da população, como a pavimentação de vias, reformas em praças públicas e melhorias em escolas municipais, indicando esforços da gestão pública no sentido de promover o desenvolvimento urbano de forma mais estruturada.

O Mapa 6 ilustra o crescimento urbano entre 2013 e 2023, com cada ano representado por uma cor distinta, o que facilita a visualização da expansão da cidade ao longo do tempo.

Mapa 6 - Crescimento de 2013-2023

Fonte: Autoria própria (2025).

6.6 Traçado e parcelamento do solo

O perímetro urbano estudado apresenta um crescimento diversificado, o que resultou em um conjunto morfológico caracterizado por quadras de geometrias irregulares. Ainda assim, é possível identificar claramente os limites dessas quadras, conforme ilustrado no mapa 7.

Mapa 7 - Traçado e Parcelamento

Fonte: Autoria própria (2025).

Observa-se uma considerável disparidade nas dimensões dos lotes, que variam entre pequenas, médias e, em alguns casos, grandes proporções, sendo predominantes aqueles com testadas estreitas. Os terrenos, em sua maioria, apresentam formatos irregulares e ausência de simetria ou padronização, o que impacta diretamente na configuração das quadras. Algumas delas revelam uma disposição mais lógica e funcional, enquanto outras exibem um traçado desordenado, com extensões desiguais e ocupações assimétricas.

Essa heterogeneidade pode ser atribuída à história do processo de ocupação, iniciado por volta de 1850, período em que era comum a implantação de quadras extensas e lotes estreitos e profundos, sem respaldo em parcelamento fundiário direcionado por políticas de Estado (município). A multiplicidade de usos atribuídos ao solo e a expansão espontânea ao

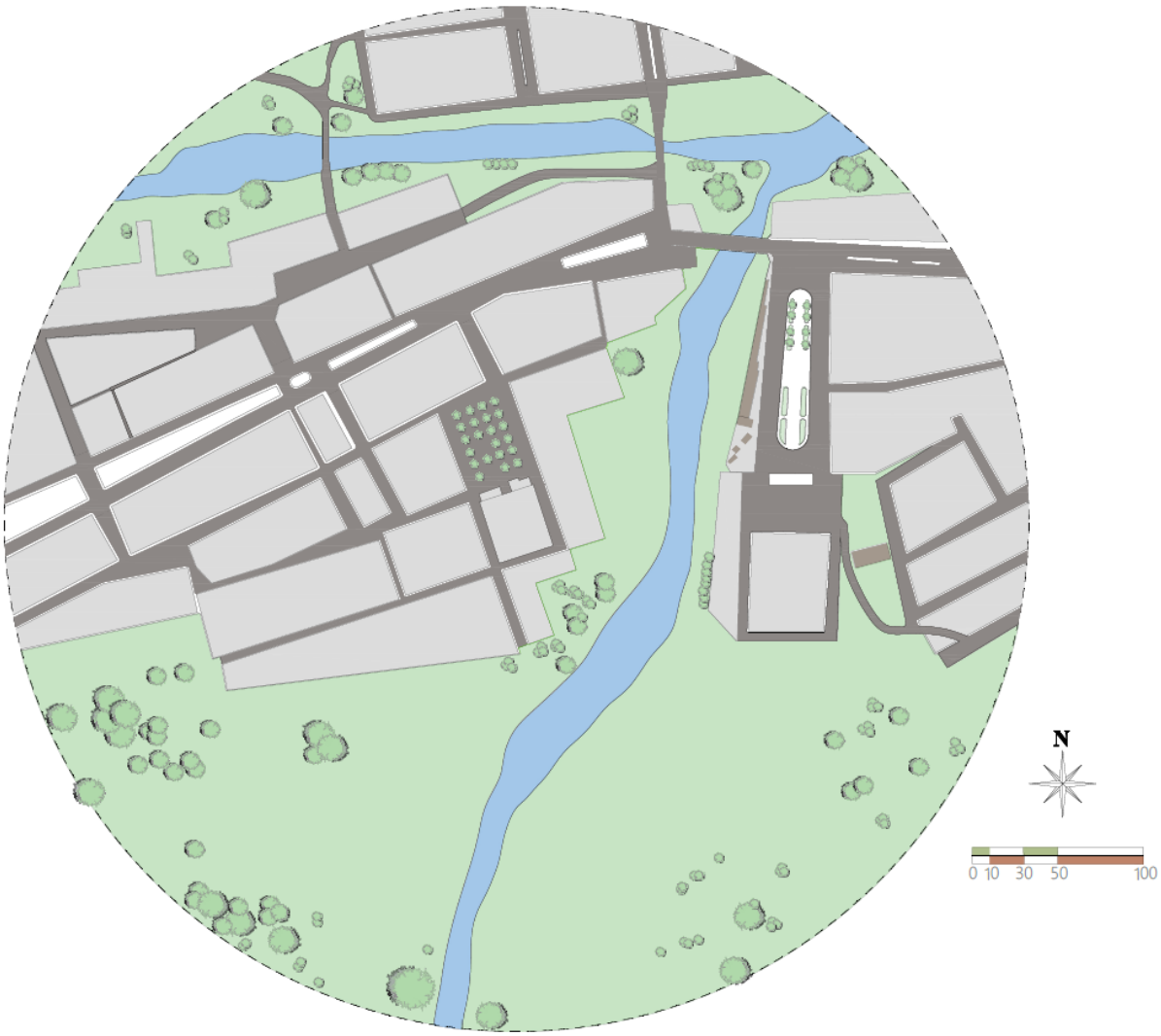
longo do tempo contribuíram para a conformação de um tecido urbano fragmentado, marcado pela ausência de critérios consistentes de parcelamento e ordenamento territorial.

6.7 Malha viária

A malha viária do entorno à feira e ao mercado é predominantemente composta por ruas de configuração mista, com predominância de vias largas e bem definidas. Essa característica está relacionada à localização central da área, cuja ocupação remonta aos primeiros períodos de urbanização de Desterro. A vias principais, com largura a partir de 10 m, reflete um traçado antigo, concebido para atender à dinâmica social e comercial que se consolidou ao longo do tempo.

O sistema viário apresenta, em grande medida, uma malha ortogonal, embora com irregularidades. Em determinados trechos, as ruas alargam-se abruptamente, enquanto em outros se estreitam de forma significativa. Além disso, há a presença de becos e passagens estreitas, que evidenciam a adaptação da malha a ocupação espontânea ocorrida em fases distintas do crescimento urbano.

Mapa 8 - Malha Viária



Fonte: Autoria própria (2025).

6.8 Hierarquia viária

A análise da hierarquia viária direciona o entendimento da configuração, conectividade e eficiência do tecido urbano, permitindo identificar as vias de maior relevância funcional e como sua organização impacta o tráfego, a segurança e a acessibilidade na área estudada. De acordo com o Art. 60 do Código Nacional de Trânsito, as vias urbanas são classificadas em (i) via de trânsito rápido (80 km/h); (ii) via arterial (60 km/h); (iii) via coletora (40 km/h) e (iv) via local (30 km/h).

Conforme ilustrado no mapa abaixo, a malha viária da área analisada é composta predominantemente por vias locais. Apenas a rua onde se localiza a Igreja Matriz é classificada como via coletora, sendo responsável por parte da conexão com outras regiões da cidade. O

mercado e a feira, por sua vez, estão inseridos em uma via local, o que contribui significativamente para os conflitos de uso e mobilidade observados nos dias de feira.

Mapa 9 - Hierarquia Viária

Fonte: Autoria própria (2025).

A ausência de um planejamento viário adequado para os dias de maior fluxo intensifica os problemas de desorganização e insegurança no espaço. Durante o funcionamento da feira, a circulação de veículos ocorre simultaneamente à intensa presença de pedestres, o que compromete a fluidez e a segurança de ambos. A via permanece aberta ao tráfego de automóveis mesmo durante a feira, o que torna o ambiente caótico, com carros disputando espaço com barracas e pessoas, dificultando o deslocamento e a permanência segura dos usuários no local.

6.9 Pavimentação

A pavimentação das vias no entorno da área estudada é predominantemente composta por paralelepípedos, com exceção de alguns trechos asfaltados localizados em via arterial e via coletora. No setor onde se concentram o Mercado Público e a Feira Livre, observa-se o uso exclusivo de paralelepípedos como revestimento do pavimento.

Embora esse tipo de pavimentação apresente vantagens em relação à drenagem l e à infiltração da água, especialmente em áreas urbanas sujeitas a escoamento pluvial, sua aplicação em espaços com alta circulação de pedestres, como é o caso da feira, demanda maior atenção quanto à qualidade, nivelamento e acessibilidade do piso. A irregularidade das superfícies pode comprometer a segurança dos usuários, dificultando o deslocamento de pessoas idosas, com mobilidade reduzida ou que utilizam carrinhos e cadeiras de rodas.

Mapa 10 - Pavimentação

Fonte: Autoria própria (2025).

6.10 Estado de conservação das ruas

O estado de conservação das vias no entorno do mercado público e da feira livre de Desterro pode ser classificado, de forma geral, como regular. As ruas asfaltadas apresentam boas condições, com ausência significativa de buracos ou deformações, o que indica um nível aceitável de manutenção e preservação. Já nas vias pavimentadas com paralelepípedos, apesar da resistência do material, é possível observar trechos com desgaste evidente, desníveis e pontos de calçamento danificado.

Mapa 11 - Estado de Conservação das Ruas

Fonte: Autoria própria (2025).

Essas irregularidades dificultam a circulação, sobretudo para pessoas com mobilidade reduzida, e comprometem a acessibilidade e o conforto dos usuários. Além disso, foram identificados pontos com acúmulo de entulho e ausência de calçadas ou passeios adequados, o que agrava a condição de uso do espaço urbano.

6.11 Uso e ocupação do solo

A construção e análise do mapa de uso e ocupação do solo (Mapa 12) representa uma etapa fundamental para os estudos urbanos e a gestão territorial. A representação cartográfica permite visualizar a distribuição espacial das diferentes modalidades de uso - residencial, comercial, institucional e uso misto - dentro de um determinado recorte territorial urbano. Compreender essa distribuição contribui para a leitura das dinâmicas sociais e econômicas do território, além de subsidiar políticas públicas voltadas à correção de desequilíbrios e ao aproveitamento de potencialidades locais.

No caso da área analisada, o mapa revela ocupação diversificada, definida pela predominância de edificações residenciais, sem, contudo, excluir uma expressiva presença de usos comerciais e mistos. Essa configuração multifuncional é especialmente perceptível nas imediações do mercado público e da feira livre, onde se concentram o maior fluxo de pessoas e de atividades econômicas.

Apesar da alta percentagem de uso residencial, observa-se um crescimento significativo de empreendimentos voltados ao comércio e à prestação de serviços. Dentre os estabelecimentos identificados, destacam-se lojas de móveis e vestuário, supermercados e equipamentos públicos como a lotérica, os correios e a agência da Energisa. A existência de edificações institucionais também é relevante, incluindo o próprio mercado público, o mercado da carne (açougue), o cemitério municipal, uma escola, igrejas, ginásio de esportes e praças públicas, elementos que reforçam a centralidade e o caráter estruturante da área dentro da malha urbana do município.

Mapa 12 - Uso e Ocupação do Solo

Fonte: Autoria própria (2025).

O levantamento realizado identificou um total de 540 edificações na área delimitada, distribuídas da seguinte forma: 397 residenciais (73,51%), 55 comerciais (10,18%), 63 de uso misto (11,66%), 18 institucionais (3,33%), 4 religiosas (0,74%), 1 educacional (0,18%), 1 de serviço (0,18%) e 1 cemitério (0,18%). Esses índices dão a ver a predominância do uso habitacional, mas também revelam uma crescente tendência à multifuncionalidade, conferindo complexidade e vitalidade das operações cotidianas exercidas no perímetro estudado.

Esse recorte territorial corresponde à área onde se iniciou o processo de ocupação do primeiro povoado, o qual, ao longo das décadas, cresceu para tornar-se o principal núcleo comercial de Desterro. A densidade de edificações com usos não residenciais reforça esse papel, ao mesmo tempo em que se nota a permanência de uma malha residencial significativa, sobretudo em trechos adjacentes às zonas mais movimentadas. Essa coexistência entre usos distintos confere ao centro uma dinâmica urbana plural e resiliente, compatível com a diversidade de funções que o território passou a desempenhar ao longo de sua história.

6.12 Gabaritos das edificações

A investigação e análise do mapa de gabarito (Mapa 13) constituem etapas fundamentais para a compreensão das características da paisagem urbana, especialmente no que se refere às restrições e possibilidades relacionadas à altura das edificações. Esse tipo de estudo fornece subsídios imprescindíveis para o planejamento urbano, ao permitir a avaliação da densidade construída, da ocupação do solo e de seus impactos na escala humana, na eficiência do espaço e na qualidade ambiental da cidade.

O gabarito predominante na área estudada é composto por edificações térreas ou de até um pavimento, o que reflete a horizontalidade da silhueta da paisagem urbana do município. As construções apresentam, em sua maioria, fachadas simples, sendo comum a configuração de uso misto, com atividades comerciais no pavimento térreo e residências no superior, quando existente. Essa organização indica o caráter multifuncional do tecido urbano, especialmente nas proximidades do centro e da feira livre.

A análise do mapa de gabarito revela que a maior concentração de edificações térreas se encontra nas porções sul e oeste da área estudada, lugares com predominância de uso residencial, conforme também apontado no mapa de uso e ocupação do solo. Já as edificações de um pavimento ocorrem de forma recorrente nas áreas comerciais e de uso misto, evidenciando uma tipologia adaptada à escala do comércio local.

Por outro lado, as edificações com dois pavimentos aparecem pontualmente, indicando um processo moderado de verticalização em curso, especialmente na zona comercial. Essa verticalização incipiente se concentra nos arredores do mercado público e da feira livre, espaços que apresentam maior dinamismo econômico e fluxo de pessoas.

A presença de construções com três ou mais pavimentos é pontual, mas sugere o início de um processo de adensamento vertical localizado. Esse fenômeno se dá, principalmente, na zona central, onde há maior demanda por espaços comerciais e de uso misto. A intensificação dessas atividades, associada à valorização do solo urbano, tem impulsionado a construção de edificações mais altas, ainda que em escala reduzida.

Nas imediações dos espaços públicos destinados à intervenção, como praças, vias e equipamentos comunitários, predominam edificações térreas e de um pavimento. Essa configuração é relevante por contribuir para a manutenção da qualidade de iluminação natural nesses espaços, reduzindo o sombreamento e promovendo maior conforto ambiental. Além disso, a preservação de construções de menor altura reforça uma relação urbana mais harmoniosa e adaptada à escala humana.

Mapa 13 - Gabarito

Fonte: Autoria própria (2025).

Em síntese, a predominância de edificações baixas na área estudada revela um padrão construtivo compatível com a dinâmica urbana local e com as condições históricas de ocupação do território. Ao mesmo tempo, os indícios de verticalização em áreas estratégicas apontam para mudanças graduais na estrutura da cidade, exigindo atenção no planejamento urbano para garantir que o crescimento vertical ocorra de forma equilibrada e integrada ao contexto existente.

6.13 Ambiente construído

A análise do mapa de ambiente construído (Mapa 14) tem como principal objetivo representar e compreender o nível de ocupação de uma certa área, evidenciando o contraste entre áreas construídas e vazios urbanos, como terrenos ociosos, áreas verdes e espaços abertos. Essa abordagem permite identificar a configuração espacial da cidade, revelando padrões de

ocupação e oferecendo subsídios para o planejamento urbano ao indicar possíveis áreas de intervenção e melhoria.

A leitura do mapa indica a predominância significativa de lotes ocupados por edificações, sobretudo nas imediações da feira livre e do mercado público. A malha urbana nessa região é relativamente contínua, refletindo a consolidação do tecido urbano em torno dos principais equipamentos públicos e das atividades comerciais e institucionais ali concentradas. Essa densidade construtiva se refere ao significado da história da urbanização efetivada na área como núcleo originário de Desterro.

A concentração de edificações nessa região central pode ser explicada tanto por sua importância histórica quanto por sua localização estratégica. Trata-se do ponto inicial da ocupação urbana, que ao longo do tempo consolidou-se como epicentro das dinâmicas econômicas, sociais e culturais da cidade. Desde os primeiros estágios de desenvolvimento urbano, essa área abrigou os principais marcos fundacionais e permaneceu como espaço central de articulação do território municipal.

Por outro lado, a análise do mapa igualmente dá a ver a presença de vazios urbanos, especialmente nas porções sul e leste do recorte analisado. Na porção leste, observa-se um processo de ocupação em curso, com a formação de novos núcleos residenciais que gradualmente se integram ao tecido urbano consolidado. Já na região sul, a ocupação se dá de forma mais lenta, em virtude de fatores físicos e ambientais, como a proximidade de um curso d'água e a presença de áreas com acentuado declive. Tais características tornam o uso para fins urbanos menos atrativo, favorecendo atividades rurais, como a criação de gado e o cultivo de capim, alimentadas pela nascente existente nas imediações.

Mapa 14 - Cheios e Vazios

Fonte: Autoria própria (2025).

Dessa forma, o estudo dos cheios e vazios permite não apenas compreender a configuração atual do espaço urbano, mas também projetar cenários futuros de expansão e qualificação do território, com base em critérios técnicos, históricos e socioeconômicos.

6.14 Análise comportamental

As análises comportamentais foram realizadas em três momentos distintos do dia, manhã, tarde e noite, com o objetivo de observar a relação entre atividades humanas operadas no ambiente construído da cidade. A coleta de dados ocorreu em três temporalidades: um dia útil da semana (24 de abril de 2025), um feriado (1º de maio de 2025) e um final de semana (3 de maio de 2025). As observações se concentraram nas ruas que compõem o entorno imediato da feira livre e do mercado público, a saber: Travessa do Mercado, Travessa Aprígio Leite e Rua Pedro Ferreira Leite.

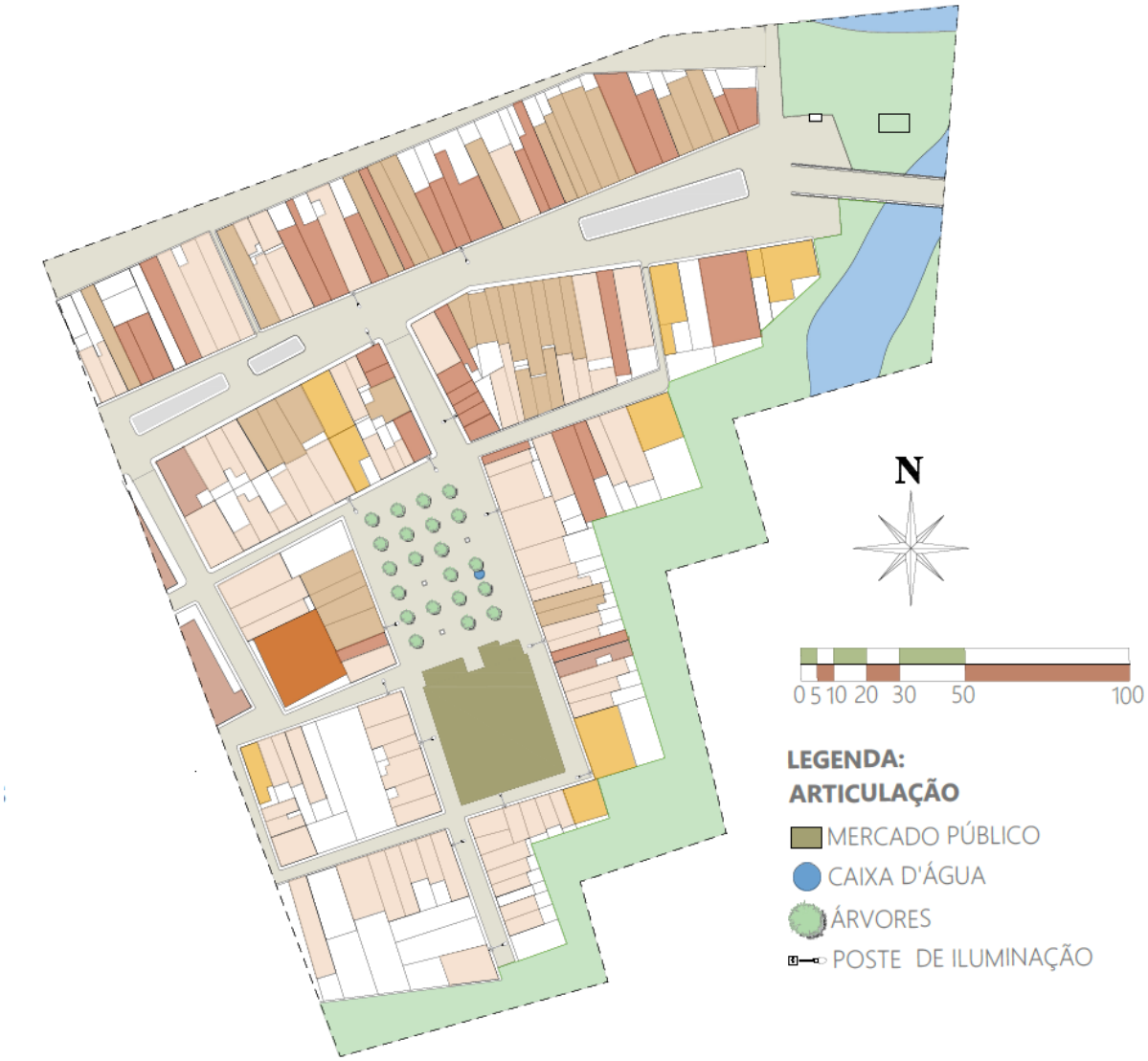
O mapa 15 foi elaborado a partir do recorte do mapa de uso e ocupação do solo, com foco na área onde se localizam o mercado público e a feira livre. Seu objetivo é facilitar a compreensão da análise comportamental, bem como apresentar os principais elementos de mobiliário urbano presentes no local e situar o leitor quanto ao espaço escolhido para a observação.

Na representação gráfica, observa-se o mercado público em destaque, além da localização de postes de iluminação distribuídos ao longo das vias, árvores posicionadas no pátio onde ocorre a feira e uma caixa d'água instalada pela prefeitura. Esta estrutura foi recentemente implantada com a finalidade de mitigar os impactos causados pela escassez hídrica enfrentada pela população local desde o último ano.

O trecho analisado é composto por edificações de uso predominantemente residencial, embora haja presença pontual de comércios e imóveis de uso misto, especialmente nas ruas adjacentes ao mercado e à feira. Essa configuração contribui para uma dinâmica urbana mista, com circulação de moradores e usuários que se deslocam para acessar serviços e produtos no entorno imediato.

A seguir, serão apresentadas as análises comportamentais realizadas em diferentes dias e turnos, com a ampliação do mapa para facilitar a visualização dos usos e a compreensão da apropriação do espaço pelos diversos perfis de usuários.

Mapa 15 - Articulação



Fonte: Autoria própria (2025).

6.15 Análise dia 24 de abril de 2025

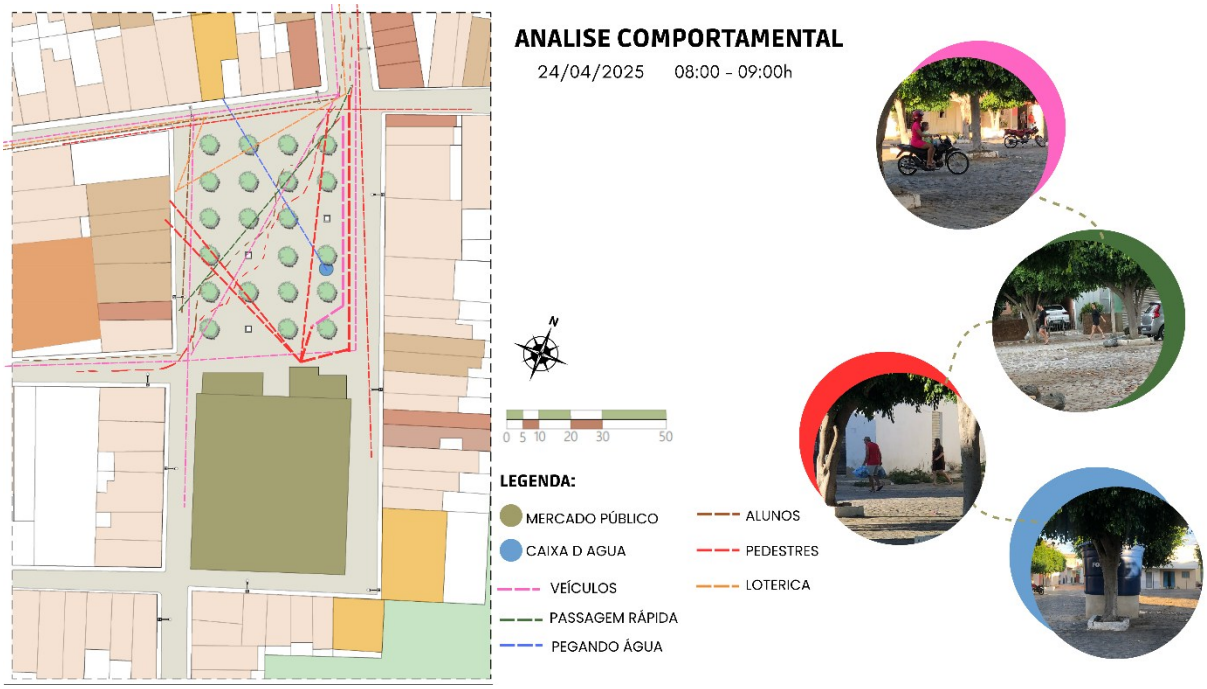
As observações cartografas no primeiro mapa comportamental foram experenciadas no dia 24 de abril de 2025, no período da manhã, das 8h15 às 9h20. Nesse intervalo, verificou-se uma rotina de comportamentos que se repetem, com atividades cotidianas, que incluíam conversas informais nas calçadas, circulação rápida de pedestres, fluxo moderado de veículos e movimentação constante em estabelecimentos comerciais e de serviços (lotérica).

Mesmo não se tratando de um horário de pico, o fluxo de pessoas foi moderado, com destaque para a presença de crianças saindo da escola próxima e frequentando os comércios locais, especialmente para adquirir alimentos. Um palco de ação foi identificado na lanchonete

localizada em um dos boxes do mercado público, que funcionava apenas no período matutino. O lugar foi amplamente utilizado por clientes que saíam da lotérica, de estabelecimentos vizinhos ou que procuravam o local para realizar refeições rápidas.

A apropriação do espaço urbano, neste período, revelou-se fragmentada, com múltiplas atividades ocorrendo simultaneamente em diferentes pontos da rua. A diversidade de usos da área, que inclui escolas, lojas, serviços e comércios, atraiu públicos distintos, resultando em uma dinâmica multifuncional e diversificada em termos etários e de gênero. Entre as ações específicas observadas, destacam-se: transporte de galões de água, pequenos agrupamentos de pessoas conversando, veículos em circulação rápida e a movimentação de crianças pelas vias.

Mapa 16 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril



Fonte: Autoria própria (2025).

A segunda análise comportamental foi realizada no período da tarde, entre 15h e 16h, conforme ilustra a imagem abaixo. Nesse intervalo, observou-se um padrão de uso do espaço semelhante ao registrado pela manhã, com a permanência de atividades cotidianas relacionadas ao comércio e à circulação de pedestres.

Durante a observação, foi identificado um fluxo mais intenso de veículos em comparação ao turno matutino, especialmente na rua adjacente ao mercado público, onde havia trabalhadores da prefeitura realizando serviços urbanos. A movimentação na casa lotérica manteve-se constante ao longo do período, com fluxo contínuo de entrada e saída de usuários.

Na padaria local, verificou-se um aumento significativo no número de clientes próximo às 16h, horário tradicionalmente associado à compra de pães para o café da tarde.

Além de moradores do entorno, o espaço recebeu pessoas vindas de outras áreas da cidade, tanto a pé quanto em veículos, demonstrando o papel central do comércio na rotina urbana.

A presença de estudantes também foi registrada durante esse horário. Considerando que o intervalo escolar ocorre entre 15h e 15h30, muitos alunos aproveitaram o momento para adquirir lanches, distribuindo-se entre a padaria, uma bomboniere situada ao lado e outras áreas do entorno.

Outro evento de relevo observado foi a caixa d'água instalada pela prefeitura, que apresentou atividade relevante durante a análise. Moradores locais utilizaram o equipamento para abastecimento doméstico, além da presença de um usuário vindo de motocicleta de outra região, evidenciando a importância desse recurso frente à crise hídrica vivenciada pela cidade.

De modo geral, o fluxo de pedestres foi moderado, compatível com a localização central do trecho analisado, próximo a estabelecimentos comerciais e serviços urbanos. Em diversos momentos, foi possível observar interações sociais espontâneas, como pequenos grupos de pessoas que, ao se encontrarem na saída da padaria ou da lotérica, interrompiam seu trajeto para conversas breves, revelando o caráter relacional e comunitário do espaço.

Mapa 17 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril a tarde

Fonte: Autoria própria (2025).

A terceira análise comportamental do dia foi realizada no período noturno, entre 18h30 e 19h30. Nessa cronologia, observou-se uma redução significativa no fluxo de pessoas e veículos, em comparação aos turnos anteriores, o que pode ser atribuído ao encerramento do

expediente comercial. No momento da observação, apenas a padaria permanecia em funcionamento, porém esta encerrou suas atividades poucos minutos após o início da análise.

Nesse contexto, o uso do espaço público se restringiu, predominantemente, à circulação de pedestres e veículos em trajetos rápidos, geralmente relacionados a moradores retornando às suas residências ou se deslocando para atividades pontuais, como caminhadas e outras práticas físicas. A movimentação na caixa d'água, foi novamente registrada, com uma moradora realizando o transporte de água em baldes para sua residência, evidenciando a funcionalidade contínua do equipamento mesmo fora do horário comercial.

O padrão de uso observado foi marcado por deslocamentos breves e ausência de permanência no espaço, especialmente entre pedestres. Esse comportamento pode estar relacionado à baixa qualidade da iluminação pública na área analisada. Os postes, posicionados nas extremidades das calçadas, não iluminam adequadamente todo o espaço devido à presença de árvores com copas densas e baixas, o que resulta em trechos escuros e gera sensação de insegurança, como ilustrado na imagem do mapa 18.

Mapa 18 - Análise Comportamental realizada no dia 24 de abril a noite

Fonte: Autoria própria (2025).

Ademais, a predominância de estabelecimentos comerciais no entorno, os quais não funcionam no período noturno, contribui para a diminuição da dinâmica urbana nesse horário. Dessa forma, as atividades observadas restringem-se quase exclusivamente aos moradores da região, revelando um uso noturno limitado e condicionado pela infraestrutura e configuração

física do espaço. A redução da vitalidade urbana à noite demonstra a fragilidade do ambiente estudado, isto é, torna-se pouco inclusivo e atrativo para o exercício das relações cotidianas ou lúdicas. O lugar afasta os moradores em vez de os atrair, evidenciando a ausência da sinomorfia nesse horário. Diante desse problema, a requalificação pretende idealmente reconfigurar a experiência da vida diária nos espaços livres públicos de Desterro.

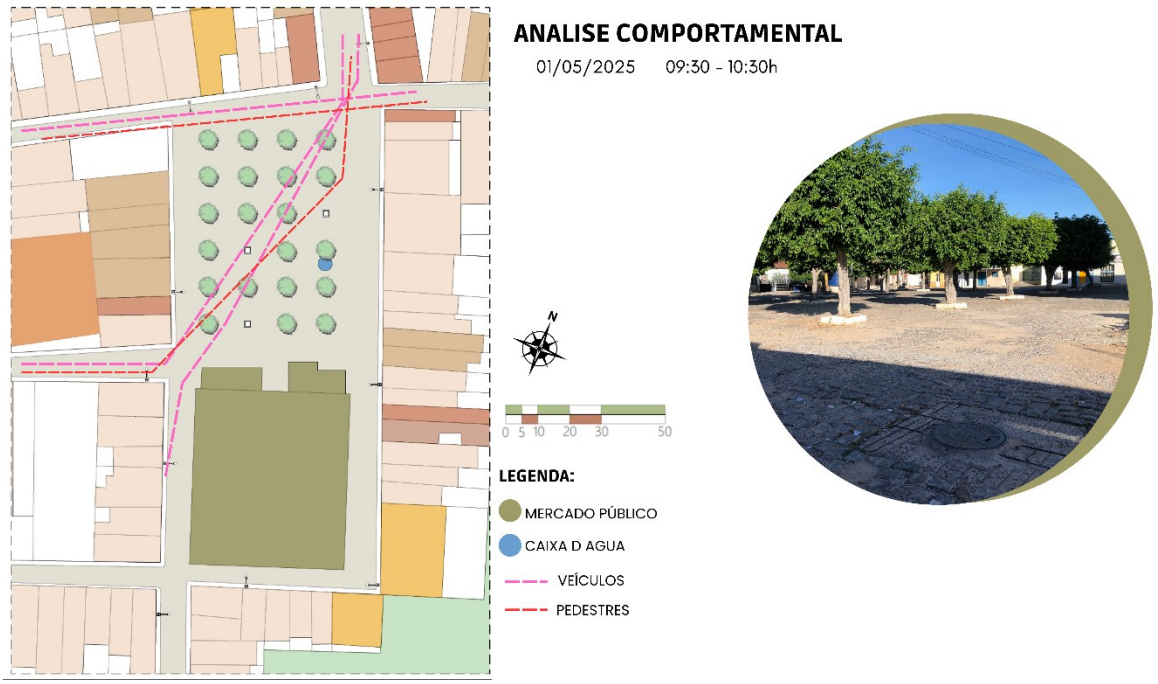
6.16 Análise dia 01 de maio de 2025

A segunda etapa da análise foi realizada no dia 1º de maio de 2025, uma quinta-feira, nos turnos da manhã (9h30 às 10h30), tarde (15h30 às 16h30) e noite (a partir das 19h30). Por coincidir com um feriado, essa observação ocorreu em um contexto atípico, marcado pelo fechamento dos comércios locais, o que resultou em baixo fluxo de pessoas e veículos. Não apenas a rua analisada apresentou pouca movimentação, como também todo o centro da cidade, evidenciando a forte dependência da dinâmica comercial para a ativação do espaço urbano.

Durante os períodos observados, registraram-se poucas interações significativas com o espaço, limitando-se, em sua maioria, à circulação pontual de veículos e pedestres. Notou-se que muitos pedestres utilizavam a área apenas como trajeto de passagem, aproveitando sua posição estratégica como atalho entre diferentes pontos do centro urbano. Essa característica foi confirmada pela análise dos percursos realizados pelos usuários, que, em sua maioria, cruzavam a área central do objeto de estudo em trajetos diagonais, apresentado no mapa 19, indicando que o local é amplamente utilizado como via de transição, e não como espaço de permanência.

Apesar do caráter excepcional do feriado, os dados evidenciam a ausência de sinomorfia no período analisado, uma vez que o espaço não favorece usos sociais diversos, restringindo-se à função circulatória. A forma urbana, embora adequada ao deslocamento, não estimula a permanência nem o encontro, revelando uma configuração física pouco propícia à vitalidade urbana. A forte dependência da atividade comercial para a ativação do local reforça essa fragilidade: fora dos horários e dias de funcionamento do comércio, o ambiente se mostra inexpressivo, sem infraestrutura ou qualidades que promovam o uso contínuo do espaço público.

Mapa 19 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio pela manhã



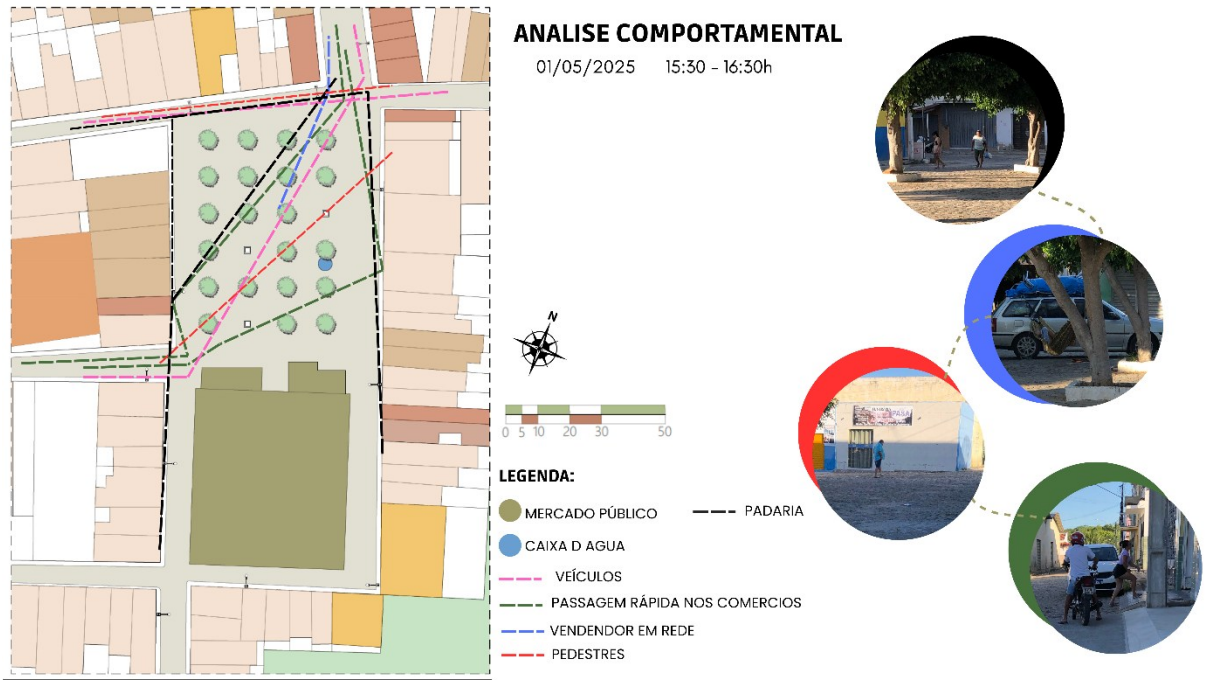
Fonte: Autoria própria (2025).

Na segunda observação da mesma data, realizada no turno da tarde, foi possível identificar um número maior de interações em comparação ao período da manhã. Esse aumento de movimentação se deve, principalmente, ao funcionamento de uma padaria localizada na área analisada, que atraiu moradores e gerou dinâmicas sociais relevantes. Observou-se, por exemplo, pessoas que se encontraram no estabelecimento enquanto compravam pão, iniciaram uma conversa e, ao final, deixaram o local juntas, configurando um uso mais afetivo e relacional do espaço.

Um dos percursos observados foi o de uma moradora que, ao sair de uma residência próxima ao mercado público, contornou a rua e retornou à padaria. Esse trajeto está representado no mapa 20 por uma linha tracejada na cor preta. Conforme indicado na imagem com borda preta, essa moradora cruzou com outra que se aproximava da padaria para comprar pão. No entanto, ao invés de seguir pelo contorno da via, essa segunda usuária optou por realizar a travessia em diagonal, como evidenciado no mapa.

Além disso, um fato curioso observado durante o período analisado foi a presença de um vendedor ambulante, que chegou ao local em um automóvel, estacionou sob as árvores da rua e armou uma rede, onde permaneceu descansando durante toda a observação. Os demais deslocamentos observados consistiram, majoritariamente, em pedestres e veículos que utilizaram o local como via de passagem, sem interações mais prolongadas com o espaço.

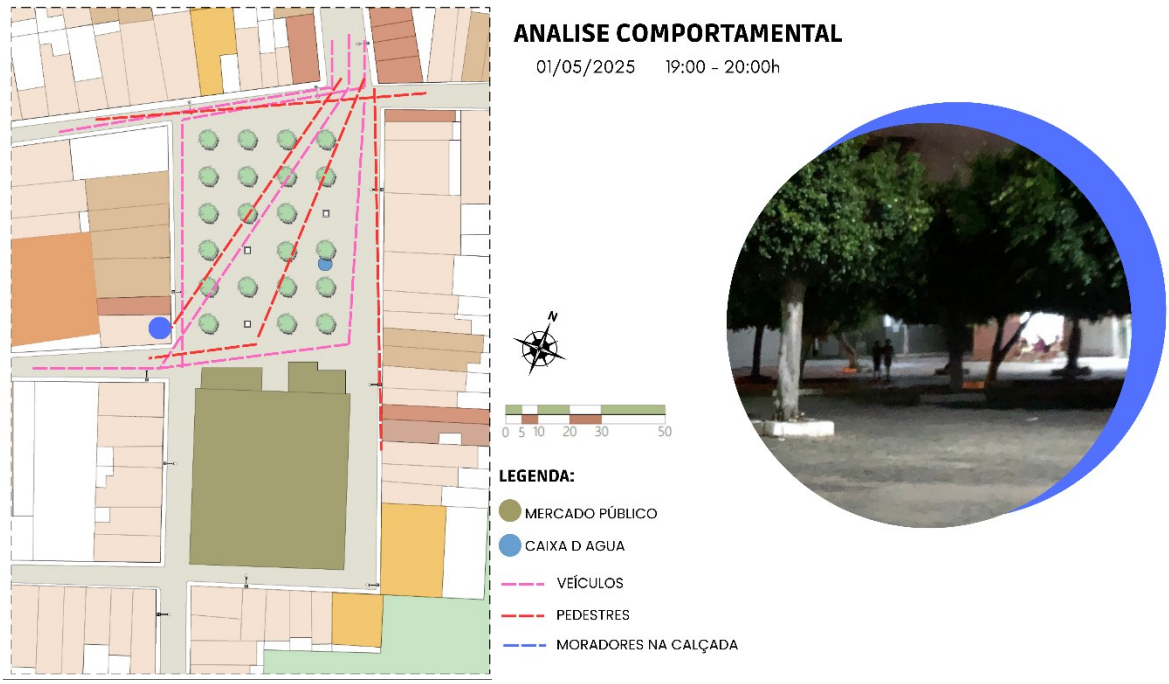
Mapa 20 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio a tarde



Fonte: Autoria própria (2025).

No período da noite, as observações registraram a pedestres realizando passagens rápidas, seja ao chegarem ou saírem de suas residências, além da circulação contínua de veículos pela via, como mostra no mapa 21. No entanto, destacou-se a presença de um grupo de jovens sentado na calçada de uma residência localizada ao lado da padaria, onde permaneceram durante todo o intervalo da análise. Esse grupo estabeleceu algumas interações pontuais com pedestres e adolescentes em suas motos que transitavam pelo local. Ao final do período observado, foi possível notar a chegada de dois novos pedestres que se juntaram ao grupo já reunido na calçada, ampliando assim a dinâmica social naquele ponto específico do espaço urbano.

Mapa 21 - Análise Comportamental realizada no dia 1 de maio a noite



Fonte: Autoria própria (2025).

6.17 Análise dia 3 de maio de 2025

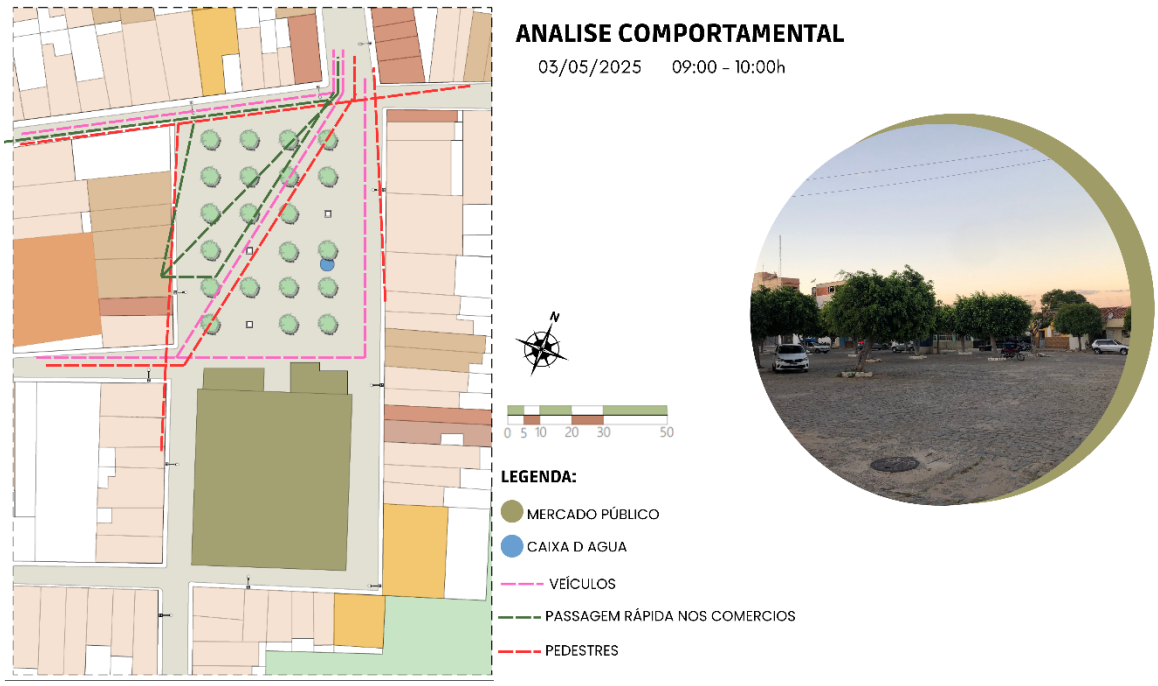
A última etapa da análise ocorreu no sábado, dia 3 de maio de 2025, sendo realizada nos turnos da manhã, tarde e noite, nos respectivos horários das 9h às 10h, 16h às 17h e 18h30 às 19h30.

No período da manhã, os percursos e interações observados seguiram o padrão já identificado nas análises anteriores: circulação de veículos, pedestres se deslocando de suas residências para comércios ou outros pontos da cidade, além da presença de fregueses nos estabelecimentos do entorno. Contudo, por se tratar de um sábado com funcionamento normal do comércio, o fluxo foi consideravelmente mais intenso do que o registrado durante o feriado, como evidenciado no Mapa 22.

Sobressaem a padaria e a bomboniere como palcos recorrentes de concentração de atividades, devido à constante presença de público atraído pelos serviços oferecidos. O entorno do mercado público, local onde as análises foram realizadas, é composto majoritariamente por edificações comerciais ou mistas, muitas das quais funcionam durante toda a semana e aos sábados, especialmente no turno da manhã. Como consequência, é comum observar pedestres chegando para realizar compras ou condutores utilizando seus veículos para breves paradas nos

comércios locais, trajetos que se refletem no mapa por meio de registros de passagens rápidas. Essas movimentações propiciam encontros e interações entre usuários, clientes e comerciantes.

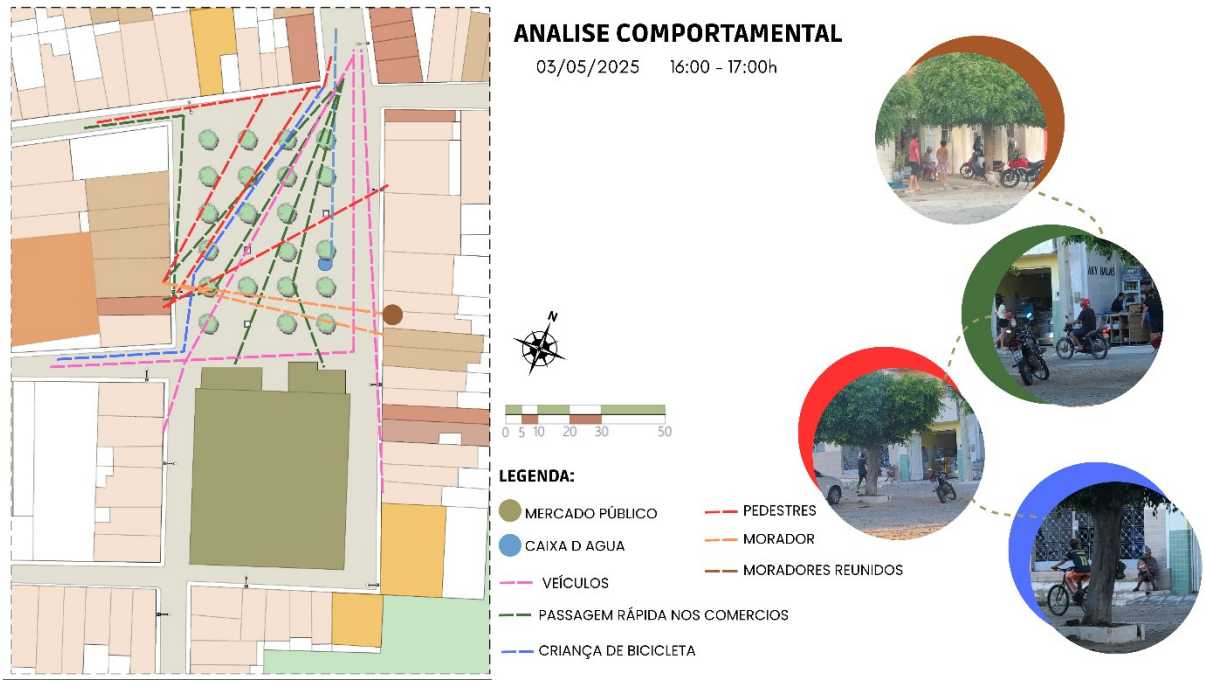
Mapa 22 - Análise Comportamental realizada no dia 3 de maio pela manhã



Fonte: Autoria própria (2025).

Durante o período da tarde, correspondente à segunda análise do dia, os percursos registrados (conforme representado no Mapa 23) indicam, além do fluxo de pedestres e veículos, interações sociais mais intensas. Destaca-se, por exemplo, o momento em que os vendedores da padaria e da bomboniere permaneceram conversando na calçada em frente aos seus estabelecimentos. Além disso, um morador saiu de sua residência para interagir com os vendedores, chegando inclusive a dialogar com os clientes que iam chegando. Em seguida, esse mesmo morador dirigiu-se à residência vizinha, onde ficou conversando com outro morador, que posteriormente saiu para a calçada. Com o passar do tempo, outros moradores também se reuniram no local, formando um pequeno grupo que permaneceu interagindo durante todo o período analisado. Uma moradora, enquanto realizava a tarefa de carregar água e conectar a bomba à caixa d'água, também se juntou às conversas. Essas interações entre moradores foram observadas de forma mais significativa apenas nesse turno, possivelmente em razão de ser um fim de semana, quando a maioria está em casa e mais disponível para socializar.

Mapa 23 - Análise Comportamental realizada no dia 3 de maio a tarde



Fonte: Autoria própria (2025).

Já no período da noite, as interações sociais reduziram-se significativamente, limitando-se, em sua maioria, à circulação de veículos e ao retorno de moradores às suas residências, seja a pé ou em automóveis, como mostra o mapa 24. Também foram registradas algumas pessoas saindo ou voltando de atividades físicas. A única interação prolongada observada nesse turno ocorreu entre dois moradores: um realizava pequenos reparos na calçada de sua casa, enquanto o outro carregava água, e ambos permaneceram conversando durante esse tempo.

Mapa 24 - Análise Comportamental realizada no dia 03 de maio a noite

Fonte: Autoria própria (2025).

De modo geral, a baixa incidência de interações noturnas foi uma constante ao longo das três observações realizadas nesse horário. Esse fenômeno pode estar relacionado a dois fatores principais: primeiramente, a natureza majoritariamente comercial da área, que perde dinamismo após o encerramento das atividades comerciais; em segundo lugar, a ausência de espaços de convivência que estimulem a permanência e o encontro entre os moradores. Soma-se a isso a questão da iluminação precária, especialmente na área arborizada, onde as copas densas dificultam a passagem da luz artificial, como evidenciado na imagem do Mapa 24.

6.18 Questionários

Devido à ausência de informações documentadas sobre a Feira Livre e o Mercado Público, foi optou-se por aplicar questionários *in loco*. Esse exercício se mostrou central para a elaboração dos mecanismos processuais da proposta de requalificação e para a compreensão dos diferentes dignificados desses ambientes

na vida urbana. Tal abordagem permitiu aproximação direta e escuta atenta às queixas, problemáticas e narrativas dos frequentadores e feirantes locais.

Ao todo, foram aplicados quarenta (40) questionários, sendo 10 destinados aos/às feirantes, 10 aos/às vendedores/as que atuam dentro do mercado e 20 às pessoas em geral. Esse número foi limitado pelo fato de que os/as feirantes atuam apenas durante um turno nas

segundas-feiras. Além disso, o diálogo mais prolongado com os idosos, que compartilhavam histórias e memórias, bem como relatavam desafios específicos enfrentados na feira, igualmente contribuiu para a execução mais demorada da atividade. Os questionários foram segmentados em três categorias: um destinado aos feirantes, outro aos vendedores do mercado e outro aos usuários. Com o intuito de facilitar a análise dos dados obtidos, foram elaborados gráficos demonstrativos (ver Apêndices A, B e C).

6.19 Questionários com Feirantes

A análise dos percentuais das entrevistas expressou que 100% do público entrevistado é do gênero masculino (Tabela 3). Com relação à faixa etária, 25% possuem entre 35 a 40 anos, 36% entre 41 a 50 anos e 39% entre 51 a 65 anos.

Quanto a residência dos feirantes, observa-se que a maioria (43%) são residentes de Desterro, a parcela restante é de cidades vizinhas que se deslocam para desempenhar suas atividades comerciais. Em relação tempo de trabalho, 29% possuem de 5 a 10 anos de trabalho, 57% de 11 a 20 anos e 14% de 21 a 30 anos de trabalho na feira livre de Desterro.

Tabela 4 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos feirantes

Vendedores da Feira	Total	Homens	Mulheres	Outros
N, (%)	7	**7, (100%)**	0	0
Idade	50,14 ± 9,97	50,14 ± 9,97	0	0
Cidade	3 cidades	**Desterro (43%)** Taperoá (28,5%) Teixeira (28,5%)	0	0
Tempo de trabalho	16,14 ± 8,11	16,14 ± 8,11	0	0

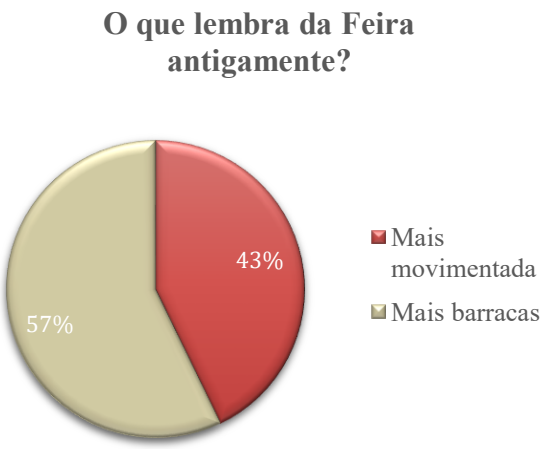
Fonte: Autoria própria (2025).

Em relação as barracas, 29% relatam que herdou a barraca de algum parente, enquanto 71% afirmam que não herdaram a barraca e começaram muito novos a vender seus produtos na feira. Sobre o vínculo afetivo estabelecidos pelos feirantes com o ambiente de trabalho, todos os entrevistados expressaram sentir essa afinidade.

Os entrevistados foram questionados sobre o que lembravam da feira de antigamente (Figura 60). Do total, 57% responderam que havia mais barracas no espaço, enquanto 43% disseram que a feira era mais movimentada, embora o fluxo tenha diminuído com o passar do tempo. Em relação ao espaço de trabalho, 43% afirmaram que a área ocupada por suas barracas

é funcional e suficiente, enquanto 57% consideraram o espaço inadequado, expressando o desejo por melhorias nas condições de trabalho.

Figura 60 - Gráfico de como era a feira antigamente



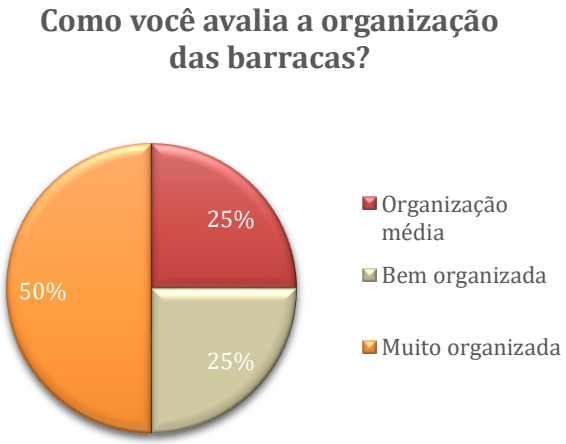
Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 61 - Gráfico de espaço de trabalho

Fonte: Autoria própria (2025).

Foi perguntado aos feirantes qual a sua opinião sobre a organização das barracas no espaço da feira (figura 62). Do total, 50% consideraram o espaço organizado, enquanto 25% o classificaram como regular, relatando a falta de fiscalização e a necessidade de uma melhor distribuição das barracas. Destacaram ainda que grande parte do espaço é ocupada por veículos de feirantes e usuários, o que compromete a fluidez e a funcionalidade da feira.

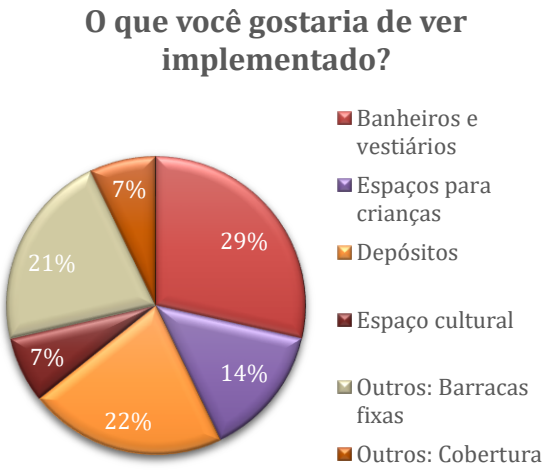
Figura 62 - Gráfico de organização das barracas



Fonte: Autoria própria (2025).

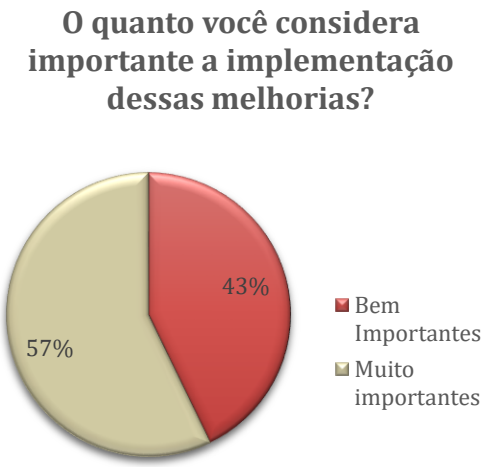
Sobre a implementação de melhorias, 29% dos entrevistados mencionaram o desejo de implantação de banheiros. Apesar de já existirem sanitários próximos ao açougue, eles enfrentam problemas estruturais e de higiene, permanecendo fechados na maior parte do tempo. Outra demanda recorrente foi a instalação de cobertura, a fim de proteger os feirantes e suas mercadorias das intempéries, já que atualmente utilizam lonas como solução improvisada. Ao todo, 57% dos respondentes consideraram essas melhorias muito importantes e necessárias para garantir o bom funcionamento da feira.

Figura 63 - Gráfico de melhorias na feira.



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 64 - Gráfico da importância dessas implementações



Fonte: Autoria própria (2025).

6.20 Questionários com Vendedores do Mercado

Os questionários aplicados aos vendedores do Mercado Público revelam um perfil marcado pela predominância feminina (60%) e por uma média de idade elevada, em torno de 61 anos para ambos os sexos. Esse dado indica que grande parte dos comerciantes possui uma trajetória longa e consolidada no local, reforçando o caráter tradicional do mercado na vida da comunidade. Apesar de estar situado em Desterro, apenas 20% dos vendedores residem no município, enquanto os demais vêm de cidades vizinhas, como Taperoá e Itapetim, o que evidencia o alcance regional do mercado público.

O tempo médio de atuação dos vendedores é de aproximadamente 29 anos, sendo ligeiramente maior entre os homens (33 anos) do que entre as mulheres (27 anos). Essa longevidade no trabalho demonstra o vínculo forte desses profissionais com o espaço e aponta para a importância do mercado como fonte de renda estável e ambiente de convivência social.

Tabela 5 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos vendedores do mercado.

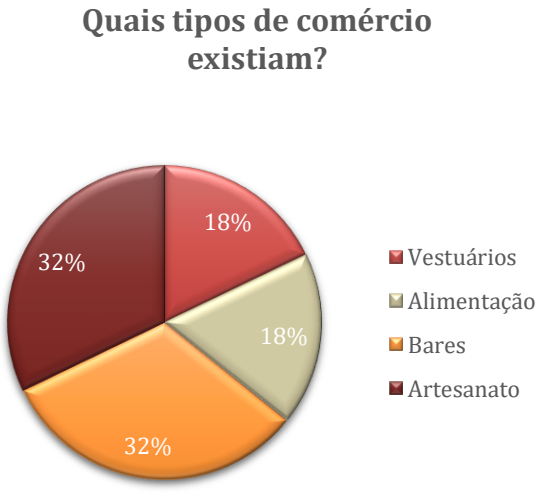
Vendedores do Mercado	Total	Homens	Mulheres	Outros
N, (%)	10	4, (40%)	6, (60%)	0
Idade	29,4 ± 10,69	61,5 ± 4,65	61,16 ± 14,00	0
Cidade	3 cidades	Desterro (20%) Taperoá (10%) Itapetim (10%)	Desterro (60%)	0
Tempo de trabalho	29,4 ± 10,69	33 ± 9,2	27 ± 11,74	0

Fonte: Autoria própria (2025).

Os dados obtidos indicam uma diversidade nos tipos de comércio presentes no local (figura 65). As atividades mais predominantes são os bares e o comércio de artesanato, ambos representando 32% dos entrevistados. Em seguida, aparecem os comércios de vestuário e de alimentação, com 18% das respostas cada.

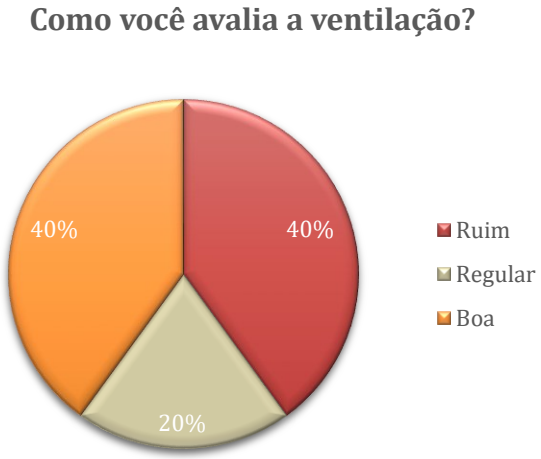
O gráfico (figura 66) apresentado mostra a avaliação dos usuários sobre a ventilação no espaço da feira e do mercado público. De acordo com os dados, 40% consideram a que o espaço não tem uma boa ventilação, indicando uma preocupação significativa com o conforto térmico no local. Outros 40% avaliam o espaço como ventilado, demonstrando uma percepção positiva por parte de uma parcela equivalente.

Figura 65 – Gráfico dos tipos de comércio



Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 66 - Gráfico de avaliação da ventilação



Fonte: Autoria própria (2025).

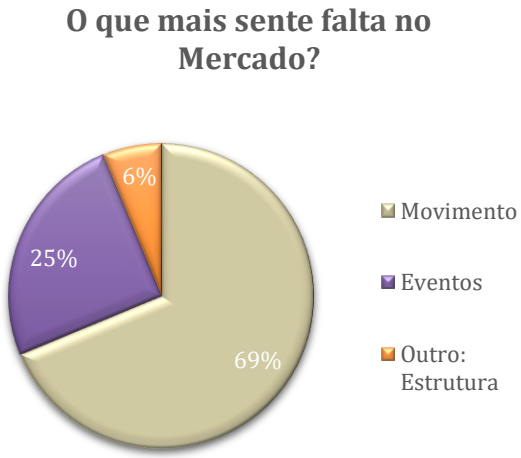
Quando questionados se a estrutura do mercado atrapalhava suas vendas (figura 67), a maioria dos entrevistados (60%) respondeu que não se sente prejudicada pela estrutura atual, enquanto 40% afirmaram que sim. Isso indica que, embora a maior parte dos feirantes não veja a estrutura como um fator limitante direto para suas vendas, uma parcela significativa ainda enfrenta dificuldades, o que evidencia a necessidade de melhorias pontuais na infraestrutura para atender a todos de forma mais eficiente.

O gráfico demonstra que a principal carência percebida no mercado público (figura 68), segundo os respondentes, é a falta de movimento, apontada por 69% dos participantes. Esse dado evidencia a ausência de fluxo constante de pessoas, o que impacta diretamente nas vendas e na vitalidade do espaço. Em segundo lugar, com 25%, aparece a falta de eventos, indicando o desejo da comunidade por atividades culturais ou comerciais que atraiam mais visitantes e dinamizem o ambiente.

Figura 67 - Gráfico da avaliação da estrutura física do mercado.

Fonte: Autoria própria (2025).

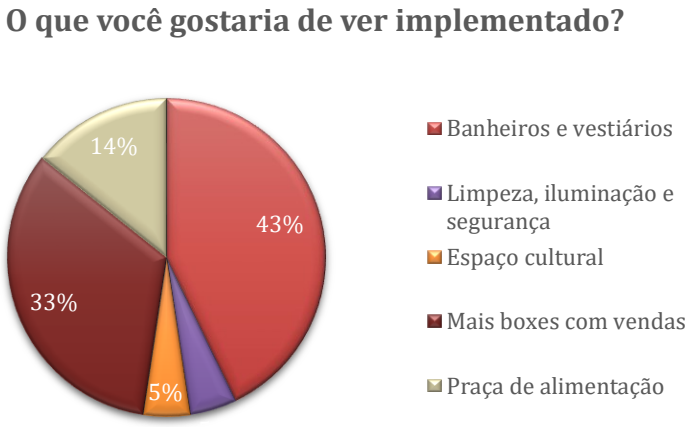
Figura 68 – Gráfico de Carências percebidas no Mercado Público pelos vendedores.



Fonte: Autoria própria (2025).

O gráfico (figura 69) revela as principais demandas dos usuários em relação a melhorias desejadas no espaço da feira ou mercado público. A maior parte dos entrevistados (43%) apontou a necessidade de banheiros e vestiários, enquanto (33%) refere-se à ampliação do número de boxes de venda, indicando o desejo por maior diversidade comercial e inclusão de novos comerciantes. A praça de alimentação, com 14%, aparece como um espaço desejado para convivência e consumo, reforçando o caráter social do ambiente.

Figura 69 - Gráfico de implementação de melhorias.



Fonte: Autoria própria (2025).

6.21 Questionários com Usuários

A análise dos questionários com usuários dos espaços indica uma predominância feminina (70%), com os homens representando 30% dos entrevistados. A média de idade geral é de 62,65 anos, sendo os homens mais velhos (71,16 anos) em comparação às mulheres (59 anos), o que pode influenciar na percepção e uso dos espaços. A maior parte dos usuários é da cidade de Desterro (80%), seguida por Cacimbas (14%), o que revela o caráter predominantemente local do uso dos espaços. A frequência de visitação reforça essa relação com o cotidiano: 70% dos entrevistados frequentam semanalmente os espaços, com destaque para os homens (80%) e mulheres (72%) nessa categoria. As visitas quinzenais e raras são minoritárias, mostrando que a feira e o mercado exercem um papel contínuo e relevante na vida da população local, sobretudo entre as mulheres mais jovens.

Tabela 6 - Idade, gênero, cidade e tempo de trabalho dos usuários do mercado e feira livre.

Usuários dos espaços	Total	Homens	Mulheres	Outros
N, (%)	20	6 (30%)	14 (70%)	0
Idade	62,65 ± 13,22	71,16 ± 11,33	59 ± 12,58	0
Cidade	2 cidades	**Desterro (80%)**	Cacimbas (14%)	0
Visitação aos espaços	**Semanal (70%)**	**Semanal (80%)** Quinzenal (20%)	**Semanal (72%)** Quinzenal (21%) Raro (7%)	0

Fonte: Autoria própria (2025).

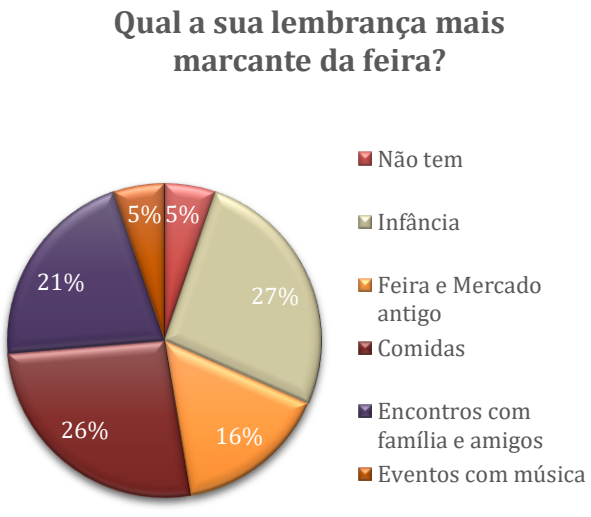
O gráfico apresentado (figura 70) responde à pergunta “O que existia na feira ou no mercado que hoje não tem mais?” e evidencia mudanças significativas na dinâmica desses espaços ao longo do tempo. A principal ausência apontada pelos entrevistados foi a de comidas do mercado, com 47% das respostas, sinalizando uma perda importante de um elemento cultural e de permanência que antes fazia parte da vivência local. Verduras no mercado (11%), confecções (12%) e restaurantes (12%) também foram mencionados, indicando a redução da diversidade comercial. Além disso, aspectos mais ligados à experiência social e cultural, como mais movimento (6%) e festas (6%), também foram lembrados, o que reforça a percepção de que o mercado e a feira perderam não só em termos de variedade de produtos, mas também em vitalidade e significado coletivo.

O gráfico em questão (figura 71) apresenta a distribuição percentual das lembranças mais marcantes associadas à feira, conforme percepção dos usuários. Observa-se que a categoria "Infância" lidera com 27%, seguida de "Comidas" com 26% e "Encontros com família e amigos" com 21%, evidenciando que as experiências afetivas e sensoriais predominam na memória coletiva sobre o evento. A menção à "Feira e Mercado antigo", com 16%, reforça o valor histórico-cultural atribuído ao espaço, enquanto as categorias "Não têm" e "Eventos com música", ambas com 5%, indicam menor relevância na memória afetiva dos participantes.

Figura 70 – Gráfico de ausência nos espaços

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 71 – Gráfico das lembranças marcantes dos usuários



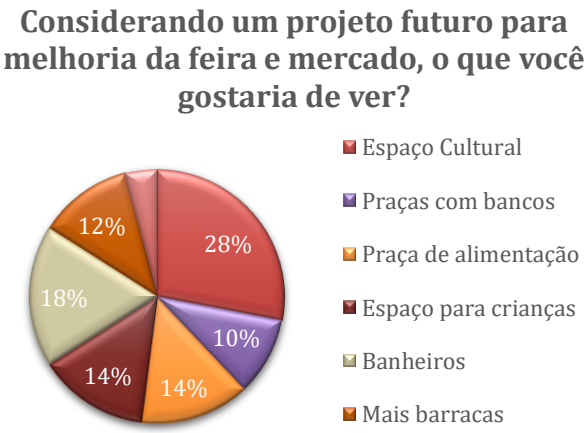
Fonte: Autoria própria (2025).

Em relação à organização das barracas (figura 72), 71% dos entrevistados consideraram que o espaço, embora organizado, poderia ser aprimorado quanto à distribuição e concentração das estruturas. Por outro lado, 23% afirmaram que a organização atual é satisfatória. No que se refere às melhorias desejadas, o gráfico da Figura 73 revelou-se fundamental ao apresentar as preferências dos participantes quanto aos equipamentos futuros para qualificação do espaço da feira. Dentre as opções indicadas, 28% apontaram a necessidade de implantação de um espaço cultural, com o objetivo de resgatar tradições locais, especialmente a presença da música nas feiras. Em seguida, 18% destacaram a urgência da instalação de banheiros públicos, enquanto a criação de uma praça de alimentação e o aumento da quantidade de barracas foram mencionadas por 14% dos entrevistados, cada uma.

Figura 72 – Gráfico de organização das barracas da feira

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 73 - Gráfico de implementação de melhorias



Fonte: Autoria própria (2025).

6.22 Quadro síntese

Foi elaborado um quadro-síntese a partir das principais respostas obtidas nos questionários aplicados, totalizando 40 entrevistas, sendo 10 direcionadas aos feirantes, 10 aos vendedores do mercado e 20 aos usuários desses espaços. O objetivo desse quadro é reunir as informações mais relevantes, que foram fundamentais para a elaboração do programa de necessidades e para o desenvolvimento da proposta de requalificação, visando atender às demandas e expectativas dos usuários.

Tabela 7 - Quadro-síntese com principais respostas obtidas nas entrevistas

Principais Respostas	Grupos Entrevistados		
	Feirantes (n=10)	**Vendedores do Mercado (n=10)**	**Usuários (n=20)**
Perfil dos Entrevistados	100% homens; idade média 50 anos; maioria de Desterro (43%); tempo de trabalho médio 16 anos.	60% mulheres; idade média 61 anos; apenas 20% de Desterro; tempo médio de atuação 29 anos.	70% mulheres; idade média 62 anos; maioria de Desterro (80%); 70% frequentam semanalmente.
Percepções e Memórias	Lembrança de mais barracas (57%) e maior movimento (43%); vínculo afetivo forte com o espaço.	Mercado como espaço tradicional e de renda estável; diversidade de comércio (bares e artesanato 32% cada).	Lembranças ligadas à infância (27%), comidas típicas (26%), encontros familiares (21%).
Problemas Identificados	Espaço de barraca insuficiente para 57%; falta de organização e fiscalização; veículos ocupando o espaço; sanitários precários.	Falta de movimento (69%); ausência de eventos (25%); espaço sem ventilação para 40%; 40% sentem estrutura prejudicial às vendas.	Perda de comidas no mercado (47%); redução da diversidade comercial; menos movimento e festas.
Demandas e Melhorias Sugeridas	Banheiros (29%); cobertura para proteção climática; melhor distribuição de barracas;	Banheiros/vestiários (43%); mais boxes (33%); praça de alimentação (14%); eventos para atrair público.	Espaço cultural (28%); banheiros públicos (18%); praça de alimentação (14%); melhorar a distribuição das barracas (71%).

Fonte: Autoria própria (2025).

A partir da análise das respostas e da consolidação dos dados no quadro-síntese, tornou-se possível identificar, sob a ótica do público, os principais problemas existentes e, assim, propor a implementação de novos elementos na proposta de requalificação, como a criação e organização das barracas, sanitários, praça de alimentação e cobertura.

7 REQUALIFICAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO E FEIRA LIVRE EM DESTERRO-PB

7.1 Conceito e Partido Arquitetônico

A concepção do estudo preliminar surgiu a partir da leitura abrangente do recorte espacial, considerando as dimensões físicas, sociais e culturais da área de intervenção. A intenção principal é apresentar a memória afetiva associada ao mercado público e à feira livre como horizontes da requalificação, além de convertê-los em lugares mais atrativos, dinâmicos e funcionalmente integrados ao cotidiano da população.

As decisões projetuais guiaram-se por dois princípios fundamentais: funcionalidade e estética. Do ponto de vista funcional, a proposta prioriza soluções sustentáveis, acessibilidade e conforto ambiental, assegurando inclusão e bem-estar. Complementarmente, foram incorporadas estratégias voltadas à segurança pública, à mobilidade urbana e à qualidade ambiental, alinhando a proposta às demandas reais da comunidade local.

As escolhas formais, cromáticas e materiais empregados, derivam tanto dos projetos correlatos bem como da história, das práticas culturais e das edificações preexistentes edificadas em outros tempos. Elementos do "regionalismo"[16] arquitetônico, como o uso de cobogós, muxarabis e tonalidades terrosas, foram incorporados para reforçar a identidade local e estabelecer um diálogo coerente com o clima e a cultura da região.

A partir dessas análises, elaborou-se a proposta de reforma do mercado público e da feira livre, com o objetivo de requalificar os espaços, promovendo ambientes amplos que garantam a fluidez das circulações, atendam às necessidades dos usuários e preservem a essência dos elementos já consolidados no tecido urbano. Para tanto, atentou-se à manutenção dos fluxos e à preservação do gabarito do mercado, assegurando sua integração harmônica com o entorno imediato. Os elementos regionais foram incorporados de forma criteriosa, assim como o mobiliário desenvolvido para os espaços. A criação do mezanino justifica-se pelo desejo de fomentar a sociabilidade e fortalecer os vínculos afetivos presentes nos mercados e feiras.

7.2 Identidade Visual da Intervenção

A identidade visual foi desenvolvida com o propósito de refletir a memória, a cultura local e o pertencimento. A escolha da representação da barraca, desenhada com linhas finas,

[16] Sobre o regionalismo em arquitetura, indica-se a leitura de Afonso (2020) e Pedrosa (2015).

cobertura em lona e produtos expostos em caixotes, simboliza de forma sensível a feira de Desterro e a maneira de "fazer feira".

Esse conjunto visual é complementado pela expressão que intitula este trabalho - **Entre bancas, sons e sabores** -, que reforça a dimensão afetiva e cultural do espaço, evocando memórias, experiências sensoriais e vínculos sociais. A expressão lança luz nas territorialidades tecidas pelas pessoas na feira e no mercado, com seus produtos diversos e variedade sonora, visual, tátil e olfativa. A combinação e o amálgama desses componentes contribuem para a construção de um ambiente singular e encantador.

A logomarca foi concebida de forma minimalista e simbólica, utilizando geometrias simples e marcantes que remetem ao traçado das barracas e às estruturas leves utilizadas nas coberturas de lona tensionada. As linhas e sobreposições evocam a fluidez do espaço público, a flexibilidade do movimento das feiras livres e as operações sociais que caracterizam esses os encontros, os desencontros e as trocas cotidianas.

As cores predominantes - marrom, terracota, amarelo queimado e verde oliva - foram cuidadosamente selecionadas por sua forte relação com a paisagem nordestina, os materiais naturais e os elementos culturais da região. O marrom remete ao barro e à cerâmica artesanal; a terracota e o amarelo queimado simbolizam a luminosidade e a vitalidade presentes nas feiras; enquanto o verde oliva alude à vegetação nativa e à busca por um ambiente sustentável e integrado ao contexto urbano.

Com o objetivo de divulgar a proposta, foi desenvolvido um cartaz (Figura 74), contendo a identidade visual do projeto, incluindo logomarca, símbolos, paleta de cores e sua aplicação em diferentes *mockups.*

Figura 74 - Aplicação da identidade visual do projeto

Fonte: Autoria própria (2025).

7.3 Painel Semântico e Referências Visuais

O painel semântico, ou *moodboard*, reuniu as referências que fundamentaram a elaboração do projeto, tanto sua volumetria quanto a definição das cores e materiais. No painel, apresentado na Figura 75, percebem-se imagens relacionadas aos materiais empregados, coberturas, mobiliário, paleta de cores e elementos da arquitetura luso-brasileira de aplicação regional. Entre os elementos representados, há o uso de cobogó, de painéis em muxarabi e de madeira, inclusive utilizados para as tipologias das barracas, que aparecem de forma integrada à identidade visual da proposta.

Figura 75 - Moodboard

Fonte: Autoria própria (2025).

7.4 Programa de necessidades e zoneamento

A elaboração do programa de necessidades para a proposta de intervenção no Mercado Público e Feira Livre de Desterro-PB revelou ser uma fase basilar no processo de projeto. Sua formulação articulou análises morfológicas e comportamentais e foi mediada por aplicação de questionários em dias de feira (ver Apêndices A, B e C), permitindo escuta às necessidades e vozes e expectativas das pessoas que experienciam rotineiramente os lugares em tela.

Com base nesses dados e nas conversas realizadas durante o período da feira, foi possível formular a pergunta norteadora que definiu o esquema do programa de necessidades: “quais melhorias os habitantes de Desterro e região necessitam no espaço da Feira Livre e do Mercado Público?” As respostas e observações resultaram no delineamento de diretrizes que envolvem a instalação de cobertura, implantação de barracas fixas, requalificação das instalações e estruturas do mercado, criação de praça de alimentação, bom aproveitamento dos espaços e ressignificação cultural. A partir disso, foram propostos os seguintes ambientes para o Mercado Público:

Tabela 8 - Programa de necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES - MERCADO PÚBLICO	
Lojas comerciais;	Depósito;
Restaurantes;	Central do lixo;
Lanchonetes;	Dml;
Sanitários;	Mezanino;
Área para barracas;	Palco para apresentações;
Pátio central com área verde;	Espaço de convivência;

Fonte: Autoria própria (2025).

Em relação ao espaço da Feira Livre, as informações coletadas evidenciaram ações específicas que refletem as condições atuais de uso do espaço e o desejo de melhoria para o funcionamento da feira. Com base nisso, o programa foi desenvolvido com foco na organização funcional, conforto ambiental e na qualificação do espaço público, respeitando a dinâmica e o caráter tradicional da feira. A partir disso, elaborou-se o seguinte programa de necessidades referente ao espaço da feira:

Tabela 9 - Programa de necessidades

PROGRAMA DE NECESSIDADES – FEIRA LIVRE	
Área para barracas fixas/móveis;	Circulação ampla entre as barracas;
Cobertura leve (lona tensionada);	Palco;
Mobiliário urbano;	Bicicletário;
Vegetação;	Espaço de convivência;

Fonte: Autoria própria (2025).

Nesse aspecto, o programa de necessidades proposto visa, portanto, atender de maneira funcional, inclusiva e articulada às demandas emergentes do contexto social, cultural e econômico de Desterro e região. O ordenamento espacial foi pensado para favorecer a fluidez da circulação, estimular a convivência nos diferentes momentos do dia e promover a integração entre os diversos usos do espaço, contribuindo para a requalificação urbana do entorno.

O zoneamento diz respeito à divisão de uma área em zona ou setores distintos, definidos por diretrizes especificas que orientam o uso e ocupação do espaço, facilitando sua funcionalidade e organização. Essa abordagem busca reorganizar o recorte espacial, de maneira que haja eficiência e contribua para a criação de ambientes urbanos harmoniosos e funcionais, “sinomórficos” de fato.

Inicialmente, foi realizado o mapeamento e a caracterização das barracas da feira livre com o intuito de analisar a quantidade, os tipos de produtos comercializados e a disposição das estruturas, conforme ilustrado na Figura 76. Esse processo tornou possível a compreensão dos territórios, das relações estabelecidas, das atividades desenvolvidas e da dinâmica local, e permitiu a formulação de uma proposta de requalificação atento às necessidades humanas, à preservação do “espírito do lugar” e atadura dos nós de pertencimento a feira e o mercado tecem com as pessoas.

Figura 76 - Mapeamento das barracas atual

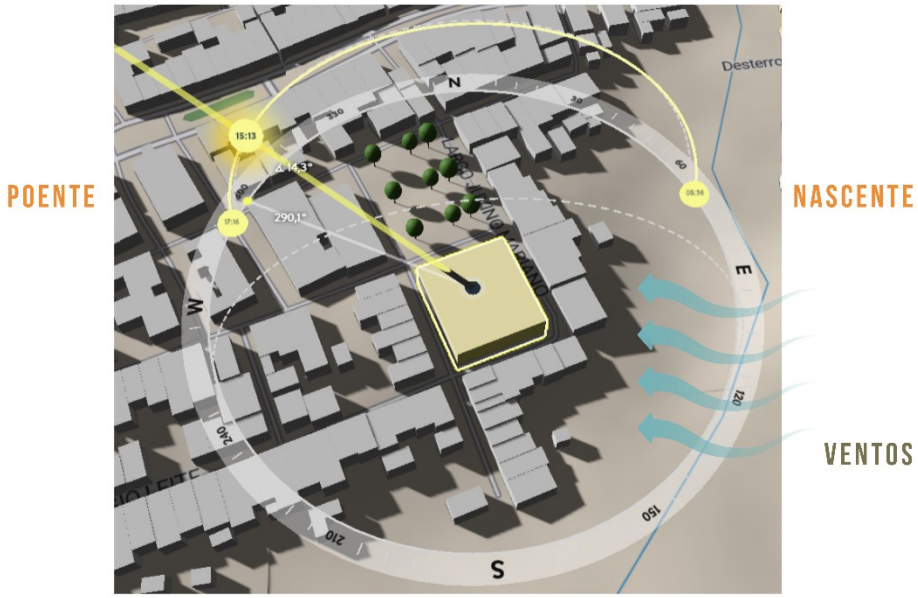
Fonte: Autoria própria (2025).

O zoneamento corresponde à organização pretendida do espaço e à integração dos elementos propostos no contexto da requalificação urbana. Desse modo, foi proposta a redistribuição das barracas da feira com a finalidade de centralizar e concentrar as atividades em local pré-definido. No mercado público, novos ambientes foram criados para que ali os comerciantes pudessem ser aproveitassem melhor as potencialidades do espaço. A análise desses elementos busca otimizar a funcionalidade espacial e promover a criação de ambientes acolhedores e eficientes.

Figura 77 - Zoneamento da feira livre e mercado publico

Fonte: Autoria própria (2025)..

Figura 78 - Ventilação e insolação



Fonte: Autoria própria (2025).

Além de atender às necessidades dos usuários, o estudo preliminar considerou as características do ambiente, incluindo suas condicionantes naturais, como o isolamento e a ventilação (Figura 78). Como mostrado na figura acima, o nascente está voltado para a Rua Travessia do Mercado, na fachada leste, enquanto o poente se dá para a Rua Travessia Aprígio Leite, na fachada oeste. Assim, a intenção é criar ambiente que proporcione conforto térmico e comodidade. Ao levar em conta esses aspectos naturais, busca-se não apenas aprimorar a

experiência dos usuários, mas também promover práticas sustentáveis e uma integração mais harmoniosa com o ambiente circundante.

7.5 Projeto de Requalificação Urbana

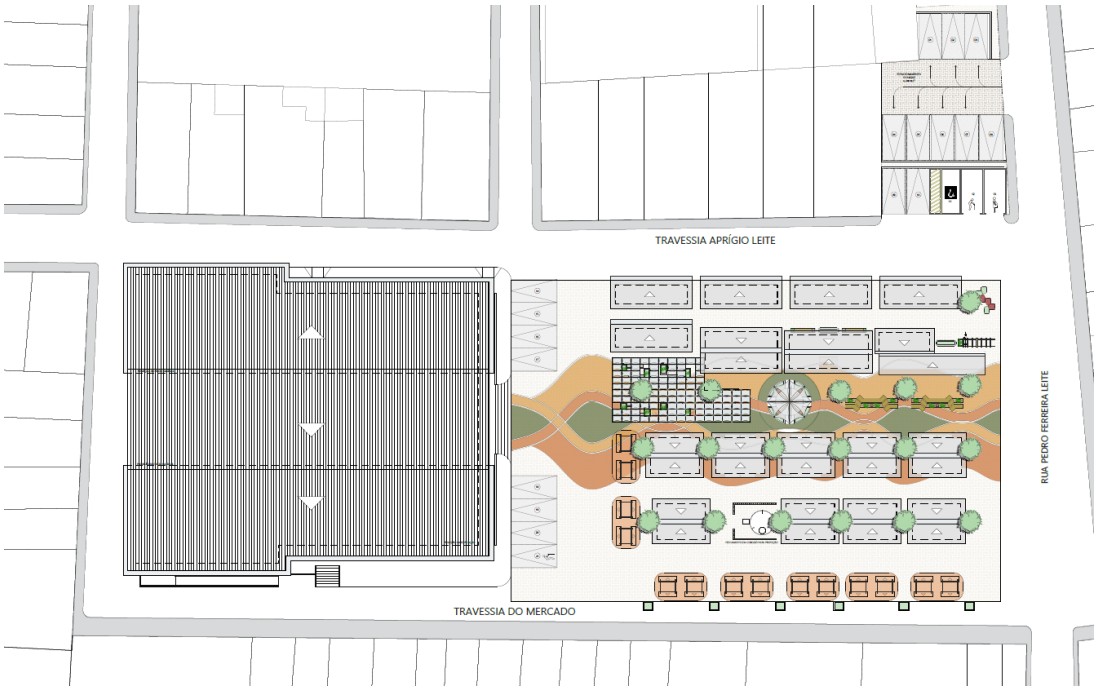
Este trabalho apresenta as etapas do estudo preliminar desenvolvidas com base em estudos de referência, nas observações realizadas em dias de feira e nas informações obtidas por meio de questionários aplicados junto aos feirantes e frequentadores. O material aqui exposto enfoca as intervenções propostas para os espaços da feira livre e do mercado público[17].

A proposta de requalificação abrange uma série de ações voltadas à ressignificação da arquitetura do mercado e à reorganização do território da feira. No que diz respeito à infraestrutura, estão previstas aprimoramento das calçadas, criação de rampas acessíveis, instalação de piso tátil e a implantação de vagas de estacionamento. Essas intervenções visam tornar o espaço mais seguro, acessível e funcional, além de ampliar as oportunidades de comércio e lazer na área de estudo.

Conforme ilustrado na figura 79, a paginação do espaço da feira foi elaborada com intuito de conectar a feira com o mercado e convidar os usuários para adentrarem no espaço. A proposta utiliza blocos de cimento permeável pigmentado, dispostos de forma a criar um desenho inspirado no trançado da corda de sisal, produto simbólico da história da feira local (e de outras) e responsável por consolidar o comércio. As cores utilizadas nos elementos como cobogós, muxarabis e pisos intertravados fazem alusão às panelas de barro e aos móveis de madeira produzidos por moradores, dando voz aos nexos entre cultura, identidade e natureza.

[17] Para melhor compreensão, consultar as pranchas disponíveis nos apêndices.

Figura 79 - Implantação da feira livre e mercado público



Fonte: Autoria própria (2025).

Além do universo estético, o estudo preliminar parte de abordagem integradora. A disposição das barracas, do palco, da praça de alimentação, dos boxes internos e das barracas permanentes foi pensada para garantir a fluidez entre os espaços, promovendo uma experiência acolhedora e dinâmica para os usuários.

7.6 A Feira Livre

A feira está localizada entre as ruas Travessia do Mercado e Travessia Aprígio Leite. Essa configuração favorece conexões visuais amplas e a identificação imediata dos equipamentos instalados, como as barracas, o palco para apresentação/exposição, a praça de alimentação e o mercado. Esse contato autoriza ao usuário liberdade de escolha, isto é, qual direção seguir conforme seu interesse.

Nesse sentido, a proposta de requalificação foi pensada para abrigar distintos usos, compondo um conjunto dinâmico e integrado. O espaço conta com barracas (fixas e desmontáveis), palco para apresentações e exposições, praça de alimentação, área de convivência, bicicletário, banheiros, depósitos e mobiliários urbanos como bancos e mesas, como pode ser observado na Figura 80 e 81, que apresenta a vista superior da feira.

Figura 80 - Implantação da proposta de requalificação

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 81 - Vista superior da requalificação

Fonte: Autoria própria (2025).

Um dos elementos característicos da paisagem são as árvores da espécie *ficus*, originalmente plantadas com a intenção de abrigar as barracas sob suas copas, protegendo os feirantes de intempéries. Essa vegetação foi mantida na proposta, sendo a disposição das barracas adaptada aos canteiros preexistentes. Os canteiros da Travessia Aprígio Leite são exceção, pois precisaram ser retirados para viabilizar a instalação de novas barracas. O espaçamento irregular entre as árvores dificultava o aproveitamento adequado daquele trecho.

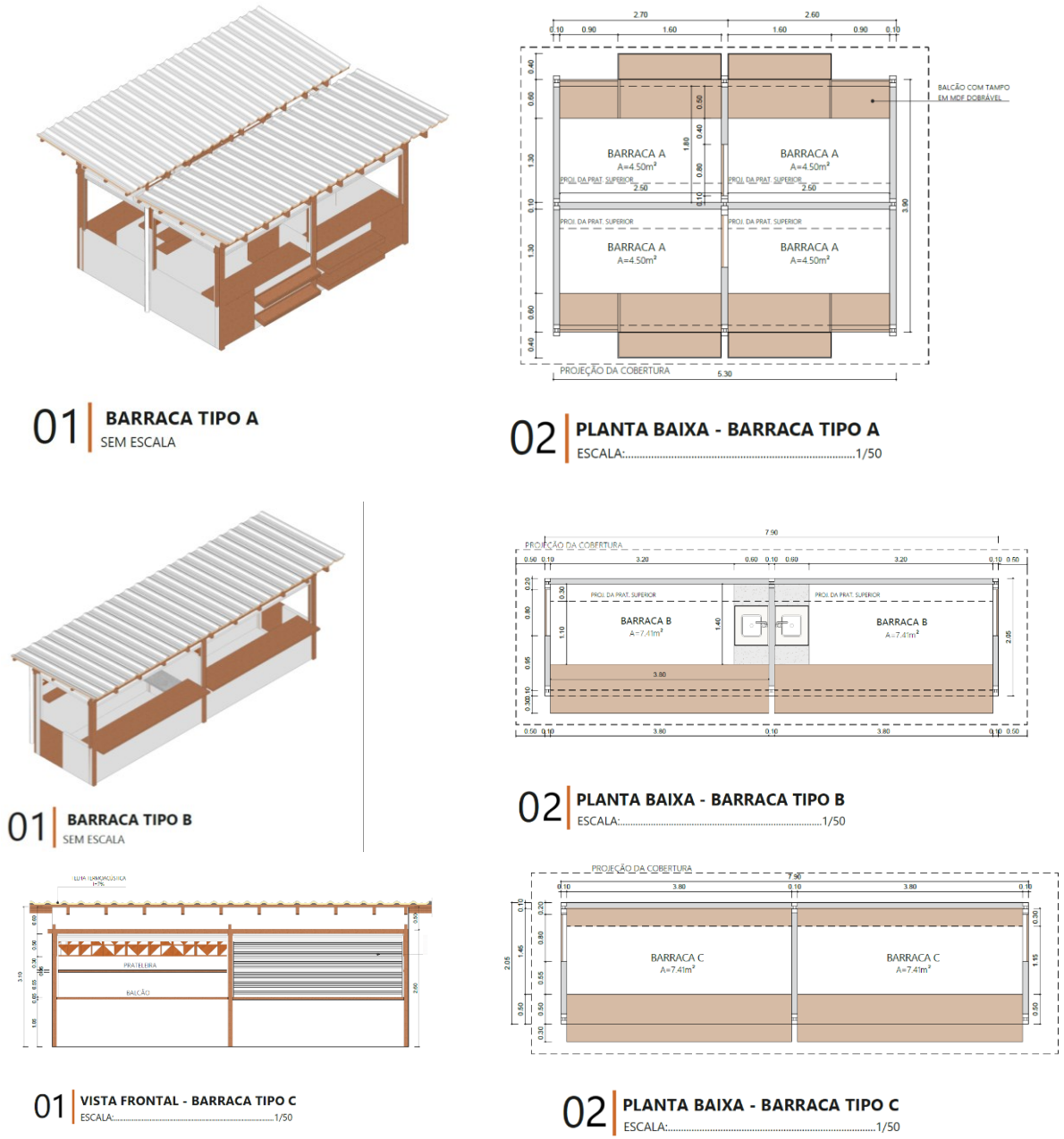
Para definir a implantação das barracas, respeitou-se a organização já existente. Atualmente, a feira ocorre nas segundas-feiras e conta com cerca de 50 barracas, número que pode variar a depender da demanda. Com base nisso, o estudo preliminar buscou manter essa quantidade, respeitando a lógica de distribuição atual. Foram, portanto, previstas 50 barracas fixas e áreas adicionais destinadas às desmontáveis, de forma a não descaracterizar a configuração habitual do espaço, como mostra a figura abaixo.

Figura 82 - Barracas implementadas na feira

Fonte: Autoria própria (2025).

Essas barracas estão distribuídas entre as árvores e dividem-se em dois grupos: fixas e desmontáveis. As fixas seguem três tipologias diferentes (figura 83): o tipo A, com dimensões de 2,00 x 2,70 metros, organizadas em conjuntos de quatro unidades; os tipos B e C, com 2,00 x 4,00 metros, dispostas em duplas ou grupos de quatro. A diferença entre os modelos B e C está na função: a tipologia B referem-se às lanchonetes e, por isso, possui *layout* adaptado. Já as desmontáveis, com dimensões de 1,50 x 2,00 metros, são organizadas individualmente e seguem o modelo tradicional de feiras, com estrutura metálica galvanizada, balcão em madeira e cobertura de lona colorida. Sua montagem é simples, utilizando conectores de encaixe que permitem desmontagem e expansão conforme a necessidade de cada feirante.

Figura 83 - Tipologia das barracas A, B e C



Fonte: Autoria própria (2025).

No que se refere aos materiais empregados, a proposta prioriza o uso de elementos certificados ambientalmente, recicláveis e oriundos de manejo sustentável. As estruturas das bancas fixas são compostas por madeira laminada colada, um material que oferece resistência à umidade, maior durabilidade e menor propensão à deformação quando comparado à madeira maciça.

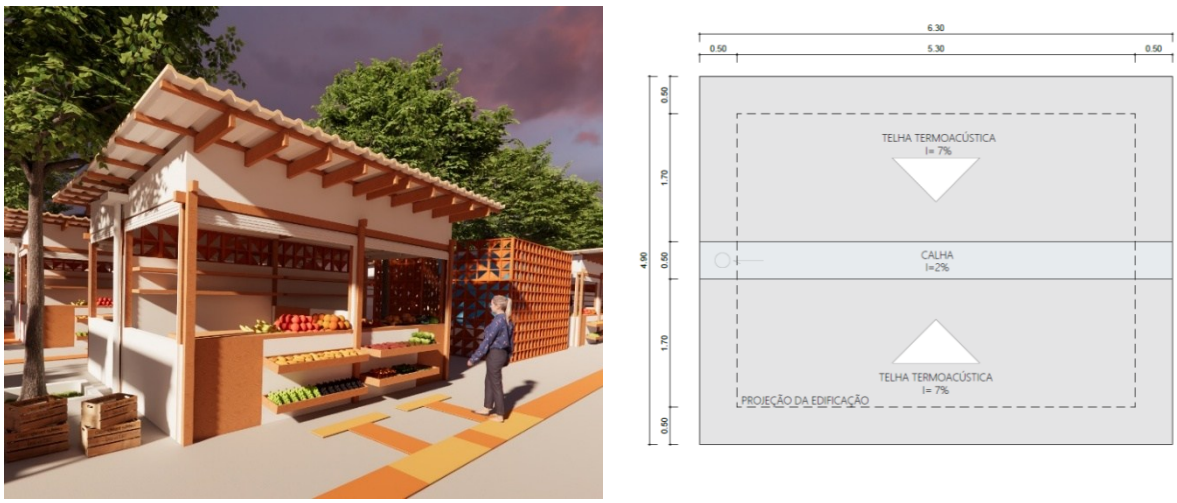
Para a cobertura, optou-se pelo uso de telhas termoacústicas tipo sanduíche, conhecidas como ecotelhado, como é possível observar na figura 84. Decidiu-se pela versão branca dessas telhas por apresentar baixa condutividade térmica e alta capacidade de refletância

solar. Além disso, essas telhas possuem propriedades retardantes de chamas e também foram aplicadas nos blocos de banheiros e depósitos. As calhas instaladas nas coberturas contribuem para a captação da água da chuva, direcionando-a ao reservatório inferior já existente no local.

A vedação das estruturas utiliza placas ecológicas do tipo Ecofour, produzidas a partir de 100% de material reciclado proveniente de tubos de creme dental. Compostas por 75% de polietileno de baixa densidade e 25% de alumínio, essas placas são impermeáveis, duráveis e apresentam ótimo desempenho térmico e acústico.

As bancas também contam com bancadas de exposição em madeira e painéis de cobogós entre os módulos, permitindo ventilação cruzada e entrada de luz natural (figura 84). Para garantir segurança, o fechamento das bancas é feito com esquadrias de alumínio tipo rolo, assegurando vedação eficiente.

Figura 84 - Banca da feira livre e telhado da barraca A



Fonte: Autoria própria (2025).

Os blocos de banheiros e depósitos foram implantados entre os módulos de bancas e próximos ao palco. O banheiro possui acesso voltado para o palco (figura 85), enquanto o outro está voltado para a circulação interna da feira. Ambos utilizam a mesma cobertura das bancas fixas, com calhas para escoamento e cobogós instalados a 2,50 metros de altura, favorecendo ventilação e iluminação naturais.

Figura 85 - Banheiros

Fonte: Autoria própria (2025).

A área de convivência (figura 86), por sua vez, é coberta com telha sanduiche e possui faixas translucidas com telhas de policarbonato alveolar com proteção uv, estruturada em madeira laminada colada, com paredes baixas de 1,10 metro e fechamento superior em cobogós, o que agrega valor estético ao espaço. O mobiliário presente nesse espaço foi pensado para ser multifuncional: mesas e bancos que podem ser utilizados tanto para descanso quanto para exposição de produtos em dias de feira.

Figura 86 - Área de convivência

Fonte: Autoria própria (2025).

O palco (figura 87), com formato circular e dimensões reduzidas, está localizado entre a praça de alimentação e a área de convivência, permitindo que o público acompanhe as apresentações culturais e exposições de diversos pontos da feira. Seu desenho circular cria uma

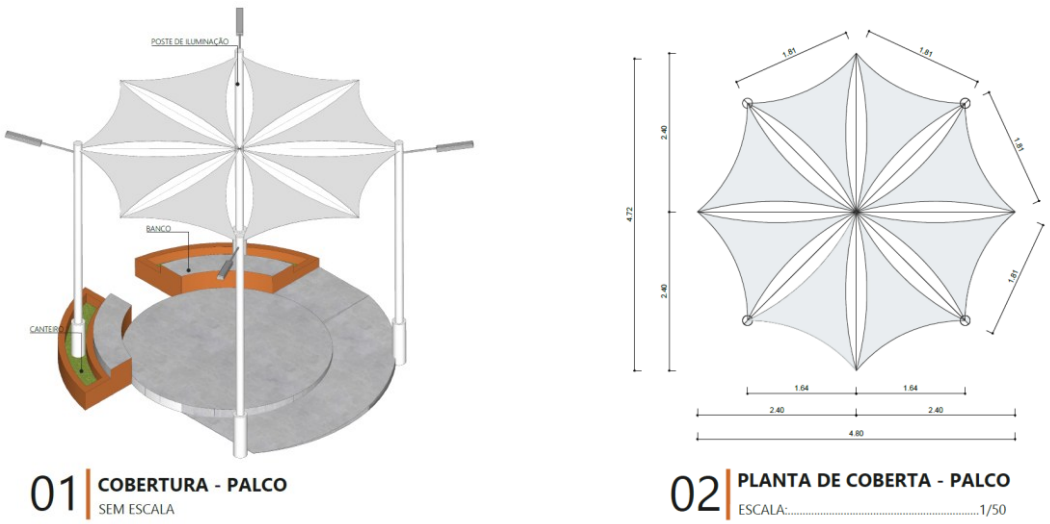
sensação de centralidade e abrangência. O espaço também é contornado por uma rampa de acesso e canteiros com vegetação e bancos, promovendo integração e acessibilidade.

Figura 87 - Palco

Fonte: Autoria própria (2025).

A cobertura do palco é feita com lona tensionada em módulos triangulares fixados nas extremidades (figura 88), formando um conjunto leve e visualmente marcante. Os postes estruturais são metálicos, tubulares, em alumínio fundido, com luminárias de LED integradas. No interior da cobertura, foram instalados spots cilíndricos que garantem a iluminação cênica ideal para eventos noturnos, contribuindo para uma atmosfera acolhedora e convidativa.

Figura 88 - Palco com cobertura em lona tensionada



Fonte: Autora, 2025.

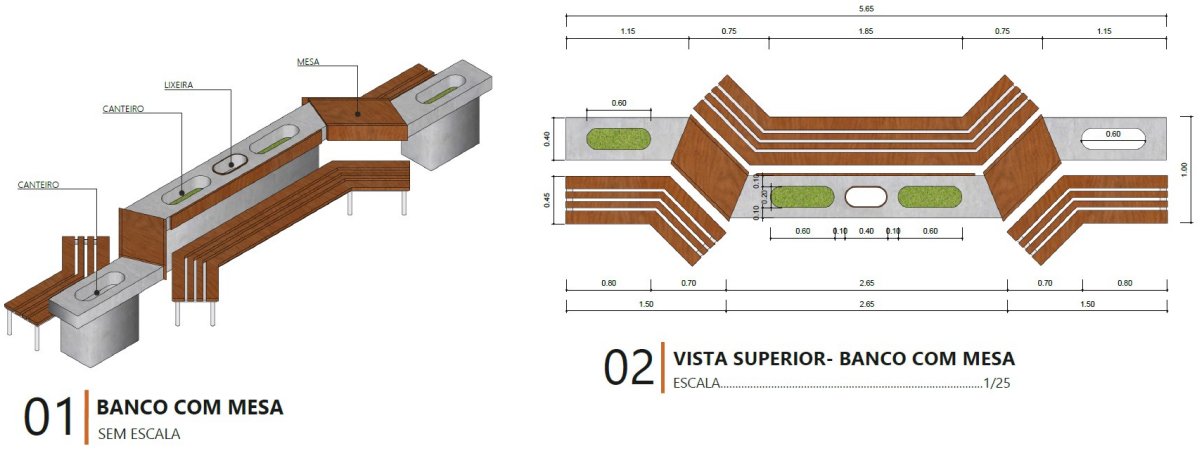
A praça de alimentação (figura 89) foi pensada para funcionar todos os dias, independentemente da realização da feira. O espaço é composto por barracas, mobiliários fixos e cobertura em lona tensionada na área das mesas. A intenção foi centralizar esse uso em um ponto específico e atender a uma demanda real: a proximidade com uma escola, cujos alunos costumam sair para lanchar em estabelecimentos próximos. A criação desse espaço permite que os estudantes comprem suas refeições e se reúnam nas mesas da praça, o que, além de dinamizar o uso do espaço, estimula a ocupação contínua do ambiente urbano por diferentes públicos e em diferentes momentos do dia.

Figura 89 - Praça de alimentação

Fonte: Autoria própria (2025).

Os mobiliários urbanos seguem o conceito de “arquitetura gentil”, buscando criar espaços inclusivos, acolhedores e seguros. Os bancos, em concreto reciclado, foram projetados com áreas verdes integradas e estão distribuídos ao longo do espaço. Destaca-se o banco posicionado próximo ao palco (figura 90), que além de contar com canteiro e lixeira, possui extremidades elevadas que funcionam como mesas, podendo ser utilizadas tanto para jogos quanto para refeições.

Figura 90 - Mobiliário do mercado e feira

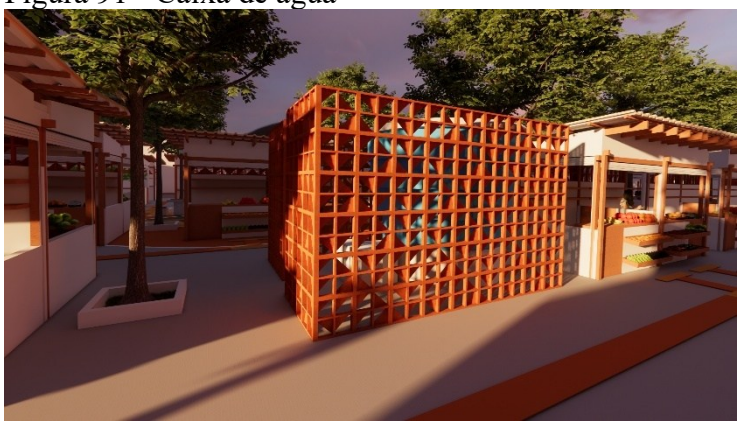


Fonte: Autoria própria (2025).

As mesas da praça de alimentação seguem esse mesmo princípio: são retangulares, com bancos, canteiros e lixeiras acopladas, facilitando o descarte de resíduos. As lixeiras, também produzidas em concreto, foram distribuídas estrategicamente em três formatos: acopladas aos bancos, espalhadas ao longo da feira para uso dos visitantes e, em maior escala, destinadas ao uso dos feirantes.

Por fim, foi mantida na proposta a antiga caixa d'água (figura 91) com reservatório inferior, utilizada anteriormente para abastecimento das casas vizinhas durante a crise hídrica. Agora, ela passa a armazenar a água da chuva captada pelas calhas das coberturas da feira, funcionando como ponto de abastecimento para as bancas da feira e para o mercado. Para proteger o reservatório, e como decisão estética, foram instalados cobogós em seu entorno, garantindo ao mesmo tempo segurança, ventilação e integração estética com os demais elementos do espaço.

Figura 91 - Caixa de água



Fonte: Autoria própria (2025).

A proposta visa transformar a feira livre em um ambiente mais organizado, acessível e convidativo, sem descaracterizar sua identidade cultural e social, reconhecendo-a como espaço de trocas socioeconômicas e manifestações culturais enraizadas no cotidiano da população desterrense.

7.7 O Mercado Público

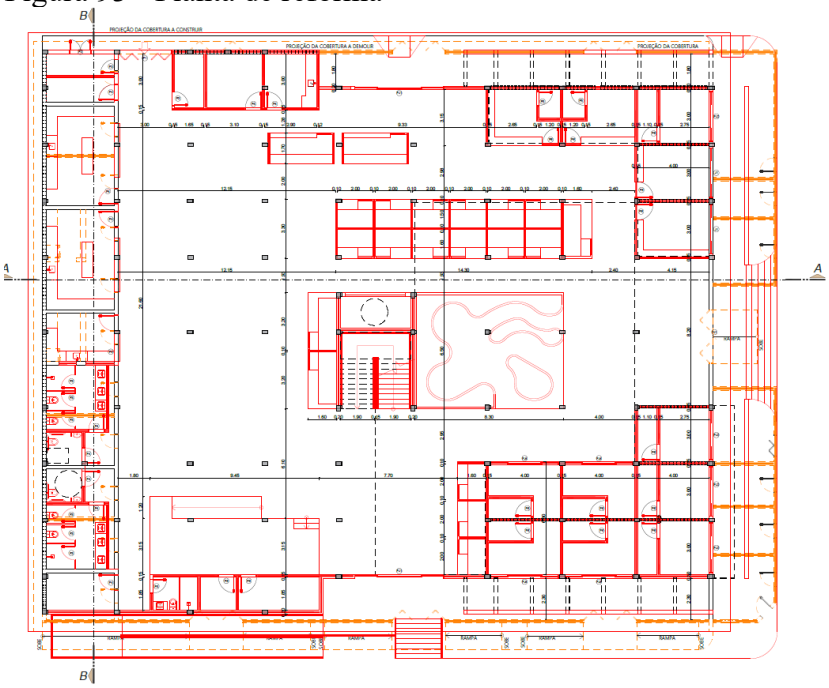
A reforma e reorganização do mercado teve como ponto de partida a criação de novos espaços e o melhor aproveitamento da área existente, incorporando ambientes como áreas de convivência, banheiros, depósitos, boxes, bancas fixas e um mezanino. Além da implantação desses novos ambientes, algumas paredes foram demolidas para viabilizar a instalação dos blocos sanitários. Também foi necessário o recuo de 50 cm da parede da fachada leste, de modo a permitir a instalação de uma rampa com inclinação acessível. As rampas anteriormente existentes não atendiam às normas de acessibilidade, dificultando o acesso lateral, como é possível observar na figura 92. Essa nova rampa se mostrou essencial, uma vez que a edificação apresenta um desnível de 1,50 metros em relação à rua na fachada leste, ao passo que o lado oeste está nivelado com o logradouro. O desnível foi mantido, respeitando as cotas originais e as paredes existentes.

Figura 92 - Rampas existentes

Fonte: Acervo pessoal (2025).

Na planta de reforma, observa-se que os boxes localizados na fachada norte foram demolidos e realocados para o interior da edificação, o que possibilitou a criação de calçadas no entorno do mercado, antes presentes apenas na fachada oeste. O objetivo dessa intervenção foi facilitar a circulação de pedestres e permitir o acesso ao mercado pelas três entradas: duas localizadas nas laterais e uma na fachada norte.

Figura 93 - Planta de reforma



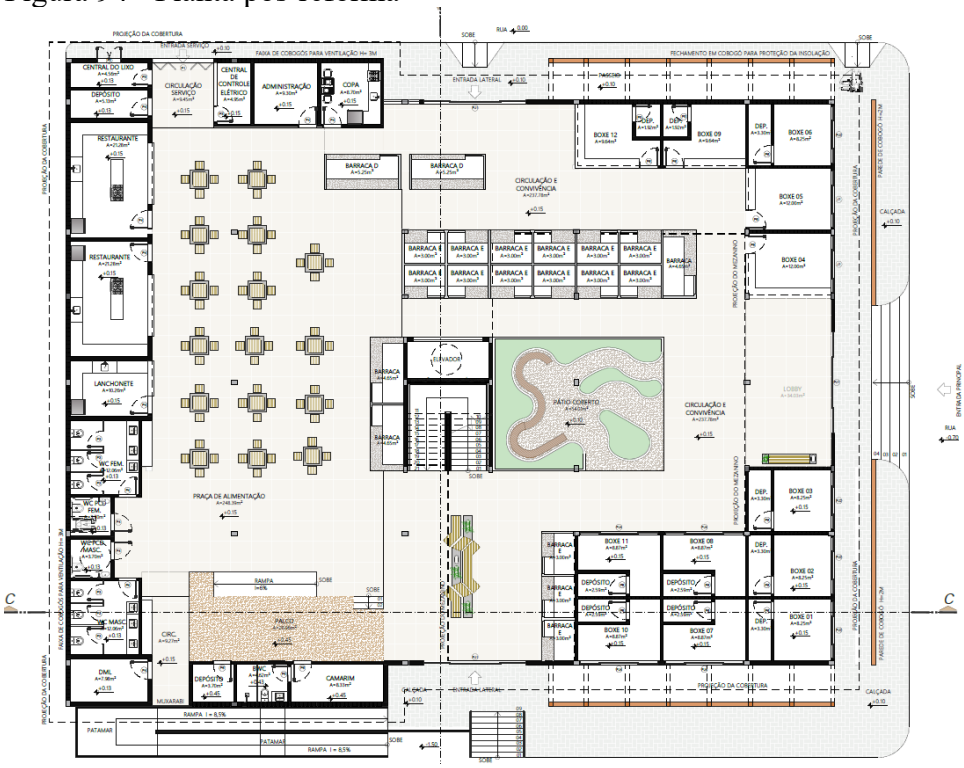
Fonte: Autoria própria (2025).

Conforme indicado na figura 93, também foram removidas paredes para instalação dos blocos sanitários, compostos por um banheiro masculino, um feminino e dois acessíveis. Além disso, os antigos boxes foram reconfigurados para abrigar as funções de DML, depósito e central de lixo. Apesar dessas modificações, buscou-se manter a configuração, localização e quantidade original dos restaurantes, conservando algumas paredes e reinstalando os estabelecimentos próximos às suas posições anteriores.

No espaço central, anteriormente um galpão com barracas desmontáveis, foram implantados novos boxes, bancas fixas, um palco para apresentações culturais, uma área administrativa e um pátio central. As entradas foram mantidas em suas posições originais, mas tiveram suas dimensões ampliadas, contando agora com portas largas, adequadas ao fluxo de pessoas. Também foi criada uma entrada de serviço, com o intuito de facilitar o recebimento de mercadorias e a manutenção da edificação.

A figura 94 ilustra a nova configuração do mercado após a reforma, destacando a distribuição dos boxes, da praça de alimentação, da escada, do pátio central. A entrada principal, situada na fachada norte, conecta diretamente o mercado à feira livre, promovendo um fluxo contínuo de visitantes e fortalecendo a articulação entre o mercado e a dinâmica urbana tradicional.

Figura 94 - Planta pós-reforma

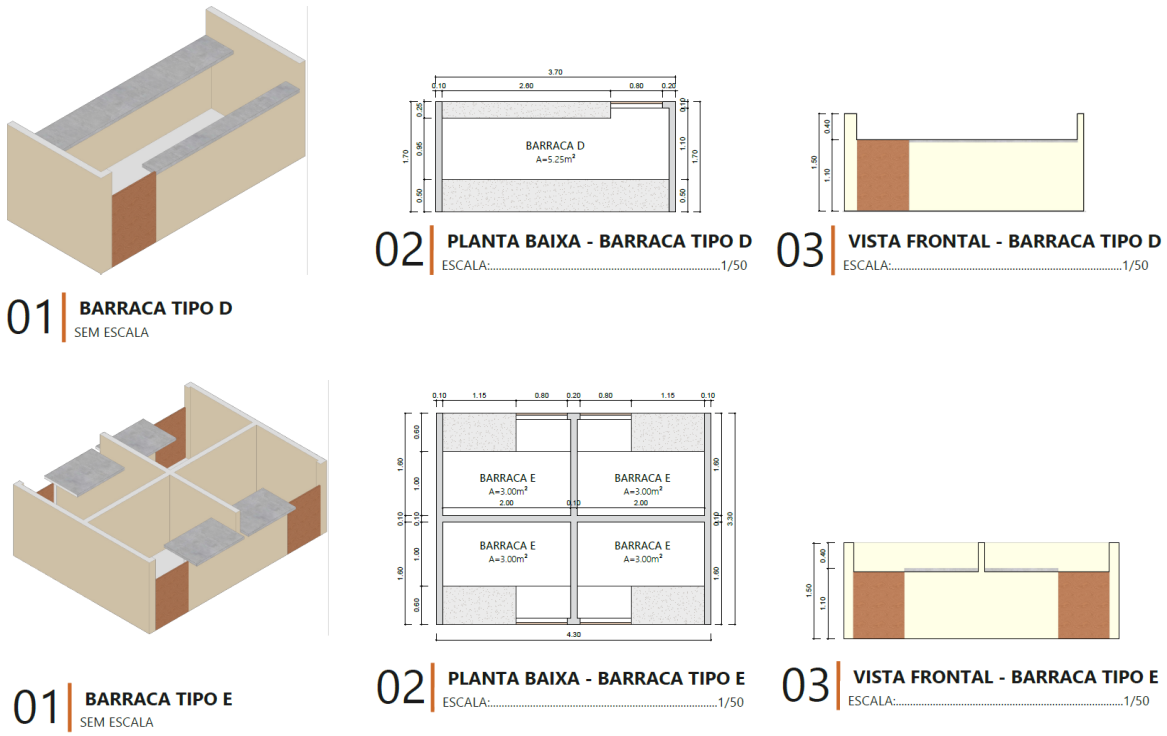


Fonte: Autoria própria (2025).

Ao longo das fachadas leste e oeste estão dispostos 12 boxes, sendo sete voltados para a fachada leste e cinco para a oeste. Os boxes medem 4,00 x 3,00 metros e possuem um depósito interno com dimensões variando entre 1,10 x 3,00 m e 1,10 x 2,35 m, o que resulta em uma área útil de exposição de 8,25 m² ou 8,87 m². Os boxes voltados às fachadas possuem aberturas amplas de 3,80 metros, compostas por portas de correr em madeira e vidro. Já os voltados para o interior do mercado apresentam duas configurações de abertura: portas de correr amplas ou balcões.

As bancas fixas (figura 92) contam com duas tipologias distintas: as bancas do tipo D, com 1,70 x 3,70 metros, são dispostas individualmente, com balcão em ambos os lados e divisórias laterais de 1,50 metros de altura. As bancas do tipo E medem 1,60 x 2,20 metros e organizadas em módulos de quatro unidades, separadas por divisórias também de meia parede com 1,50 metros de altura. Como estão situadas no interior do mercado, essas bancas não necessitam de cobertura própria.

Figura 95 - Tipologia das barracas do mercado



Fonte: Autoria própria (2025).

A praça de alimentação foi posicionada próxima à fachada sul, contando com dois restaurantes, uma lanchonete, banheiros e o palco para apresentações (figura 96). O palco, com dimensões de 9,45 x 3,15 metros e elevação de 30 cm em relação ao piso, possui rampa acessível e escada, além de camarim, banheiro e depósito. Seu posicionamento estratégico permite visibilidade a partir de vários pontos do mercado, sem interferir nas demais atividades. A proposta do palco visa resgatar a tradição do "Mercanclube" e fomentar a realização de eventos culturais, fortalecendo a memória coletiva e consolidando o mercado como espaço público plural e dinâmico.

Figura 96 - Praça de alimentação e palco

Fonte: Autoria própria (2025).

O pátio central (figura 97) foi projetado com canteiros e caminhos de desenho irregular, acompanhados por bancos em concreto e madeira que seguem a mesma linguagem formal. O acesso ao mezanino se dá por meio de uma escada e de uma plataforma elevatória localizadas no centro do espaço, ao lado do pátio. Embora uma rampa tenha sido inserida nessa área, o desnível de 3,50 metros exigiria a construção de cinco lances com 8,40 metros de extensão cada, conforme ilustrado na figura 98, para garantir a acessibilidade. No entanto, considerando as dimensões limitadas do mercado, 27,50 metros de largura x 37,40 metros de comprimento, a implantação da rampa comprometeria significativamente o aproveitamento do espaço interno, gerando um volume excessivo no centro do edifício. Por essa razão, optou-se por não inseri-la na área correspondente ao pátio central.

Figura 97 - Pátio central

Fonte: Autoria própria (2025).

Figura 98 - Implantação da rampa

Fonte: Autoria própria (2025).

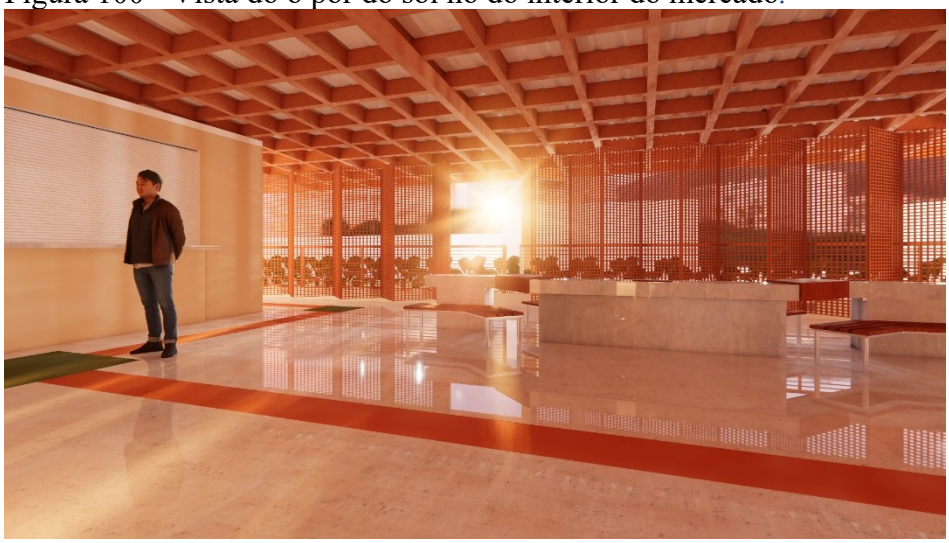
Para manter o mesmo gabarito existente na construção, foi projetado um mezanino (figura 99) com vista para o pátio central e para a feira livre. O mezanino abriga boxes, uma praça de alimentação e um espaço multifuncional destinado tanto à observação das atividades da feira quanto à realização de eventos e apresentações culturais.

Figura 99 - Planta baixa do mezanino

Fonte: Autoria própria (2025).

O mezanino, com vista privilegiada para o pátio central e para a paisagem urbana, configura-se como um espaço multifuncional, apto a receber exposições, atividades educativas e eventos culturais. Nele, distribuem-se oito boxes, dois restaurantes, uma lanchonete, bancas fixas e banheiros acessíveis. O ambiente é amplo e aberto, favorecendo a ventilação natural e permitindo a contemplação da cidade por meio das varandas existentes. Considerando que a fachada do mercado se volta para o poente, foi criada uma varanda ajardinada, equipada com mobiliário e esquadrias em muxarabi de abertura total, proporcionando aos usuários a possibilidade de apreciar o pôr do sol a partir do interior do mercado (figura 100).

Figura 100 - Vista do o pôr do sol no do interior do mercado.



Fonte: Autoria própria (2025).

As esquadrias são em muxarabi (figura 101), variando entre fixas, pivotantes e tipo sanfonado, permitindo ampla ventilação e iluminação natural. Os guarda-corpos são em madeira, com detalhes inspirados nos muxarabis, garantindo segurança e valor estético ao conjunto. Além disso, todos os ambientes contam com faixas de cobogós para otimizar o conforto térmico e luminoso.

Figura 101 - Esquadrias em muxarabi

Fonte: Autoria própria (2025).

Nas fachadas laterais do mercado (figura 102) foram instaladas estruturas em madeira com cobogós, que protegem da insolação direta e criam efeitos de luz e sombra, contribuindo para a expressão arquitetônica do edifício. A cobertura do mercado também foi reconfigurada: adotou-se um modelo inclinado, em diálogo com a cobertura da feira. A estrutura utiliza madeira laminada colada, que confere flexibilidade, leveza e capacidade de vencer grandes vãos, garantindo eficiência estrutural e identidade visual a proposta.

Figura 102 - Parede de cobogós

Fonte: Autoria própria (2025).

A proposta de requalificação do mercado público busca ir além da simples melhoria física ou funcional do espaço. A intenção é transformá-los em um ambiente multifuncional, que não se restrinja à compra e venda de produtos, mas que se consolide como um ponto de encontro e convivência, onde os laços afetivos sejam criados e preservados. Por meio da preservação e valorização de elementos culturais, do uso criterioso de cores, materiais e ladrilhos, bem como da incorporação de práticas e manifestações culturais, o projeto procura narrar e manter viva a história e tradições da cidade.

8 CONSIDERAÇÃOES FINAIS

A feira livre e o mercado público de Desterro-PB configuram-se como espaços de muita relevância social, cultural e econômica para o município. Mais do que ambientes destinados à comercialização de produtos, esses lugares operam como territórios simbólicos de convivência, trocas de saberes, construção de vínculos e resistência cotidiana. Representam, sobretudo, o entrelaçamento entre tradição e contemporaneidade, campo e cidade, memória e transformação.

Ao longo da pesquisa, ficou evidente que requalificar é mais do que reformar. É compreender o tecido social e cultural que pulsa nesses espaços, ouvir seus usuários, respeitar suas práticas e valorizar suas histórias. A proposta de requalificação aqui apresentada buscou atender a esses princípios, propondo estratégias que promovam a permanência das atividades tradicionais, incentivem o uso coletivo do espaço e garantam dignidade aos trabalhadores e usuários.

A feira e o mercado são, por excelência, espaços de vida. São manifestações da cidade em sua forma mais espontânea, plural e afetiva. Preservá-los é garantir que a cidade continue sendo um lugar de encontros, de narrativas compartilhadas e de pertencimento. Nesse sentido, a requalificação arquitetônico-urbanística proposta pretende ser não apenas uma resposta técnica às deficiências identificadas, mas uma afirmação do valor desses espaços para a identidade cultural e social de Desterro.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Alcilia (org.). **Arquiteturas do sol:** resgate da modernidade no nordeste brasileiro. Teresina: EDUFPI, 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.ABNT. **NBR 15220-3:** Desempenho térmico de edificações Parte 3: Zoneamento bioclimático brasileiro e diretrizes construtivas para habitações unifamiliares de interesse social. Rio de Janeiro, 2005.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS.ABNT. **NBR 9050:** Acessibilidade as edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos. Rio de Janeiro, 2020.

BALBI, Rafaela Santana. **Ergonomia:** a interface entre o corpo, o ambiente e o projeto. 2012. 152 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP-Campus Bauru), Bauru_SP, 2012.

BARATTO, Romullo**. Primeiro lugar no concurso para a requalificação do Mercado Público de Lages-SC** / Zulian Broering + Zanatta Figueiredo. *ArchDaily Brasil*, 14 out. 2014. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/755352/primeiro-lugar-no-concurso-para-a-requalificacao-do-mercado-publico-de-lages-sc-zulian-broering-plus-zanatta-figueiredo. Acesso em: 4 maio 2025.

BARBOSA, Andréia Cristina da Silva. **Riqueza que mexe com os sentidos:** feira livre de Senhor do Bonfim. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

BONDUKI, Nabil. **Intervenções urbanas na recuperação de centros históricos.** São Paulo: IPHAN, 2010.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 1994.

BRASIL. **Código Nacional de Trânsito**. 2 ed. Brasília: Senado Federal, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas:** estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2019.

CARTA DE LISBOA SOBRE A REABILITAÇÃO URBANA INTEGRADA. 1º Encontro Luso Brasileiro de Reabilitação Urbana em Lisboa. Lisboa, 1995.

COLE, Ana Carolina; KOPITTKE, Eduardo Cézar; LEITE, Lucas Löff Ferreira; ANDRADE, Mariana Castro de; MINCARONE, Mariana Mocellin; SCHNEIDER, Ricardo Zimmer. **Feira Central de Campina Grande:** tradição e contemporaneidade na feira das feiras. Projeto para o Concurso Público Nacional de Arquitetura e Urbanismo para a Requalificação da Feira Central de Campina Grande/PB – 2º lugar. Disponível em: https://www.behance.net/gallery/169191245/-Feira-Central-de-Campina-Grande-2023. Acesso em: 3 maio 2025.

CONCURSOSDEPROJETO.ORG. **Premiados – Feira de Campina Grande**. Disponível em: https://concursosdeprojeto.org/2023/06/12/premiados-feira-de-campina-grande/. Acesso em: 4 maio 2025

DANTAS, Geovany Pachelly Galdino. **Feira de Macaíba/RN:** um estudo das modificações na dinâmica socioespacial (1960-2006). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, 2007, 202 p

DAOU, Ana Maria. **Cidade, teatro e o "Paiz das seringueiras":** práticas e representações da sociedade amazonense na passagem do século XIX-XX. Rio de Janeiro, 1° Edição, 2014

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DIAS, Juliana Michaello Macêdo. As feiras populares como territórios de persistência. **Arquitextos**, São Paulo, ano 20, n. 240.05, Vitruvius, maio 2020. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.240/7747>. Acesso em 29 de abril de 2025.

DINIZ, J. Alexandre F. As feiras de Sergipe e em seu entorno. **Ecos-Ensaios Econômicos e Sociais 1**. Aracaju: INEP, 1987.

FARIAS, Fablênia Tatiany de. **Comércio e cidade:** processos e formas espaciais em Pau dos Ferros/RN. 2015. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GOMES, Rita de Cássia da Conceição. **Planejamento urbano e equipamentos sociais nas pequenas cidades do Rio Grande do Norte**. Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, Universidad de Barcelona, vol. XIV, nº 331 (58), 2010. Disponível em: http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-58.htm. Acesso em: 12 jan. 2025.

GUGLIELMO, Roberto de. **Feiras e mercados brasileiros**. São Paulo: Editora Fólio, 2005. 158 p**.**

GUTIÉRREZ, Ramón. **Arquitetura latino-americana:** textos para reflexão e polêmica. São Paulo: Edusp; Nobel, 1989.

HAESBAERT, Rogério. **Pelo amor aos lugares**. Editora Bertrand Brasil, 2017.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.

HERZOG, Cecília Polacow. **Cidades para todos:** (re) aprendendo a conviver com a natureza. Revista LABVERDE, n. 6, p. 266-266, 2013.

HOLANDA, Frederico de. **Urbanidade:** arquitetônica e social. In: AGUIAR, Douglas; NETTO, Vinicius M. (orgs.). Urbanidades. Rio de Janeiro: Folio Digital, Letra e Imagem, 2012. p. [163-188].

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Disponível em: https://www.ibge.gov.br. Acesso em: 12 jan. 2025.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN**. Estudo para tombamento do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Cidade de Icó-Ceará** 4ª Coordenação Regional do IPHAN (CE/RN), volume 1. outubro/1997

JODELET, Denise. **Cidade e memória:** a construção social dos lugares pelo processo de memorização. In: VIEIRA, Evaldo; GONÇALVES, Marco Aurélio Máximo Prado. Cultura, memória e território. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 31–42.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. sl: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LAMAS, José Manuel. **Urbanismo e Requalificação Urbana**. Lisboa: Edições Orion, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

LEFEBVRE, Henri**. O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro Editora, 2008

LIMA, Fhillipe Germano Bezerra. **Mercado público de Jaguaribe:** uma proposta de requalificação arquitetônica considerando as características da feira livre. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

MAIA, Doralice Satiro. **As feiras**: lugar de mercado e de encontro – um registro das observações feitas em feiras de cidades brasileiras e portuguesas. In: Encontro Paraibano de Geografia, 3, 2006, João Pessoa. Anais... João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2006. v. 1. p. 1-15.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar:** poéticas do corpo-tela. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2021.

MARTINS, Valter. **Mercados Urbanos:** transformações na cidade: abastecimento e cotidiano em Campinas - 1859-1908, Editora UNICAMP, 1ª. edição, 2011.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. **Feira livre**: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea. Ateliê Geográfico, Goiânia, v.2, n.4, p.72-87, ago. 2008.

MATOS, Fátima. **Espaços Públicos e qualidade de vida nas cidades:** o caso de cidade porto. In: Observatorium: Revista eletrônica de Geografia. v.2, n.4. 2010.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. **A Feira na Cidade:** Limites e Potencialidade de uma Interface Urbana nas Feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande-PB. Dissertação. 2009. Dissertação de Mestrado, UFPE Recife-PE 2009.

MIRANDA, Gustavo. **A feira que se fez cidade… - investigando limites e potenciais de uma relação espacial**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 2005. 110p.

MORAES, Francianny Keyla Cabral. **O mercado público como equipamento de modernização urbana:** o Ver-o-Peso e o Francisco Bolonha em Belém. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do

Pará, Belém, 2017. Disponível em: https://ppgau.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/dissertacoes/2017/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Franci anny%20Keyla%20Cabral%20Moraes.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

NASCIMENTO, José Clewton do. **Uma Princesa 'Tombada' Às Margens Do Rio Salgado**: Dinâmica Urbana E Ações Preservacionistas Na Cidade De Icó, CE. Dissertação, Salvador, 2002.

NASCIMENTO, Tarcyzio José dos Santos. **Mercado público e sociabilidade:** um estudo sobre o Mercado Municipal de Bayeux-PB. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, 1993.

NOTTINGHAM, Marina. **Feirinha Beira-Mar**. ArchDaily Brasil, 15 out. 2023. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/990208/feirinha-beira-mar-marina-nottingham. Acesso em: 4 maio 2025.

NOTTINGHAM, Marina. **Projeto Arquitetônico da Requalificação da Feirinha da Beira-Mar**. Fortaleza: Secretaria Municipal da Infraestrutura, 2022.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Tavares de; LIMA, Izabel França de; OLIVEIRA, Bernardina Maria José Freire de. **Ressignificação da cultura popular a partir da tríade memória, identidade e cultura**. In: ____. Memórias: onde as lembranças não envelhecem. João Pessoa: Editora Ideia, 2015. p. 195–199.

PAZERA Jr., Eduardo. **A Feira de Itabaiana-PB:** Permanência e Mudança**.** São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. (Tese) Doutorado em Geografia Humana.

PEDROSA, Mário. **Arquitetura:** ensaios críticos. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PINTAUDI, Silvana. **Requalificação Urbana:** Conceitos e Práticas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

PONTES, Andressa Almada Marinho. **Em meio a conversas:** experiência nas relações cotidianas numa feira livre de Aracaju. (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão/SE. 2012, 128 f.

PORTAL VITRUVIUS. **Requalificação do Mercado Municipal Paulistano**. Projetos, São Paulo, ano 03, n. 036.03, Vitruvius, dez. 2003. Disponível em: https://vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/03.036/2259. Acesso em: 25 de março de 2025.

PREFEITURA DE FORTALEZA**. Feirinha da Beira-Mar é requalificada e se consolida como ponto turístico e cultural**. Fortaleza, 2023. Disponível em: https://www.fortaleza.ce.gov.br. Acesso em: 3 maio 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Mercado Municipal Paulistano**. São Paulo, 2004. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br. Acesso em: 03 maio 2025.

SANTOS, Vanessa Modesto dos. **Cores, Cheiros, Sons, Saberes e Fazeres:** Feira de Largatos/SE. Orientador: Dr.ª Sônia de Souza Mendonça Menezes. 2018. 139 f. v. 1, Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/ SE, 2018.

SERVILHA, M. de M.; DOULA, S. M. **O mercado como um lugar social:** as contribuições de Braudel e Geertz para o estudo socioespacial de mercados municipais e feiras. Revista Faz Ciência, *[S. l.]*, v. 11, n. 13, p. 123, 2000. DOI: 10.48075/rfc.v11i13.7610.

SILVA, Caio Cesar Pereira da. **Requalificação do Mercado Central de Macapá**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Universidade Federal Do Amapá-UNIFAP, Macapá, 2017.

SPITZER, Theodore Morrow; BAUM, Hillary. **Public markets and community revitalization**. (Tradução livre de Gustavo Miranda) Washington: ULI – The Urban Land Institute and Project for Public Spaces, Inc., 1995, 120p.

TYLOR, Edward B. **Primitive Culture:** Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom. London: John Murray, 1871.

VARGAS, Heliana Comin. **Espaço terciário:** o lugar, a arquitetura e a imagem do comércio. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001. 335 p.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados**. 3. ed. São Paulo: Manole, 2015

VASCONCELLOS, Lélia Mendes de; MELLO, Maria Cristina Fernandes de. **Re: atrás de, depois de** ...no livro Intervenções em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados/ Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. 2.ed.rev. e atual. Barueri, SP: Manole, 2009.

VEDANA, Viviane. **"Fazer a feira":** estudo etnográfico das "artes de fazer" de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra-Urbano no Brasil.** São Paulo: Studio Nobel, 2001.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO COM FEIRANTES DE RUA (BARRACAS EXTERNAS)

I. Sobre o entrevistado

1. Idade: _____

2. Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro

3. Onde você mora?

_____

4. Há quanto tempo você trabalha na feira livre?

5. Quais produtos você comercializa?

6. Você produz o que vende?
( ) Sim ( ) Não ( ) Apenas alguns produtos

7. De onde vêm os produtos que você não produz?

_____

II. Memória e história da feira

8. Você herdou sua barraca de algum parente?

9. Você tem algum vínculo afetivo com a feira?

10. Quais são os seus sentimentos sobre a feira?

11. O que você lembra da feira de antigamente? (ex: mais movimento, outros tipos de comércio, costumes)

12. Existia alguma tradição ou costume na feira que foi se perdendo? Qual?

13. Existe algum acontecimento marcante que você tenha na feira?

III. Qualidade ambiental e organização

14. Como você avalia a organização geral das barracas? ◯ 1 (nada organizada) ◯ 2 ◯ 3 ◯ 4 ◯ 5 (muito organizada)

15. Como você avalia a higiene da feira?

16. Quais melhorias você acha mais urgentes nesse aspecto?

IV. Satisfação com o espaço de trabalho

17. Como você avalia a estrutura da sua barraca?
◯ 1 (nada satisfeito) ◯ 2 ◯ 3 ◯ 4 ◯ 5 (muito satisfeito)

18. O espaço que você ocupa é suficiente e funcional para seu trabalho?

V. Futuro da feira e sugestões

19. Considerando um projeto futuro para a feira livre, o que você gostaria de ver implementado?

◯ Banheiros e vestiários
◯ Praça de alimentação
◯ Espaços para crianças
◯ Depósitos
◯ Espaço cultural
◯ Pequenas praças com bancos
◯ Mais barracas com vendas
◯ Outro: _____

20. Em uma escala de 0 a 5, o quanto você considera importante a implementação dessas melhorias?
◯ 0 ◯ 1 ◯ 2 ◯ 3 ◯ 4 ◯ 5

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO COM VENDEDORES DO MERCADO

I. Sobre o entrevistado

1. Idade: _____

2. Gênero: ( ) Feminino ( ) Masculino ( ) Outro

3. Onde você mora? _____

4. Há quanto tempo você trabalha no mercado público?

5. Quais produtos ou serviços você oferece no seu boxe?

6. Você herdou o seu boxe de algum parente?

7. Você produz o que vende? ( ) Sim ( ) Não ( ) Apenas alguns produtos

8. De onde vêm os produtos que você não produz? _____

II. Memória e história do mercado

9. Como você descreveria o mercado antigamente?
( ) O espaço era mais utilizado
( ) Havia mais opções de comércio

10. Quais tipos de comércio existiam?
( ) Artesanato
( ) Bares
( ) Alimentação
( ) Vestuários
( ) Outro: _____

11. O que você sente falta no mercado?
( ) Movimento
( ) Opções de compra
( ) Eventos
( ) Outro: _____

12. O mercado público faz parte da memória da cidade, na sua opinião? Por quê?

III. Qualidade ambiental e estrutura

13. Como você avalia a ventilação do mercado? ( ) Ruim ( )Regular ( ) Boa

14. A estrutura física do mercado atrapalha suas vendas? Explique.

IV. Satisfação com o espaço de trabalho

15. Como você avalia a estrutura?
◯ 1 (nada satisfeito) ◯ 2 ◯ 3 ◯ 4 ◯ 5 (muito satisfeito)

16. Você acha que os espaços estão organizados de maneira eficiente?
( ) Sim ( ) Não

17. Você sente que o mercado está sendo utilizado de forma justa e proveitosa?
( ) Sim ( ) Não

V. Futuro do mercado e sugestões

18. Você acredita que fazer melhorias no mercado pode impulsionar a economia local?
( ) Sim ( ) Não

19. Considerando um projeto futuro para a melhoria do mercado, o que você gostaria de ver?
◯ Banheiros e vestiários
◯ Praça de alimentação
◯ Espaços para crianças
◯ Melhoria em limpeza, iluminação e segurança
◯ Espaço cultural
◯ Mais boxes com vendas
◯ Outro: _____

20. Em uma escala de 0 a 5, o quanto você considera importante a implementação dessas melhorias?
◯ 0 ◯ 1 ◯ 2 ◯ 3 ◯ 4 ◯ 5

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO PARA USUÁRIOS DA FEIRA E DO MERCADO

I. Sobre o entrevistado

1. Idade: _____
2. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino ( ) Outro
3. Bairro onde mora:
   _____
4. Com que frequência você visita a feira?
   ( ) Semanalmente ( ) Quinzenalmente ( ) Raramente

II. História e memória

6. Qual a sua lembrança mais marcante da feira?

---

7. Existe alguma tradição que foi se perdendo com o tempo? Qual?

---

8. O que existia na feira ou no mercado que hoje não tem mais?

---

9. Você considera importante manter a essência da feira mesmo com melhorias? ( ) Sim ( ) Não. Por quê?
   _____
10. Você conhece alguma história, costume ou tradição passada de geração em geração na feira?

III. Higienização e qualidade ambiental

11. Como você avalia sua sensação de higiene na feira e no mercado?
    ( ) Muito ruim ( ) Ruim ( ) Regular ( ) Boa ( ) Muito boa
12. Como você avalia a beleza da feira e do mercado?
    ( ) 1 (não é atrativa)
    ( ) 2 (pouco atrativa)
    ( ) 3 (neutra)
    ( ) 4 (atrativa)
    ( ) 5 (muito atrativa)
13. Sobre a organização das bancas:
    ( ) 1 (não é organizada)
    ( ) 2 (pouco organizada)
    ( ) 3 (neutra)
    ( ) 4 (organizada)
    ( ) 5 (muito organizada)

IV. Expectativas e melhorias

14. Considerando um projeto futuro para melhoria da feira, o que você gostaria de ver?
    ( ) Praça de alimentação
    ( ) Espaços para crianças
    ( ) Melhoria em limpeza, iluminação e segurança
    ( ) Espaço cultural
    ( ) Pequenas praças com bancos
    ( ) Mais barracas com vendas
    ( ) Outro:
    _____
15. Em uma escala de 0 a 5, o quanto você considera importante a implementação dessas melhorias?
    ( ) 0 (Nada importante)
    ( ) 1
    ( ) 2
    ( ) 3
    ( ) 4
    ( ) 5 (Muito importante)

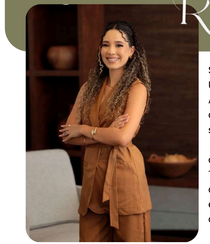
APÊNDICE D

Pranchas do Projeto de Requalificação do Mercado Público e Feira Livre de Desterro-PB

ARQUITETURA
E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

ENTRE BANCAS, SONS E SABORES

VITÓRIA RÉGIA



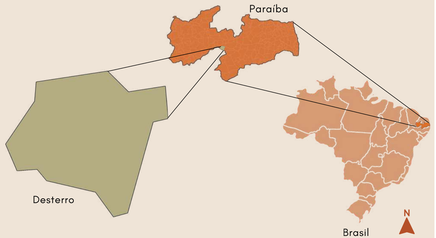
Sou Vitória Régia, graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus Pau dos Ferros-RN. Tenho 24 anos e atualmente resido em Desterro-PB, cidade que será objeto de estudo deste trabalho.

Ao longo da graduação, tive a oportunidade de explorar diversas áreas da arquitetura, mas foi por meio deste Trabalho de Conclusão de Curso que encontrei a chance de me aprofundar em um tema que me toca de forma especial, por estar diretamente relacionado ao meu convívio cotidiano e à minha cidade natal.

SOBRE O PROJETO

O projeto propõe a requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB, com o objetivo de valorizar a identidade local, promover melhores condições de uso para feirantes e usuários, e integrar a feira ao tecido urbano de forma mais funcional e acessível. A proposta parte da escuta da comunidade e busca resgatar a memória coletiva, potencializando o espaço como um importante equipamento cultural, social e econômico da cidade.

LOCALIZAÇÃO



Localizada no sertão paraibano, Desterro se destaca por sua rica cultura popular e pelo fortalecimento das tradições locais. A cidade é conhecida pela festa de João Pedro, um São João fora de época realizado em julho, que movimenta a economia e reforça os laços comunitários. Outro elemento marcante é a feira livre, espaço de trocas comerciais e culturais, que junto ao mercado público representa um importante território de memória, pertencimento e convivência social para a população.

FOTOS DO MERCADO E FEIRA LIVRE E DADOS PROJETUAIS

O Mercado Público de Desterro está localizado na região central da cidade, sendo delimitado pelas vias Travessia do Mercado, Travessia Aprígio Leite e Rua Pedro Ferreira Leite. Em sua área frontal, ocorre semanalmente a feira livre, ocupando o espaço aberto diretamente em frente ao edifício, conforme ilustrado na **Figura 4**. As Imagens 1, 2 e 3 apresentam diferentes perspectivas das fachadas do mercado, enquanto as demais imagens registram o funcionamento e a dinâmica da feira livre.

Fonte: Arcevo pessoal, 2025

ESTUDOS DE PROJETOS CORRELATOS

Feirinha Beira-Mar (Fortaleza/CE)

Localização: Fortaleza – CE, Brasil
Área construída: 3033 m²
Ano do projeto: 2022
Arquiteta responsável: Marina Nottingham

Proposta 2° lugar no Concurso Requalificação Feira de Campina Grande

Localização: Campina Grande – PB, Brasil
Status: Concurso
Ano do projeto: 2023
Arquitetos responsáveis: Mariana Minicarone, Ana Cole, Eduardo Kopottke, entre outros.

Mercadão de São Paulo (Mercado Municipal Paulistano)

Localização: São Paulo – SP, Brasil
Área construída: 18.601 m²
Ano do projeto: 2004
Arquiteto responsável: Francisco Ramos de Azevedo

Proposta 1° Lugar no Concurso para a Requalificação do Mercado Público de Lages-SC

Localização: Lajes – SC, Brasil
Status: Concurso
Ano do projeto: 2014
Escritório responsável: Zulian Broering + Zanatta Figueiredo

PAINEL SEMÂNTICO

O painel semântico, ou moodboard, tem como objetivo reunir as referências visuais que foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, tanto em sua volumetria quanto na definição das cores e materiais. No painel, apresentado na Figura acima, é possível identificar imagens relacionadas aos materiais empregados, coberturas, mobiliário, paleta de cores e elementos da arquitetura regional. Entre os elementos representados, destacam-se o cobogó, o muxarabi, a madeira e a tipologia das barracas, que aparecem de forma integrada à identidade visual do projeto.

PROGRAMA DE NECESSIDADES

FEIRA LIVRE	MERCADO PÚBLICO	
Área para barracas fixas/móveis	Lojas Comerciais	Dml
Cobertura leve (lona tensionada)	Restaurantes	Mezanino
Mobiliário Urbano	Lanchonetes	Palco para apresentações
Vegetação	Sanitários Acessíveis	Espaço de convivência
Circulação ampla entre barracas	Área para barracas	Jardins elevados
Palco	Pátio Central com área verde	Esquadrias em muxarabi
Bicicletário	Depósito	Cobogó
Espaço de convivência	Central do Lixo	Cobertura com estrutura em madeira

ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Dados projetuais e conceitos iniciais

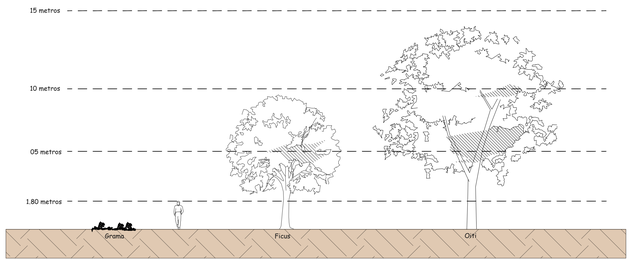
ESCALA:
Indicada

PRANCHA:
01/13

01 **PLANTA DE SITUAÇÃO**
ESCALA:.....1/350

FOTOS DO ENTORNO

VISTA ESQUEMÁTICA COM ALTURA MÁXIMA DAS ÁRVORES



ARQUITETURA E URBANISMO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

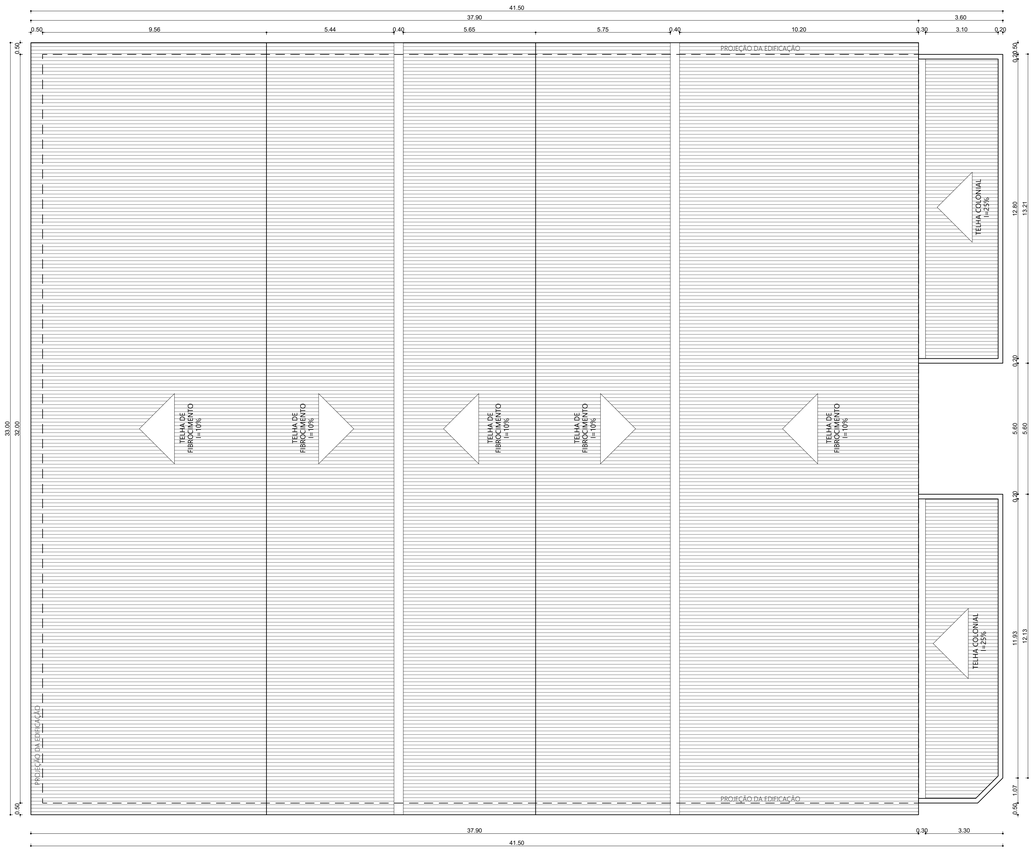
DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

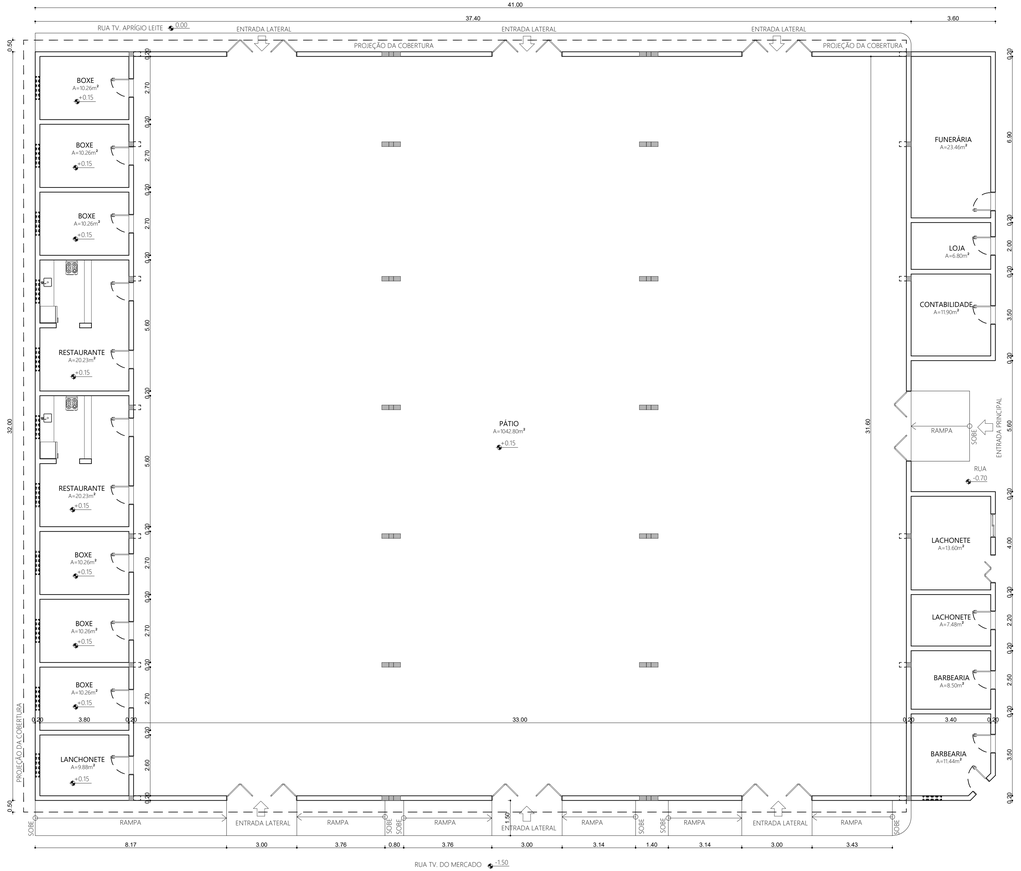
ASSUNTO:
Planta de Situação

ESCALA:
Indicada

PRANCHA:
02/13



01 **PLANTA DE COBERTA EXISTENTE**
ESCALA:.....1/100



02 **PLANTA BAIXA EXISTENTE**
ESCALA:.....1/100

FOTOS DO MERCADO ATUALMENTE

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

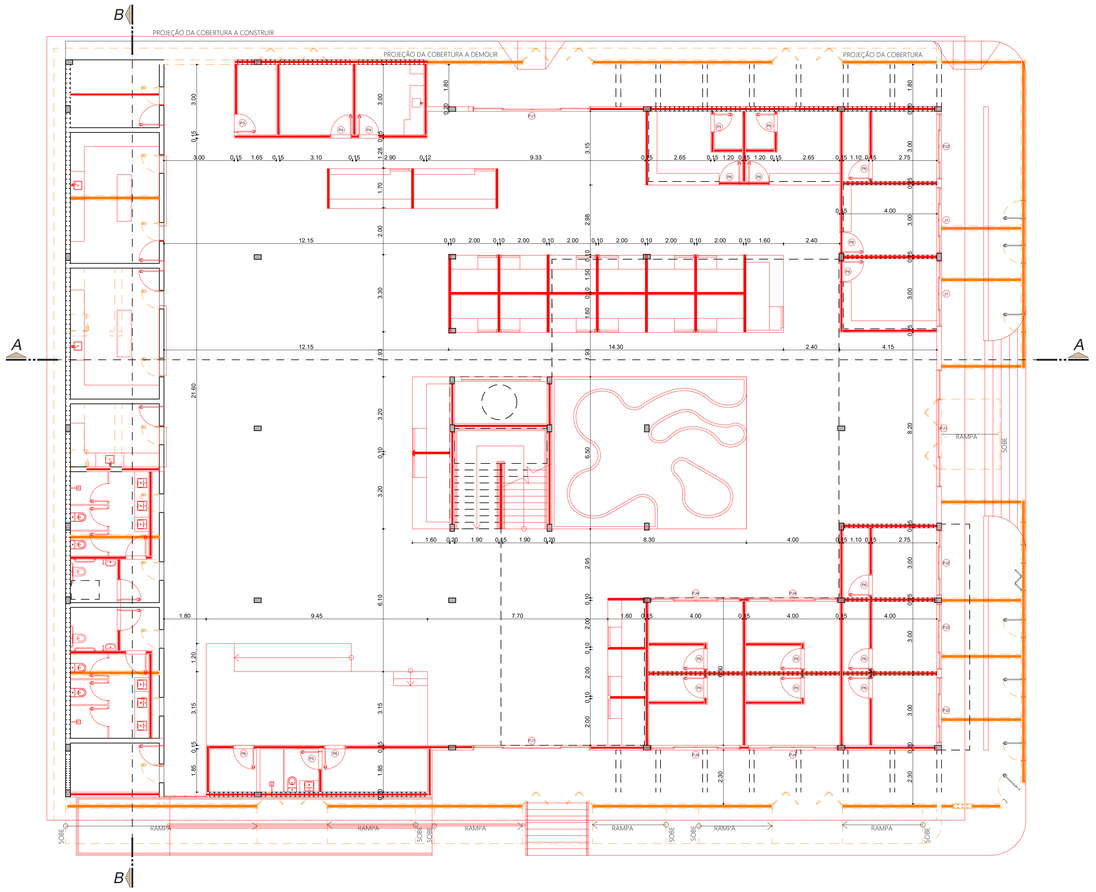
ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Planta Baixa e Planta de Coberta existente

ESCALA:
Indicada

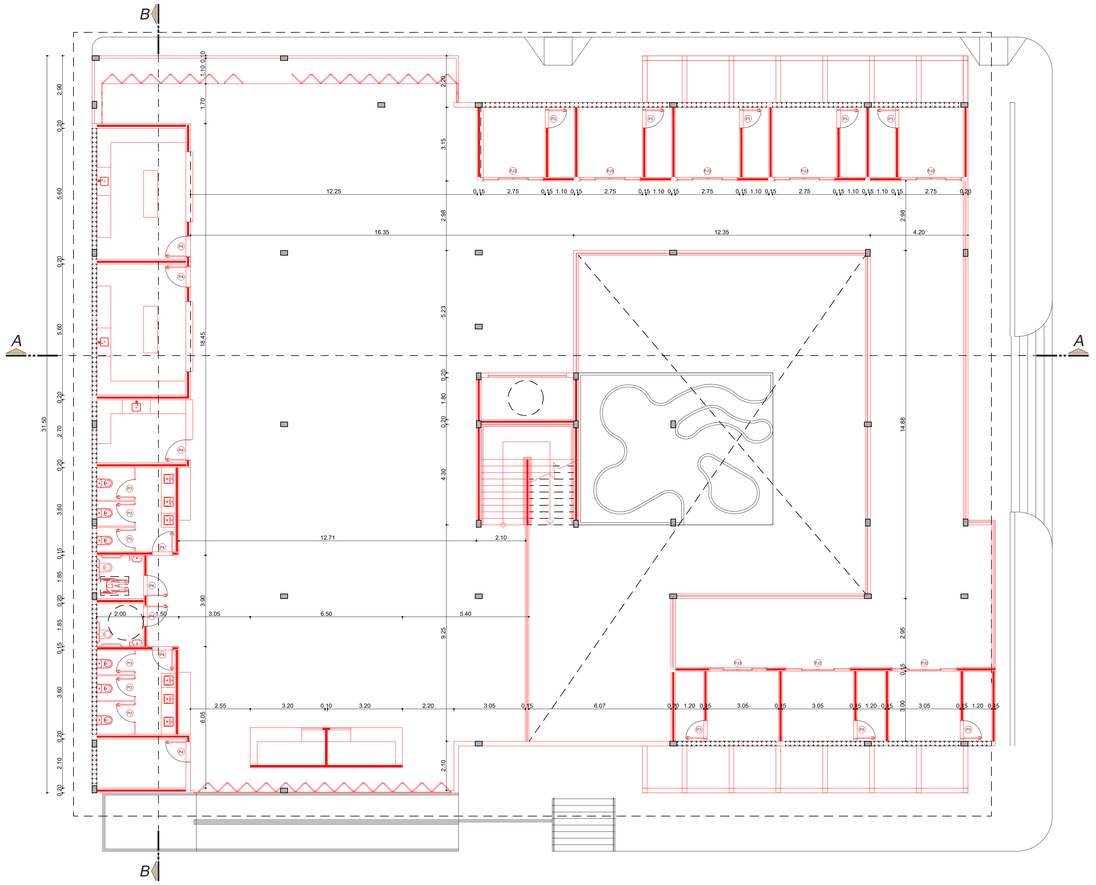
PRANCHA:

03/13



01 **PLANTA BAIXA DE REFORMA**
ESCALA:.....1/100

LEGENDA DE CONVENÇÕES
ALVENARIA A PERMANECER
ALVENARIA A DEMOLIR
ALVENARIA A CONSTRUIR



02 **PLANTA BAIXA DE REFORMA - PAV. SUPERIOR**
ESCALA:.....1/100

LEGENDA DE CONVENÇÕES
ALVENARIA A PERMANECER
ALVENARIA A DEMOLIR
ALVENARIA A CONSTRUIR

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

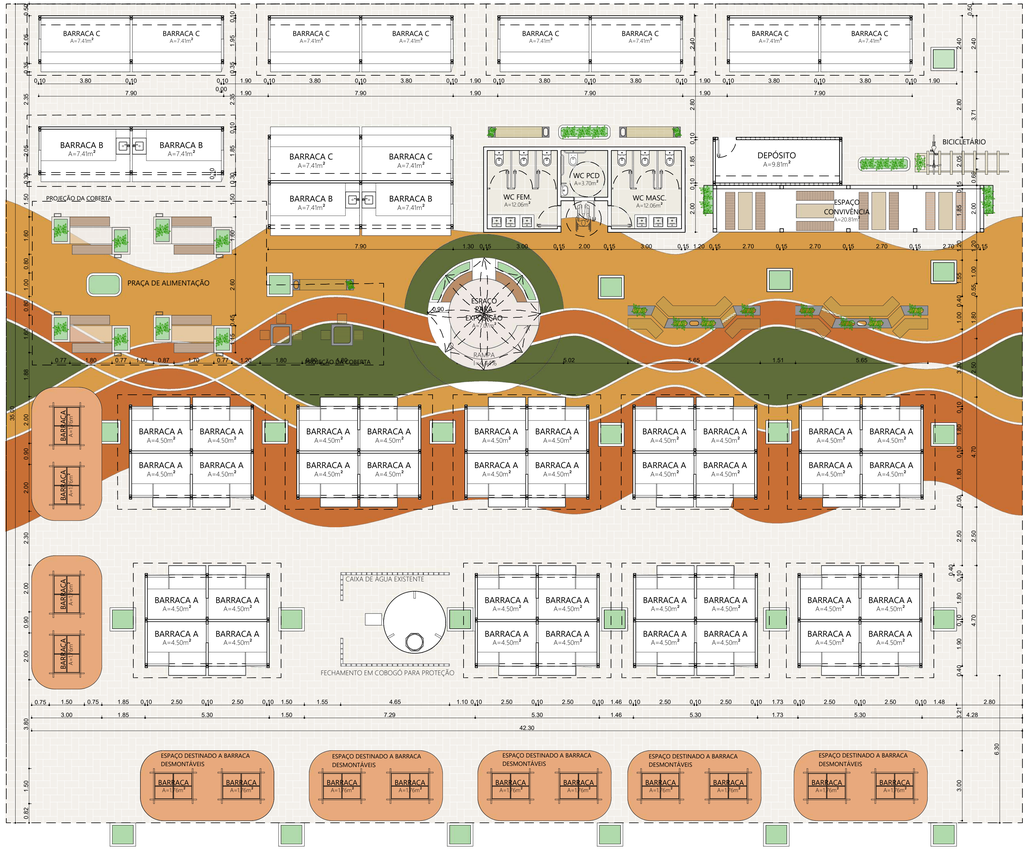
ASSUNTO:
Plantas baixas de reforma

ESCALA:
Indicada

PRANCHA:

04/13

01 **PLANTA DE IMPLANTAÇÃO**
ESCALA:.....1/350



02 **PLANTA BAIXA - FEIRA LIVRE**
ESCALA:.....1/100

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

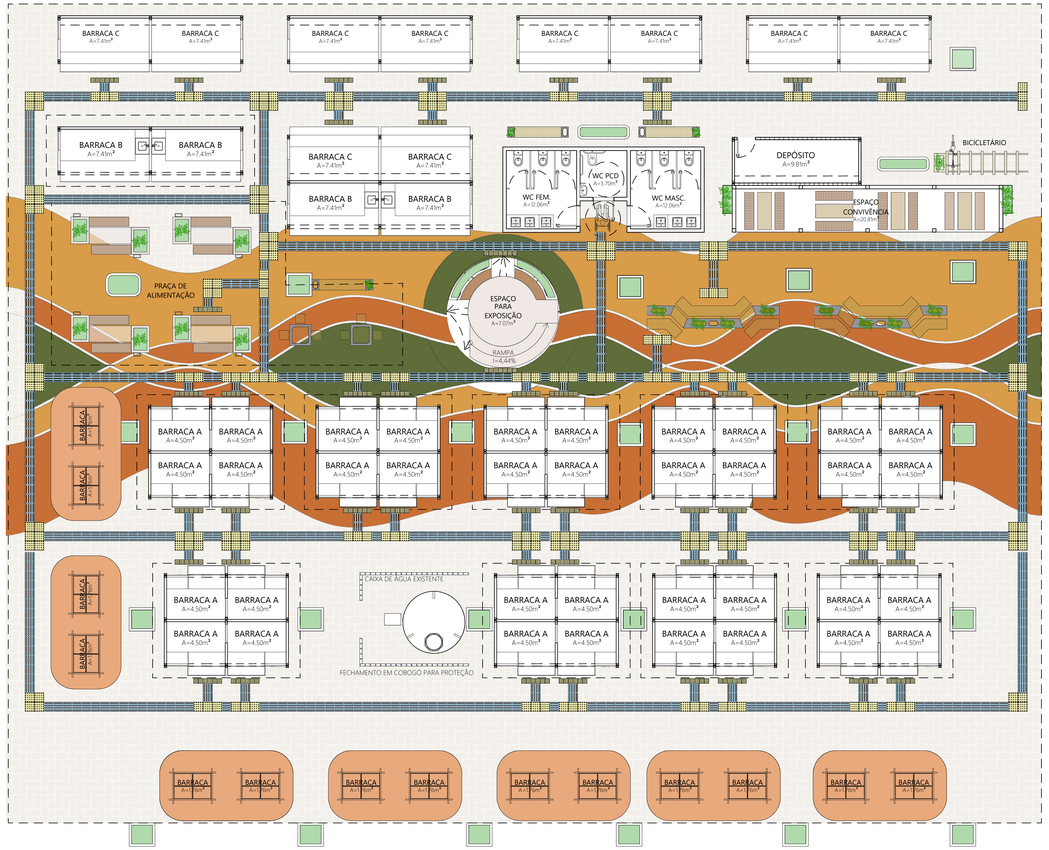
DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Planta de Implantação e Planta Baixa da feira livre

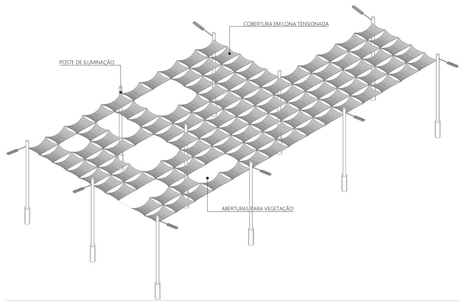
ESCALA:
Indicada

PRANCHA:
05/13



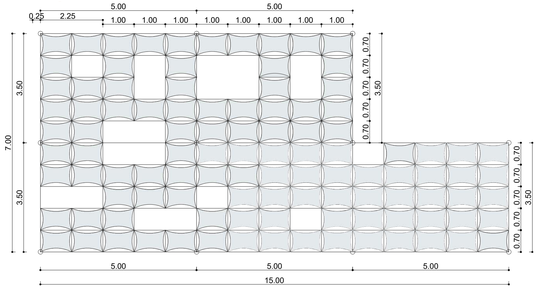
02 PLANTA ACESSIBILIDADE - FEIRA LIVRE

ESCALA:.....1/100



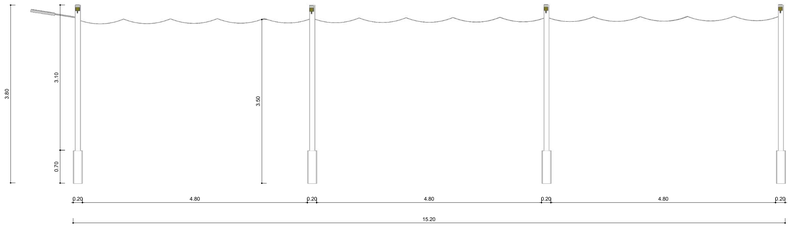
01 COBERTURA - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

SEM ESCALA



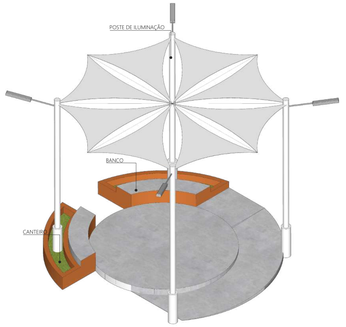
02 PLANTA DE COBERTA - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

ESCALA:.....1/75



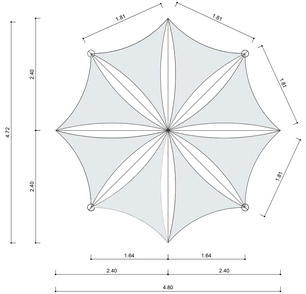
03 VISTA FRONTAL - PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

ESCALA:.....1/50



01 COBERTURA - PALCO

SEM ESCALA



02 PLANTA DE COBERTA - PALCO

ESCALA:.....1/50

03 VISTA FRONTAL - PALCO

ESCALA:.....1/50

ARQUITETURA E URBANISMO

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:

Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:

Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:

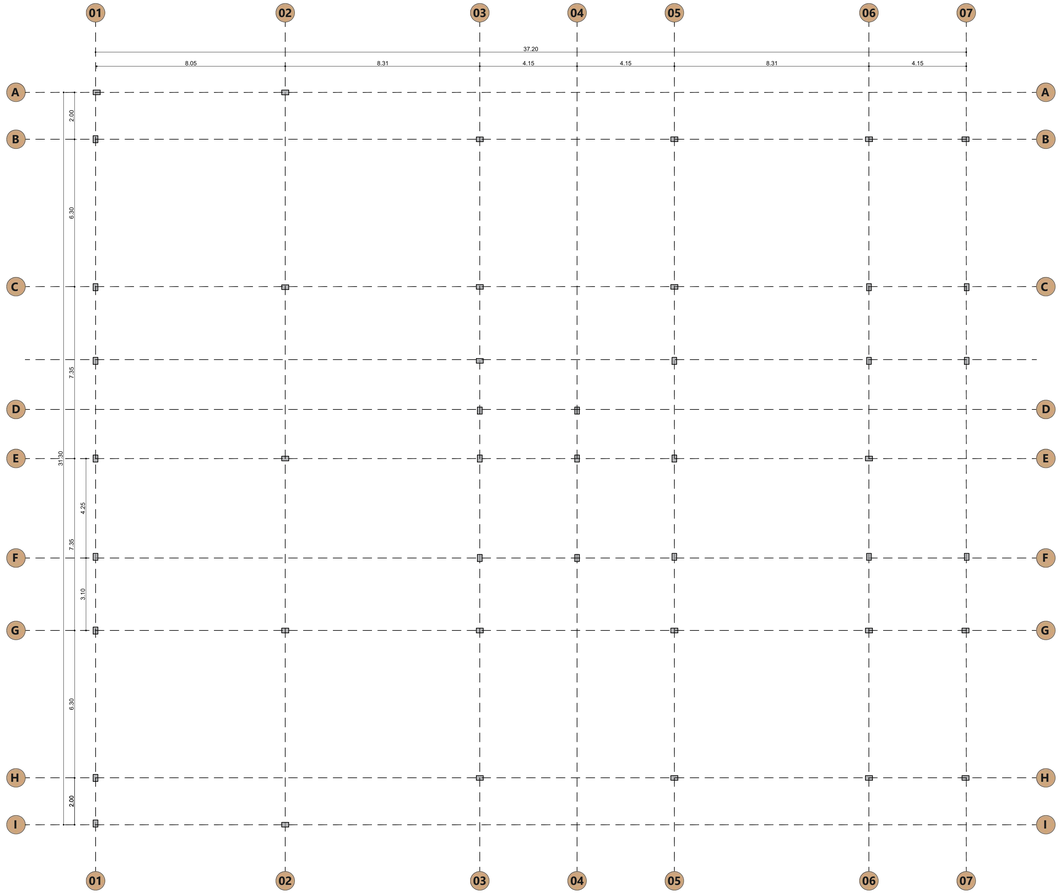
Planta de acessibilidade da Feira Livre e Detalhamento da lona tensionada

ESCALA:

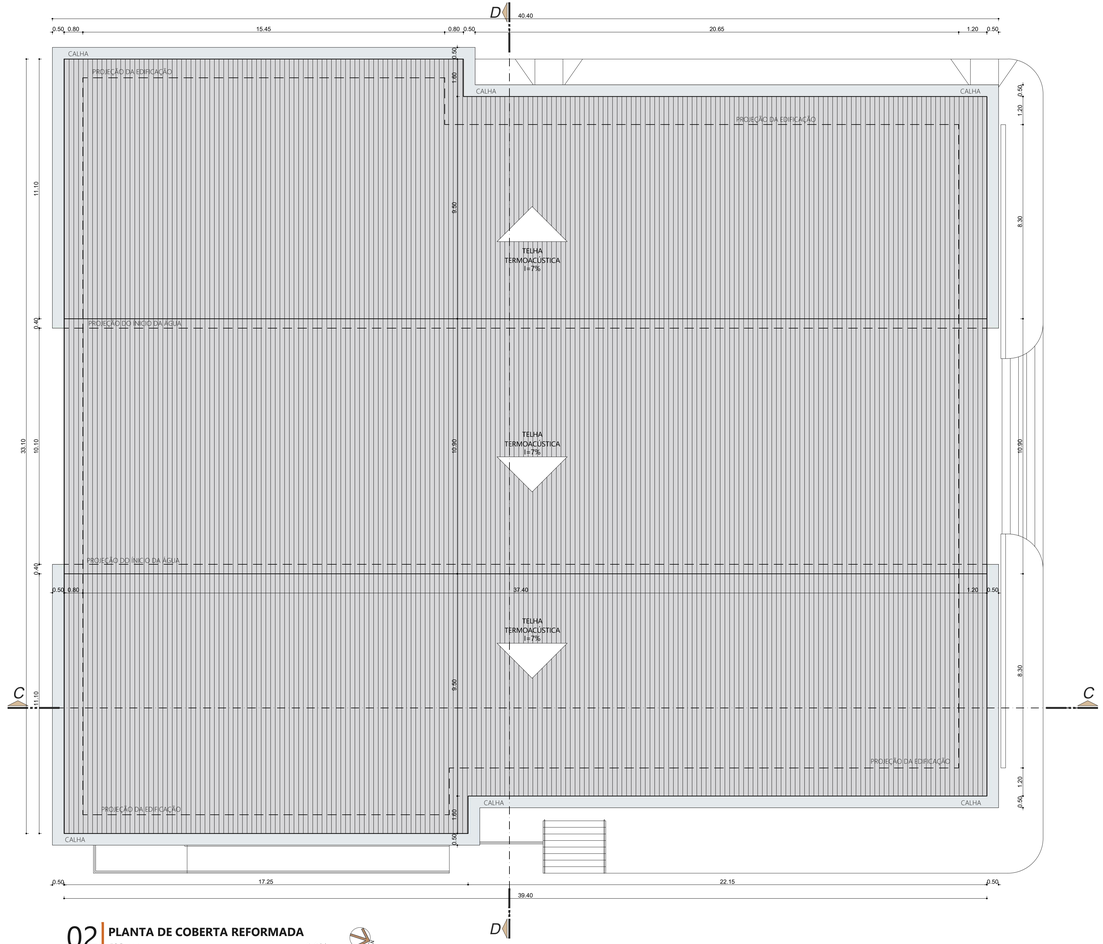
Indicada

PRANCHA:

06/13



01 **PLANTA ESTRUTURAL DO MERCADO**
ESCALA:.....1/100



02 **PLANTA DE COBERTA REFORMADA**
ESCALA:.....1/100

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

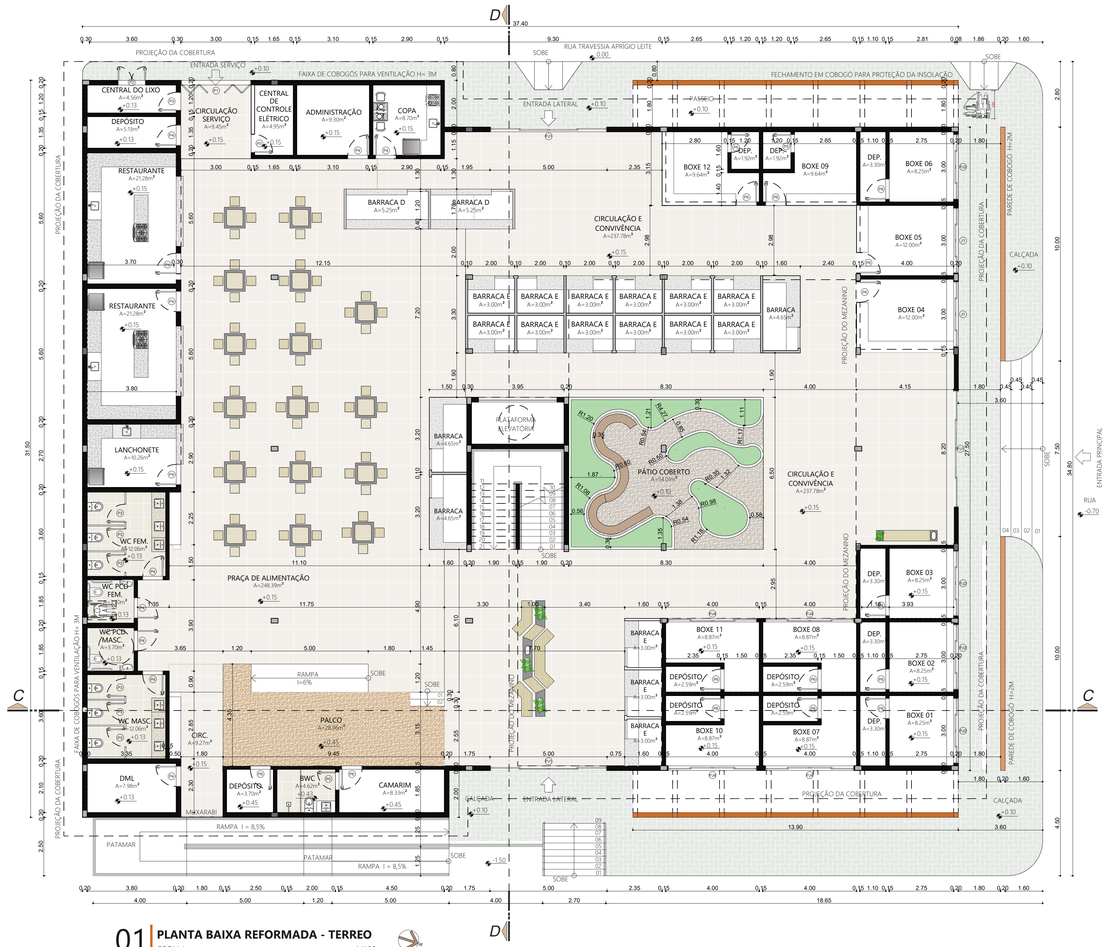
ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Planta de coberta pós reforma

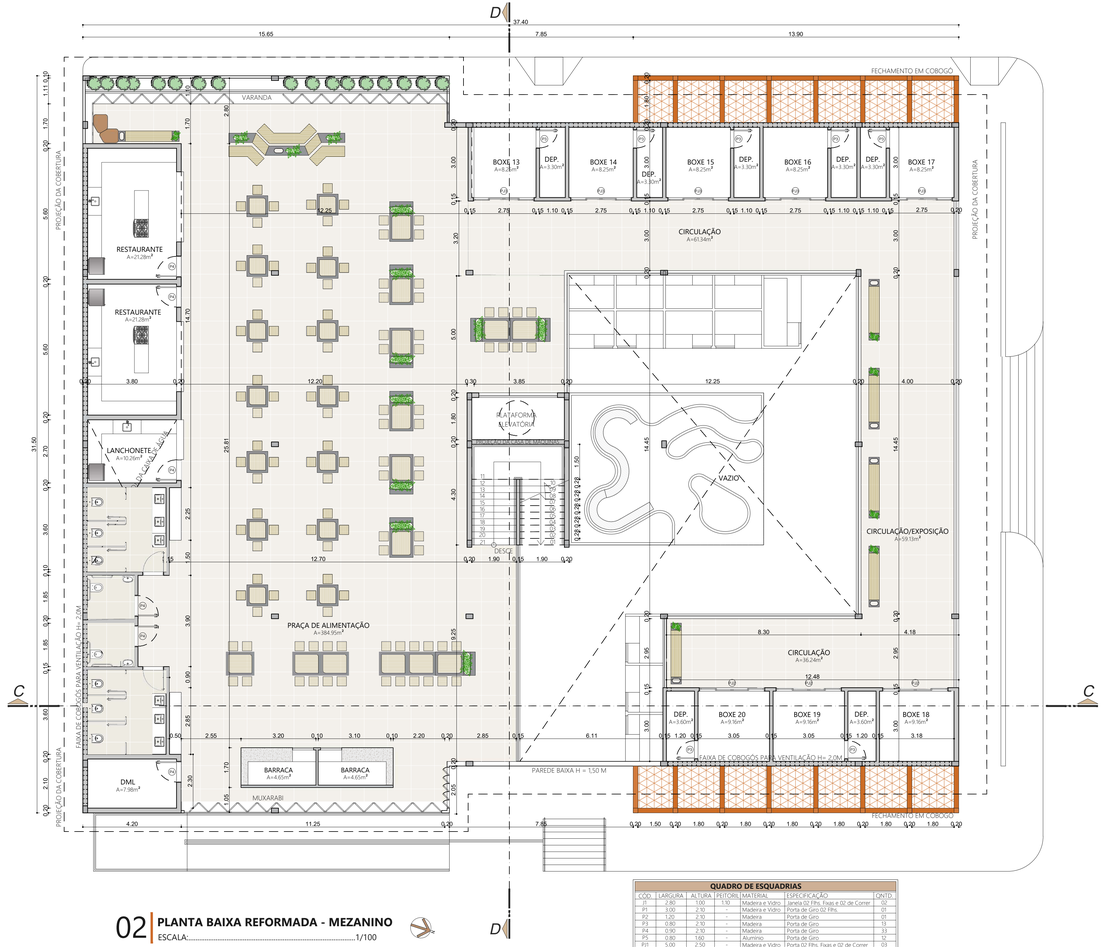
ESCALA:
Indicada

PRANCHA:

07/13



01 **PLANTA BAIXA REFORMADA - TERREO**
ESCALA:.....1/100



02 **PLANTA BAIXA REFORMADA - MEZANINO**
ESCALA:.....1/100

QUADRO DE ESQUADRIAS

CÓD.	LARGURA	ALTURA	PEITORIL	MATERIAL	ESPECIFICAÇÃO	QNTD.
P1	2.80	1.60	1.50	Madeira e Vidro	Janela 02 Flhs. Fixas e 02 de Correr	02
P1	3.00	2.10	-	Madeira e Vidro.	Porta de Giro 02 Flhs.	01
P2	1.20	2.10	-	Madeira	Porta de Giro	01
P3	0.80	2.10	-	Madeira	Porta de Giro	11
P4	0.90	2.10	-	Madeira	Porta de Giro	33
P5	0.80	1.60	-	Alumínio	Porta de Giro	12
P1	5.00	2.50	-	Madeira e Vidro.	Porta 02 Flhs. Fixas e 02 de Correr	03
P2	2.80	2.50	-	Madeira e Vidro.	Porta 02 Flhs. Fixas e 02 de Correr	06
P3	2.60	2.50	-	Madeira e Vidro.	Porta 02 Flhs. Fixas e 02 de Correr	05
P4	3.80	2.50	-	Madeira e Vidro.	Porta 02 Flhs. Fixas e 02 de Correr	04

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

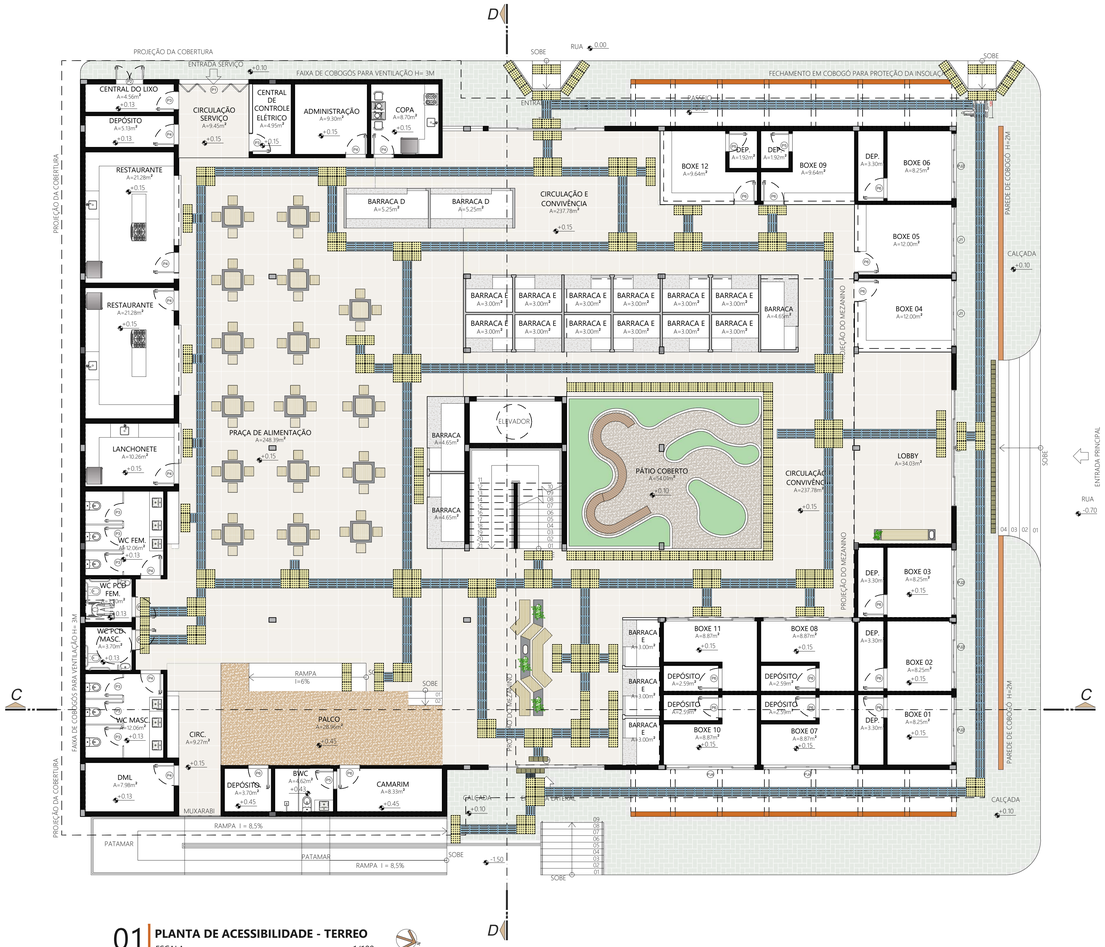
ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Plantas baixas reformada

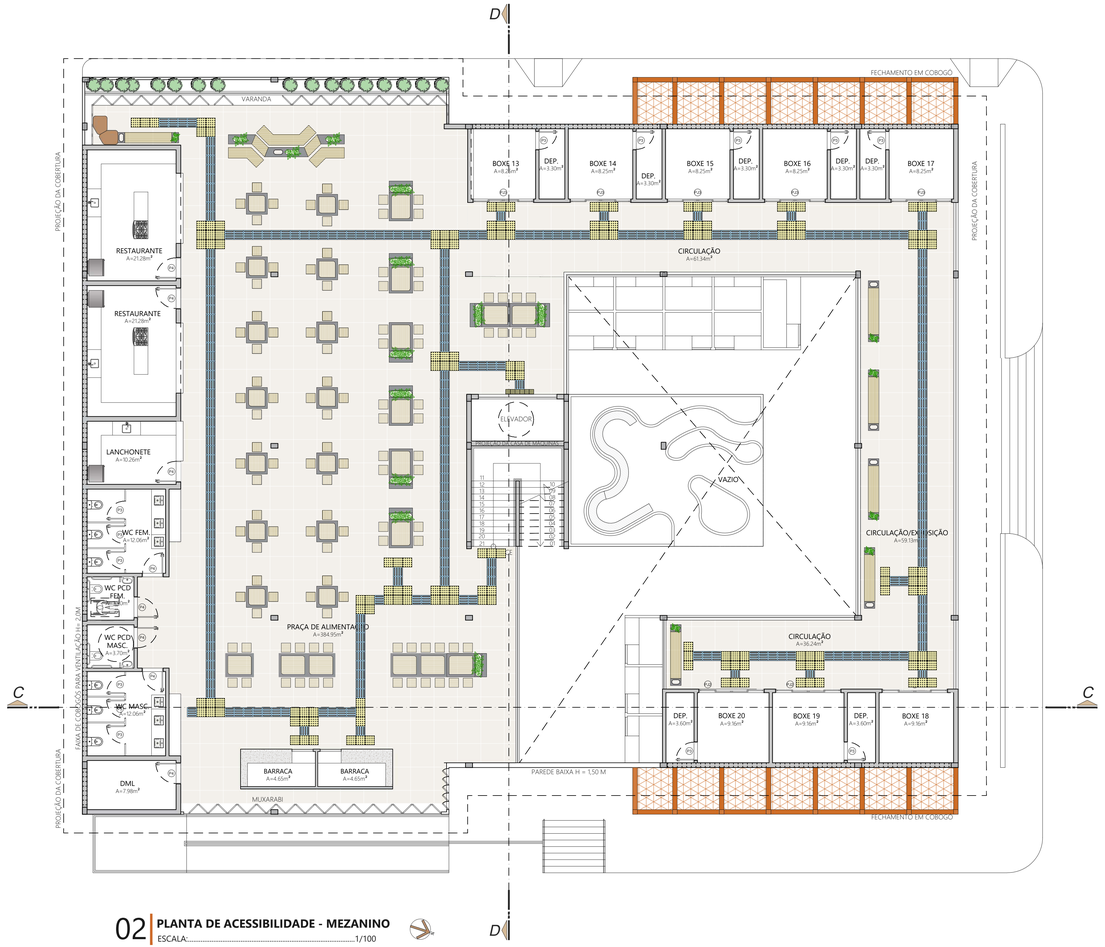
ESCALA:
Indicada

PRANCHA:

08/13



01 **PLANTA DE ACESSIBILIDADE - TERREO**
ESCALA:.....1/100



02 **PLANTA DE ACESSIBILIDADE - MEZANINO**
ESCALA:.....1/100

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

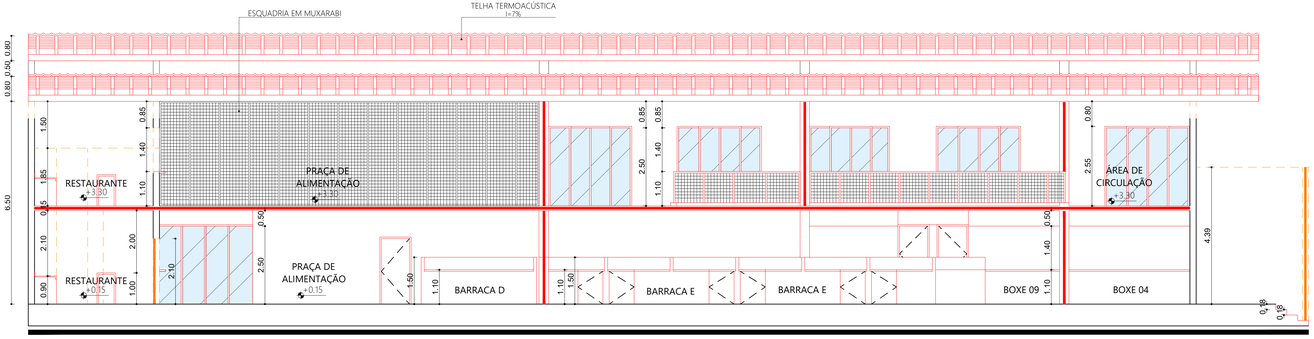
ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Planta do Mercado de acessibilidade

ESCALA:
Indicada

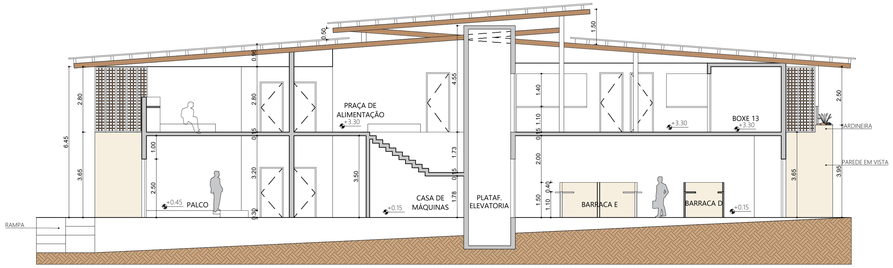
PRANCHA:

09/13

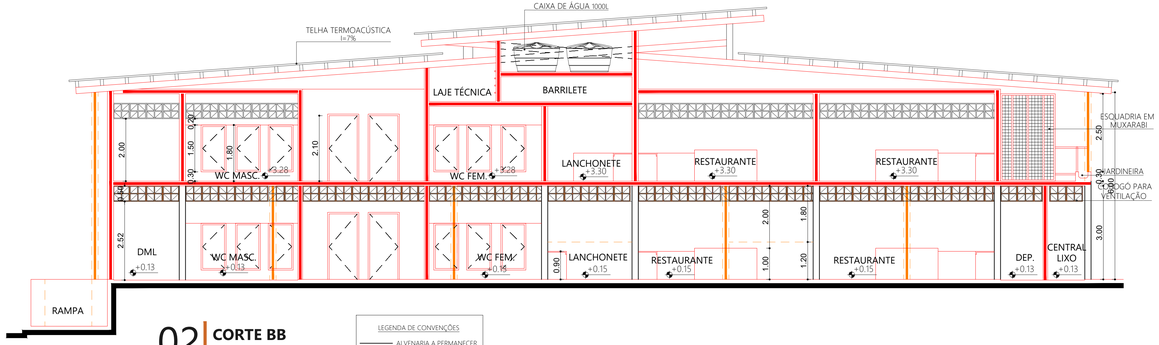


01 **CORTE AA**
ESCALA:.....1/75

LEGENDA DE CONVENÇÕES
ALVENARIA A PERMANECER
ALVENARIA A DEMOLIR
ALVENARIA A CONSTRUIR

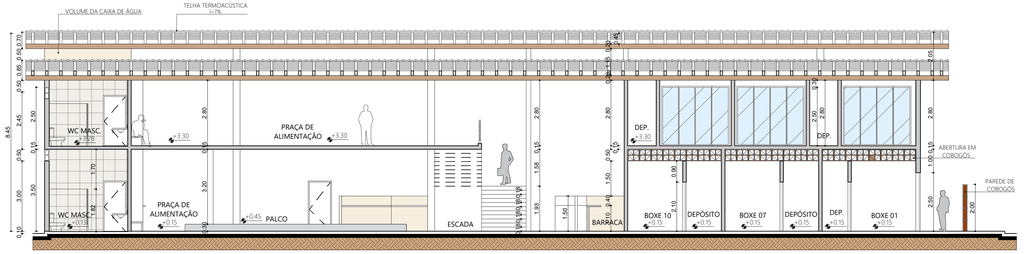


01 **CORTE DD**
ESCALA:.....1/100



02 **CORTE BB**
ESCALA:.....1/100

LEGENDA DE CONVENÇÕES
ALVENARIA A PERMANECER
ALVENARIA A DEMOLIR
ALVENARIA A CONSTRUIR



02 **CORTE CC**
ESCALA:.....1/75

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

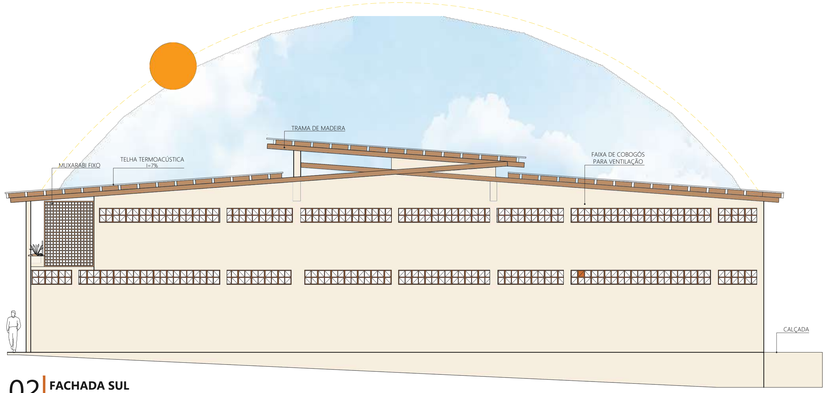
ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
Cortes

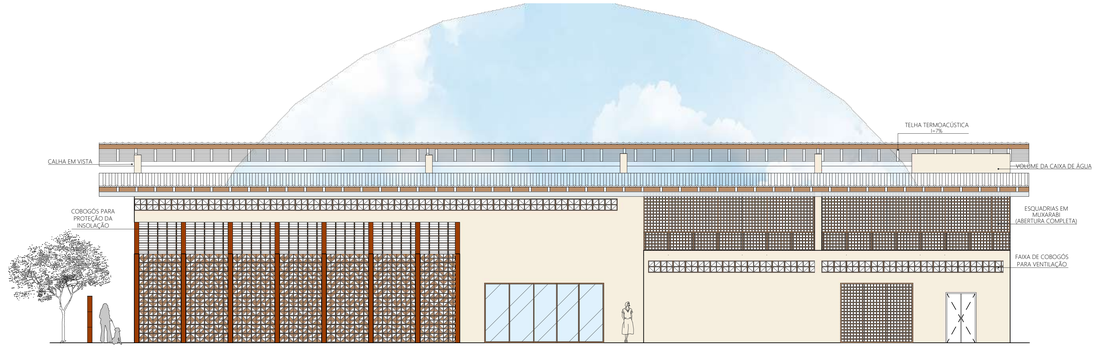
ESCALA:
Indicada

PRANCHA:
10/13

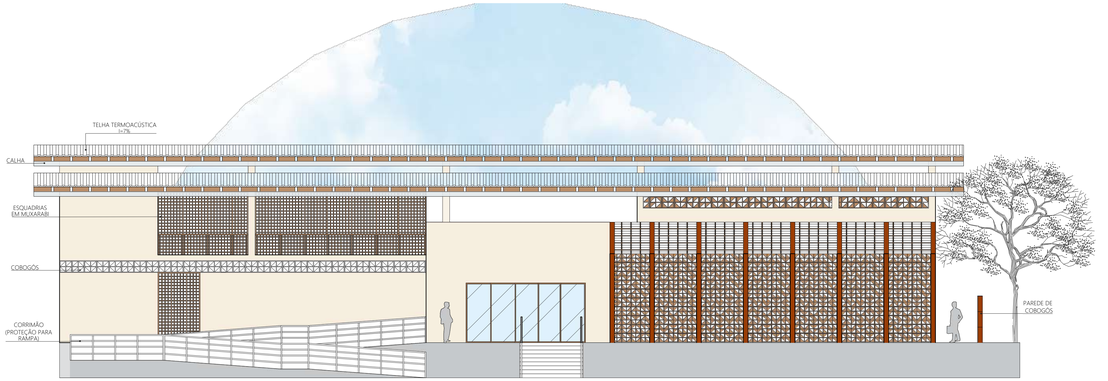
01 **FACHADA NORTE**
ESCALA:.....1/100



02 **FACHADA SUL**
ESCALA:.....1/100



03 **FACHADA OESTE**
ESCALA:.....1/100



04 **FACHADA LESTE**
ESCALA:.....1/100

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

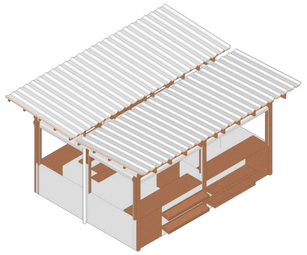
DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

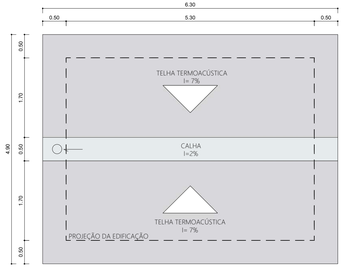
ASSUNTO:
Fachadas

ESCALA:
Indicada

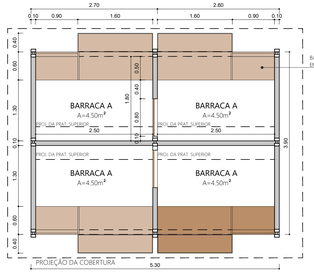
PRANCHA:



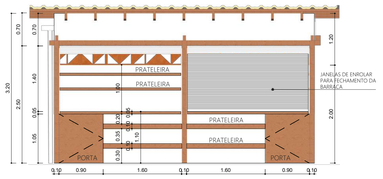
01 | BARRACA TIPO A
SEM ESCALA



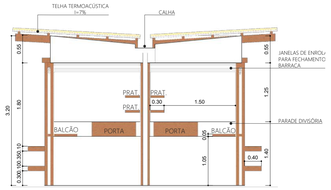
02 | PLANTA DE COBERTA - BARRACA TIPO A
ESCALA:.....1/50



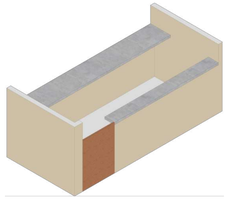
03 | PLANTA BAIXA - BARRACA TIPO A
ESCALA:.....1/50



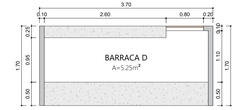
04 | VISTA FRONTAL - BARRACA TIPO A
ESCALA:.....1/50



05 | VISTA LATERAL - BARRACA TIPO A
ESCALA:.....1/50

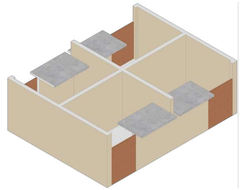


01 | BARRACA TIPO D
SEM ESCALA

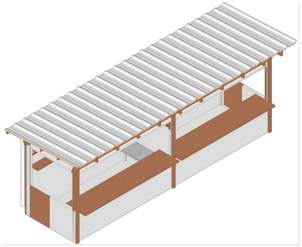


02 | PLANTA BAIXA - BARRACA TIPO D
ESCALA:.....1/50

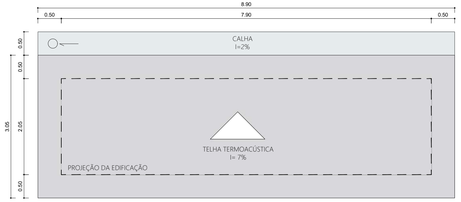
03 | VISTA FRONTAL - BARRACA TIPO D
ESCALA:.....1/50



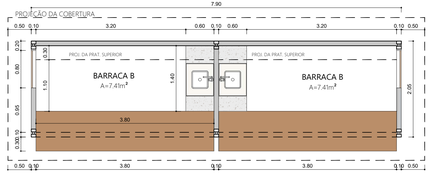
01 | BARRACA TIPO E
SEM ESCALA



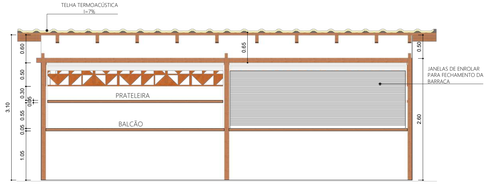
01 | BARRACA TIPO B
SEM ESCALA



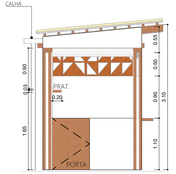
02 | PLANTA DE COBERTA - BARRACA TIPO B
ESCALA:.....1/50



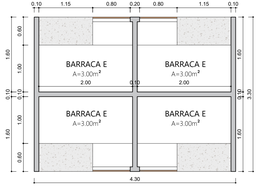
03 | PLANTA BAIXA - BARRACA TIPO B
ESCALA:.....1/50



04 | VISTA FRONTAL - BARRACA TIPO B
ESCALA:.....1/50

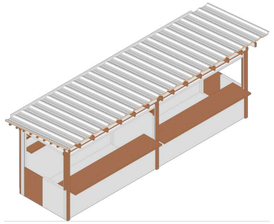


05 | VISTA LATERAL - BARRACA TIPO B
ESCALA:.....1/50

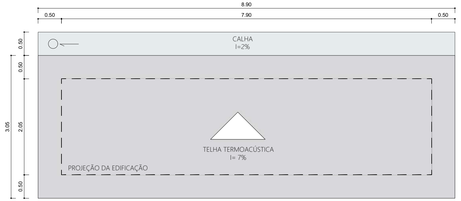


02 | PLANTA BAIXA - BARRACA TIPO E
ESCALA:.....1/50

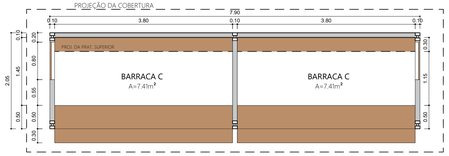
03 | VISTA FRONTAL - BARRACA TIPO E
ESCALA:.....1/50



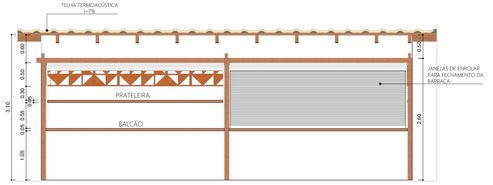
01 | BARRACA TIPO C
SEM ESCALA



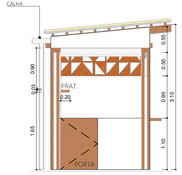
02 | PLANTA DE COBERTA - BARRACA TIPO C
ESCALA:.....1/50



03 | PLANTA BAIXA - BARRACA TIPO C
ESCALA:.....1/50



04 | VISTA FRONTAL - BARRACA TIPO C
ESCALA:.....1/50



05 | VISTA LATERAL - BARRACA TIPO C
ESCALA:.....1/50

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

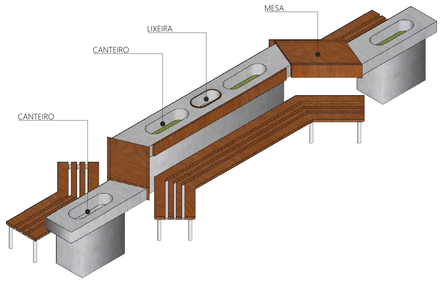
DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

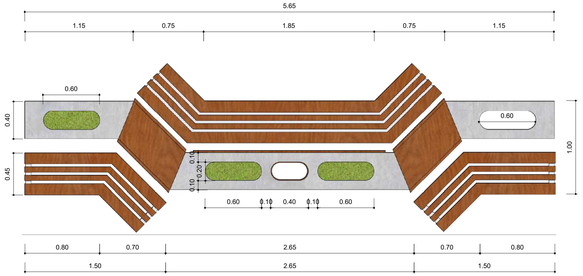
ASSUNTO:
TIPOLOGIA DAS BARRACAS

ESCALA:
Indicada

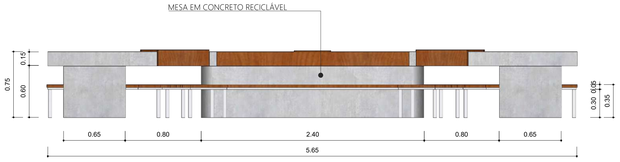
PRANCHA:
12/13



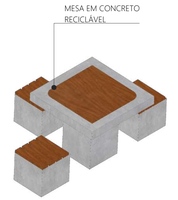
01 BANCO COM MESA
SEM ESCALA



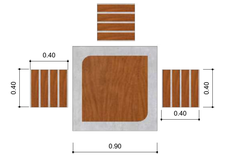
02 VISTA SUPERIOR- BANCO COM MESA
ESCALA.....1/25



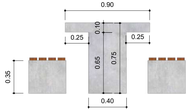
03 VISTA FRONTAL - BANCO COM MESA
ESCALA.....1/25



01 MESA
SEM ESCALA

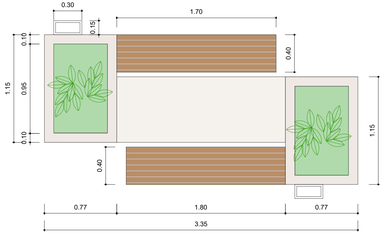


02 VISTA SUPERIOR - MESA
ESCALA.....1/25

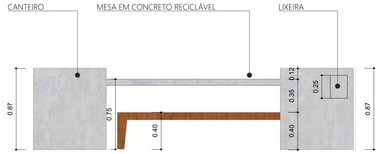


03 VISTA FRONTAL - MESA
ESCALA.....1/25

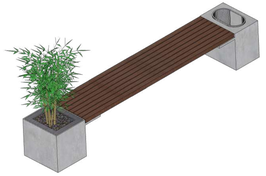
01 MESA
SEM ESCALA



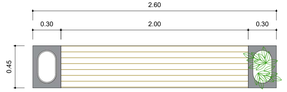
02 VISTA SUPERIOR - MESA
ESCALA.....1/25



03 VISTA FRONTAL - MESA
ESCALA.....1/25



01 BANCO
SEM ESCALA



02 VISTA SUPERIOR - BANCO
ESCALA.....1/25

03 VISTA FRONTAL - BANCO
ESCALA.....1/25

ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PROJETO:
Requalificação do Mercado Público e da Feira Livre de Desterro-PB

DISCENTE:
Vitória Régia Cassimiro de Lima

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Damião Esdras Arraes

ASSUNTO:
DETALHAMENTO DOS BANCOS

ESCALA:
Indicada

PRANCHA:

13/13

CADERNO DE IMAGENS

ENTRE BANCAS, SONS E SABORES

vitória régia

IMPLANTAÇÃO

REQUALIFICAÇÃO

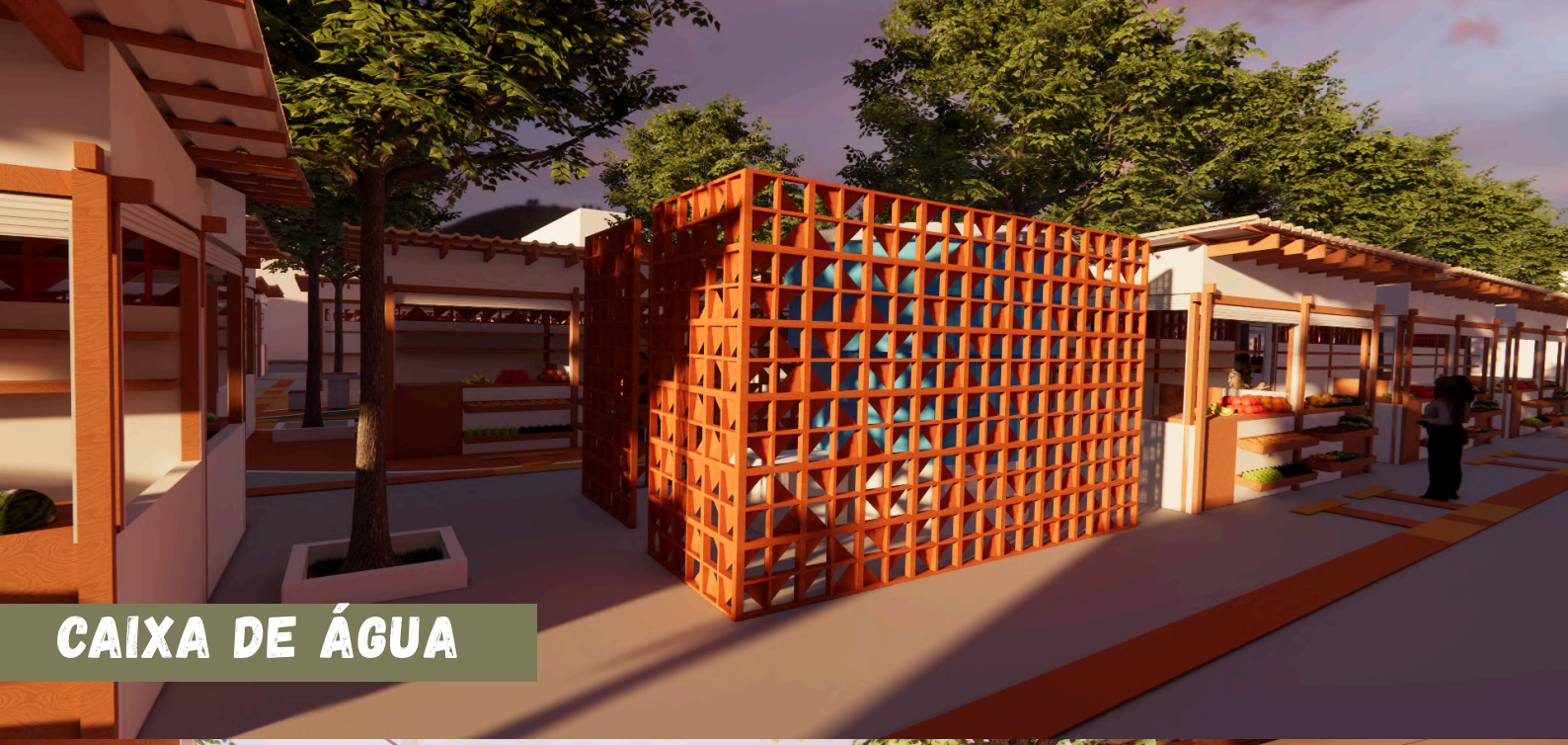
FEIRA LIVRE

FEIRA LIVRE

REQUALIFICAÇÃO

FEIRA LIVRE
FEIRA LIVRE

BARRACAS


CAIXA DE ÁGUA

BANHEIROS

PALCO

CIRCULAÇÃO

PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

COBERTURA EM LONA

BARRACAS

ÁREA DE CONVIVÊNCIA

BARRACAS DESMONTÁVEIS

MERCADO PUBLICO

FACHADA NORTE

FACHADA NORTE-LESTE

MERCADO PUBLICO

PÁTIO

PÁTIO CENTRAL

PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

PALCO

Fumo de rolo, arreio de cangalha
Eu tenho pra vender, quem quer comprar?
RESTAURANTES

AZULEJOS

PRAÇA DE ALIMENTAÇÃO

MEZANINO

VISTA DA FEIRA

CIRCULAÇÃO

MEZANINO

ESQUADRIAS

CIRCULAÇÃO

ESCADA

RV vitória régia